

A RUPTURA



Christie Golden



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





A RUPTURA

Christie Golden

Tradução

Bruno Galiza

Lia Raposo

Rodrigo Santos

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Golden, Christie

G566w

World of Warcraft [recurso eletrônico] : a ruptura : prelúdio de cataclismo / Christie Golden ; tradução Bruno Galiza, Lia Raposo, Rodrigo Santos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013.

recurso digital

Tradução de: World of Warcraft : the shattering: prelude to cataclysm

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10041-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Galiza, Bruno. II. Raposo, Lia. III. Santos, Rodrigo. IV. Título. V. Série.

13-03507

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

World of Warcraft: The Shattering: Prelude to Cataclysm

Copyright © 2010 by Blizzard Entertainment, Inc. Todos os direitos reservados.

World of Warcraft: The Shattering: Prelude to Cataclysm, Diablo, StarCraft, Warcraft, World of Warcraft, e Blizzard Entertainment são marcas ou marcas registradas de Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados Unidos e/ou em outros países. Outras referências a marcas pertencem a seus respectivos proprietários. Edição original em inglês publicada por Simon & Schuster, Inc. 2010. Edição traduzida para o português por Galera Record 2013.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Coordenação de Localização

ReVerb Localização

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10041-2

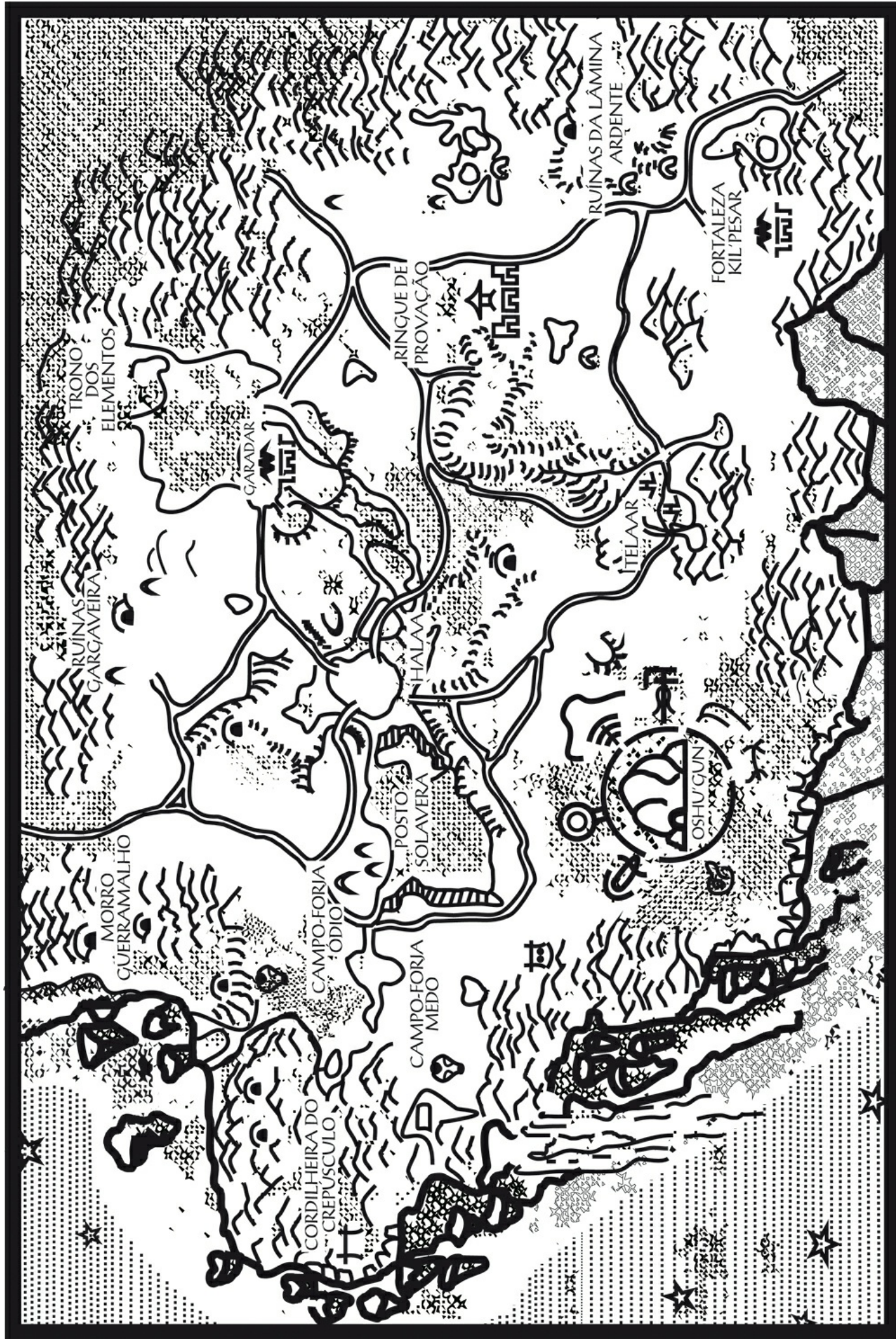
Seja um leitor preferencial Record.

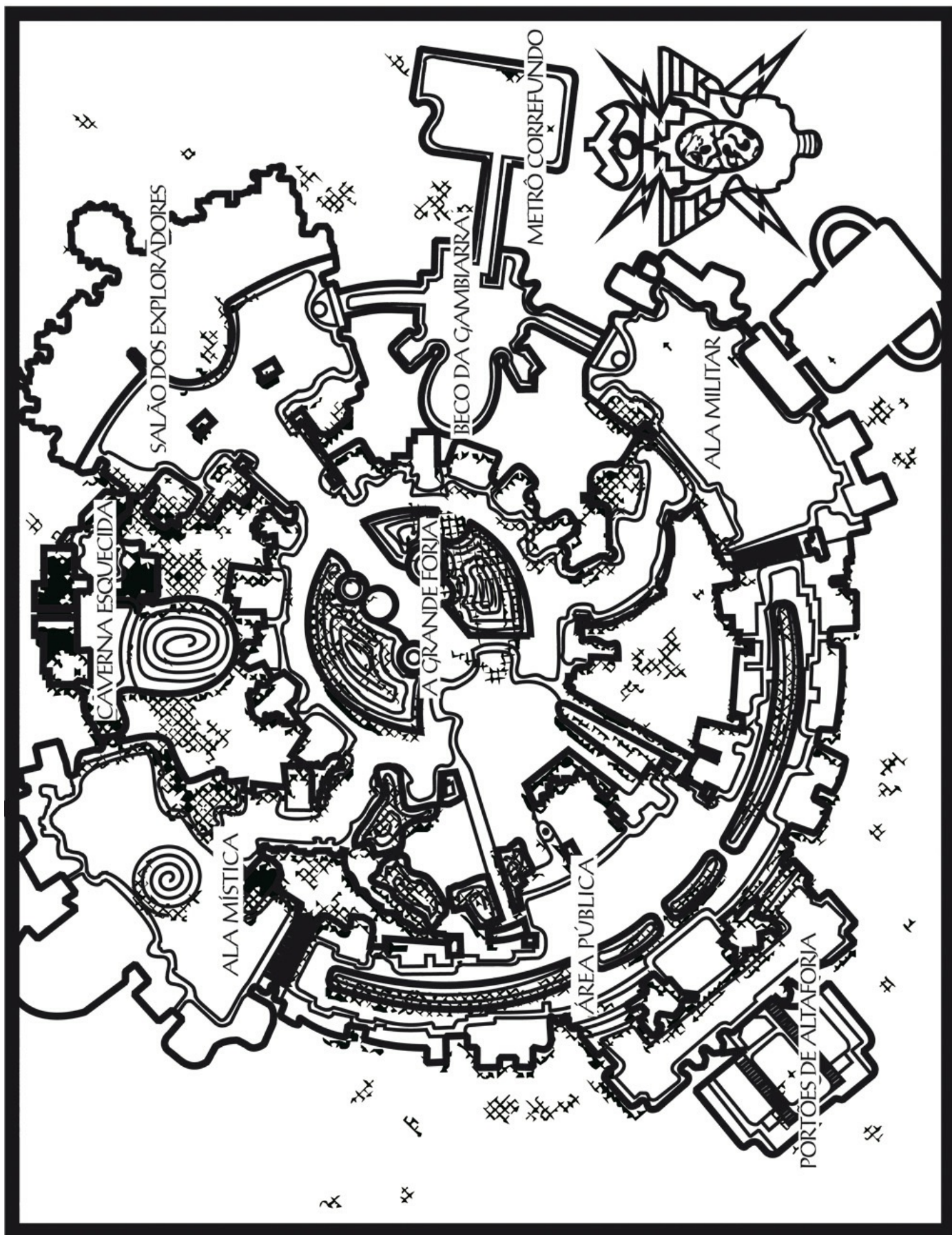
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Este livro é dedicado aos meus maravilhosos e leais leitores. Foram vocês que transformaram Arthas: Rise of the Lich King no primeiro “best seller do New York Times” da Blizzard (e meu); e vocês tornam possível que eu trabalhe em algo que amo tanto. Vou continuar a me esforçar para escrever os melhores livros para vocês.





PRÓLOGO



O som da chuva batendo nos pelegos esticados que cobriam a pequena cabana lembrava um tambor tocado por uma ágil mão. A cabana era bem-feita, como todas as cabanas órquicas; nenhuma gota escorria para dentro. Mas nada conseguia expulsar o frio úmido do ar. Se o tempo virasse, a chuva se tornaria neve; de qualquer forma, a umidade já irrompia nos velhos ossos de Drek'Thar, deixando seu corpo enrijecido mesmo durante o sono.

Mas dessa vez não era o frio que fazia com que o velho xamã se revirasse na cama.

Eram os sonhos.

Drek'Thar sempre tivera sonhos e visões proféticas. Era uma dádiva: a visão espiritual compensava a visão física que já não possuía. Mas, desde a Guerra Contra o Pesadelo, tal dádiva tornara-se perigosa. Seus sonhos pioraram durante aquele horrível período, e o sono não mais prometia descanso e restauração das forças, mas terror. Eles o tinham envelhecido e transformaram-no, de um ancião ainda forte apesar da idade, em um velho frágil e rabugento. Ele tinha esperado que, com a derrota do Pesadelo, seus sonhos voltariam ao normal. No entanto, embora a intensidade deles tivesse diminuído, ainda eram muito, muito sombrios.

Nos sonhos, ele podia ver. E neles, ansiava pela cegueira. Estava sozinho em uma montanha. O Sol parecia mais próximo que o normal, feio e vermelho e inchado, emprestando um tom sangrento ao oceano que lambia o sopé da montanha. Ele podia ouvir algo... um ribombar distante e cavo que o enervava e fazia sua pele se arrepiar. Jamais ouvira algo assim, mas sua forte conexão com os elementos lhe dizia que o som prenunciava alguma coisa terrivelmente errada.

Pouco depois, as águas começaram a se agitar, encrespando-se furiosamente à base da montanha. As ondas subiram, ávidas, como se algo sombrio e horrendo se agitasse sob a superfície das águas encapeladas. Mesmo no topo, Drek'Thar sabia que não estava seguro, que nada estava seguro, não mais, e podia sentir a outrora sólida pedra se esfacelando sob os pés descalços. Seus dedos se curvaram, apertando o cajado dolorosamente, como se de alguma forma a arma retorcida fosse permanecer estável e protegê-lo frente a um oceano revoltoso e à montanha que desmoronava.

E então, sem aviso, aconteceu.

Uma fissura zigzagueou pela terra sob o velho. Ela se abriu como se para devorá-lo, e, rugindo, ele se atirou para fora do caminho. Soltou o cajado, e a arma caiu no abismo que se alargava. O vento aumentou de intensidade, e Drek'Thar se segurou em uma protuberância de rocha; tremendo com a terra, olhou, com olhos que fazia muito já não viam, para o oceano fervente cor de sangue lá embaixo.

Enormes ondas se chocavam contra a face do penhasco, e Drek'Thar sentia os borrifos escaldantes quando subiam a uma altura impossível. De todos os lados vinham os gritos dos elementos, amedrontados, atormentados, clamando por ajuda. O ribombar aumentou de intensidade, e, diante do seu olhar aterrorizado, um trecho maciço de terra partiu a superfície do oceano vermelho, erguendo-se como se jamais fosse parar, tornando-se uma montanha, um continente, enquanto a terra sobre a qual Drek'Thar se postava rachava outra vez, e ele caiu na fissura, gritando e agarrando-se ao nada, caindo no fogo...

Drek'Thar ergueu-se subitamente entre as peles que usava de cobertor, o corpo em convulsões e empapado de suor apesar do frio, as mãos agarrando o ar, os olhos, novamente cegos, arregalados e fixos nas trevas.

— A terra irá chorar, o mundo se partirá! — gritou. Algo sólido tocou as mãos trêmulas, envolvendo-as e acalmando-as. Ele conhecia aquele toque. Era Palkar, o orc que cuidava dele havia muitos anos.

— Pronto, pronto, Grande Pai Drek'Thar, foi só um sonho — disse o jovem orc.

Mas Drek'Thar não se deixaria convencer tão facilmente, não depois de ter testemunhado aquela visão. Lutara no vale Alterac não havia muito tempo, até ser considerado velho e fraco demais para a função. Se já não podia servir lá, então serviria com suas habilidades xamânicas. Suas visões.

— Palkar, eu preciso falar com Thrall — exigiu. — E com a Harmonia Telúrica. Talvez outros tenham visto o que eu vi... e se não tiverem visto, preciso avisá-los! Palkar, eu preciso! — Tentou se erguer. Uma das pernas cedeu sob seu peso. Frustrado, ele amaldiçoou seu

corpo envelhecido.

— O que o senhor precisa é de sono, Grande Pai.

Drek'Thar estava fraco e, não importa o quanto lutasse, não conseguia oferecer resistência para escapar das mãos firmes de Palkar, que o empurravam de volta à cama.

— Thrall... ele precisa saber — murmurou, batendo fracamente nos braços de Palkar.

— Se o senhor acha que é necessário, amanhã iremos e contaremos a ele. Mas agora... descanse.

Exaurido pelo sonho e sentindo novamente o frio em seus ossos envelhecidos, Drek'Thar assentiu e permitiu que o jovem lhe preparasse uma bebida quente, com ervas que o fariam dormir em paz. Palkar era um bom enfermeiro, pensou, sua mente já vagando outra vez. Se Palkar achava que amanhã era bom o suficiente, então devia ser. Depois de terminar de beber, recostou a cabeça e, antes que o sono o envolvesse, se perguntou: *Bom o suficiente para quê?*

Palkar se sentou e suspirou. Outrora, Drek'Thar tivera o pensamento afiado feito adaga, mesmo que seu corpo estivesse enfraquecendo com o peso dos anos. Outrora, Palkar teria enviado imediatamente um mensageiro a Thrall ao saber da visão de Drek'Thar.

Só que não mais.

No último ano, a mente afiada que soubera tanto, que contivera sabedoria quase além da compreensão, começara a enfraquecer. A memória do xamã, outrora mais confiável que qualquer registro escrito, passara a nublar-se. Havia lacunas em suas lembranças. Palkar ponderava: Drek'Thar enfrentara a Guerra Contra o Pesadelo e tinha suportado a inevitável decadência da idade. Entre esses dois inimigos, será que suas “visões” não haviam se deteriorado em meros sonhos?

Há duas luas, Palkar lembrou-se com tristeza, ao se erguer para retornar à própria cama, Drek'Thar insistira para enviar mensageiros ao Vale Gris, pois um grupo de orcs estaria prestes a massacrar um grupo de taurens e druidas kaldorei pacíficos. Os mensageiros foram enviados e os avisos foram expedidos — mas nada acontecera. A única coisa que conseguiram ouvindo o velho orc foi tornar os elfos noturnos ainda mais desconfiados. Os orcs estavam a quilômetros de distância dali. Mas Drek'Thar insistira que o perigo era real.

Tinha havido outras visões menos importantes, todas igualmente imaginárias. E agora isso. Certamente, se a ameaça fosse real, mais gente além de Drek'Thar saberia. Palkar não era um xamã inexperiente, e não tivera nenhum pressentimento sombrio.

Ainda assim, manteria a palavra. Se Drek'Thar queria ver Thrall, o orc que já fora

treinado por ele e agora era o chefe guerreiro da própria Horda que Drek'Thar ajudara a criar, Palkar prepararia seu mentor para a jornada pela manhã. Ou enviaria um mensageiro para que Thrall fosse até o velho. Seria uma jornada longa e difícil; Thrall estava em Orgrimmar, a um continente de distância de Alterac, onde Drek'Thar insistira em estabelecer seu lar. Mas Palkar suspeitava que aquilo não aconteceria. Pela manhã, Drek'Thar sequer se lembraria que sonhara, que dirá do próprio sonho.

Era o que acontecia comumente por aquela época. E Palkar não se alegrava com isso. A senilidade cada vez mais pronunciada de Drek'Thar feria o jovem e fazia com que ele desejasse um mundo diferente — mundo esse que Drek'Thar tinha certeza que estava prestes a se partir. O velho orc não sabia que, para aqueles que o amavam, o mundo já estava partido.

Palkar sabia que era inútil lamentar o que se fora, o que o próprio Drek'Thar já fora um dia. De fato, a vida do velho fora mais longa que a maioria, e repleta de honra. Os orcs conheciam a adversidade e entendiam que havia um tempo de lutar e se enfurecer e um tempo para aceitar a realidade dos fatos. Desde pequeno cuidava de Drek'Thar, e jurara continuar a fazê-lo até o último suspiro do velho orc, não importa o quão doloroso fosse testemunhar o lento declínio do mentor.

Ele se inclinou, apagou a vela com os dedos e cobriu o corpanzil com as peles. Do lado de fora, a chuva continuava a cair, batendo sua marcha contínua nos pelegos esticados.

PARTE I

A TERRA IRÁ CHORAR...



— **T**erra à vista! — gritou o vigia. O magro elfo sangrento se empoleirara na gávea, numa posição tão precária, concluiu Caerne consigo mesmo, que até uma gaivota pensaria duas vezes antes de pousar ali. O jovem elfo saltou com facilidade no cordame, as mãos e os pés enrolados na corda, aparentemente tão ágil quanto um esquilo. O tauren mais velho que observava a cena do convés balançou a cabeça discretamente. Estava feliz e, inegavelmente, um pouco aliviado com o fim da primeira parte de sua viagem a Nortúndria. Caerne Casco Sangrento, líder dos taurens, guerreiro e pai orgulhoso, não gostava de navios.

Era uma criatura da terra boa e firme, como todo o seu povo. Tinham barcos, sim, mas pequenos, que ficavam a pouca distância da costa. Por algum motivo, até mesmo os zepelins, embora fossem uma engenhoca aérea dos goblins, pareciam mais seguros sob seus cascos do que uma embarcação. Talvez fosse o balanço contínuo e a possibilidade de o mar se tornar hostil em apenas um instante. Ou talvez fosse o tédio longo e constante de uma viagem como a que eles acabaram de fazer, da vila Catraca à tundra Boreana. Em todo caso, agora que o destino estava à vista, o velho touro se sentia contente.

Como cabia a alguém de sua posição, viajava na capitânia da Horda, *Ossos de Mannoroth*. Ao lado dela, navegavam muitas outras embarcações, que agora continham apenas barris de água fresca (e alguns de cerveja ôgrica do Gordok, para melhorar a disposição da tripulação) e alimentos não perecíveis. Caerne só desfrutaria da estadia em terra firme por mais ou menos um dia, enquanto os navios fossem carregados com suprimentos já desnecessários em Nortúndria e com os últimos soldados da Horda, que sem dúvida estariam ansiosos pela jornada de volta para casa.

Seus olhos envelhecidos ainda não conseguiam enxergar a terra com aquela neblina forte, mas confiava na vista aguçada do acrobático batedor sin'dorei. Caerne caminhou até a

amurada e apertou-a com os dedos, tentando enxergar o que havia além das brumas enquanto o navio se aproximava da terra firme.

Sabia que, no sudeste, a Aliança decidira construir a bastilha Valentia numa das diversas ilhas que pontilhavam aquela área, o que facilitava a navegação. A Fortaleza Brado Guerreiro, seu destino, estava bem localizada e oferecia uma boa visão dos arredores — muito mais importante para a Horda do que ancoradouros profundos ou fácil acesso. Ou pelo menos já *fora* mais importante.

O navio avançava devagar e com cuidado, e Caerne bufou. Estava começando a conseguir discernir navios através da neblina curiosamente densa — o esqueleto de outra embarcação que ou havia sido atacada ou encalhara ou as duas coisas; a inteligência deste capitão evidentemente inferior à da trolesa que comandava *Ossos de Mannoroth*. “Ancoradouro de Garrosh”, chamava-se o lugar, com pouca modéstia, e era tudo o que restava do veleiro daquele jovem e impulsivo orc. Fora quase totalmente destruído, e o vermelho das velas com o símbolo negro da Horda, outrora de cor vívida e brilhosa, agora estava rasgado e desbotado. A única atalaia que entrava agora no seu campo de visão estava igualmente danificada, e Caerne conseguia ver o contorno tosco do que já fora, sem dúvida, um grande salão.

Garrosh, filho do famoso herói orc Grom Grito Infernal, fora o primeiro a atender ao chamado a Nortúndria. Caerne admirava o jovem por isso, mas o que vira e ouvira falar de seu comportamento era ao mesmo tempo encorajador e preocupante. O tauren não era tão velho a ponto de não se lembrar do fogo da juventude queimando em suas veias. Criara um filho, Baine, e vira o jovem enfrentar os mesmos problemas que ele próprio enfrentara; compreendia que, em parte, o comportamento de Garrosh era causado por nada mais incomum nem temporário do que a bravata de um jovem. O entusiasmo e a paixão dele eram contagiantes, Caerne tinha que admitir. No meio de uma terrível guerra, o orc conseguira mover os corações e as imaginações da Horda, e despertara um senso de orgulho nacional que se espalhara como uma queimada.

Garrosh era igual ao pai, tanto nas qualidades quanto nos defeitos. Grom Grito Infernal nunca fora conhecido pela sabedoria e paciência. Sempre agiu antes de pensar, violento e rápido, seu grito de guerra um brado estridente e perturbador que dera origem ao sobrenome. Fora ele quem bebera pela primeira vez o sangue do demônio Mannoroth — sangue esse que o maculara permanentemente, como fizera a todos os outros orcs que o beberam. Mas, no final, Grom conseguira se vingar. Apesar de ter sido o primeiro a bebê-lo e, portanto, o primeiro a ser vencido pela loucura e pela sede demoníaca, ele mesmo fora

responsável pela cura de tais sintomas. Ele matara Mannoroth. E, com esse ato, os orcs começaram a recuperar seus grandes corações, força de vontade e ânimo.

Garrosh já tivera vergonha do pai, considerando-o fraco por ter bebido o sangue e também um traidor. Thrall mudara a opinião do jovem, que passara a abraçar a linhagem. Talvez com empolgação demais, pensou Caerne, embora o entusiasmo de Garrosh tivesse trazido bons resultados para os guerreiros. O tauren se perguntava se Thrall, ao elogiar o bem que Grom realmente fizera, não teria minimizado em excesso os males que também causara.

Thrall, Chefe Guerreiro da Horda e líder sábio e corajoso, já tivera mais de um conflito com o jovem e impetuoso Garrosh. Antes do desastre do Portão da Ira, Garrosh desafiara Thrall a uma batalha na arena de Orgrimmar. E, mais recentemente, Garrosh se deixara afetar pelas provocações raivosas de Varian Wrynn e avançara no rei de Ventobravo, com quem tivera um embate violento no coração da própria Dalaran.

Ainda assim, Caerne não podia contestar o sucesso e a popularidade de Garrosh, nem o alegre zelo e a paixão com que a Horda respondera a ele. Sim, era verdade que, ao contrário do que diziam alguns boatos, o orc não havia derrotado sozinho o Flagelo, eliminado o Lich Rei e transformado Nortúndria num lugar seguro onde as crianças podiam brincar. Mas não se podia negar que ele liderara incursões milagrosamente bem-sucedidas. Devolvera à Horda um senso de orgulho feroz e um ardor pela batalha. Conseguira, todas as vezes, transformar o que parecia ser uma grande loucura em um sucesso encorajador.

Caerne era inteligente demais para considerar tais atos meras coincidências ou meros acidentes. Realmente, Garrosh era tão ousado que poderia ser chamado de irresponsável, mas não foi a irresponsabilidade que trouxe os resultados obtidos pelo filho de Grom. Ele era exatamente aquilo do que a Horda precisara na sua hora de maior fraqueza e vulnerabilidade, e o tauren estava disposto a admiti-lo.

— A gente não vai mais longe que isso — disse a capitã Tula a Caerne, gritando ordens para que a tripulação descesse os barcos menores. — A Fortaleza Brado Guerreiro não é longe, não, fica pro leste depois dessas colinas aí.

Tula sabia muito bem do que estava falando, pois já velejara dali para a Vila Catraca inúmeras vezes nas últimas estações. Esse conhecimento fora o motivo pelo qual Thrall a chamara para ser capitã de *Ossos de Mannoroth*. Caerne assentiu.

— Abra um dos barris de cerveja ôgrica para recompensar a tripulação pela diligência que demonstrou — sugeriu, em sua voz profunda e lenta. — Mas guarde um pouco para os guerreiros corajosos que viajarão para casa depois de tanto tempo.

Tula ficou visivelmente mais alegre.

— Sim, Chefe. Valeu. Pode deixar que a gente vai tomar só um barril, mesmo.

Caerne apertou o ombro dela em aprovação e, então, ansioso, desceu o corpo grande e pesado e entrou no barco apertado que o levaria até a praia. A neblina prendia-se à pelagem do tauren como uma teia de aranha, fria e nauseante. Foi com prazer que, poucos momentos depois, ele botou os pés nas águas frias que lambiam o litoral do Ancoradouro de Garrosh e ajudou a atracar o barco.

A neblina ainda estava presente, mas ia ficando mais fraca à medida que se afastavam da costa. Passaram por catapultas quebradas, armas e armaduras descartadas, e pelos restos de uma fazenda abandonada com esqueletos de porcos que o sol tingira de branco. Continuaram subindo a pequena ladeira. O solo de tundra estava coberto por uma planta vermelha que teimava em sobreviver às más condições do lugar. Caerne respeitava-lhe a resistência.

A Fortaleza Brado Guerreiro surgiu clara e majestosamente diante deles. Parecia estar localizada no centro de uma pedreira, cujo recesso servia de obstáculo. Nerubianos, uma raça antiga de seres aracnídeos, dos quais muitas das carcaças haviam sido ressuscitadas por mágica necromântica, haviam tentado atacar várias vezes no passado, mas agora não mais. As teias que um dia haviam sido fortes e pegajosas foram cortadas ou sofreram desgaste até serem reduzidas a alguns fios dançando inofensivamente ao vento. Junto com o Flagelo, eles, também, haviam recuado depois dos dedicados esforços da Horda.

Caerne percebeu movimento adiante quando um patrulheiro avistou a bandeira da Horda à frente da comitiva e saiu correndo. O tauren e seu grupo seguiram a linha da pedreira até encontrarem uma passagem. Não era uma entrada muito impressionante, e sim uma entrada de serviço, e, antes que se desse conta, Caerne estava na antiga área de forjamento.

Mas já não havia mais rios de metal fundido nos canais; não havia mais o som da batida do martelo na bigorna. O focinho de Caerne, que nos últimos tempos se provara mais afiado que seus olhos, sentiu o suave e envelhecido odor de lobos. Já fazia algum tempo que as criaturas tinham ido embora, mandadas para casa antes mesmo de seus mestres. As poucas armas e munições que ainda restavam estavam cobertas de poeira. Assim que o tauren conseguisse fazer uma boa avaliação do que estava acontecendo, os muitos kodos que também haviam empreendido a jornada marítima, excelentes animais de carga, ajudariam a transportar o carregamento de volta aos navios.

Caerne sentia o ar frio do lugar. Com as forjas funcionando, o calor gerado seria mais

que suficiente para esquentar a área aberta e pedregosa, mas, agora, como estavam calmas e silenciosas, o frio de Nortúndria havia penetrado. Apesar de ser um experiente veterano, Caerne ficou pasmo com o tamanho do lugar. Era certamente maior que o Castelo Grommash, talvez até maior que algumas cidades da Horda, era gigantesco, aberto e gerava uma sensação de vazio. Ao som dos cascos, ele e sua comitiva se dirigiram para o centro do primeiro andar.

Dois orcs profundamente envolvidos em uma discussão voltaram-se quando ele se aproximou. Caerne conhecia ambos e fez um gesto respeitoso. O mais velho, de pele verde, era Varok Saurfang, irmão mais novo do grande herói Broxigar e pai do falecido Dranosh Saurfang, cuja morte fora muito lamentada. Muitos sofreram grandes perdas durante o conflito, Varok mais que todos.

Seu filho falecera, junto a milhares de outros, em Angrathar, o Portão da Ira. Naquela noite sombria, a Aliança e a Horda lutaram lado a lado contra o melhor que o Lich Rei tinha a oferecer — até forçaram o próprio monstro a aparecer. O jovem Saurfang caiu, a alma consumida por Gélido Lamento. Um pouco depois, um Renegado conhecido como Putriss deflagrou uma praga que destruiria tanto os vivos quanto os mortos-vivos.

A linhagem Saurfang ainda estava fadada a outros tormentos. O corpo do jovem guerreiro foi ressuscitado pelo Lich Rei e solto para que pudesse destruir todos aqueles que amara em vida. Um golpe mais de misericórdia que de combate acabou com a existência anormal do rapaz. Foi somente com a queda do Lich Rei que o grão-suserano Varok Saurfang conseguiu levar para casa o corpo de seu menino — então um cadáver, e nada mais.

Grisalho, forte, Saurfang era tudo o que Caerne via de melhor nos orcs. Tinha sabedoria e honra, um braço poderoso no campo de batalha e uma mente de estrategista. Caerne não via Saurfang desde a queda do filho no Portão da Ira e, em silêncio, observou os sinais de envelhecimento que tanta dor lhe trouxera. O tauren não sabia se, diante de uma violação tão terrível de tudo o que amava no filho, teria suportado a dupla perda tão bem quanto Saurfang.

— Grão-suserano — bramiu Caerne, curvando-se. — Também sou pai e lamento muito o que você teve que suportar. Mas saiba que seu filho morreu como um herói e o que você conquistou aqui é uma honra à memória dele. O resto já foi levado pelo vento.

Saurfang grunhiu em reconhecimento.

— É bom vê-lo de novo, chefe Caerne Casco Sangrento. E... sei que o que diz é verdade. Não tenho vergonha de admitir, porém, que estou feliz que a campanha tenha

terminado. Nossas perdas foram muitas.

O orc mais jovem que estava ao lado de Saurfang fez uma careta, como se as palavras lhe trouxessem desgosto, e claramente precisava se esforçar para manter-se calado. Sua pele não era verde, como a da maioria dos orcs que Caerne conhecia, mas um tom rico de marrom argila, marcando-o como um Mag'har de Terralém. A cabeça era calva, exceto pelo longo rabo de cavalo castanho. Era Garrosh Grito Infernal, claro. Sem dúvida ele considerava uma desonra admitir satisfação por uma batalha ter chegado ao fim. O Chefe dos tauren sabia que os anos por vir o ensinariam que, embora fosse bom lutar por uma causa digna e conquistar uma vitória, a paz também era uma coisa boa. Mas, por enquanto, apesar da guerra longa e dura, Garrosh não se cansara do combate, o que era algo preocupante para Caerne.

— Garrosh — disse. — Seus feitos chegaram aos ouvidos de toda Azeroth. Tenho certeza de que você está muito orgulhoso das suas proezas, assim como Saurfang está das dele.

O elogio era verdadeiro, e Garrosh relaxou a postura tensa um pouco.

— Quantos soldados seus voltarão conosco? — continuou Caerne.

— Quase todos — respondeu Garrosh. — Vou deixar uma tropa mínima com Saurfang e mais alguns soldados em postos avançados aqui e ali. Creio que nem isso será necessário. A ofensiva do Brado Guerreiro esmagou o Flagelo e destruiu o espírito de combate dos outros inimigos, como era nosso propósito. Acredito que meu antigo conselheiro vai ficar sentado observando as aranhas fazerem suas teias e desfrutando da paz que ele tanto deseja.

As palavras talvez tivessem ofendido outra pessoa. O próprio Caerne franziu o cenho por Saurfang; depois de tudo o que o velho orc havia sofrido, o que Garrosh dissera fora bastante cruel. Mas Saurfang obviamente já estava acostumado com o jeito do orc e só grunhiu.

— Nós dois cumprimos nossos deveres. Servimos à Horda. Se meu dever é observar as pequenas aranhas em vez de combater as grandes, dou-me por satisfeito.

— E eu sirvo à Horda levando seus soldados vitoriosos de volta para casa, são e salvos — disse Caerne. — Garrosh, qual soldado está encarregado de conduzir a retirada?

— Eu mesmo — respondeu Garrosh, para a surpresa do tauren. — Todos temos ombros para carregar uma coisa ou outra.

Garrosh, que já tivera vergonha de sua linhagem, parecia ao velho tauren um jovem que não conseguiria nem passar pela porta, de tão cheia de orgulho que estava sua cabeça. E, mesmo assim, não hesitava em fazer a tarefa mais baixa junto aos seus soldados. Caerne

sorriu, satisfeito. Agora entendia um pouco melhor por que os orcs de Garrosh o admiravam tanto.

— Meus ombros estão mais curvados do que antes, mas acredito que ainda aguentam o que for preciso — disse Caerne. — Ao trabalho.

Terminar de encaixotar os suprimentos que acompanhariam as tropas, colocá-los nos kodos e transportá-los até o navio levou menos de dois dias. Enquanto trabalhavam, muitos orcs e trolls cantavam músicas em suas línguas ásperas e guturais. Caerne entendia órquico e zandali, e as discrepâncias entre as letras e o que estava realmente acontecendo o faziam sorrir. Trolls e orcs cantavam alegremente sobre a decapitação e o esquartejamento de seus inimigos enquanto prendiam as caixas ao dorso do bando de kodos domesticados. Mas, de qualquer forma, estavam alegres, e Garrosh estava cantando tão alto quanto o restante.

Num dado momento, quando levavam caixas ao navio lado a lado, Caerne perguntou:

— Por que deixou seu atracadouro, Garrosh?

Garrosh ajustou o peso que carregava no ombro.

— Nunca planejei ficar lá permanentemente. Não com a Fortaleza Brado Guerreiro tão perto.

O tauren olhou para o grande salão e a torre.

— Então por que construir tudo isso?

Garrosh não respondeu. Caerne deixou que ficasse em silêncio durante um tempo. O orc tinha seus defeitos, mas taciturno ele não era. Ele voltaria a falar... mais cedo ou mais tarde.

E, realmente, depois de um instante, respondeu:

— Construímos isso assim que chegamos. Não tivemos problema no começo. Mas, depois, um inimigo diferente de todos que eu já tinha encontrado antes saiu das brumas. Parece que eles não incomodaram você, mas confesso que fiquei me perguntando se ele voltaria.

Um inimigo tão poderoso que deixara Garrosh hesitante?

— Que inimigo é esse que causou tantos problemas?

— São chamados de Kvaldir. Os morsanos acreditam que eles são os espíritos enfurecidos dos vraikalen assassinados.

Caerne trocou olhares com Maaklu Chamanuens, o tauren que os acompanhava. Chamanuens era um xamã. Ao olhar para Caerne, assentiu discretamente. Ninguém da sua comitiva tinha visto pessoalmente os vraikalen, mas Caerne sabia da existência de tais seres.

Pareciam humanos, mas eram maiores que um tauren, e tinham a pele coberta de gelo, quando não era feita de metal ou pedra. Certamente eram muito violentos e poderosos. Caerne se sentia confortável com a ideia de estar cercado de espíritos, mas eram seus ancestrais taurens. A presença deles era positiva. A possibilidade de haver fantasmas vraikalen assombrando o local não era nada agradável. Chamanuvs também parecia um pouco preocupado.

— Eles vêm quando a neblina está mais espessa. Os morsanos dizem que eles precisam dela para se manifestar — prosseguiu Garrosh. Parecia pessimista. Também havia um tom estranho na voz. Constrangimento?

— Eles assustaram tantos guerreiros meus e eram tão poderosos que nos forçaram a recuar para a Fortaleza Brado Guerreiro. Finalmente consegui recuperar o local quando o Lich Rei caiu.

Lá estava o motivo da vergonha. Não era vergonha ter visto “fantasmas”, se é que realmente eram fantasmas, mas ser obrigado a fugir deles. Não era à toa que não mencionara o porquê de ter abandonado o Ancoradouro de Garrosh, um lugar que lhe deveria trazer sentimentos de orgulho e afeto.

Caerne evitou olhar para a testa franzida de Garrosh, que estava claramente preparado para defender sua honra caso ouvisse algo que pudesse ser considerado um insulto à sua coragem.

— O Flagelo não vem a essas paragens — completou Garrosh, um pouco na defensiva. — Parece que nem eles gostam dos Kvaldir.

Bem, se os Kvaldir até agora não haviam atacado, Caerne não tinha nenhuma reclamação a fazer.

— A Fortaleza Brado Guerreiro é uma localização estrategicamente melhor — concluiu o Chefe.

Era meio-dia do segundo dia quando Caerne disse adeus a Saurfang. Apertou a mão do outro com força. Apesar das piadas de Garrosh sobre a paz e a tranquilidade de se ficar sozinho com um exército mínimo na fortaleza, a realidade era outra. Saurfang provavelmente seria assombrado pelos inúmeros fantasmas de suas lembranças. Caerne sabia disso, e, ao olhá-lo nos olhos, viu que o orc sabia também.

Caerne queria agradecer-lhe novamente, oferecer-lhe algum apoio, elogiá-lo pela tarefa bem-sucedida, por estar sendo capaz de carregar tantos fardos. Mas Saurfang era um orc, não um elfosangrento, e elogios pomposos e demonstrações grandiosas não seriam bem-

vindos.

— Pela Horda — disse Caerne.

— Pela Horda — respondeu Saurfang, e foi o suficiente.

Os guerreiros que compunham a última leva da ofensiva do Brado Guerreiro a sair de Nortúndria colocaram as armas sobre os ombros e começaram a caminhar no sentido oeste, passando pela pedreira e subindo pelas Planícies de Nasam.

Como acontecera todas as outras vezes em que andaram naquela direção, a neblina foi se fechando ao redor deles. Caerne não sentiu nada de sobrenatural nela, mas, como estava pronto para admitir, era um guerreiro, e não um xamã. Não sofrera o que Garrosh e seus guerreiros haviam sofrido, nem vira o que eles viram, mas mesmo assim sabia que realmente existiam espíritos enfurecidos.

A neblina retardou-os, mas nada de incomum apareceu para atacá-los. Ao chegarem à praia e aos pequenos barcos que os esperavam, porém, Caerne diminuiu o passo. Estava sentindo... alguma coisa. Suas orelhas tremeram, e ele inspirou o ar frio e úmido.

Ao forçar a vista envelhecida para tentar ver além da neblina cerrada, conseguiu divisar o contorno fraco e fantasmagórico de um navio. Não, mais de um... dois... três...

— *Kvaldir!* — rosnou Garrosh.

2



Por alguns instantes preciosos, todos lutaram contra o medo, esforçando-se para se concentrar na batalha iminente. Os navios emergiram do véu da neblina, controlados pelos mortos-vivos. Eram pálidos, com um toque de verde, de podridão, e estavam cobertos de algas, as roupas encharcadas e rasgadas. Os remos subiram, e os Kvaldir, aos gritos e gemidos, saltaram na água e invadiram a praia.

Espalharam-se por todas as direções, enormes e aterrorizantes, deslocando-se bem mais rápido do que se esperaria de um grupo de mortos-vivos, e postaram-se entre os guerreiros da Horda e a Fortaleza Brado Guerreiro. O segundo navio parou ao lado da *Ossos de Mannoroth*, e as criaturas que alguns chamavam de “espíritos dos mortos” começaram a atacar os vivos. Na praia, outros cercaram Caerne e Garrosh, movendo-se com tanta agilidade para atacar que alguns dos guerreiros de Grito Infernal morreram antes mesmo de poder usar as armas.

Caerne também era mais rápido do que seria de se esperar. Ao contrário de alguns orcs que corriam ou se acovardavam em um canto, ele não tinha medo dos mortos. Que venham. Com um berro profundo, avançou num dos gigantescos guerreiros mortos, tentando usar o punho coberto de runas de sua lança ancestral para tirar mais alguns do caminho. Eles eram rápidos o suficiente para esquivarem-se da lança, e, mesmo com os gritos e gemidos, Caerne escutou o som do vento quando a lança acertou somente o ar. A lança rúnica fora abençoada por um xamã, como todas as outras armas de Caerne; mesmo contra um fantasma, seria capaz de causar danos.

— Levantem-se e lutem! — gritou. — Não tem para onde correr.

Ele estava certo. Estavam presos entre a fortaleza e o navio ancorado no oceano, e até este estava sendo atacado. Foram pegos de surpresa num espaço aberto e...

Não. Não num espaço aberto.

— Recuem! — rosnou Caerne, contrariando as ordens anteriores. Ele gritou o mais alto que pôde, cobrindo os gritos sobrenaturais dos Kvaldir e os brados dos pouquíssimos que restaram do que uma vez já fora a enorme ofensiva de Brado Guerreiro. — Recuem para o salão principal do Acoradouro de Garrosh! — Lá eles poderiam recuperar o fôlego, planejar e se reagrupar. Qualquer alternativa era melhor do que ficar parado ali e ser morto sem nenhuma estratégia de defesa.

Conhecendo a tendência do orc de agir sem pensar, Caerne quase esperava que Garrosh protestasse. Mas, em vez disso, ele obedeceu e tocou uma trompa que prendera ao quadril, apontando para o oeste. Imediatamente, os membros da Horda se deslocaram para aquela direção, golpeando os mortos-vivos no caminho. Alguns não sobreviveram, decapitados ou eviscerados pelos machados de lâmina dupla dos Kvaldir, perfeitamente sólidos. Até Caerne estava tendo dificuldades de continuar avançando, e uma mão pálida chegou a agarrar a lança rúnica, ameaçando tomá-la de suas mãos. Caerne não resistiu ao puxão e deixou a criatura horrenda arrastá-lo para mais perto de si.

Inimigo *nenhum* poderia escapar com a lança rúnica.

Ele deu um grito de guerra e apunhalou-o.

A lâmina afundou. Os olhos do Kvaldir se arregalaram. Ele abriu a boca, cuspiu sangue e caiu no chão de terra, espatifado. Caerne encarava-o. Carne, osso e sangue! Garrosh estava certo em questionar as histórias dos morsanos. Os espíritos fantasmagóricos nada mais eram do que seres vivos. E tudo o que vivia... podia morrer.

A revelação encorajou Caerne. Ele se dirigiu ao grande salão, parcialmente obscurecido pela neblina estranha, que não era nada mais sinistro que uma cobertura para os vraikalen — só podiam ser eles. Alguns dos outros já haviam alcançado o destino. Caerne notou horrorizado que duas das três portas foram danificadas. Uma desaparecera completamente; a outra estava presa por uma única dobradiça.

Seus olhos pousaram numa mesa onde, em tempos mais agradáveis, os soldados se reuniam para um repasto. E, realmente, uma lanterna desgastada, uma caneca e uma tigela ainda descansavam sobre ela. Com um único giro do enorme braço, Caerne atirou-os longe e segurou a mesa com as mãos. Grunhindo, levantou-a com bancos e tudo e precipitou-se para a porta o mais rápido que pôde.

Garrosh sorriu.

— Você é inteligente e forte, touro velho — disse com uma admiração que, mesmo hesitante, era verdadeira. — Você! Agarre essas caixas! O resto de vocês, depressa, para

dentro, para dentro!

Eles obedeceram. Caerne esperou, suspendendo sozinho a mesa, até que o último, um troll com um corte na perna que sangrava muito, cambaleou para dentro do grande salão. No exato momento em que ele entrou, o tauren enfiou a mesa na entrada para que bloqueasse a passagem. Um milissegundo depois, a porta improvisada tremeu sob a pressão de um ataque. Soaram, ainda, outros gemidos e batidas dos “mortos-vivos”.

Caerne continuou bloqueando a porta e respirou fundo.

— Eles são inimigos, mas são inimigos vivos! — disse-lhes. — Garrosh, você estava certo. Os Kvaldir não passam de vraikalen. Usam a neblina e as fantasias para meter medo nos corações dos inimigos antes de atacarem. Também fui enganado no começo, até que a lança rúnica perfurou um deles e eu percebi o que estavam fazendo.

— O que quer que sejam, não vamos aguentar por muito tempo — dizia, enquanto arfava, Chamanuvs, com as costas largas encostadas contra a “porta”, que tremia. Outros também a pressionavam. Os xamãs e druidas do grupo estavam desesperadamente tentando assistir os feridos, que eram numerosos — numerosos demais. Um terço do grupo, já muito reduzido, estava ferido, e alguns estavam em estado grave.

— As caixas, será que elas contêm alguma arma? Alguma coisa que poderíamos usar?

Era uma boa ideia, mas não havia esperanças de executá-la. A maioria dos guerreiros largara os suprimentos para lutar com os Kvaldir. Seria tolo carregar caixas pesadas enquanto escapavam para o grande salão.

— Não temos nada — disse Caerne. — Nada, a não ser nossa coragem.

Ele respirou fundo, esperando poder dizer algumas palavras inspiradoras aos soldados dele e de Garrosh antes que lutassem o que sem dúvidas seria a última batalha de suas vidas, quando Garrosh o interrompeu:

— Temos coragem, sim, mas também temos algo a mais. Vamos mostrar a esses falsos fantasmas o preço que vão pagar por tentar nos enganar. Eles acham que ficamos vulneráveis do lado de fora da fortaleza. E querem tomar de volta o ancoradouro. Vão conhecer a ira da Horda!

Ele caminhou até o centro do salão e virou o tapete de tecido que estava no chão. Sob ele, havia um alçapão. Com um grunhido de esforço, Garrosh conseguiu abri-lo lentamente. A porta abriu com um clangor, revelando uma pequena área escavada.

Nessa área, empilhadas como melancias, estavam granadas.

Alguns dos guerreiros aplaudiram. Os outros olharam para Garrosh, confusos.

— Você deixou as granadas aqui de garantia, não foi? — perguntou Caerne, surpreso.

— Caso a Fortaleza Brado Guerreiro caísse?

Caerne já aprendera que os orcs não gostavam muito de planos de contingência. Não gostavam nem de conceber a possibilidade de uma derrota. Ainda assim, era óbvio que fora exatamente o que Garrosh fizera: deixara uma caixa de armas valiosas enterradas na areia, caso precisassem delas depois de terem recuado por completo.

Garrosh fez que sim.

— Não é uma ideia agradável.

— Mas é o sinal de um bom líder considerar todas as possibilidades, até a mais desagradável, até o inimaginável — disse Caerne. — Foi bem feito, Garrosh. — Ele inclinou a cabeça num gesto de respeito, ignorando um ataque bastante vigoroso que quase derrubou sua porta.

O que restava da ofensiva de Brado Guerreiro se apressou para pegar as armas pequenas, mas letais. Os ataques dos Kvaldir não haviam cessado. As caixas empilhadas estavam sendo empurradas para a frente, e a mesa que servia de porta estava começando a ceder ao assalto. Caerne ajustou os cascos e reposicionou as costas para manter o apoio enquanto os outros se enchiam de granadas. Garrosh se levantou e fez um sinal para o tauren.

— Um, dois, três! — gritou Caerne.

No “três”, ele e os orcs que cuidavam das outras duas portas deram um passo para trás; Caerne soltou a mesa e os orcs abriram as portas bruscamente. Garrosh estava lá, com um enorme machado em cada mão, berrando o grito de guerra do pai e cortando os fantasmas falsos, cheio de violência e sede de sangue. Caerne recuou, deixando os outros passarem nas suas corridas ao navio. Jogaram as granadas no agrupamento de Kvaldir. Houve diversas explosões, e depois o caminho estava livre — a não ser pelos corpos. Tinham alguns minutos preciosos antes da próxima onda de inimigos.

— Vai, vai! — ordenou, virando-se para sua lança. Ele prendeu-a rapidamente às costas. Se precisasse lutar nos próximos minutos, tudo estaria perdido de qualquer forma. A verdadeira batalha teria que ocorrer no navio. Com as mãos livres, pegou um orc gravemente ferido no colo como se o guerreiro não pesasse nada e começou a correr o mais rápido que podia na direção do navio.

A *Ossos de Mannoroth* estava danificada e sob ataque, mas ainda parecia pronta para viajar, pelo menos aos olhos de Caerne.

Sentiu uma pontada de dor no coração ao ver um orc cair uns quatro passos à sua frente, com um machado enterrado nas costas. Haveria tempo para homenagear os mortos

depois, mas agora não havia nada que pudesse fazer a não ser pular por cima do corpo e continuar correndo.

Os cascos afundavam na areia. Sentia-se lento, e lamentou não pela primeira vez o que o tempo fizera ao seu corpo. Ouviu um grito horrendo, e um dos Kvaldir avançou nele, empunhando o machado com as mãos musculosas. Caerne desviou, mas não foi rápido o suficiente, e grunhiu de dor ao sentir o machado cortar-lhe o flanco.

E então finalmente chegou, colocando o orc que carregava num dos pequenos batéis. Ele zarpou imediatamente, quase transbordando de feridos. Logo se tornou um alvo, e Caerne teve que ficar de pé no barquinho sacolejante para lutar com os Kvaldir enquanto dois orcs remavam furiosamente. Num dado momento, ele olhou de volta para a praia, pontilhada com os cadáveres dos “fantasmas”.

E os cadáveres dos corajosos membros da Horda.

Mas alguns desses “cadáveres” ainda estavam se mexendo. Caerne semicerrou os olhos e saltou do barco quando ele encostou na *Ossos de Mannoroth*. Ele caminhou com dificuldade até a praia, em direção aos feridos. Caerne faria tudo o que pudesse para que o número não aumentasse.

Foi e voltou umas seis vezes, carregando aqueles que não conseguiram escapar sozinhos. O grupo de Garrosh já acabara com o estoque de granadas, e a praia agora era metade areia, metade sangue. A mistura horrível e lamacenta grudava em seus cascos enquanto corria. No meio de tudo aquilo, ouviu o grito de Garrosh, e o som deu mais coragem aos guerreiros, inclusive a Caerne, até que, por fim, todos os que podiam ser resgatados estavam a salvo.

— Garrosh! — gritou Caerne.

Com mais de meia dúzia de ferimentos sangrando, ofegante, Caerne procurou Garrosh ao redor. Ali estava, empunhando seus dois machados, gritando de forma incoerente ao amputar braços e pernas de seus inimigos e ser borrifado de sangue. Estava tão tomado pelo furor da batalha que nem prestou atenção nos chamados de Caerne. O tauren correu até ele e agarrou-lhe o braço. Alarmado, o orc se virou de machado erguido, mas parou o golpe a tempo.

— Recue! Já recuperamos os feridos! A batalha agora será no navio! — gritou Caerne, sacudindo o braço dele.

Garrosh assentiu.

— Recuem! — berrou, a voz se sobrepondo aos sons de combate. — Voltem para o navio! Vamos continuar a lutar e eliminar nossos inimigos na água!

Os poucos combatentes que continuavam lutando se viraram imediatamente, precipitaram-se para a praia, saltaram para dentro dos barcos e remaram em direção à *Ossos de Mannoroth*. Um Kvaldir conseguiu arrancar uma pobre orquiza de dentro de um batel e arrastou-a de volta à praia, onde começou a cortar seus braços e pernas. Esforçando-se para ignorar os gritos, Caerne empurrou o último barco e subiu nele com dificuldade.

Já havia vários gigantes humanoides dentro do navio. A capitã Tula gritava para que zarpassem, e a tripulação se esforçava para obedecer. A âncora foi recolhida, e o navio partiu em direção ao mar aberto. As embarcações dos Kvaldir o seguiram, envolvidas pela neblina fria e persistente. A cena era menos assustadora agora que sabiam que enfrentavam um inimigo vivo, mas o perigo ainda era muito real. A tripulação conseguira manter uma sólida defesa enquanto o resto da ofensiva Brado Guerreiro tentava ir a seu encontro, mas agora podiam cumprir as tarefas de costume enquanto os soldados lutavam. Os Kvaldir pararam logo ao lado, perto o suficiente para Caerne enxergar os rostos furiosos do violento inimigo.

— Não deixem que embarquem! — ordenou Garrosh. Ele eliminou um inimigo e, após saltar sobre o corpo que ainda se mexia, cortou as mãos de um Kvaldir que tentava subir a bordo. O Kvaldir gritou e caiu nas águas gélidas. — Tula! Para o mar aberto! Precisamos escapar deles!

A tripulação frenética obedeceu. Caerne, Garrosh e os demais lutaram como demônios. Arqueiros e atiradores atacavam a embarcação inimiga. Vários arqueiros atearam fogo às pontas das flechas e miraram nas velas. Quando um deles conseguiu incendiar o alvo, a tripulação inteira deu vivas. Chamas laranja perfuraram a neblina fria e cinzenta, e a vela começou a crepitar enquanto o fogo se espalhava. *Ossos de Mannoroth* se lançou em direção ao mar aberto. Caerne imaginava que os Kvaldir os seguiriam, mas não foi o caso. Entoando gritos naquela língua feia, alguns se apressaram para apagar o fogo que consumia o navio, enquanto outros foram à proa e gritaram xingamentos à embarcação da Horda, que rapidamente ia desaparecendo.

Caerne sentiu de repente a dor de suas feridas e fez uma careta. Permitiu-se deitar no barco por alguns instantes e fechar os olhos. *Que os falsos fantasmas xinguem o quanto quiserem. Hoje, conseguiram derrotar menos membros da Horda do que esperavam.*

E, por ora, pensou Caerne cansado, aquilo bastava.

3



— **F**ico triste de ter que deixar esse lugar — disse Garrosh quando estavam no convés da *Ossos de Mannoroth*, algumas horas depois do início da jornada.

Caerne o encarou.

— Triste? Achei que Nortúndria representava um lugar de sofrimento e carnificina. Muitos de nossos melhores e mais talentosos guerreiros foram mortos lá. Eu nunca lamentei deixar um campo de batalha.

Garrosh deu uma risada.

— Faz muito tempo desde a última vez em que estive num campo de batalha, *ancião*.

Caerne franziu o cenho e empertigou-se, ficando mais alto que o próprio Garrosh.

— Para um *ancião*, parece que minha memória está mais afiada que a sua, meu jovem. Do que você chamaria essas últimas horas? Você está desconsiderando os sacrifícios que os seus soldados fizeram? Está zombando das feridas que eu e os outros sofremos em consequência?

Garrosh resmungou alguma coisa e não respondeu, mas estava claro para o tauren que ele não considerava de igual valor uma emboscada a uma gloriosa batalha em algum campo aberto. Talvez até acreditasse ser vergonhoso cair numa armadilha daquela forma. Caerne era experiente demais para ser tão tolo, mas o sangue do jovem orc era quente. Garrosh aprenderia que a honra vinha da maneira como um indivíduo lutava, não onde nem quando. E por esses padrões, a Horda tinha motivos para se orgulhar.

E, tinha que admitir, Garrosh também. A forma irresponsável como entrara na luta funcionara — pelo menos desta vez. Mas, de acordo com vários outros com quem conversara, até Saurfang, que claramente não gostava do orc, já havia funcionado um grande número de vezes. Quando será que a ousadia se tornava irresponsabilidade? Que o instinto

se tornava sede de sangue? Tremendo um pouco com o vento frio e afiado que soprava dos mares árticos e penetrava em sua pelagem grossa, Caerne era obrigado a admitir que realmente fazia muito tempo que não lutava com regularidade, apesar de ser capaz de se defender quando havia necessidade.

— A Horda conquistou a vitória mesmo quando parecia impossível, contra um inimigo terrível em Nortúndria — disse Garrosh, voltando ao assunto original da conversa. — Cada vida perdida foi um sacrifício necessário para atingir esse objetivo. Para conquistar a honra e a glória da Horda. Saurfang perdeu o próprio filho. Em homenagem a eles e aos outros, vamos compor e cantar *lok'vadnods*. Algum dia, se os ancestrais permitirem, uma será escrita para mim também. E é por isso que lamento ter que partir, Caerne Casco Sangrento.

Caerne assentiu com a cabeça grisalha.

— Mas você não quer uma *lok'vadnod* tão cedo, quer?

Era uma tentativa de atenuar o tom da conversa, mas o filho de Grom Grito Infernal estava sério demais para rir também.

— Quando a morte vier, vou orgulhoso ao seu encontro. Lutando pelo meu povo, uma arma em minha mão, meu grito de guerra nos lábios.

— Huuum — grunhiu Caerne. — É uma forma gloriosa de partir. Com honra e orgulho. Que todos nós tenhamos essa dignidade. Mas eu ainda tenho muitas estrelas para olhar, rodas de tambores para escutar. Ainda tenho muito tempo para ensinar os jovens e vê-los amadurecer antes de me dispor a acompanhar a morte nessa jornada final.

Garrosh abriu a boca para falar, mas foi como se o vento tomasse as palavras de seus lábios. Caerne, mesmo sendo enorme e bastante pesado, cambaleou com a força da ventania que surgiu do nada. O navio sacudiu bruscamente sob seus pés, inclinando-se descontroladamente para um lado, e o convés de repente ficou alagado.

— O que está acontecendo? — gritou Garrosh, e mesmo o som alto de sua voz quase foi afogado pelos uivos repentinos do vento. Caerne não sabia como os marinheiros chamavam aquele tipo de tempestade e achava que identificá-la era a menor de suas preocupações. A capitã Tula correu ao convés, a pele azul pálida e os olhos arregalados. Suas vestes funcionais — sapatos pretos, calças e uma camisa branca lisa — estavam encharcadas e grudadas à pele. O cabelo negro, antes amarrado num coque, se desfizera e agora parecia um esfregão em cima da cabeça da trolesa.

— O que posso fazer? — perguntou Caerne na mesma hora, mais perturbado pela evidente preocupação dela do que pela tempestade que parecia ter vindo do nada.

— Desçam que assim não preciso me preocupar com vocês, marinheiros d'água doce! —

gritou ela, concentrada demais para se importar com hierarquia e educação. Se a situação não fosse tão grave, Caerne teria dado risada. Mas agarrou Garrosh pelo gorjal sem a menor cerimônia e começou a empurrar o orc injuriado para o centro do navio quando a onda caiu sobre todos eles.

Caerne foi jogado contra o convés como se derrubado por uma mão gigante. Ficou sem ar e, enquanto tentava recuperar o fôlego, entrava água em seus pulmões. A onda recuou tão rapidamente quanto chegara, quase arrastando Garrosh e o tauren como se fossem galhos num riacho que serpeava por Quel'Thalas. Estenderam os braços ao mesmo tempo e apertaram dolorosamente as mãos um do outro. Colidiram com o baluarte curvado, o que os deteve por um tempo. Caerne se levantou, os cascos arranhando o convés de madeira escorregadio ao tentar ficar de pé. Bufando e gritando com o esforço, conseguiu avançar e puxar Garrosh com força até que o orc conseguisse se erguer. Ouviram o estalo de um raio perigosamente próximo e o ronco impiedoso do trovão quase no mesmo segundo.

Mas Caerne continuou a avançar, um braço em volta de Garrosh, o outro se estendendo até agarrar a porta sólida mas escorregadia, e os dois chegaram cambaleando ao navio.

Garrosh vomitou água e, teimoso, esticou a mão e tentou se levantar.

— Só covardes e crianças ficam no abrigo enquanto os outros arriscam suas vidas — disse, arfando.

Caerne pôs a mão de forma não muito delicada no ombro de Garrosh.

— E tolos egocêntricos atrapalham aqueles que estão tentando *salvar* vidas — rosnou. — Não seja tolo, Garrosh Grito Infernal. A capitã Tula precisa se concentrar no navio para que ele não se parta ao meio, não pode desperdiçar seu tempo e energia tentando impedir que sejamos jogados para fora dele!

Garrosh o encarou e depois jogou a cabeça para trás e deu um grito de frustração. Mas, para seu crédito, não tentou mais subir as escadas.

Caerne se preparou para uma espera longa e dolorosa na melhor das hipóteses, e uma morte fria e úmida na pior. Mas a tempestade desapareceu tão bruscamente quanto surgira. Não haviam tido nem tempo de recuperar o fôlego, quando o balanço violento do navio parou. Entreolharam-se por um instante, depois se viraram e subiram depressa as escadas.

Era inacreditável, mas o sol já estava saindo de trás das nuvens que se dissipavam rapidamente. Era uma cena bastante animadora em comparação com o que Caerne viu ao emergir.

A luz do sol brilhava na superfície calma e prateada do oceano cheio de escombros.

Caerne olhava angustiado ao redor, contando os navios que via. Contou somente três e pediu aos ancestrais que os dois restantes estivessem só afastados da frota, mas os escombros flutuando na água eram um testemunho silencioso de que pelo menos alguns deles não escaparam ilesos.

Sobreviventes, agarrados às caixas flutuantes, gritavam por ajuda, e Caerne e Garrosh se apressaram para oferecer-lhes alguma assistência. Pelo menos dessa forma poderiam ajudar, e então passaram a próxima hora levando orcs, trolls, tauren e alguns elfos sangrentos e Renegados, todos ofegantes e encharcados, para os navios que restavam.

A capitã Tula gritava ordens com uma expressão preocupada e taciturna. *Ossos de Mannoroth* sobrevivera ao — furacão? Tufão? Tsunami? Caerne não tinha certeza. O navio estava quase intacto e cheio até as beiradas com sobreviventes trêmulos, enrolados em cobertores. Caerne deu batidinhas no ombro de uma jovem trolesa para consolá-la quando lhe entregou uma caneca de sopa quente, e depois se voltou para a capitã.

— O que aconteceu? — perguntou, baixinho.

— Pior que não faço a menor ideia — respondeu ela. — Já viajo nesses oceanos aí desde garota. Até já fiz essa viagem um montão de vezes, para levar suprimentos lá para a Fortaleza Brado Guerreiro, até aqueles Kvaldir chegarem para atrapalhar. Nunca vi nada tão doido.

Caerne balançou a cabeça, sério.

— Espero que não fique ofendida, mas eu já imaginava. Você acha que talvez...

Um grito de indignação que só podia vir da garganta de um Grito Infernal o interrompeu. Caerne virou-se depressa e viu Garrosh apontando para o horizonte. Estava tremendo, mas era claramente de raiva, não de medo nem de frio.

— Olhe lá — berrou ele.

Caerne olhou para onde ele apontou, mas sua vista envelhecida não enxergou nada. Mas os olhos da capitã Tula funcionavam perfeitamente. E se arregalaram.

— A bandeira de Ventobravo — disse ela.

— A Aliança? Em nossas águas? — indagou Garrosh. — Estão violando abertamente o tratado.

Garrosh se referia a um tratado entre a Horda e a Aliança, assinado logo depois da queda do Lich Rei. Ambas as facções foram muito danificadas pela longa batalha, então concordaram em cessar as hostilidades, inclusive os confrontos no vale Alterac, na bacia Arathi e na ravina Brado Guerreiro, por um breve período.

— Estamos *mesmo* em águas da Horda? — perguntou Caerne em voz baixa. Tula fez

que sim.

Garrosh abriu um sorriso.

— Então, de acordo com todas as leis, as deles e as nossas, temos o direito de atacá-los! O tratado nos permite defender nosso território, inclusive as nossas águas!

Caerne não acreditava no que estava escutando.

— Garrosh, não estamos nem um pouco preparados para um ataque. E eles não parecem interessados em nossa frota. Você parou para pensar que talvez a mesma tempestade que nos deu tanto prejuízo tenha desviado o navio deles do curso? Que talvez eles não estejam aqui para atacar, mas por acidente?

— Foram os ventos do destino, então — respondeu Grito Infernal. — Eles vão ter que enfrentar as consequências com honra.

Caerne entendeu imediatamente o que estava acontecendo. Garrosh conseguira uma desculpa perfeitamente válida para agir, e obviamente tencionava aproveitá-la. Era impossível se vingar da tempestade que danificara os navios da Horda e tomara tantas vidas, mas poderia descontar a raiva e a frustração na desafortunada embarcação da Aliança.

Para a decepção de Caerne, até a capitã Tula parecia aprovar a ideia.

— A gente vai precisar de mais suprimentos pra substituir o que a gente perdeu — disse ela com a mão no queixo, apertando os olhos enquanto pensava.

— Então vamos recuperar o que já é nosso por direito. *Ossos de Mannoroth* está apta para a batalha?

— Mas é claro, cara. É só dar uma preparadinha.

— Tenho certeza de que vai encontrar muita gente disposta a ajudar — respondeu Garrosh.

Tula assentiu e foi embora, gritando ordens aqui e ali. A afirmação de Garrosh estava correta. Todos se levantaram imediatamente, ansiosos por fazer alguma coisa, qualquer coisa que não fosse ficar sentado lamentando a má sorte. Caerne entendeu e aprovou o desejo e a necessidade, mas, se suas suspeitas estivessem corretas e a tripulação do navio da Aliança fosse inocente...

O navio se virou devagar, de velas inchadas, e avançou rapidamente na direção do navio “inimigo”. Ao se aproximarem, Caerne conseguiu enxergar com mais clareza e seu coração se apertou.

O navio não fez o menor esforço para escapar da perseguição óbvia da *Ossos de Mannoroth*. Não conseguiria, mesmo se seu capitão quisesse. A embarcação estava totalmente inclinada para bombordo. Suas velas haviam sido rasgadas pela ventania violenta,

que afetara um pouco menos a frota da Horda, e estava se enchendo d'água. Caerne mal conseguia divisar o que havia na bandeira do navio — a cabeça de leão de Ventobravo.

Garrosh deu uma gargalhada.

— Excelente — disse. — É realmente um presente. Mais uma chance de mostrar a Varian o *quanto* eu o respeito.

Da última vez que Garrosh e o rei Varian Wrynn de Ventobravo estiveram na mesma sala, houve uma briga. Caerne não tinha nenhum apreço especial pelos humanos, mas também não desgostava deles. Se aquele navio tivesse atacado o seu, ele seria o primeiro a dar as ordens para revidar o ataque. Mas o navio estava quebrado, afundando e, mesmo sem a “ajuda” dos membros da Horda, provavelmente desapareceria para sempre nas águas geladas.

— A vingança é uma coisa mesquinha, Garrosh, não condiz com a sua estatura — disse Caerne com rispidez. — E que honra há em matar quem está prestes a se afogar? Você pode não estar violando o tratado tecnicamente, mas está traindo o espírito dele. — Ele voltou-se para Tula, na esperança de que ela lhe desse razão. — Eu sou o comandante dessa missão, capitã. Portanto, sou o superior de Garrosh. Eu ordeno que ajude as vítimas da tempestade. O fato de terem vindo parar aqui é acidental, não uma provocação, e a solidariedade é mais digna que a carnificina.

Ela o encarou.

— Com todo respeito, cara, nosso Chefe Guerreiro te botou de líder só para você supervisionar a volta dos veteranos da ofensiva do Brado Guerreiro. É Garrosh quem está no comando das decisões marciais.

Caerne encarou-a boquiaberto. Ela estava certa. Aquele detalhe não lhe ocorrera quando estavam lutando com unhas e dentes contra o ataque surpresa dos Kvaldir. Naquela hora, ele e Garrosh estavam em total acordo. Não houvera dúvida de que aquele combate era completamente necessário, então entraram em conflito apenas quanto à melhor forma de derrotar o inimigo. Mas, agora, apesar de ele estar no comando da viagem para levar as tropas de volta para casa, eles ainda eram obrigados a obedecer Garrosh até que Thrall aliviasse o orc formalmente do comando. Não havia nada que Caerne pudesse fazer.

Em voz baixa, somente para os ouvidos de Garrosh, disse:

— Eu lhe peço, por favor. Não faça isso. Nossos inimigos já estão derrotados. Se não os ajudarmos, provavelmente vão morrer aqui, de qualquer forma.

— Então uma morte rápida é mais piedosa — respondeu Garrosh. E, como que para provar a afirmação, o rosnado dos canhões ecoou. Caerne tinha os olhos fixos no

desafortunado navio da Aliança, cuja lateral era perfurada pelas bolas de canhão. Das outras embarcações, veio uma chuva de flechas, e o som que nenhum soldado Aliado jamais esqueceria, o som do grito de guerra da Horda sobrepôs-se ao ruído das ondas e dos ventos.

— Mais uma vez! — gritou Garrosh, correndo à proa, tremendo como um lobo empolgado durante a caça ao chegarem mais perto do navio.

O mastro da embarcação da Aliança estava quebrado, mas Caerne conseguiu divisar um vulto no convés abanando freneticamente uma bandeira branca, tentando se render. Garrosh não deu nenhum sinal de que o notara. Assim que *Ossos de Mannoroth* se aproximou o suficiente, o orc deu um berro e saltou para o navio inimigo, uma arma em cada mão, e começou a atacar os humanos.

Caerne virou de costas, enojado. Legalmente, Garrosh estava certo, mas sob qualquer outro ponto de vista, fosse moral ou espiritual, o que o orc estava fazendo era errado. Terrivelmente errado, e Caerne sombriamente se perguntou como os espíritos se vingariam da Horda, ou de Garrosh, ou talvez até dele próprio, Caerne Casco Sangrento, por ter deixado aquilo acontecer.

Acabou rápido, rápido demais na opinião dos orcs. Garrosh, para a surpresa de Caerne, ordenou que as tropas parassem depois de poucos minutos. O tauren levantou as longas orelhas e se aproximou, querendo ver e ouvir o que Garrosh faria em seguida.

— Tragam o capitão! — ordenou ele.

Pouco tempo depois, um troll, segurando firme um homem pelos braços, se aproximou depressa e jogou o pobre capitão no chão do convés.

Garrosh cutucou o homem com o pé.

— Você está em águas da Horda, cachorro da Aliança.

O homem, musculoso, alto para sua raça e bronzeado, de cabelo preto curto e barba bem cortada, simplesmente encarou o orc.

— Temos um tratado...

— Que não se aplica a incursões no nosso território. Isso obviamente é um ato de agressão!

— Você viu o estado em que estávamos — respondeu o capitão, incrédulo. — Não poderíamos atacar nem um coelho!

Não era a coisa certa a dizer, e Garrosh chutou suas costelas. Caerne ouviu o barulho de uma ou duas delas se quebrando. O homem gemeu e seu rosto empalideceu, e depois corou.

— Você está nas águas da Horda — repetiu o orc. — Independente do estado do seu

navio, tenho todo o direito de fazer o que eu quiser aqui. Você sabe quem eu sou?

O homem sacudiu a cabeça.

— Sou Garrosh Grito Infernal, filho do grande herói da Horda Grom Grito Infernal!

Os olhos do capitão se arregalaram, e ele ficou pálido novamente. Era evidente que reconhecera o nome — talvez não o primeiro, mas o sobrenome, certamente. Grom Grito Infernal era uma lenda tanto na Aliança quanto na Horda.

— Derrotei meus inimigos e tomei sua embarcação para a Horda, e vocês como prisioneiros de guerra. A questão é: o que devo fazer com vocês agora? Posso incendiar seu navio e deixar que queimem — disse, esfregando o queixo. — Ou simplesmente ir embora. Não deixei de notar que vocês não têm batéis. Há tubarões e orcas nessas águas, e eu tenho certeza de que eles gostam tanto do sabor de carne da Aliança quanto meus guerreiros trolls.

O capitão engoliu em seco, sem dúvida consciente do fato de que fora um troll que o trouxera a Garrosh e que estava de pé ao seu lado. O troll deu uma gargalhada e lambeu os beiços exageradamente. Caerne e Garrosh sabiam muito bem que os trolls Lança Negra não comiam humanos, mas o capitão claramente não.

— Meu amigo Caerne Casco Sangrento — continuou Garrosh, apontando com o polegar para Caerne sem se voltar para olhá-lo — me pediu para ser piedoso. E, sabe, acho que talvez ele esteja certo.

Os olhos do capitão pousaram em Caerne. O velho tauren estava certo de que ele parecia tão surpreso quanto o humano. O que será que Garrosh estava fazendo? Invadira o navio com seus homens e matara todos, a não ser uns poucos membros da tripulação. E agora estava falando de *piedade*?

— Hoje, capitão, eu mostrei a você o braço forte da Horda, e agora mostro sua misericórdia. Parece que há onze de vocês que sobreviveram à... tempestade. — Ele deu um sorrisinho. — Vamos lhe dar dois batéis, mais uma parte de nossa preciosa comida. Isso, e alguma sorte, basta para levá-los a algum lugar seguro. E quando chegarem em casa, contem o que aconteceu aqui. Contem que seu encontro com Garrosh Grito Infernal significou tanto a morte quanto a vida para você e seu povo hoje.

Sem mais uma palavra, ele deu as costas e saltou de volta ao convés de *Ossos de Mannoroth*. Cochichou algo com Tula, que assentiu e deu ordens à tripulação. Caerne viu alguns suprimentos e um único barril de água serem trazidos lá de baixo e dois pequenos batéis serem soltos. Pelo menos Garrosh estava cumprindo o acordo bizarro que fizera. O tauren observou com olhos tristes os humanos espremendo-se nos barcos e começando a remar de volta na direção de Nortúndria.

Ele olhou para Garrosh, que estava ereto, de braços cruzados e passara o tempo todo de armadura apesar da tempestade e do quase afogamento.

Garrosh era um excelente estrategista, um guerreiro feroz, e todos que estavam sob seu comando o amavam.

Mas ele também guardava mágoas, tinha a cabeça quente e precisava aprender algumas lições sobre respeito e compaixão.

Caerne falaria com Thrall assim que chegassem. As características de Garrosh funcionaram a favor da Horda em Nortúndria, na luta mais difícil que já haviam enfrentado. Mas o tauren sabia que pouco serviriam ao filho de Grom quando voltassem a Orgrimmar. Aqueles que viviam só pela espada às vezes não sabiam o que fazer após o fim de uma guerra. Fora de seu elemento, incapazes de canalizar suas paixões e energias do jeito que sabiam tão bem, às vezes acabavam tornando-se baixas tardias da mesma guerra que tomara a vida de seus companheiros, morrendo nas tavernas ou em brigas de rua em vez de na batalha, quando não se tornavam almas perdidas que continuavam a existir sem viver de verdade.

Garrosh tinha potencial demais, coisas demais a oferecer para acabar dessa forma. Caerne faria tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir que o filho de Grom Grito Infernal tivesse tal destino.

Mas Garrosh teria que ser um parceiro disposto para que o esforço fosse bem-sucedido. Vendo o orc tão seguro de si naquele momento, Caerne não tinha certeza de que ele teria esse papel em moldar seu próprio destino.

Ele olhou de volta para os batéis que iam desaparecendo devagar. Garrosh poupava pelo menos algumas vidas, mas Caerne suspeitava que por arrogância. Garrosh queria muito que seus atos chegassem aos ouvidos de Varian, sem dúvida para irritar o líder ainda mais.

Caerne deu um suspiro profundo, voltou o rosto para o sol, fraco nesse clima do norte, mas ainda presente, fechou os olhos verdes-claros e rezou, pedindo alguma orientação.

E paciência. Muita paciência.

4



Caerne jamais vira um festival assim em Orgrimmar, e não sabia se gostava do que via.

Não é que não quisesse honrar os soldados que lutaram tão valentemente contra o Lich Rei e seus súditos. Mas sabia tão bem quanto os outros (e melhor do que alguns ali presentes) qual era o custo da guerra em todas as frentes e, assim, não pôde evitar franzir o cenho diante do luxo com que os veteranos eram recebidos.

O desfile, ele descobrira recentemente, fora ideia de Garrosh.

— Que o povo veja seus heróis — declarara ele. — Que eles marchem em Orgrimmar e recebam o respeito que merecem!

Uma alma menos generosa que Caerne poderia ter acrescentado mentalmente: *E certifiquem-se de que todos saibam que Garrosh Grito Infernal foi o responsável pela vitória.*

Ainda assim, Garrosh insistira para que todos os envolvidos na campanha em Nortúndria fossem encorajados a participar. Ninguém esperava ver veteranos Renegados ou sin'dorei no desfile, embora não fossem ser impedidos de participar se desejassem. Eles tinham seus próprios problemas e haviam lutado uma campanha no continente mais gélido do mundo. Não, o desfile era formado principalmente pelos que habitavam as terras quentes e empoeiradas de Kalimdor — orcs, trolls e taurens. E parecia a Caerne que todos os membros das raças que ergueram armas ou lançaram maldições contra o Flagelo tinham comparecido. A fila se espichava desde os portões de Orgrimmar até bem depois da torre do zepelim.

Desprezando as tradicionais pétalas de rosas que a Aliança usava em ocasiões assim, os trabalhadores da Horda tinham coberto a rua com agulhas de pinheiro, que, ao serem pisadas, produziam um cheiro agradável. Durotar não tinha muitos pinheiros; Caerne sabia que as agulhas tinham sido trazidas de longe. Suspirou profundamente e balançou a cabeça

diante de tanta extravagância.

O filho de Grom estava à frente do desfile, sendo o primeiro ao portão quando este se abria, junto com os veteranos da Fortaleza Brado Guerreiro. Caerne não invejava a posição — afinal, ficara para trás em Kalimdor, e Garrosh fora para Nortúndria, assim como todos aqueles bravos guerreiros. E a maior parte deles era orc, e aquele era território órquico. Ainda assim, irritava-o um pouco que a multidão acompanhasse Garrosh, saudando-o, parecendo pouco se importar com as outras unidades militares que também tinham lutado bravamente, sacrificando em alguns casos vidas ainda mais jovens e brilhantes pela causa, mas que não tinham um líder tão carismático.

Thrall estava postado fora do Castelo Grommash. Vestia a armadura de placa negra imediatamente reconhecível que já pertencera a Orgrim Martelo da Perdição, com cujo nome Orgrimmar fora batizada. O chefe guerreiro da Horda segurava o enorme Martelo da Perdição em seu grande pulso esverdeado. Era um vulto imponente cuja lenda o precedia, e, em mais de uma ocasião, batalhas tinham sido vencidas simplesmente por ele aparecer paramentado daquela maneira no campo.

Ao lado dele, levemente curvado, mas ainda forte para um orc perto dos 60 anos, estava Eitrigg. Ele abandonara a Horda após a Segunda Guerra, em que seus filhos foram traídos por seus companheiros orcs e mortos em batalha. Enojado pela corrupção e destruição que via na raça, julgou que seu dever para com seu povo tinha terminado. Voltara à Horda quando Thrall passara ao comando e conduzira os orcs de volta às suas raízes xamânicas. Era um dos seus conselheiros mais confiáveis e valiosos, e tinha acabado de voltar de Zul'Drak, onde ajudara a Cruzada Argêntea. Em seus braços, carregava um objeto envolto em tecido.

Os olhos azuis de Thrall, raros entre os orcs, estavam fixados nas filas de guerreiros que se aproximavam. Garrosh parou diante dele. Thrall olhou-o por um instante, então inclinou a cabeça em sinal de respeito.

— Garrosh Grito Infernal — disse, em sua voz grossa e ribombante, que chegava facilmente à multidão —, você é filho de Grom Grito Infernal, meu caro amigo e herói da Horda. No passado, você não sabia o grande orc que ele foi. Agora você sabe, e ficou claro que você também se tornou um herói da Horda pelo que conquistou em sua campanha em Nortúndria.

“Nós nos postamos à sombra da armadura e do próprio crânio de nosso grande inimigo, Mannoroth, cujo sangue nos maculou e nublou nossas mentes por tanto tempo. O inimigo que seu pai matou. Ao fazê-lo, ele libertou seu povo de uma maldição terrível.”

Então, fez sinal para Eitrigg, que se adiantou. Thrall pegou o volume que ele segurava e o desembrolhou. Era um machado — não um machado qualquer, mas uma arma com nome, uma arma famosa. A cruel lâmina recurva tinha duas marcas. Quando girava, o machado cantava sua própria canção de guerra — como fizera o antigo dono. Aquela era a origem de seu nome.

Muitos dos espectadores reconheceram o artefato, e murmúrios subiram da multidão.

— Este — informou Thrall solenemente — é Uivo Sangrento. Era a arma do seu pai, Garrosh. A lâmina que matou Mannoroth, uma proeza de bravura quase inconcebível que custou a vida de Grom Grito Infernal.

Os olhos de Garrosh se arregalaram. Alegria e orgulho resplandeciam em seu rosto marrom. Estendeu o braço para aceitar o presente, mas Thrall não o entregou de imediato.

— Matou Mannoroth — repetiu —, mas também ceifou a vida do nobre semideus Cenarius, que ensinou os primeiros druidas mortais. Como qualquer arma, pode ser usada para o bem ou para o mal. Eu agora devo instá-lo a ser o filho do seu pai, Garrosh. A usar esta arma bem e sabiamente, pelo seu povo. Sinto-me honrado em lhe dar as boas-vindas ao lar. Receba o amor e o agradecimento daqueles que você serviu com sangue e suor e espírito.

Garrosh pegou a arma e ergueu-a, hesitante. Girou a lâmina como se tivesse nascido para aquilo — e Caerne pensou que talvez tivesse. A arma gritou e uivou, cortando o ar como fizera antes e como logo voltaria a fazer, atravessando os inimigos da Horda. Ergueu o machado bem acima da cabeça, e novos brados de aclamação varreram o vale da Sabedoria. Garrosh fechou os olhos por um momento, como se literalmente se banhasse nos eflúvios de adoração. Caerne não pensou sequer por um momento que era uma adoração imerecida, mas considerou que um pouco de humildade como agradecimento — pela arma e pela apoteose — talvez caíssem bem em Garrosh.

— Veteranos, as tabernas estão abertas para vocês esta noite. Comam e bebam e cantem seus feitos gloriosos, mas lembrem-se de que os cidadãos de Orgrimmar são aqueles a quem vocês serviram, e não seus inimigos — Thrall se permitiu um sorriso. — O uso do álcool às vezes dificulta o julgamento.

Risadas joviais eclodiram pela multidão. Caerne já esperava aquilo. Thrall concordara em reembolsar cada estalagem e taberna pela comida, bebida e hospedagem durante o dia inteiro. No entanto, cabia às tabernas e aos estalajadeiros policiarem os fregueses — a Horda não pagaria por mesas e cadeiras danificadas, e *sempre* havia cadeiras e mesas danificadas. Sem mencionar alguns narizes quebrados, mas isso era uma parte necessária e já esperada das comemorações. Caerne, que não tinha tais hábitos selvagens — nem mesmo quando era

um jovem tauren —, não aprovava, mas não protestou quando Thrall fez a sugestão.

Thrall fez um sinal e várias carroças puxadas por kodos e raptos se aproximaram, cobertas por tecidos pesados. A um aceno do comandante, vários orcs se adiantaram e, contando até três, puxaram os cobertores, revelando dezenas de barris de cerveja forte.

— Que os festejos comecem! — gritou Thrall, e vivas e aplausos encheram o ar.

Agora que o desfile terminara oficialmente, os veteranos se aproximaram avidamente dos barris, dando início ao que seria certamente uma noite longa e uma manhã seguinte de ressaca forte. Caerne se encaminhou para a entrada do Castelo Grommash, parando por um momento para observar o crânio e a armadura de que Thrall falara.

A armadura fora acorrentada firme a uma enorme árvore morta para que todos a vissem. O crânio do grande lorde demoníaco, no topo, estava branqueado pelo Sol. Longas presas curvas se projetavam dos ossos pálidos, e a armadura de placa era gigantesca, impossível de ser usada mesmo pelo mais poderoso orc, troll ou tauren. Caerne fitou-a por um longo tempo, pensando em Grom, agradecendo ao seu espírito o sacrifício que libertara os orcs.

Com um longo suspiro, ele se voltou e entrou. Como era seu direito, trouxera um séquito com ele. Selecionara entre os do seu povo aqueles que teriam a honra de comparecer ao festim aquela noite. Normalmente seu filho Baine estaria entre eles, mas Baine optara por permanecer em Mulgore.

É uma grande honra ser convidado para uma cerimônia assim — escrevera Baine —, *mas a maior honra é manter nosso povo em segurança até que você, nosso líder, retorne de vez para casa.*

A resposta agradou, mas não surpreendeu Caerne. Baine agira exatamente como o pai faria em situação semelhante. Teria ficado feliz em ver o filho ao seu lado, mas Caerne se sentia melhor ainda sabendo que o povo tauren estava sendo protegido e vigiado em sua ausência.

No lugar de Baine estava o venerável arquidruída Hamuul Runa Totem, um bom amigo e um conselheiro confiável. Também estavam presentes os membros de várias tribos taurens individuais, como os Anda-com-a-Aurora, os Totem da Fúria — uma tribo guerreira que enviara vários de seus filhos e suas filhas para lutar orgulhosamente em Nortúndria ao lado de Garrosh —, os Persegue-Céus, os Casco Invernal e os Chifre Troante, entre outros. E, incluída mais por questões políticas que por preferência pessoal, Magatha, a matriarca dos Temível Totem.

Entre as tribos taurens, somente os Temível Totem jamais se uniram à Horda, embora

Magatha vivesse no penhasco do Trovão e sua tribo tivesse todos os direitos conferidos aos taurens. Era uma xamã poderosa que se tornara líder dos Temível Totem graças à morte trágica e acidental do seu parceiro — uma morte que, comentava-se, não era tão acidental quanto parecia —, e já tinha batido de frente com Caerne várias vezes. Ele estava mais que satisfeito em dar-lhe as boas-vindas ao penhasco do Trovão e em convidá-la para cerimônias importantes como aquela, pois acreditava no velho ditado: “Mantenha seus amigos perto e seus inimigos mais perto ainda.” Ela não se opusera a ele abertamente, e ele duvidava que um dia o fizesse. Magatha podia conspirar e tramar na segurança das sombras, mas Caerne acreditava que, no fim, ela era covarde. Que Magatha acreditava ser poderosa simplesmente por governar sua tribo. Ele, Caerne Casco Sangrento, era quem verdadeiramente comandava o povo tauren.

Thrall sentou-se no enorme trono que lhe permitia ver a sala inteira e observou a multidão entrar. Os braseiros que normalmente ardiam dos dois lados do trono estavam apagados. À frente deles, tinham sido colocados dos dois assentos menores, mas ornados, que tinham sido levados até lá para aquela ocasião. A pedido de Thrall, Caerne e Garrosh sentaram-se neles — Garrosh à sua direita, como herói do momento. Em vários pontos da sala, os Kor’krons, guarda-costas de Thrall, postavam-se discretamente.

Thrall olhou para Caerne e Garrosh, observando suas reações. Caerne mexia-se um pouco no assento um tanto pequeno. Thrall fez uma careta: os carpinteiros orcs tinham tentado levar em conta o físico dos taurens ao construir a cadeira, mas, pelo jeito, não fora o suficiente. O velho touro obviamente se sentia orgulhoso ao ver seu povo se ajeitando. Como Thrall, sabia que eles tinham dado — e às vezes perdido para sempre — muitas coisas que lhes eram caras naquela guerra.

Os anos começavam a cobrar seu preço ao chefe tauren. Thrall fora informado do quão bem Caerne tinha lutado durante o cerco ao seu grupo, de que ele retornara vez após vez para levar mais feridos a um local seguro. Aquilo não o surpreendia. Ele conhecia bem a coragem, o coração enorme e a compaixão de Caerne. O que o surpreendera fora a quantidade de ferimentos que o tauren sofrera no conflito e a lentidão com que parecia estar se curando.

O coração de Thrall se despedaçou de repente. Ele perdera muitos que lhe eram caros — Taretha Foxton, a jovem humana que lhe mostrara que a amizade entre as raças era possível; Grom Grito Infernal, que tanto lhe ensinara o que significava ser um orc; e talvez, em breve, Drek’Thar, cujos corpo e mente enfraqueciam cada vez mais rápido segundo o orc

que cuidava dele. Pensar em dar o último adeus a Caerne, que por tantos anos lhe fora tão próximo, era doloroso.

Voltou sua atenção para Garrosh. O jovem Grito Infernal, com Uivo Sangrento no colo, comia e bebia e ria despreocupadamente, divertindo-se e completamente inserido no momento. Mas de vez em quando ele também parava e olhava ao redor com olhos brilhantes e o peito inchado de orgulho. Thrall não deixara de notar o entusiasmo com que a população de Orgrimmar recebera Garrosh. Nem mesmo ele, Thrall, fora adorado assim em alguma cerimônia pública. E era bom que fosse deste jeito, pensou. Nem todas as suas decisões eram bem recebidas pelo povo, mas sabia que o liderava bem e que era respeitado. Garrosh, no entanto, parecia conhecer apenas a aprovação e o amor do povo.

Garrosh surpreendeu Thrall olhando-o e sorriu.

— É bom estar aqui.

— É bom apreciar as aclamações? — perguntou Thrall.

— É claro. Mas também é bom ver os orcs. Vê-los lembrando o significado de ser um orc, como eu lembrei. Combater o bom combate, derrotar os inimigos, celebrar a vitória com a mesma paixão com que ela foi ganha.

— A Horda é mais que os orcs, Garrosh — frisou Thrall.

— Sim. Mas nós somos o núcleo. O centro. E se nos lembrarmos sempre disso, do que isso significa, você verá muito mais vitórias para a sua Horda, Chefe Guerreiro. E mais do que isso. Você verá peitos cheios de orgulho por serem quem são. E o grito de guerra deles, “Pela Horda!”, não virá apenas dos seus lábios, mas sim dos seus corações!

Todos — menos Thrall, Garrosh e Caerne — estavam sentados em pelegos grossos estendidos sobre o chão de pedra. As três raças estavam acostumadas a estar perto da natureza, e o salão era aquecido por braseiros, fogueiras e calor corporal. Thrall notou que apenas Magatha e os Temível Totem pareciam deslocados. Todos os outros tinham se integrado, felizes de estarem no banquete, felizes de estarem vivos depois de tanta dor e privação e luta.

Havia alguma cerimônia, mas Thrall sabia que os humanos ou os elfos não a reconheceriam como tal. Os servos traziam enormes bandejas repletas de guloseimas. A comida era devorada com as mãos, e era simples, mas tinha sustância: costelas de javali na cerveja, urso e cervo assados, coxas de zhevra grelhadas e girando em espetos, pão para enxugar o molho suculento e cerveja, vinho e rum para ajudar a engolir. Os convidados comiam e bebiam, e o Castelo Grommash estava repleto de riso e alegria. Os servos retiraram as bandejas e, depois de saciados, os convivas reunidos ali voltaram sua completa atenção

para o chefe guerreiro.

Agora, pensou Thrall, começa a parte não tão celebratória.

— Nós estamos felizes e gratos por tantos dos nossos bravos guerreiros terem retornado em segurança para casa, trazendo o que aprenderam em outros lugares para servir à Horda aqui — começou Thrall. — É certo celebrar e honrar suas conquistas. Mas a guerra não vem sem custos: as vidas dos que tombaram, os custos financeiros para manter os soldados enquanto lutam. Devido à tempestade marítima peculiar que destruiu várias de nossas embarcações, nós perdemos muitos soldados e suprimentos de que precisávamos muito.

“Além de a tempestade nos ter custado essas coisas preciosas, a natureza estranha desse evento não foi a única a ser registrada. De todas as partes de Kalimdor e dos Reinos do Leste, ouvi relatos de fenômenos parecidos. Aqueles dentre vocês que, como eu, chamam Orgrimmar de lar não precisam ser lembrados da seca, que teve um impacto tão devastador. E nós sentimos a própria terra tremer sob nossos pés de tempos em tempos.

“Eu falei com meus xamãs mais confiáveis e com os membros da Harmonia Telúrica.”

Ele sentiu outra pontada dolorosa ao pensar no xamã em que mais confiava, cujo julgamento agora era mais débil que o de uma criança. *Drek'Thar, jamais precisei tanto de sua inteligência quanto agora, e é tarde demais para você compartilhá-la comigo.*

— Nós estamos fazendo o possível para descobrir o que está perturbando os elementos, se é que há algo os perturbando. Sempre existe a chance de que seja apenas a natureza passando por um ciclo perfeitamente normal.

— Normal? — interrompeu uma voz ríspida, vinda da multidão. Thrall não podia ver quem falava, mas soava como um orc. — Secas em um local, enchentes em outro, terremotos... Como isso pode ser normal?

— A natureza tem seu próprio ritmo — respondeu Thrall, sem se perturbar com a interrupção. Ele gostava de desafios; eles o mantinham afiado, mostravam que estava aberto à aproximação, e muitas vezes o faziam explorar ideias novas. — A natureza não se adapta a nós; nós é quem devemos mudar para acomodá-la. Um incêndio pode destruir uma cidade, mas também abre espaço para novas plantas vicejarem. O fogo queima a doença e os insetos nocivos e devolve nutrientes ao solo. As enchentes depositam novos tipos de mineral em lugares novos. E quanto a terremotos, bem... — Sorriu. — Decerto a Mãe Terra tem direito aos seus resmungos.

Houve uma onda de risos, e Thrall sentiu o humor do salão mudar. Ele não estava inteiramente certo de que o que estava sendo informado era normal; de fato, começava a sentir, a partir das poucas conexões que podia fazer, que era bem o contrário. Os elementos

pareciam... caóticos, perturbados. Não estavam falando com ele tão claramente como faziam antes, e Thrall estava preocupado. Mas não havia necessidade de espalhar essa preocupação entre seu povo até que ele realmente precisasse saber. Talvez estivesse apenas distraído demais com outras coisas e, por isso, não estivesse ouvindo bem os elementos. Seus ancestrais bem sabiam quanta coisa havia para distrair a atenção de um chefe guerreiro da Horda.

— É verdade que esta terra, Durotar, o novo lar dos orcs, é um local severo. Mas isso não é novidade. Aqui sempre foi um lugar difícil para viver. Mas nós somos orcs, e esta terra é adequada para nós. Ela é adequada *justamente* por ser severa, *justamente* por ser brutal e *justamente* porque poucas criaturas além dos orcs conseguem viver aqui. De Draenor, nós viemos a este mundo, depois que a magia dos bruxos exterminou quase toda a vida lá. E nós podíamos ter feito a mesma coisa a este lugar. Quando reconstruí a Horda, eu poderia ter escolhido uma terra mais fértil. Mas eu não escolhi.

Murmúrios percorreram o salão. Caerne olhou para ele, semicessando os olhos, sem dúvida se perguntando por que Thrall escolhera lembrar ao povo que Durotar era um lugar difícil de se viver. Thrall fez um gesto quase imperceptível para o amigo, assegurando-o de que sabia o que estava fazendo.

— Eu não escolhi, porque nós tínhamos ofendido este mundo. E ainda assim, estávamos aqui, e tínhamos o direito de viver. O direito de encontrar um lar. Eu escolhi um lugar que poderíamos tornar nosso, uma terra que pedia de nós tudo o que tínhamos a dar. Viver aqui ajudou bastante a nos limpar da maldição que tanto nos prejudicou. Tornou-nos mais fortes, mais resistentes, mais *orcs* do que a vida em uma terra mais hospitaleira nos teria tornado.

A postura de Caerne relaxou ao ouvir os murmúrios de aprovação.

— Eu ainda creio que fiz a escolha certa. Eu sei bem que os filhos e filhas de Durotar doaram muito de si mesmos em Nortúndria. Mas nossa terra também deu muito de si. Ninguém esperava o alto custo dos suprimentos para a campanha em Nortúndria. No entanto, como poderíamos ter nos recusado a atender ao chamado às armas?

Ninguém falou nada. Nenhum dos presentes teria dado as costas ao problema, qualquer que fosse o custo.

— E assim, nossa terra deu muito de si, como nós; deu até quase se exaurir. A guerra no Norte acabou. Agora precisamos dar atenção às nossas próprias terras, às nossas próprias necessidades. É uma consequência infeliz dos eventos no portão da Ira que a Aliança agora tenha um novo motivo para nos combater. Eu sei que para alguns de vocês isso não quer

dizer nada e que outros até ficaram contentes, mas eu garanto que ninguém está feliz com o fato de que os elfos noturnos, pelo menos por agora, cancelaram todos os acordos de comércio conosco.

Todos ali sabiam o que aquilo significava: nada de madeira para construir, nada de licença para caçar no Vale Gris, nem garantia de passagem segura em nenhum lugar patrulhado pelas Sentinelas. Houve silêncio por um instante, e depois sussurros descontentes.

— Chefe Guerreiro, com licença.

Era a voz calma e lenta de Caerne. Thrall sorriu para o velho amigo.

— Por favor. Sua sabedoria é sempre bem-vinda.

— Nosso povo tem um vínculo com os elfos noturnos que as outras raças da Horda não têm — continuou Caerne. — Nossas duas raças seguem os ensinamentos de Cenarius. Temos até mesmo um santuário comum, a clareira da Lua, onde nos encontramos pacificamente e conversamos, compartilhando conhecimento e sabedoria. Eu entendo que eles estejam furiosos com a Horda, mas não creio que todos os nossos laços serão cortados. Creio que os druidas serão bons embaixadores para retomar as conversas. O arquidruida Hamuul Runa Totem conhece muitos kaldorei.

Ele acenou para o arquidruida, que se ergueu para falar.

— De fato, Chefe Guerreiro. Eu tenho uma amizade de longa data com eles. Eles podem ter motivos para estarem ressentidos conosco, mas com certeza não obterão prazer nenhum ao saber de crianças passando fome, mesmo que sejam os filhos daqueles a quem chamam de inimigo. Eu tenho uma posição de destaque no Círculo Cenariano. As negociações podem ser retomadas, especialmente tendo em vista a cooperação que recebemos com o tratado. Se o chefe guerreiro permitir que eu vá até eles, talvez possamos convencê-los a...

— *Convencê-los? Negociar?* Hah! — Garrosh cuspiu no chão. — Eu tenho vergonha de ouvir palavras tão débeis saindo da boca de um membro da Horda! O que aconteceu no Portão da Ira prejudicou a todos, ou alguém aqui já se esqueceu de Saurfang, o Jovem, e dos muitos que morreram com ele e depois foram ressuscitados como mortos-vivos para nos combater? Se os elfos dizem que foram atacados... ora, então nós também fomos!

— Jovem impertinente — rosnou Caerne, voltando-se para Garrosh. — Você usa o nome de Saurfang, o Jovem, como argumento em sua causa e, ao mesmo tempo, desrespeita abertamente a sabedoria de seu pai enlutado!

— Só porque eu discordo das táticas de Saurfang não quer dizer que eu faça pouco do

sacrifício do filho dele! — retrucou Garrosh. — Você, que já viu tantas batalhas em seus muitos, *muitos* anos, deveria entender isso! Sim, eu discordei dele. Eu disse a ele e digo a você, chefe guerreiro Thrall, não vamos resmungar e chorar feito cães maltratados por causa dos sentimentos delicados dos elfos noturnos. Vamos para o Vale Gris agora, antes que minhas tropas sejam desmobilizadas, e então lá nós tomaremos o que quisermos!

Os dois estavam inclinados para diante, gritando um com o outro como se Thrall não estivesse ali. Thrall permitira aquilo, pois queria avaliar como estava o relacionamento dos dois. Então ergueu a mão, e sua voz impôs respeito.

— Não é tão simples assim, Garrosh!

Garrosh voltou-se para protestar, mas Thrall semicerrou os olhos azuis em advertência, e o jovem orc fechou a boca e ficou sentado em silêncio amuado.

— O grão-suserano Saurfang sabe disso — continuou Thrall. — Caerne, Hamuul e eu sabemos disso. Você acabou de provar o gosto da primeira batalha e se mostrou mais do que digno da nobre empreitada, mas logo aprenderá que nada neste mundo é preto no branco.

Caerne se recostou na cadeira, aparentemente confortado, mas Thrall notou que Garrosh mal continha a irritação. Pelo menos, pensou, o jovem estava ouvindo, e não falando.

— A posição de Varian Wrynn a respeito de nosso povo está cada vez mais beligerante. — Ele não acrescentou “*graças a você*”, pois sabia que Garrosh entenderia a mensagem. — Jaina Proudmore é amiga dele, e é favorável à nossa causa.

— Ela ainda é escória da Aliança!

— Ela ainda é *da Aliança*, sim — respondeu Thrall, e sua voz ficou mais grossa e alta —, mas todos os que serviram ao meu lado ou que se deram ao trabalho de ler os registros históricos dos últimos anos sabem que ela é uma humana íntegra e sábia. Você acha que Caerne Casco Sangrento é desleal?

Garrosh surpreendeu-se com a mudança de assunto. Seus olhos se cravaram em Caerne, que se empertigou e bufou.

— Eu... É claro que não. Ninguém aqui questiona a devoção dele e os serviços que prestou à Horda. — Ele falava com cautela, prevendo alguma armadilha. Thrall assentiu. Embora o tom de voz fosse defensivo, as palavras de Garrosh pareciam sinceras.

— E quem questionar é um tolo. A lealdade de Jaina à Aliança não a impede de trabalhar pela paz e prosperidade de todos os que vivem em Azeroth. Nem a lealdade de Caerne à Horda. A proposta dele é sábia. Não nos custará quase nada, e pode nos trazer muito. Se os elfos noturnos concordarem em negociar, ótimo. Se não, nós procuraremos

outros meios de ação.

Caerne olhou para Hamuul Runa Totem, que assentiu e disse:

— Obrigado, Chefe Guerreiro. Eu realmente creio que este é o caminho correto, tanto para honrar a Mãe Terra, que está perturbada, como para obter o necessário para a Horda se recuperar desta guerra terrível.

— Como sempre, caro amigo, eu agradeço o seu serviço. — Thrall voltou-se para Garrosh. — Garrosh, você é filho de alguém que me era muito caro. Eu ouvi você ser chamado de Herói de Nortúndria, e creio que o epíteto é merecido. Mas eu descobri que muitas vezes, depois de uma guerra, um guerreiro pode ter dificuldade em encontrar seu lugar. Eu, Thrall, filho de Durotan e Draka, prometo ajudá-lo a encontrar uma posição adequada em que suas habilidades e perícia possam ser usadas para melhor servir à Horda.

Ele queria dizer exatamente aquilo. Admirava o trabalho de Garrosh em Nortúndria. Mas aqueles eram talentos de uso limitado, e ele precisava de tempo para pensar na melhor posição em que Garrosh poderia trabalhar pela Horda.

Mas aparentemente Garrosh não entendera a intenção de Thrall. Seus olhos se estreitaram, e ele grunhiu baixinho.

— Como queira, Chefe Guerreiro. Com sua permissão, grande Thrall, vou me retirar. O ar aqui ficou um pouco sufocante.

Sem esperar pela permissão requisitada com tanto sarcasmo, Garrosh se ergueu, acenou quase imperceptivelmente para Thrall e saiu do aposento.

— O rapaz é um kodo refugando as rédeas — murmurou Caerne.

Thrall suspirou.

— Mas é valioso demais para o perdermos — respondeu, e então, erguendo a voz e levantando a mão, anunciou: — Está mais quente agora. Mais bebida para molhar as gargantas!

Houve uma aclamação geral, e, por algum tempo, os convidados se distraíram. Thrall pensou nas palavras de Caerne e nas suas, e se perguntou como poderia domar o kodo selvagem sem quebrar seu espírito.

Mas o papel de Garrosh na Horda, embora fosse motivo de preocupação para Thrall, não era o que mais lhe ocupava a mente. O que mais tomava sua atenção era garantir o bem-estar de seu povo, da Horda como um todo, e investigar a inquietação dos elementos. O povo clamava por mais madeira para construir moradas, mas o próprio mundo parecia perturbado além do normal.

Ele escolhera Durotar pelos motivos que tinha mencionado — porque o lugar permitia

a expiação dos males causados por seu povo, que se tornara mais forte e resistente ali. Mas jamais previra que tantos rios secariam; que a pouca floresta que ali havia seria devastada por uma guerra que, embora fosse extremamente necessária, também seria extremamente danosa.

Não, Thrall pensou, enquanto dava um gole na cerveja. Domar um kodo rebelde era a menor das suas preocupações no momento.

5



Garrosh respirou o ar da noite com gratidão. Estava seco e morno mesmo após o anoitecer, e era muito diferente do ar frio e úmido de Nortúndria. Mas seu lar agora era ali, e não a tundra Boreana, nem Nagrand, em Draenor. Seu lar era aquela terra árida e inóspita, a cidade batizada com o nome de Orgrim Martelo da Ruína, a terra de Durotan, pai de Thrall. Refletiu sobre aquilo por um instante, e suas narinas tremeram de irritação. A única coisa que levava seu nome era uma pequena faixa de terra constantemente assediada por falsos fantasmas.

Parou sob o crânio e a armadura de Mannoroth, e sentiu seu espírito agitado se acalmar um pouco. Chegou a ser invadido por uma onda de orgulho ao ver o que o pai tinha feito. Fora bom descobrir que tinha motivos para se orgulhar de sua linhagem, mas queria trilhar o próprio caminho, e não se aproveitar da fama do pai. Levou a mão às costas e desembainhou Uivo Sangrento, a arma que matara o grande inimigo do seu povo. As mãos marrons apertaram o cabo.

— Seu pai era exatamente do que a Horda precisava, no momento certo — disse uma voz feminina atrás dele, grave e serena. Garrosh se virou e viu uma taurena anciã. Não a viu imediatamente, pois seu pelo era escuro e, na escuridão da noite, apenas os olhos, brilhando à luz das estrelas, e as quatro listras brancas em seu focinho eram imediatamente discerníveis. Quando sua vista se ajustou, viu que ela usava as vestes formais que a identificavam como uma xamã.

— Obrigado, ahm... — Esperou que a taurena se identificasse. Ela sorriu.

— Eu sou a anciã Magatha, da tribo Temível Totem.

Temível Totem. Ele já tinha ouvido aquele nome.

— É curioso que você fale do que a Horda precisa. Sua tribo foi a única a se recusar a se

unir a nós.

Ela riu suavemente, e sua voz áspera soava musical.

— Os Temível Totem fazem o que querem, como querem. Talvez nós não tenhamos nos unido à Horda ainda por estarmos esperando um bom motivo para fazê-lo.

Garrosh se irritou.

— O quê? Isto não é suficiente? — Ele apontou para o crânio e a armadura do Lorde Abissal. — Nossa guerra contra a Legião Ardente não foi suficiente? A ofensiva Brado Guerreiro não foi o suficiente para impressionar os poderosos Temível Totem?

Ela o encarou com firmeza, sem se deixar intimidar por suas palavras.

— Não — respondeu, calmamente. — Não me impressionou. Mas as histórias sobre o que você fez em Nortúndria... Sim, suas proezas são realmente dignas de um herói. Nós, Temível Totem, observamos. E esperamos. Nós reconhecemos força e astúcia e honra quando as vemos. Pode bem ser que você, Garrosh Grito Infernal, assim como seu pai, seja exatamente aquilo de que a Horda precisa, e no momento certo. E quando a Horda descobrir isso também, creio que você poderá contar com o apoio dos Temível Totem.

Garrosh não tinha certeza de onde a taurena queria chegar, mas uma coisa estava clara: Magatha havia gostado do que ele dissera no castelo. Talvez significasse que ela aprovava a maneira como ele queria conduzir as coisas. Isso podia ser bom. Quem sabe alguém finalmente conseguisse obter algum resultado concreto por ali.

— Obrigado, Anciã. Eu agradeço suas palavras, e espero que em breve eu seja digno de merecer mais do que somente palavras de apoio.

Sua mente já estava repleta de diferentes maneiras de driblar o pacifista Thrall e o velho Caerne, e dar à Horda o que ela precisava. O truque era fazer isso sem ultrapassar seus limites.

Não era hora de ser cauteloso. Era hora de ser ousado. Eles entenderiam quando obtivesse resultados.

Antes do amanhecer, Caerne e seu séquito já estavam despertos e prontos para partir, embora a celebração tivesse avançado até altas horas e sua presença como convidado de honra fosse requisitada até o final. Estava ansioso por voltar para casa. As tropas que enviara a Nortúndria quando Thrall emitira o chamado às armas eram compostas por bravos guerreiros e tinham se portado muito bem. Mas também estavam fartos de derramamento de sangue e de dias e noites de cansaço sem fim. Outrora um povo nômade, os taurens agora tinham um lar, Mulgore, e sentiam a falta dele. Naquele dia, finalmente começariam a

última etapa da jornada de volta até as colinas ondeantes, os promontórios ativos e os entes queridos que tinham deixado para trás.

Tinham escolhido ir a pé para manterem-se próximos ainda por mais algum tempo, mas aquilo não era nenhum sacrifício. Enquanto o dia nascia e os outros guerreiros da Horda descansavam dos festejos ou talvez colocavam as mãos na cabeça, apertando-a, pagando a diversão em ressaca, os taurens já tinham partido de Durotar e seguiam para os Sertões. Caerne mandou Perith Casco Feroz para avisar Baine de sua chegada. Perith fazia parte de um seletto grupo de batedores e mensageiros chamados Passolongos. Eles obedeciam somente a Caerne, que lhes confiava as mensagens e informações mais importantes. Nem mesmo Thrall sabia de tudo o que Caerne compartilhava com os Passolongos. Mas aquela não era uma missão tão importante. Vidas não dependiam dela. Ainda assim, os olhos de Perith brilharam de felicidade ao ser incumbido da tarefa, e ele partiu com sua costumeira rapidez.

O fim da tarde espriava luz dourada pelas planícies de Mulgore. Perith encontrou-se com eles perto da estrada secundária que levava à aldeia Narache e à aldeia Casco Sangrento, seguindo ao lado de Caerne enquanto se aproximavam lentamente de casa.

— Eu informei Baine, conforme o senhor ordenou — disse Perith. — Ele garante que tudo estará pronto.

— Ótimo — aprovou Caerne. — As lojas de todas as aldeias devem saber que vários viajantes chegarão hoje. Não quero ver ninguém com fome esta noite.

— Creio que o senhor verá que o que Baine tem em mente é bastante... adequado.

Caerne ficou curioso e voltou-se para encarar Perith. Naquele instante, ouviram um ribombar de trompas. Vários kodos se aproximavam lentamente. Os olhos envelhecidos de Caerne não conseguiam discernir quem montava as grandes bestas, mas ele conseguia ouvir os brados de alegria dos pequeninos. Eles caíam rolando dos kodos, gritando e rindo, e atiravam flores e buquês de ervas nos heróis que se aproximavam.

— Bem-vindo ao lar, pai — disse Baine Casco Sangrento. Ao som da voz conhecida, Caerne se voltou, apertou os olhos e sorriu ao discernir o vulto do filho, que cavalgava um dos grandes kodos.

Lágrimas surgiram nos olhos do velho touro por um instante. Aquela, sim, era a maneira certa de receber alguém de volta ao lar. Com os gritos de felicidade das crianças e da família, com as bênçãos do mundo natural. Era um modo mais simples, melhor... mais tauren.

— Muito bem, meu filho — disse Caerne, controlando-se para não deixar a emoção

dominar sua fala. — Muito bem.

Baine, embora calmo e sereno como o pai, irradiava alegria com a chegada de Caerne. Saltou graciosamente para o chão e se aproximou do pai. Eles uniram as mãos e começaram a caminhar juntos, separando-se um pouco da multidão alegre que dava as boas-vindas às famílias.

— Há mais deles — disse Baine, sorrindo ao ver vários guerreiros tomando a estrada para o sudoeste. Aqueles sortudos já estavam em casa. — A estrada para casa estará repleta de gente pronta para lhe dar as boas-vindas.

— Um bálsamo para olhos cansados — respondeu Caerne. — Está tudo bem com eles?

— Vai ficar melhor quando os veteranos chegarem em casa. Como foi a celebração em Orgrimmar?

— Cumpriu o seu papel. Foi bem... órfico. Muitas armas, e muitos banquetes, e gritos. Mas não esqueceram o nosso povo.

Baine assentiu.

— Thrall não permitiria isso.

Caerne olhou por sobre os ombros, de um lado a outro, e então continuou, falando mais baixo.

— Não, não permitiria. Ele é sábio demais, e tem o coração bom demais. Eu estou voltando para casa com uma tarefa que somente nós podemos realizar, para ajudar a Horda.

Falou baixinho com Baine sobre a sugestão de Hamuul. O filho escutou com atenção, assentindo de vez em quando, as orelhas tremendo.

— Muito bem. Eu também sou um guerreiro, mas digo que nosso povo já teve guerra demais. Se Hamuul crê que essas negociações podem ajudar, então eu o apoio, pai. Eu o apoio totalmente.

Não foi a última vez que Caerne agradeceu as bênçãos em sua vida: a Mãe Terra e sua parceira, Tamaala, o tinham agraciado com um filho de que ele se orgulhava. Embora Tamaala tivesse partido para andar com os espíritos havia muitos anos, ela vivia no filho. Baine era um grande conforto para o pai. Tinha a espiritualidade, a percepção e o enorme coração da mãe; também tinha a calma e — Caerne era obrigado a admitir — a teimosia do pai. Caerne não pensara duas vezes antes de deixar Mulgore nas mãos capazes do filho. Ele se perguntava como Thrall suportava não ter companhia nem filhos. Até Grom tivera um, santa Mãe Terra! Quem sabe se, agora que a guerra terminara, Thrall não começaria a pensar em ter uma companhia e um herdeiro?

— Como nossa xamã favorita se comportou em minha ausência?

— Até que bem — respondeu Baine. Falavam de Magatha. — Eu a observei com atenção. Teria sido uma hora propícia para ela criar problemas, mas não aconteceu nada.

Caerne grunhiu.

— Ainda pode haver. O jovem Garrosh Grito Infernal é um cabeça quente, e eu a vi sair sorrateiramente para conversar com ele.

— Eu ouvi dizer que ele é um guerreiro magnífico — disse Baine lentamente —, mas... — e sorriu — que *também* é um cabeça quente.

Os dois Cascos Sangrentos trocaram um sorriso. Caerne pousou a mão no ombro de Baine e apertou-o com força. Baine cobriu a mão do pai com a sua.

À frente deles, o Penhasco do Trovão se erguia majestosamente no céu do fim de tarde.

— Bem-vindo de volta, pai. Bem-vindo de volta.



O dia estava frio e um pouco fechado. Quando Jaina Proudmore subia os degraus acarpetados em azul e dourado da magnífica catedral de Ventobravo, começou a chover. Um trecho da escadaria estava bloqueado à espera de reparos após a Guerra Contra o Pesadelo, e a chuva tornava os degraus escorregadios. Jaina não ergueu o capuz para cobrir os cabelos dourados e deixou as gotas caírem suavemente em sua cabeça, escorrendo por seu rosto. Era como se o próprio céu chorasse pela cerimônia que estava para começar.

As duas jovens sacerdotisas que flanqueavam a porta sorriram e fizeram medidas.

— Grã-senhora Jaina — disse a jovem humana à direita, gaguejando um pouco; mesmo com o tom escuro de sua tez, era possível notar que ela corava. — Não nos disseram que a senhora viria... a senhora deseja sentar com Sua Majestade? Tenho certeza de que ele ficará feliz com sua companhia.

Jaina ofereceu à jovem um sorriso cândido.

— Obrigada, mas não. Fico feliz de sentar junto aos outros.

— Então pronto — respondeu a sacerdotisa anã, oferecendo-lhe uma vela apagada. — Aceite isso, minha senhora, e fique à vontade para sentar onde quiser. Nós estamos muito contentes pela senhora estar aqui.

O sorriso dela era genuíno, embora contido, devido à solenidade do momento. Jaina pegou a vela e entrou na catedral, deixando algumas moedas de ouro na bandeja próxima às sacerdotisas.

Ela suspirou profundamente; graças à umidade do ar, o cheiro de incenso estava ainda mais forte que o normal, e era mais escuro lá dentro do que ela lembrava, considerando que o nome do local era Catedral da Luz. As velas produziam fumaça ao queimar, e Jaina olhou para as fileiras de bancos procurando um lugar vago, se perguntando se deveria ter recusado

a oferta da jovem sacerdotisa tão rápido. Ah, ali havia um banco. Avançou pela nave lateral e fez sinal de agradecimento a um casal de gnomos idosos, que se afastou um pouco para lhe abrir espaço. Dali, tinha uma visão excelente, e sorriu ao ver os vultos conhecidos do rei Varian Wrynn e seu filho, Anduin, entrando o mais discretamente possível de um cômodo contíguo.

Claro que Varian jamais poderia ser considerado “discreto”. Não era sem motivo que, ao encontrá-lo quase afogado e inconsciente havia mais de um ano, o orc Rehgar Fúria da Terra decidira que ele seria um excelente gladiador. Desmemoriado, Varian tinha se adaptado bem àquele estilo de vida brutal. Sem que ele soubesse, sua personalidade fora dividida em duas: Varian, a mando da dragonesa Onyxia, e Lo’Gosh, um guerreiro poderoso e temível. Varian reteve os modos, o conhecimento e a etiqueta; Lo’Gosh (uma palavra taurahe que significava “lobo fantasma”, em honra a uma criatura lendária e feroz) reteve toda a perícia em batalha. Varian era elegante; Lo’Gosh, violento. Varian era sofisticado; Lo’Gosh, brutal.

As duas metades foram reunidas por fim, mas de maneira imperfeita. Às vezes, parecia que Lo’Gosh dominava totalmente aquele corpo alto e robusto. Mais do que nunca, o rei Varian Wrynn, com cabelos castanhos presos em um coque alto e uma cruel cicatriz cortando horizontalmente o rosto outrora bonito, chamava a atenção em qualquer ambiente.

Anduin contrastava enormemente com o pai. Era pálido, magro e tinha cabelos claros; estava um pouco mais alto que na última vez que Jaina o vira. Embora nem chegasse perto do tamanho elevado do pai —Jaina imaginou que ele sairia mais à mãe esguia, jamais se tornando o homem grande que Varian era —, ele era um rapaz agora, não mais uma criança. Anduin trocou cumprimentos e sorrisos com o Irmão Sarno e o jovem Thomas enquanto ele e o pai iam em direção aos seus lugares. Talvez se sentindo observado, franziu o cenho levemente, olhou ao redor — e seu olhar encontrou o de Jaina. Anduin sabia o bastante sobre os protocolos que os príncipes deviam seguir para não sorrir abertamente, mas seus olhos se animaram e ele acenou levemente para ela.

Todos voltaram o olhar do rei e do seu filho para o arcebispo Benedictus, que tinha entrado e ia lentamente em direção ao altar. Seu porte corpulento e robusto fazia pensar mais em um fazendeiro que em um homem santo. Não parecia caber direito em suas esplêndidas vestes em branco e dourado, aparentando um certo desconforto. Mas, quando começou a falar, e sua voz, calma e serena, ecoou pela catedral, ficou claro que se tratava de um escolhido da Luz.

— Caros amigos da Luz, vocês todos são bem-vindos aqui, nesta bela catedral que não

recusa ninguém que venha com o coração aberto e o espírito humilde. Este local já viu muitas ocasiões de alegria, e muitas de tristeza. Hoje nós nos reunimos para honrar os que tombaram, para lembrá-los, lamentar sua morte e respeitar os sacrifícios que fizeram por nossa Aliança e por Azeroth.

Jaina olhou para as mãos, juntas em seu colo. Aquele fora um dos motivos pelos quais ela não quisera ficar em um local visível da catedral. Seu romance com Arthas Menethil não tinha sido esquecido — não quando ele ainda era um príncipe, certamente não quando ele se tornara o Lich Rei, e não agora que fora derrotado. Era por causa dele que a triste cerimônia se fazia necessária. Alguns rostos se voltaram para ela, reconhecendo-a e lançando olhares de compreensão em sua direção.

Não se passava um dia sem que Jaina pensasse nele, se perguntando se havia algo que ela poderia ter feito, algo que poderia ter dito, para fazer o outrora bondoso paladino sair do caminho das trevas. Seu sentimento voltara-se contra ela durante a Guerra Contra o Pesadelo, aprisionando-a em um sonho no qual ela havia de fato conseguido impedir Arthas de se tornar o Lich Rei... tornando-se a Lich Rainha em seu lugar.

Ela tremeu, expulsando as lembranças daquele sonho horrível, e voltou a se concentrar no arcebispo.

—...as terras gélidas do norte — dizia Benedictus. — Eles enfrentaram um terrível inimigo, com um exército que ninguém acreditava que seríamos capazes de vencer. No entanto, graças às bênçãos da Luz e à coragem simples dos homens e mulheres, entre humanos, anões, elfos noturnos, gnomos, draeneis; e até mesmo dos membros da Horda, nós estamos na segurança de nosso lar novamente. Os números são impressionantes, e mais relatórios chegam todos os dias. Para se ter uma ideia das baixas que sofremos, cada um de vocês recebeu uma vela. Cada vela representa não uma, nem dez... mas *cem* vidas da Aliança perdidas na campanha de Nortúndria.

Jaina perdeu o fôlego e fitou a vela apagada, presa por mãos que agora começavam a tremer. Olhou ao redor... devia haver pelo menos duzentas pessoas na catedral, e ela sabia que havia mais gente se reunindo do lado de fora, desejando participar da cerimônia embora o lugar já estivesse lotado. Vinte, trinta, talvez quarenta ou cinquenta mil pessoas... mortas. Fechou os olhos por um instante e se voltou para o arcebispo, dolorosamente consciente de que o casal de gnomos ao seu lado a estava encarando e cochichando alguma coisa.

Quando ouviu vozes mais altas e arquejos assustados nos fundos da catedral, foi quase um alívio. Jaina se virou e viu duas Sentinelas aparentemente cansadas de viagem conversando animadamente com as duas sacerdotisas. Ao se erguer para deixar a catedral

discretamente, viu Varian se aproximando.

A sacerdotisa humana, aparentemente contra a vontade da anã, que parecia contrariada, estava conduzindo as duas Sentinelas para um aposento do lado esquerdo. Jaina se apressou para juntar-se a elas. Quando ela chegava à porta para o outro cômodo, Varian se aproximou. Não havia tempo para saudações, mas eles trocaram olhares de reconhecimento.

Varian se voltou para os paladinos que também haviam se aproximado.

— Lorde Grayson — disse ao homem alto de cabelos escuros e tapa-olho —, traga comida e bebida para elas.

— Sim, senhor — respondeu o paladino, apressando-se para cumprir a ordem pessoalmente. Essa era a postura dos paladinos: qualquer serviço, por mais humilde que fosse, era digno da Luz, se ajudasse alguém.

— Por favor, sentem-se — disse Varian.

A mais alta das elfas noturnas, de cabelos brancos e pele arroxeadada, balançou a cabeça.

— Obrigada, Majestade, mas não estamos aqui a passeio. Trazemos notícias ruins, e temos que voltar assim que possível.

Varian acenou, e sua postura ficou mais tensa.

— Podem falar.

A Sentinela aquiesceu.

— Eu sou a Sentinela Valarya Correflúvia. Esta é a Sentinela Ayli Murmufólia. Trazemos notícias de ataques da Horda no Vale Gris. O tratado foi violado.

Jaina e Varian se entreolharam.

— Quando assinamos o tratado, sabíamos que haveria alguns focos de resistência dos dois lados — disse Jaina, hesitante. — As fronteiras já há muito são fonte de...

— Eu não estaria aqui se o acontecido se tratasse de uma mera escaramuça, Grã-senhora Jaina Proudmore — retrucou Valarya, friamente. — Nós não nascemos ontem e estamos preparados para a luta esporádica. Mas não se trata disso. Foi um *massacre*. Um massacre, e a Horda ainda diz ser pacífica!

Os dois escutaram, Jaina arregalando os olhos cada vez mais e Varian fechando as mãos em punhos à medida que a história sangrenta se desenrolava. Uma dúzia de Sentinelas tinha sido emboscada enquanto protegia um comboio de ervas e minérios que passava pelas florestas verdejantes do Vale Gris. Nenhuma sobrevivera. Suas mortes só foram descobertas no segundo dia de atraso do comboio. As carroças e seu conteúdo tinham sumido.

Valarya fez uma pausa e respirou fundo, como se tentando se acalmar. Sua irmã

Sentinela aproximou-se e apertou seu ombro. Varian fez uma careta, mas Jaina insistiu.

— Sem dúvida é uma violação do tratado — disse Jaina — e precisa ser levada ao conhecimento de Thrall. Mas, mesmo assim, ainda não vejo por que isso seria um “massacre” em vez de um incidente lamentável, mas infelizmente comum.

Ayli franziu o cenho e virou o rosto. Jaina olhou de uma para a outra. Elas eram guerreiras, que provavelmente já conheciam o horror da guerra desde antes de Jaina nascer. O que as havia deixado tão perturbadas?

— Digamos, Grã-senhora Proudmore — respondeu Valarya, com os dentes cerrados —, que não conseguimos recuperar os corpos.

Jaina engoliu em seco.

— Por que não?

— Porque eles foram metodicamente cortados em vários pedaços — continuou Valarya —, e os pedaços foram levados por comedores de carniça. Isso foi *depois* de eles terem sido esfolados. Não sabemos se estavam vivos na hora ou não.

Jaina levou a mão à boca, sentindo a bile subir pela garganta. Aquilo era mais que obsceno, mais que uma atrocidade...

— As peles estavam penduradas em uma árvore próxima como num varal. E na árvore, havia símbolos da Horda, escritos com sangue élfico.

— *Thrall!* — gritou Varian. Ele se aproximou de Jaina e a encarou. — Ele autorizou isso! E você me impediu de matá-lo quando eu tive a chance!

— Varian — disse Jaina, esforçando-se por não vomitar —, eu lutei ao lado dele. Eu ajudei a negociar tratados com ele. Tratados que ele sempre honrou. *Nada* nessa história parece com *nada* do que ele faria. Nós não temos prova nenhuma de que ele aprovou esse ataque e...

— Não temos prova? Jaina, isso foi coisa de orc. Ele é um orc, e é o líder da maldita Horda!

O estômago de Jaina se acalmara, e ela sabia que estava certa.

— Os Défias são humanos — retrucou, com bastante calma. — E você é responsável pelas ações deles?

Varian recuou como se atingido por um golpe. Por um instante Jaina achou que o tinha alcançado. Os Défias eram inimigos pessoais de Varian e tinham tomado coisas muito caras a ele. Então suas sobrancelhas se aproximaram em uma expressão de desprezo, tornada ainda mais brutal pela cicatriz que lhe cortava o rosto. Varian já não parecia ele mesmo.

Parecia Lo’Gosh.

— Você tem a ousadia de me lembrar disso — rugiu.

— Tenho. Alguém tem que fazer você cair em si. — Ela não enfrentou a raiva de Lo’Gosh, a parte de Varian que era fria e ríspida e violenta, com mais raiva. Enfrentou sua raiva com o pragmatismo que havia salvado sua vida e a de terceiros por vezes sem conta.

— Você é o líder do reino de Ventobravo, o mais poderoso da Aliança. Thrall lidera a Horda. Você pode fazer leis, regras, tratados, e ele também. Mas Thrall não pode controlar as ações de cada um dos seus cidadãos, nem você pode. Ninguém pode.

Lo’Gosh fez uma careta.

— E se você estiver errada, Jaina? E se eu estiver certo? Você já errou em seus julgamentos de caráter antes.

Agora foi a vez de Jaina travar, atordoada, ao ouvir as palavras. Ele estava atirando Arthas na cara dela. Era assim que Lo’Gosh lutava, era assim que vencida os combates de gladiadores — jogando sujo, usando tudo ao seu alcance para vencer. O pesadelo retornou à mente de Jaina, e ela se esforçou para rechaçá-lo, respirando fundo e se recompondo.

— Muitos de nós conhecíamos Arthas, e bem, Varian. Incluindo você. Você conviveu com ele por anos. Você não viu o monstro que ele se tornaria. Nem o pai dele, nem Uther.

— Não, não vi. Mas não estou cometendo o mesmo erro de novo, e você está. Diga-me, Jaina, se você tivesse percebido o que Arthas se tornaria... você teria tentado detê-lo? Você teria tido coragem de matar seu amado, ou teria simplesmente ficado à parte, buscando a paz a qualquer custo, uma pacifistazinha débil que...

— Pai!

A palavra, gritada em um tom de tenor juvenil, estalou feito um chicote. Varian se voltou.

Anduin estava postado no umbral. Seus olhos azuis estavam arregalados, sua face, sem cor. Mas havia mais que uma expressão de choque em seu rosto: havia amargo desapontamento. Varian mudou diante de Jaina. Em um instante, a fúria gélida de Lo’Gosh se fora. Sua postura mudou, e ele se tornou Varian outra vez.

— Anduin... — A voz de Varian estava firme, mas marcada por preocupação e um traço de remorso.

— Deixe para lá — respondeu Anduin, enojado. — Fique aqui e... faça o que for que você estava fazendo. Eu vou lá fora me portar de maneira que nosso povo veja que *alguém* se importa com nossas perdas. Mesmo que seja um pacifistazinho débil.

Ele se virou e saiu rapidamente. Por um instante, agarrou uma das jambas da porta. Jaina o viu se empertigar e passar a mão pelos cabelos, se recompondo e assumindo uma

postura de serenidade com a mesma naturalidade com que colocaria a coroa na cabeça. Ele tivera que crescer tão rápido. As duas Sentinelas se entreolharam rapidamente. Varian ficou parado um instante, encarando o local onde se postara seu filho. Deu um suspiro profundo.

— Jaina, por que você não volta também? — Ele sorriu um pouco ao ver a expressão de incerteza no rosto dela. — Não se preocupe. As Sentinelas e eu conversaremos com cuidado sobre o que deve ser feito.

Jaina aquiesceu.

— Mas depois... eu posso falar com você?

— É claro. — Voltou-se para as duas elfas. — Podem continuar. Quando os ataques aconteceram?

A conversa prosseguiu em um tom mais baixo. Varian escutava tudo o que era dito, mas não se irritaria tão facilmente de novo. Jaina se voltou e saiu discretamente do aposento. Mas não retornou ao mesmo banco onde estivera. Em vez disso, ficou nos fundos da catedral, discretamente envolvida pelas sombras, observando e escutando, fazendo o que ela sabia fazer melhor... pensando.



Uma hora depois, a cerimônia terminou. Ela não quisera permanecer até o fim, mas percebera que tinha que ficar por pelo menos duas pessoas. Uma, ela mesma. Na metade do sermão, ela se viu de cabeça baixa com lágrimas no rosto, lamentando os que deram tudo de si para enfrentar o mal; lamentando pelo homem sincero que Arthas Menethil já fora. E com as lágrimas, ela encontrou uma sensação de paz que até então desconhecia.

Quanto à outra pessoa...

Ela retornou ao pequeno aposento onde Varian recepcionara as Sentinelas. As elfas tinham ido embora, mas o rei de Ventobravo ainda estava lá. Ele sentava-se a uma mesa pequena, a cabeça entre as mãos. Ergueu o rosto ao senti-la se aproximar discretamente e lhe lançou um sorriso cansado.

— Eu sinto muito por ter me descontrolado mais cedo.

— E faz bem.

Ele assentiu, reconhecendo a verdade daquelas palavras.

— Eu realmente sinto muito. O que eu disse foi inapropriado e falso.

Jaina acalmou-se um pouco.

— Desculpas aceitas. E eu não sou a única pessoa a quem você deve desculpas.

Ele fez uma careta, mas concordou.

— Eu preferia que ele não tivesse visto aquilo, mas o que está feito está feito.

Jaina sentou-se na cadeira à frente de Varian, disposta a ouvir.

— Conte o que aconteceu.

Ele contou. Concordara em enviar vários alquimistas ao Vale Gris para ajudar os elfos noturnos a vasculharem o local do massacre, examinando sangue e roupas. Um emissário desarmado seria mandado, sem dúvida morrendo de medo, para fazer um inquérito perante

Thrall.

— Bastante... moderado de sua parte — comentou Jaina.

— Minhas ações devem seguir o que sei, não o que suspeito. Se Thrall estiver por trás dessa chacina, acredite, eu marcharei sobre Orgrimmar e arrancarei sua cabeça. Não me importa se tenho ou não autorização para isso, eu o farei.

— Se ele for o responsável, eu marcharei ao seu lado — disse Jaina. Ela tinha certeza de que Thrall ficaria tão chocado e horrorizado com o ataque quanto Varian e ela mesma tinham ficado. Mesmo não sendo amigo de Varian, ele sempre fora um inimigo honrado. Jamais autorizaria uma violação do tratado, muito menos um ataque tão brutal.

Ela mudou de assunto.

— Eu gostaria de falar sobre Anduin.

Varian assentiu.

— Anduin é um diplomata nato. Ele compreendeu a necessidade de irmos à guerra em Nortúndria, mas ele ansiava e ainda anseia pela paz. E eu pareço incapaz de ansiar por nada mais além da guerra. As coisas estavam bem quando eu voltei, mas...

— Bom, ele é um adolescente ainda — disse Jaina, suavemente.

— Ele sofreu com a morte de Bolvar. Sofreu muito.

Ao ouvir o nome, ela sentiu-se desconfortável.

— Eu notei que eles se tornaram bem próximos durante o período em que fiquei afastado. Bolvar foi como um pai para Anduin.

— Ele... sabe?

Varian balançou a cabeça.

— E espero que nunca descubra.

Quando o Lich Rei finalmente fora derrotado, uma terrível verdade veio à tona — a revelação de que sempre era preciso haver um Lich Rei, ou o Flagelo se espalharia sem controle pelo mundo. Alguém precisava assumir aquele papel, tornar-se o novo Lich Rei, ou tudo pelo que eles tinham lutado seria em vão.

Bolvar — salvo pela chama dos dragões vermelhos, mas com o corpo terrivelmente deformado, uma brasa viva em formato vagamente humano — insistira em tomar para si a terrível tarefa. E era Bolvar quem agora usava a coroa do Lich Rei, sentado no topo do mundo, para sempre transformado em carcereiro dos mortos-vivos. Mesmo agora, os olhos azuis de Jaina ficavam cheios de lágrimas com a lembrança.

— Anduin passou um mau pedaço — disse Jaina, com a voz embargada. Pigarreou e prosseguiu: — Mas Bolvar não era o pai dele. Você é, e eu sei que ele está feliz com sua

volta. Mas...

— Mas ele quer *o pai* de volta, não Lo’Gosh. Eu entendo perfeitamente. Porém Jaina... às vezes eu não sei onde um termina e o outro começa. Eu... não gosto de ter o rapaz por aqui antes de conseguir resolver esse dilema.

— Eu pensei o mesmo. E tive uma ideia...

Jaina cobriu a cabeça com o capuz ao sair da catedral. Ainda estava chovendo, e havia piorado um pouco. Aquilo não a incomodou, pois, vivendo em Theramore, já se acostumara ao clima úmido.

Tendo se teleportado até Ventobravo, ela não tinha um palafrém à disposição, de forma que caminhou rapidamente pelas ruas úmidas em direção à Bastilha Ventobravo. A caminhada não era longa, mas acabou pisando em algumas poças, e, ao chegar, já estava completamente ensopada e tremendo de frio.

Os guardas a conheciam e acenaram com polidez quando ela entrou. Os servos logo se adiantaram, oferecendo-se para pegar sua capa e trazer-lhe algo quente para beber. Ela recusou as ofertas com um sorriso gentil e agradeceu-lhes a atenção. Como era uma visitante conhecida, não lhe perguntaram aonde ia quando pediu algumas orientações.

Jaina passou pelas áreas comunais e pela sala do trono e chegou aos aposentos particulares do castelo. Tendo chegado ao seu destino, ela ajeitou o cabelo molhado e bateu à porta de Anduin.

Não houve resposta imediata. Tentou novamente.

— Anduin? Sou eu, Jaina.

Ela ouviu passos suaves se aproximando, e então a porta se abriu um pouco. Solenes olhos azuis se fixaram em Jaina e depois relancearam para o espaço mais atrás dela.

— Eu vim sozinha — garantiu. Anduin fez um sinal com a bela cabeça e recuou para deixá-la entrar.

A bastilha Ventobravo era bastante luxuosa, pensava ela, embora não chegasse aos pés do outrora magnífico palácio de Lordaeron. Jaina se lembrou dos aposentos do príncipe Arthas ao ver o quarto austero de Anduin. Ele fora príncipe a vida toda e rei por algum tempo, quando Varian desaparecera, mas seus aposentos eram simples e despojados. A cama era pequena, mais adequada a uma criança que ao jovem que era agora. Ele logo precisaria de uma maior, pensou; estava crescendo rápido feito hera. A cama não tinha dossel, nem havia quadros nas paredes, exceto um: um retrato de Anduin e sua mãe, a rainha Tiffin, pintado quando o rapaz ainda era uma criança. Jaina conjecturou que a rainha morrera

pouco depois de o retrato ser pintado, atingida por uma pedra arremessada durante uma revolta dos Défias. Fora aquele incidente que ela mencionara mais cedo a Varian, tentando fazê-lo entender a posição em que Thrall se encontrava. O filho de Tiffin jamais a conhecera.

Havia um criado-mudo simples com uma jarra d'água e uma bacia à cabeceira da cama. Um braseiro apagado estava a um canto, pronto para combater o frio do quarto no inverno. Uma porta dava para outro cômodo. Jaina presumiu que as roupas e outros pertences de Anduin ficavam guardados lá, uma vez que não vira nada do tipo no quarto onde se encontravam, nem mesmo um guarda-roupa. No centro, havia uma única cadeira ao lado de uma mesinha, em cima das quais repousavam livros, pergaminhos, tinta e uma pena. Anduin retirou educadamente os objetos da cadeira para Jaina sentar-se, tomou a capa úmida dela e a pendurou. Então ficou de braços cruzados ao lado da cadeira. Obviamente, ainda estava aborrecido com a conversa que tivera mais cedo com o pai.

— Você está ensopada — disse, sem emoção. — Vou pedir chá, sim?

— Obrigada. Eu apreciaria bastante.

Ela ofereceu um sorriso.

Ele o devolveu, mas ainda de um jeito forçado, que não se transmitiu aos seus olhos. Puxou uma corda trançada que ficava ao lado da porta.

— Minha nossa, da próxima vez que eu vier, você vai estar tão grande quanto seu pai — brincou Jaina, esperando abrandar o humor de Anduin. Ela se ajeitou na cadeira.

Ele fez uma careta.

— Qual versão do meu pai? — A voz dele era calma e modulada como cabia a um príncipe, mas as palavras eram mordazes, e Jaina, que o conhecia muito bem, franziu o cenho.

— Seu pai está sem jeito por você ter testemunhado aquilo — disse ela, gentilmente.

— Tenho certeza de que está — respondeu Anduin, com o mesmo tom de voz. — Mas eu já testemunhei muita coisa a essa altura.

Ele postava-se alto e ereto, com as mãos atrás das costas. Já estaria prometido a alguém? Jaina percebeu que não sabia. Esperava que não. Anduin estava certo. O príncipe testemunhara muitas coisas em sua curta vida, e ela esperava que ele ainda tivesse algum tempo para aproveitar sua meninice.

— Ah, por tudo o que há de sagrado — disse ela, acenando um tanto irritada para ele. — Você está me deixando nervosa, em pé aí feito um dois de paus. Sente ali na cama e converse comigo direito. Você sabe que eu não sou de cerimônia.

Como gelo se rachando com os primeiros raios do sol de primavera, um pequeno

sorriso apareceu no canto dos lábios de Anduin. Ela piscou para ele. O sorriso se abriu completamente, ainda um tanto tímido, mas franco.

Houve uma leve batida na porta. Uma serva de cabelos grisalhos estava à espera.

— Precisa de algo, Alteza?

— Chá de botão-da-paz. Duas xícaras. Ah! — Ele se voltou para Jaina. — Você está com frio? Posso mandar Wyll acender o braseiro.

Jaina ergueu uma sobrancelha e fez um gesto na direção do braseiro, que se acendeu imediatamente.

— Não é necessário, mas obrigada.

Ele riu ao ver aquilo.

— Eu esqueci. Então só chá, por favor. Ah, e pão com mel. E queijo de Dalaran. E umas maçãs.

Jaina ficou tocada. Anduin lembrava que maçãs e queijo eram seu lanche favorito.

— Obrigada.

Jaina disfarçou o sorriso. Definitivamente, o rapaz estava crescendo. Quando Wyll saiu, Anduin obedeceu a seu pedido, sentando-se confortavelmente na cama e observando-a com aqueles olhos azuis que enxergavam mais do que os adultos imaginavam.

— Pronto, bem melhor. Eu não vim para lhe passar um sermão nem me desculpar por seu pai — continuou Jaina. — Eu vim lhe oferecer alguma diversão, digamos assim.

Ele ergueu uma sobrancelha dourada.

— Ah? Diversão? — Ele pronunciou a palavra com uma falta de familiaridade exagerada. — O que seria isso, pode me dizer?

— Uma coisa que você precisa experimentar mais. Seu pai está mesmo aborrecido por você ter testemunhado aquilo. Eu e ele conversamos um pouco e decidimos que talvez você gostaria de se afastar um pouco dos problemas de vez em quando.

Ele a olhou com curiosidade.

— O que exatamente você tem em mente?

— Você gostaria de ir me visitar em Theramore? — Anduin fora a Theramore uma vez, durante uma terrível tempestade, para participar de conferências de paz que foram violentamente interrompidas. Jaina esperava mudar as lembranças que Anduin tinha para outras mais positivas.

Mas Anduin parecia ter a resistência da juventude, pois, em vez de mostrar-se aborrecido, ele pareceu se alegrar.

— Visitar a fronteira de novo? Eu gostaria muito! Da última vez não pude conhecer

nada direito. Tem havido muitas lutas com dragões?

— Quase nenhuma — disse Jaina, suspirando comicamente. — Mas tenho certeza de que há bastante encrenca para um rapaz de 13 anos se meter.

— Quase treze e meio — corrigiu Anduin, com toda a seriedade.

— Perfeitamente.

— Mas... é uma viagem bem longa.

— Não para os magos.

— Bom, não, claro que não. Não quis dizer para *você*, tia Jaina. Quis dizer para mim.

Ela sorriu para Anduin.

— Eu tenho uma coisinha aqui que vai facilitar a viagem. — Ela remexeu na bolsa que trazia ao cinto e retirou de lá um pequeno cristal ovoide coberto de runas azuis.

— Aqui. Pegue!

Jaina arremessou a pedra na direção de Anduin, que a pegou facilmente.

— Bonita — disse, examinando-a e passando o dedo pelas runas.

— Bonita e bem rara. Não a segure com força. Não feche a mão ainda. Reconhece as runas?

Anduin observou a pedra.

— Tem o seu nome e a palavra... “lar” — respondeu.

— Isso mesmo. Vejo que você anda progredindo nos estudos. Eu mandei fazer só para você. Mesmo antes de... hoje, eu já pensava que você de vez em quando podia ir visitar sua velha tia Jaina.

Com uma expressão de repreensão no rosto, Anduin afastou um cacho loiro dos olhos.

— Você não é velha.

— E você continua um diplomata — respondeu ela, sorrindo. — Mas como eu dizia... a pedra é um artefato mágico, se chama “pedra de regresso”.

— Mas a *runa* diz “lar”.

— “Pedra do Lar” ficaria estranho, faz pensar num mineral fazendo faxina. “Pedra de Regresso” é mais musical.

Anduin riu, revirando a pedra de regresso na palma da mão. Em um ligeiro tom de desdém, disse:

— Bem coisa de mulher se preocupar com essas coisas...

— Reinos já surgiram e desapareceram por menos.

— De fato — aquiesceu ele. — Então, como funciona essa pedra de regresso?

— Feche bem a mão em volta da pedra e se concentre.

Anduin obedeceu. Jaina se ergueu e foi até ele, tomando-lhe a mão. Uma fraca luz azul brilhou na mão dela, depois na do príncipe.

— Isso vai vincular a pedra a você — disse Jaina. Ele fez um gesto de compreensão. — Concentre-se. Receba a pedra. Torne-a sua.

Ela sentiu a mudança, dela para ele, e sorriu com serenidade ao soltá-lo.

— Pronto. É sua agora.

Anduin olhou novamente para o objeto, sorrindo fascinado.

— É completamente mágico, não é? Não é uma engenhoca gnômica?

Jaina aquiesceu.

— Temo que ela só levará você até Theramore. De lá, podemos teleportar você de volta.

— Não vamos querer que os anões e seus grifos comecem a falir, não é verdade? — disse Anduin, com o estranho pragmatismo que o acometia às vezes.

— Escolha bem os horários para usar. — Ela se ergueu. — A pedra vai deixar você bem no meio da minha sala. Um bom horário é o meio da tarde.

Ele continuou a fitar a pedra, sorrindo, e Jaina sentiu o coração desanuviar. Definitivamente fora a coisa certa a fazer. Ela estendeu os braços para ele. Anduin saiu da cama e a abraçou. Ele estava crescendo, pensou ao sentir seus ombros, mais largos do que ela se lembrava. O garoto apoiou a cabeça em seu ombro. Não conhecera nada além de desafios, dificuldades e perdas, mas ainda conseguia sorrir, abraçar a “tia”, se animar com a perspectiva de uma visita à fronteira.

Luz, que ele continue menino mais um pouco. Que ele prove um pouco de paz antes de assumir responsabilidades adultas... outra vez.

— Você vai acabar se arrependendo disso, tia Jaina — disse ele, afastando-se e encarando-a com seriedade.

O coração de Jaina bateu mais forte ao ouvir isso.

— Por que você acha isso, Anduin?

— Porque eu provavelmente vou acabar indo visitar você *o tempo todo*.

Jaina sorriu, aliviada.

— Isso eu acho que consigo aguentar.

Jaina Proudmore, governante de Theramore e feiticeira poderosa, sorriu como uma garotinha e bagunçou o cabelo loiro brilhante do príncipe de Ventobravo.



O clima estava seco, e os céus, parcialmente claros, e a dupla de orcs cavalgava calmamente pelo Pântano Vadeoso. Eram orcs machos, um velho e um jovem. Ambos pareciam já estar vagando por semanas no pântano com suas roupas velhas e manchadas. Enrolavam-se em mantos enormes, uma sábia precaução em um lugar onde chovia tanto. Os lobos, no entanto, tinham um pelame brilhante e pareciam saudáveis e robustos demais para pertencer a dois mestres tão evidentemente paupérrimos, embora também estivessem imundos de lama, depois de sabe-se lá quanto tempo avançando pelo lodo dos charcos.

A jornada terminou quando chegaram à Enseada da Fúria das Marés, de onde nadariam até uma das pequenas ilhas na costa. Os cavaleiros desmontaram e partiram nadando ao lado dos lobos. Quando atingiram terra firme, os orcs se afastaram dos lobos, que se sacudiram vigorosamente para secar o pelo.

O orc mais jovem pegou uma luneta e a ergueu até o rosto.

— Bem a tempo — disse.

Um pequeno barco se aproximava. Nele, estava uma única figura esguia, usando um manto que escondia sua forma, parecido com os dos orcs. Mas mãos pálidas, pequenas e lisas indicavam que o ocupante solitário da embarcação era uma fêmea — e humana.

O orc mais jovem entrou na água quando o barco da humana se aproximou. Ele agarrou a proa com facilidade e puxou-o com firmeza para a costa, estendendo a mão para ajudar a humana. Sem hesitar, ela agarrou a mão enorme e áspera por dois dedos e deixou que o orc a ajudasse.

Ao sair do barco, ela retirou o capuz, revelando brilhantes cabelos dourados e um sorriso igualmente brilhante.

— Thrall — disse Jaina Proudmore, calorosa. — Um dia, nós vamos nos encontrar em

circunstâncias melhores.

— Se os ancestrais quiserem, esse dia não custará a chegar — grunhiu Thrall, e sua voz em tom baixo demonstrava afeição. Ele retirou o capuz, revelando um forte rosto órquico hirsuto e olhos tão azuis quanto os dela.

Jaina apertou a mão dele e a soltou, voltando-se para o outro, um orc mais velho, com cabelos brancos unidos em um coque e uma barba rala.

— Eitrigg — disse ela, e fez uma pequena medida.

— Grã-senhora. — Sua voz era mais fria que a de Thrall, mas ainda amigável. Com um aceno, ele caminhou até um ponto mais alto, para ficar de guarda enquanto o chefe guerreiro e a feiticeira humana conversavam.

Jaina voltou-se para Thrall de cenho franzido.

— Obrigada por concordar em me encontrar aqui. Com os... acontecimentos recentes, achei melhor sugerir outro local de encontro, em vez do Monte Navalha. Ventobravo já sabe sobre o... incidente no Vale Gris.

Thrall rilhou os dentes, franzindo o cenho.

— Até *eu* já sei sobre o incidente no Vale Gris. — Sua voz denotava toda a fúria que sentia.

Jaina se permitiu um sorriso.

— Eu sabia que você não podia estar por trás disso. Que os boatos sobre o seu envolvimento eram falsos.

— É claro que são falsos! — Thrall cuspiu as palavras. — Eu jamais concordaria com tamanha barbaridade! E se eu faço um pacto com a Aliança, minha intenção é mantê-lo. — Ele suspirou e esfregou o rosto. — Mas... eu não posso mentir. Orgrimmar, os sertões... estão precisando desesperadamente de suprimentos. E há muitos suprimentos no Vale Gris.

— Mas esse não é o jeito de obtê-los — retrucou Jaina.

— Eu sei disso, mas parece que há outros que não entendem essas... sutilezas. Jaina, eu não autorizei essa incursão, e estou furioso com o nível de brutalidade empregado contra as Sentinelas. Eu lamento profundamente a violação do tratado. Mas os resultados se mostraram... bastante populares.

— Populares? — Jaina arregalou os olhos. — Eu sei que alguns membros da Horda têm naturezas sanguinárias, mas... confesso que esperava mais do seu povo como um todo. Eu pensava que você...

— Eu fiz o que achei melhor... — disse Thrall, acrescentando baixinho: — ...mas agora eu tenho dúvidas. — Levantou a voz. — Nós temos um histórico violento, Jaina. E quanto

mais nosso destino nos força em direção à sobrevivência bruta, mais brutos temos que nos tornar.

— Você recebeu a mensagem de Varian?

Thrall franziu o cenho.

— Recebi.

Ambos sabiam o que a mensagem dizia. Para o seus padrões, Varian até tinha se mostrado bastante controlado na carta. Ele exigira que Thrall emitisse um pedido de desculpas formal, reafirmasse sua dedicação ao tratado, denunciasses as ações criminosas e entregasse os responsáveis para a justiça da Aliança. Varian então concordaria em perdoar a “violação óbvia do tratado criado para promover a paz e a cooperação entre nossos povos”.

— O que você vai fazer? Você sabe quem fez isso?

— Eu não tenho provas, mas tenho minhas suspeitas. Não posso aprovar essa conduta.

— Bom, é claro que não pode — disse Jaina, olhando para ele de um jeito incerto. — Thrall, o que houve?

Ele suspirou.

— Não posso aprovar essa conduta — repetiu —, mas não farei o que Varian quer.

Ela o encarou por um momento, de queixo caído.

— Como assim? Varian acha que você rompeu o tratado deliberadamente. O pedido dele foi razoável... ele vai ter a desculpa perfeita para piorar a situação! Podemos estar à beira da guerra!

Thrall ergueu a enorme mão verde.

— Por favor. Escute. Eu vou mandar uma mensagem a Varian, dizendo que não aprovei o ataque. Eu darei caça aos responsáveis. Eu não desejo a guerra. Mas não posso pedir desculpas pela violência infligida, nem entregarei os suspeitos para a Aliança. Eles são da Horda. Eles serão julgados pela Horda. Entregá-los a Varian... não. Seria trair a confiança do meu povo de uma maneira muito profunda. E francamente... seria errado. Varian jamais obedeceria a tal injunção se tivesse partido de mim, e com razão.

— Thrall, se você não deu a ordem, então você não é responsável, e...

— Mas eu *sou* responsável. Eu lidero meu povo. Uma coisa é repreender meu povo por violar a lei. Outra bem diferente é atacar o senso de identidade profundamente arraigado dele. A própria identidade dele. Você não entende o modo de pensar da Horda, Jaina — respondeu, sereno. — Minha criação me permite compreender como as coisas são vistas dos dois lados. Meu povo tem fome, tem sede e precisa de madeira para construir. Ele acha que foi injustiçado quando os elfos noturnos fecharam as rotas comerciais. O povo vê essa recusa

em permitir que as necessidades básicas sejam satisfeitas como um ato brutal, e alguém, em algum lugar, resolveu retaliar à altura.

— Massacrar elfos noturnos e esfolá-los é uma retaliação à altura para rotas comerciais fechadas? — Jaina ergueu o tom da voz.

— Rotas fechadas matam crianças de fome, fazem com que sejam expostas aos elementos e adoeçam. A lógica... eu entendo. E outros também. Se condenarmos o ataque abertamente, quando ele nos trouxe algo de que precisávamos tão desesperadamente... vai parecer que estamos fazendo pouco de nossa necessidade. Eu pareceria fraco, e, acredite, muitos gostariam de se aproveitar de um momento de vulnerabilidade como esse. Eu caminhei por uma trilha traiçoeira, minha amiga. Eu preciso repreendê-los, mas até um certo ponto. Eu vou me desculpar pela violação do tratado, mas não pelo roubo, nem pelas mortes, pelo modo como foram executadas.

— Eu... estou desapontada com o caminho que você escolheu, Thrall — disse Jaina, sendo completamente honesta.

— Sua opinião é muito importante para mim. Sempre foi. Mas, ainda assim, eu não vou lamber as botas de Varian, nem menosprezar as necessidades básicas e desesperadas de sobrevivência do meu povo.

Jaina ficou em silêncio por um longo momento, de braços cruzados, olhando para o chão. Então finalmente respondeu, e as palavras saíram lentas e amargas.

— Eu acho que entendo. Pela Luz, como eu odeio dizer isso. Mas uma coisa que *you* precisa entender é o quanto o incidente no portão da Ira prejudicou seu relacionamento com a Aliança. Nós perdemos quase cinco mil pessoas só no portão da Ira, Thrall. E mais, a perda de Bolvar Fordragon foi sentida a fundo por muitos de nós.

— Assim como a perda de Saurfang, o Jovem, foi sentida por nós — replicou Thrall. — Os melhores e mais brilhantes dos nossos, mortos na flor da vida, e então trazidos de volta como... bom. Não pense que a Horda escapou incólume desse conflito.

— Eu não penso. Mas... é difícil de aceitar. Principalmente quando tantos morreram pelas mãos da Horda, e não do Flagelo.

— Putriss não era da Horda! — rugiu Thrall.

— Muita gente não faz essa distinção. E mesmo agora há quem duvide. Você sabe disso.

Thrall concordou e rugiu baixinho. Jaina sabia que ele não estava furioso com ela, e sim com Putriss e os outros por trás do ataque. Os que juraram lealdade à Horda enquanto tramavam às suas costas.

— Então... com essa história, e agora esse incidente... vai ser duro para os líderes da Aliança confiarem em você — continuou ela. — Muitas pessoas, inclusive Varian, acham que você não fez o suficiente para lidar com a situação. Condenar publicamente todos os aspectos desse ataque faria um grande bem à imagem que a Aliança tem de você e da Horda. E convenhamos: não foi apenas uma briguinha. Foi horrível.

— Foi. E entregar criminosos suspeitos para a justiça da Aliança seria um horror do qual meu povo não se recuperaria. Seria uma vergonha para ele, e eu jamais farei isso. Tentariam me derrubar, e com razão.

Jaina olhou para Thrall, medindo-o.

— Thrall... eu acho que você não compreendeu a gravidade da situação. Não vai fazer bem nenhum aprovar tacitamente uma coisa que você acha ignóbil, se o resultado acabar sendo a guerra com a Horda. E Varian...

— Varian é um cabeça quente — reagiu Thrall.

— E Garrosh também.

O orc deu uma risada súbita.

— Eles dois são mais parecidos do que pensam.

— Bom, a cabeça quente dos dois pode acabar fazendo mais gente morrer... cedo demais, considerando Nortúndria.

— Você sabe que eu não desejo a guerra. Eu trouxe meu povo até aqui para evitar conflitos desnecessários. Mas, para ser sincero, não acho que Varian esteja disposto a me ouvir, de qualquer maneira. Ele não acreditaria em mim mesmo que eu condenasse os ataques publicamente, não é?

Ela não respondeu, e sua tristeza tornou seu rosto mais sombrio.

— Eu... eu o encorajaria a acreditar.

Thrall sorriu com tristeza e pousou gentilmente a enorme mão em seus ombros estreitos.

— Eu vou condenar a quebra da palavra da Horda... mas só isso. — Ele olhou para o pântano esqualido onde se encontravam. — Durotar foi o local que escolhi para proporcionar um novo começo ao meu povo. Medivh me disse para trazê-los para cá, e eu resolvi obedecer, embora não soubesse nada sobre o local. Quando chegamos, eu vi que era uma terra árida, nada verdejante, diferente dos Reinos do Leste. Mesmo em lugares com água, como este aqui, é difícil de viver. Eu escolhi permanecer aqui a despeito disso, para dar ao meu povo a chance de colocar seus espíritos à prova contra a terra. O espírito dele ainda se mantém poderoso, mas a terra... — Balançou a cabeça. — Acho que Durotar já deu tudo

de si. Eu preciso cuidar de lá, e do meu povo.

Os olhos de Jaina procuraram os dele. Ela ergueu a mão para afastar um cacho de cabelo dourado dos olhos, um gesto de menina, mas as palavras que o acompanharam eram as de uma líder.

— Eu sei que a Horda não funciona do mesmo jeito que a Aliança, Thrall, mas... se você encontrar uma maneira de fazer o que eu peço... você encontrará uma trilha que vai se fechar se você agir de outra forma.

— Há muitas trilhas abertas para nós o tempo todo, Jaina. Como líderes daqueles que confiam em nós, é nosso dever examinar cada uma delas.

Ela estendeu as mãos e Thrall as apertou com delicadeza.

— Então espero que a Luz o guie, Thrall.

— E eu espero que seus ancestrais protejam você e os seus, Jaina Proudmore.

A moça sorriu para ele, como outra humana loira fizera em um passado não muito distante, e voltou ao barco. Mas, ao empurrá-lo, Thrall imaginou ver um vinco na testa da amiga, que lhe dizia que ela ainda estava inquieta.

Ele também.

Thrall cruzou os braços e observou o barco sendo levado pelas águas. Eitrigg se uniu a ele silenciosamente.

— É uma pena — disse Eitrigg, aparentemente sem motivo.

— O quê?

— Que ela não seja uma orquisa. Forte e inteligente e com um grande coração... Uma líder de verdade. Ela teria filhos fortes e filhas valentes. Daria uma boa esposa, se assim escolhesse. Uma pena que ela não seja uma orquisa e não possa ser sua.

Thrall não pôde evitar. Inclinou a cabeça para trás e gargalhou, assustando alguns corvos empoleirados em uma árvore próxima. Eles alçaram voo, grasnando zangados e adejando as asas negras, e pousaram em um local mais quieto.

— Estamos saindo de guerras contra o Lich Rei e contra pesadelos — disse Thrall. — Nosso povo passa fome, sede e luta para não reverter ao barbarismo. O rei de Ventobravo acha que eu sou um monstro, e os elementos se recusam a escutar meus pedidos por respostas. E você fala de esposas e filhos?

O velho orc não pareceu se incomodar com o gracejo.

— E que hora melhor? Thrall, tudo agora está incerto. Inclusive o seu lugar como chefe guerreiro da Horda. Você não tem esposa, nem filhos, ninguém para perpetuar seu sangue caso você vá para junto dos ancestrais. Você sequer parece interessado nisso.

Thrall grunhiu.

— Eu tenho outras coisas com que me preocupar em vez de casos amorosos e engravidar esposas — respondeu.

— Como eu disse... é justamente por essas razões que pensar nisso é importante. E também, há um conforto e uma clareza de pensamento que encontramos nos braços da companheira que não encontramos em mais nenhum lugar. O coração não se insufla tanto quanto quando ouvimos a risada dos nossos filhos. Essas são coisas que você vem deixando de lado por tempo demais, talvez. Coisas que eu conheci, embora tenham sido tomadas de mim. Eu não trocaria tal conhecimento por nada nessa vida nem na próxima.

— Eu não preciso de sermões — grunhiu Thrall.

Eitrigg deu de ombros.

— Talvez não. Talvez seja você quem precise falar, e não eu. Thrall, você está angustiado. Eu estou velho e já aprendi muitas coisas. Uma delas foi ouvir.

Ele partiu em direção à água, e seu lobo o seguiu. Thrall ficou parado por um instante, e então partiu também. Ao chegarem à costa, os orcs montaram nos lobos e não disseram mais nada. Cavalgaram em silêncio por algum tempo, e o Chefe Guerreiro organizou seus pensamentos.

Havia algo que ele não contara a ninguém, nem mesmo a Eitrigg. Poderia ter contado a Drek'Thar se o xamã ainda estivesse de posse das faculdades. Mas não era o caso, e Thrall guardara aquilo para si mesmo, um nó gélido, um segredo temível. Por dentro, ele guerreava consigo mesmo.

Finalmente, depois de percorrerem certa distância, ele falou.

— Talvez você entenda, Eitrigg. Você também já interagiu com humanos sem ser em massacres. Eu vivo em dois mundos. Fui criado por humanos, mas nasci orc, e ganhei força dos dois lados. Eu *conheço* os dois lados. Antes, tal conhecimento me dava poder. Sem querer me gabar, posso dizer que tal conhecimento me tornou um líder singular, com habilidades singulares, capaz de trabalhar usando esses dois lados em uma época quando a união era imprescindível para a sobrevivência de toda Azeroth.

“Minha herança me serviu bem e, com minha liderança, serviu à Horda também. Mas... agora eu me pergunto... será que isso ainda lhe serve de alguma coisa?”

Eitrigg manteve os olhos na estrada e simplesmente grunhiu, indicando que Thrall podia continuar.

— Eu quero cuidar do meu povo, prover suas necessidades, mantê-lo a salvo para que possa se concentrar em suas famílias e rituais. — Deu um pequeno sorriso. — Para que

possam encontrar maridos e esposas e ter filhos. Todas as coisas a que seres pensantes têm direito. Não ter que ver os pais e filhos partindo para a guerra para nunca mais voltar. Os que ainda desejam guerras não veem o que eu vejo: que a Horda agora é constituída principalmente de crianças e velhos. Uma geração inteira quase completamente perdida.

Ele percebeu o cansaço na própria voz, e via-se que Eitrigg também, pois disse:

— Você parece... doente da alma, meu amigo. Não é coisa sua sentir tais dúvidas, nem entregar-se ao desespero.

Thrall suspirou.

— Parece que meus pensamentos são quase todos sombrios por esses dias. A traição em Nortúndria... Jaina não pode imaginar o quão atordoado, o quão chocado eu fiquei. Foi necessária toda a minha habilidade para que a Horda não se desintegrasse. Esses novos guerreiros... eles tiveram seus batismos de fogo contra mortos-vivos, o que é bem diferente de atacar um inimigo vivo, que respira e tem família e amigos, que ri e chora. É fácil para eles se tornarem insensíveis à violência, e mais difícil para eu sofreá-los com argumentos sobre compreensão e compaixão pelo próximo.

Eitrigg aquiesceu.

— Uma vez, eu me afastei da Horda por me sentir enojado com o amor à violência que então grassava por nosso povo. Eu vejo o que você vê, Thrall, e também tenho medo de que a história se repita.

Eles saíram das sombras do pântano e tomaram a estrada que seguia para o norte. O calor do sol escaldante os atingiu. Thrall olhou ao redor. O nome “Sertões” era muito apropriado para o local onde estavam. O terreno estava mais seco e mais queimado que nunca, mostrando poucos sinais de vida. Os oásis, salvação dos Sertões, tinham começado a secar tão misteriosamente quanto surgiram.

— Já não me lembro da última vez que senti chuva no rosto em Durotar — disse Thrall. — O silêncio dos elementos nessa hora em que algo está tão claramente errado... — Ele balançou a cabeça. — Eu me lembro da alegria e do espanto com que Drek'Thar me tornou um xamã. Mas, no entanto, não consigo escutar nada.

— Talvez as vozes dos elementos estejam sendo silenciadas por essas outras que você está ouvindo — sugeriu Eitrigg. — Às vezes, para solucionar muitos problemas, precisamos nos concentrar em um de cada vez.

Thrall pesou as palavras. Pareceram sábias aos seus ouvidos. Muita coisa poderia melhorar se ele entendesse o que havia de errado com a terra e pudesse ajudar a curá-la. Seu povo poderia comer, teria abrigos novamente. Não sentiria a necessidade de tomar daqueles

que já tinham ódio e amargura nos corações. A tensão entre a Horda e a Aliança poderia ser minimizada. E talvez Thrall pudesse se concentrar, como Eitrigg dissera, em seu próprio legado, sua própria paz e seu próprio contentamento.

E ele sabia exatamente aonde ir para ouvir.

— Só visitei a terra do meu pai uma vez — disse ao orc mais velho. — Eu me pergunto se não está na hora de fazer outra jornada até lá. Draenor testemunhou muito da dor e da violência causada pelos elementais. Talvez Terralém, como agora é chamada, ainda se lembre disso. A Grande Mãe Geyah é uma xamã poderosa. Ela poderia me guiar enquanto eu tento ouvir os elementos perturbados. E talvez eles tenham algum conhecimento, obtido com a dor de seu próprio mundo, que possa ajudar a sarar Azeroth.

Eitrigg grunhiu, mas Thrall o conhecia bem o suficiente para reconhecer o brilho em seus olhos como um sinal de aprovação.

— Quanto mais cedo você fizer isso, mais cedo vai ter um filhote para brincar nos seus joelhos. Quando você parte?

Sentindo o coração mais leve com a decisão que tomara, Thrall riu.



Jaina remava lentamente, perdida em pensamentos. Alguma coisa estava perturbando Thrall. Algo mais que a presente situação. Ele era um líder capaz e inteligente, com um grande coração e uma grande mente. Mas Jaina estava convencida de que sua aceitação tácita do violento ataque no Vale Gris não resultaria em nada de positivo. Ele manteria o apoio do seu povo, mas perderia o da Aliança — o pouco que ainda restava. Ela esperava que ele encontrasse e punisse os responsáveis rapidamente. Um segundo ataque seria desastroso.

Ela atracou, amarrou o barco e encaminhou-se em direção ao forte, absorta em pensamentos. Jaina se preocupava com Thrall e sua relação com a Horda. Em todo aquele tempo em que o conhecia, ele jamais parecera tão... incerto sobre sua capacidade de controlar seu povo. Jaina ficara atordoada com as conclusões às quais ele chegara sobre como proceder. Em seu íntimo, Thrall jamais apoiaria tamanha violência desnecessária. E assim, como poderia parecer leniente em público?

Jaina sorriu com cortesia para os guardas e subiu para a torre onde ficavam seus aposentos. E Varian — ele ainda estava lidando com a reintegração dos seus eus, e não muito bem, pelo que parecia. Teria sido melhor se ele tivesse obtido um período de calma, mas o destino não quisera assim. A Aliança fora empurrada para a guerra contra um homem — se ainda era possível chamá-lo assim — que já fora seu amigo de infância e que tinha chacinado dezenas de milhares. E quanto ao jovem Anduin? Ele era capaz, esperto e atento. Mas precisava de um pai que — bom, que *agisse* como um pai.

Ela entrou em seus aposentos, onde um vivaz fogo crepitava na lareira. Era o final da tarde, e ela não se surpreendeu ao ver que seus servos haviam preparado os apetrechos para o chá.

Mas se surpreendeu ao ver um jovem de cabelos claros, sentado com xícara e pires no

colo, que se voltou para ela com um sorriso endiabrado.

— Olá, tia Jaina — disse ele. — A pedra de regresso funcionou perfeitamente.

— Pelos céus, Anduin! — exclamou Jaina, pega de surpresa, mas feliz. — Só faz alguns dias desde que nos vimos!

— Eu avisei que você ia me ver o tempo todo.

— Bom, sorte a minha. — Jaina se adiantou, bagunçou o cabelo de Anduin e foi até a mesinha se servir de chá.

— E essa capa feiosa? — perguntou Anduin.

— Ah, bom — respondeu Jaina, pega de surpresa outra vez —, eu não queria atrair atenção. Aposto que às vezes você também não gosta que as pessoas saibam que é você cavalcando por aí.

— Eu não me importo. Mas também, eu não ando por aí me encontrando com orcs em segredo no meio do nada.

Jaina se virou de supetão, derramando chá.

— Como você...

— É! — Anduin parecia extasiado. — Eu acertei! Você foi se encontrar com Thrall!

Jaina suspirou e passou a mão pelas vestes, grata por serem roupas gastas e sujas, e não as que usava normalmente.

— Às vezes você é atento demais, sabia, Anduin? — perguntou ela.

Ele ficou sério.

— Foi assim que eu me mantive vivo — disse, factualmente. Jaina sentiu seu coração compadecer-se do rapaz, mas ele não buscava piedade.

— Eu tenho que admitir, estou surpreso de você ir encontrar com ele. Quer dizer, pelo que eu ouvi das Sentinelas, o ataque foi muito brutal. Não parece o tipo de ação que Thrall apoiaria.

Jaina foi para perto da lareira segurando sua xícara e puxou uma cadeira.

— É porque ele *não* apoiou.

— Então ele vai se desculpar e entregar os assassinos?

Jaina balançou a cabeça.

— Não. Ele vai se desculpar, mas pela quebra do tratado. Não pela maneira como o tratado foi quebrado.

Anduin ficou pasmo.

— Mas... se ele não foi o responsável nem aprova o ato... por que não? Isso não vai ajudar a conquistar a confiança de ninguém.

Nem um pouco, pensou Jaina, mas não disse.

— Uma das coisas que você vai aprender, Anduin, é que nem sempre é possível fazer o que se gostaria de fazer. Ou mesmo o que você acha que é a coisa certa a fazer... pelo menos, não imediatamente. Thrall com certeza não quer a guerra contra a Aliança. Ele quer cooperar em tudo que puder nos ajudar. Mas... a Horda pensa de maneira diferente da Aliança em muitos assuntos, e demonstrações de poder e força são essenciais para que a Horda aceite e apoie seus líderes.

Anduin franziu o cenho, olhando para sua xícara.

— Parece coisa de Lo'Gosh — murmurou.

— Ironicamente, sim. Esse aspecto do seu pai ficaria bem à vontade na mentalidade da Horda — disse Jaina. — Foi um dos motivos para ele ter se tornado tão popular em sua breve, ahm, carreira de gladiador.

— Então Thrall não pode arriscar condenar o ataque nesse momento, é isso? — Anduin jogou um biscoitinho coberto de geleia e creme na boca. Por um breve instante, Jaina se viu mais preocupada sobre se eles teriam salgadinhos e sanduíches suficientes para apaziguar o apetite de um garoto em fase de crescimento do que com a possível guerra. Ela suspirou. Quem dera cuidar do apetite de Anduin fosse seu problema mais premente.

— Basicamente é isso, sim. — Ela não quis revelar detalhes, e só acrescentou: — Mas eu sei que ele não foi o mandante, e sei que ele está estarrecido.

— Você... acha que ele vai deixar acontecer de novo?

Era uma pergunta séria, e merecia uma resposta séria e ponderada. Jaina levou algum tempo até responder.

— Não — respondeu por fim. — Isso é apenas minha opinião, mas... eu acho que ele foi pego de surpresa. E agora ele está alerta.

Anduin esvaziou a xícara e foi até a mesinha para se servir novamente, empilhando bolinhos e sanduíches no prato.

— Você está certa, tia Jaina — disse ele, serenamente. — Às vezes não dá para fazer o que a gente quer. Às vezes temos que esperar até a hora certa, até termos apoio suficiente.

E Jaina sorriu para si mesma. O jovem à sua frente fora rei aos dez anos. Claro que ele encontrara um conselheiro capaz em Bolvar Fordragon, mas ela sabia que Anduin tivera que tratar de muitos assuntos nada fáceis por conta própria. Talvez o jovem não tivesse encarado os mesmos dilemas de Thrall, mas com certeza podia entendê-los.

Ela se viu, como frequentemente ocorria, sentindo a falta da presença sábia e experiente de Magna Aegwynn. Quem dera a grande dama, antiga guardiã de Tirisfal, ainda estivesse

viva para lhe dar conselhos sensatos, embora um tanto ranzinzas. O que Aegwynn faria com aquele rapazinho sentado à sua lareira, aquele jovem triste, mas de bom coração?

Um sorriso apareceu nos lábios de Jaina. Ela soube exatamente o que Aegwynn faria. Ela tentaria deixar a situação mais leve.

— Agora, Anduin — disse Jaina, quase sentindo a presença da sábia anciã no aposento —, me conte as últimas fofocas da corte.

— Fofocas? — Anduin pareceu perplexo. — Eu não sei de nada.

Jaina deu de ombros.

— Então invente alguma coisa.

Anduin retornou a Ventobravo com três minutos de atraso para o jantar, materializando-se em seu quarto e notando que Wyll tinha deixado suas roupas prontas. Molhou o rosto rapidamente com água da bacia e então vestiu as roupas formais de jantar, seguindo apressado pelas escadas para se juntar ao pai.

Havia grandes salões para os banquetes importantes, mas o jantar rotineiro dos dois era servido em um dos aposentos particulares de Varian. As últimas refeições que tinham compartilhado haviam sido desconfortáveis e rígidas. Entre Varian e Anduin pairava a sombra de Lo’Gosh. Mas, agora, ao sentar-se na cadeira e estender a mão para o guardanapo, Anduin olhou para o pai à cabeceira da mesa sem a névoa de ressentimento que nublara sua visão anteriormente. Sua visita a Jaina lhe permitira desanuviar os pensamentos, afastando-o um pouco de tudo aquilo, ainda que por pouco tempo.

Quando olhou para o pai, não viu Lo’Gosh. Viu um homem que estava começando a ganhar discretas linhas ao redor dos olhos, marcas da idade e do cansaço, e não de batalhas. Viu o peso da coroa, das incontáveis decisões que tinham que ser tomadas diariamente. Decisões que custavam dinheiro, ou algo ainda mais precioso: vidas. Não sentiu pena do pai — Varian não precisava —, mas sentiu compaixão.

Varian ergueu o rosto e lançou um sorriso cansado para o filho.

— Boa noite, filho. Como foi o seu dia? Fez algo divertido?

— Na verdade, fiz sim — respondeu Anduin, mergulhando a colher no saboroso caldo de tartaruga. — Eu usei a pedra de regresso da tia Jaina e fui visitá-la.

— Ah, é? — Os olhos azuis de Varian se acenderam. — E como foi? Soube de alguma coisa?

Anduin deu de ombros, subitamente tomado por dúvidas. A visita parecera empolgante no momento, mas, agora que tinha que contar os detalhes ao pai... bom, ele só tomara chá,

na verdade. Ou quase só isso.

— Nós conversamos um pouco. E, ahm... tomamos chá.

— Chá?

— Chá — disse Anduin, quase na defensiva. — É frio e úmido em Theramore. Não há nada de errado em tomar chá e fazer um lanche.

Varian balançou a cabeça, estendendo a mão para pegar pão e queijo.

— Não, não tem nada de errado. E a companhia era muito boa. Vocês conversaram sobre a situação atual?

Anduin sentiu o rosto ficando mais quente. Ele não queria trair Jaina, mas também não queria mentir para o pai.

— Um pouco.

Olhos astutos buscaram o rosto de Anduin. Lo'Gosh não estava presente de todo, mas o príncipe percebeu que ele também não estava de todo ausente.

— Encontrou algum orc?

— Não.

Pelo menos aquela pergunta ele podia responder honestamente. Ele ficou brincando com a sopa, subitamente sem apetite.

— Ah, mas Jaina encontrou.

— Eu não disse...

— Está tudo bem. Eu sei que ela e Thrall são como unha e carne. Eu também sei que Jaina não trairia a Aliança.

Anduin pareceu ficar mais leve.

— Não, ela nunca faria isso. Nunca.

— Você... simpatiza com ela, não é? Com os orcs e a Horda.

— Eu... pai, nós já perdemos tanta gente — disse Anduin, sem conseguir se conter. Ele soltou a colher e olhou para Varian com atenção. — Você ouviu o arcebispo Benedictus. Quase cinquenta mil pessoas. E eu sei que muitos dos nossos morreram pelas mãos da Horda, mas muitos *não morreram* pelas mãos deles, e a Horda também sofreu baixas terríveis. Eles não são o inimigo, eles...

— Eu não sei que outro termo existe para descrever as pessoas, *as criaturas*, que fizeram àquelas Sentinelas o que os orcs fizeram.

— Eu pensei que...

— Ah, Thrall respondeu à minha mensagem, condenando a quebra do tratado e me garantindo que ele não quer que isso aconteça novamente. Mas e quanto ao que fizeram

com os elfos? Nem uma palavra. Se ele é tão civilizado quanto você e Jaina pensam, então por que ficaria quieto em relação a um assunto tão atroz?

Anduin olhou para o pai com tristeza. Não podia contar o que sabia, e, mesmo que pudesse, era uma informação de segunda mão. Ele se perguntou se um dia chegaria a realmente entender de política. Jaina, Aegwynn, até seu pai tinham louvado sua percepção, mas ele se sentia mais confuso que astuto no que dizia respeito a... bom, quase tudo. Sentia a intuição mais forte que a lógica, e aquilo era algo que nem Varian nem Lo'Gosh entenderiam tão facilmente. Ele só sabia, de alguma forma, em seu íntimo, que Thrall não era como Varian pensava. Mas não conseguiria explicar por que sentia o que sentia.

Varian observou o filho atentamente e deu um suspiro discreto. Ele gostava de Jaina; respeitava-a. Mas ela não era uma guerreira. Ele não se opunha a manter relações amigáveis com antigos inimigos, como Anduin parecia achar. Seu consentimento ao armistício era prova disso. Mas a segurança do seu povo vinha antes. Apenas um tolo estenderia a mão da amizade se houvesse alguma chance de ela ser decepada com um golpe traiçoeiro.

Anduin não era fraco. Ele provara isso várias vezes em situações que teriam feito pessoas com o dobro da sua idade se entregar ao pânico ou ao desespero. Mas era... Varian buscou a palavra e a encontrou depois de algum esforço: “delicado”. Ele não era muito bom com armas pesadas, embora sua habilidade com o arco e com o arremesso de adagas fosse impressionante. Talvez, se tivesse mais habilidade e mais compreensão a respeito da dura vida de um guerreiro, ele se mostrasse menos inclinado a ser gentil quando tais sentimentos podiam acabar resultando em mortes.

— Fico feliz que você tenha aproveitado essa chance de visitar Jaina — disse. Varian terminou a sopa e limpou o prato com um pedaço de pão, acenando para os servos removerem os utensílios sujos. — Acho uma boa ideia.

Anduin ergueu o olhar para ele. Varian viu com alguma tristeza que a expressão do rapaz era desconfiada e resguardada.

— “Mas”...? — perguntou Anduin, bruscamente.

Varian teve que sorrir.

— Mas — concordou, enfatizando a palavra — também acho que seria uma boa ideia você passar algum tempo em outro lugar. Com outras pessoas além de mim e de Jaina.

A expressão resguardada mudou para uma de curiosidade.

— Como assim?

— Eu pensei em Magni Barbabronze. Você gosta dele, não gosta?

Anduin pareceu aliviado.

— Gosto muito. Eu gosto dos anões. Admiro a coragem e a tenacidade deles.

— Bom, você gostaria de passar algum tempo com ele em Altaforja? Você não passou muito tempo lá, e acho que está mais do que na hora. Os anões, exceto os Ferro Negro, claro, têm laços fortes conosco. Magni gosta de você, e creio que pode lhe ensinar muita coisa. E você não estaria muito longe se desse vontade de vir visitar seu velho pai solitário.

Anduin sorriu abertamente e Varian se sentiu melhor. Aquela fora uma boa ideia.

— O Metrô Correfundo pode me trazer de volta para Ventobravo — concordou ele.

— Certamente — disse Varian. — Então estamos combinados?

— Estamos; acho que vai ser bem divertido. Eu estava querendo aprender mais sobre a Liga dos Exploradores, e a mostra com os artefatos mais preciosos da Liga fica em Altaforja. Talvez eu até consiga falar com alguns dos membros.

Os servos vieram com o segundo prato, cervo assado com molho. Anduin comeu com vontade; seu apetite, que Varian achara inconstante, claramente retornara.

Se o rapaz queria passar algum tempo com a Liga dos Exploradores estudando, ele não o impediria. Era um interesse digno de um futuro rei. Mas Varian também conversaria discretamente com Magni, enfatizando a necessidade de avançar com os treinamentos de batalha de Anduin. Magni entenderia. O próprio Varian estudara sob a tutela capaz de um anão e sabia que o treinamento faria bem ao filho. Talvez ajudasse a transformar aquele rapaz promissor, mas delicado, em um homem.

10



Thrall acordou, instantaneamente alerta para o som de trompas soprando um aviso. Ele saiu imediatamente dos pelegos que o cobriam, inteirando-se da emergência pelo cheiro acre de fumaça, antes de ouvir as palavras que, ele sabia, acenderiam o terror no coração de cada cidadão de Orgrimmar.

— Fogo! Fogo!

Enquanto Thrall se vestia, dois Kor'krons entraram no aposento. Era óbvio que eles, assim como Thrall, tinham acabado de saber das notícias.

— Chefe Guerreiro! O que o senhor quer que façamos?

Thrall passou por eles, bradando ordens.

— Tragam-me uma mantícora! Todos devem seguir para o lago perto da Tenda dos Espíritos, menos os xamãs. Leve todos pro local do incêndio! Forme uma fila de baldes pra encharcar os prédios próximos!

— Sim, Chefe Guerreiro!

Um deles permaneceu ao lado de Thrall enquanto o outro se adiantava para executar as ordens do chefe guerreiro. Thrall mal saíra da sombra do forte e as rédeas de uma mantícora foram passadas para suas mãos. Ele montou na grande fera e alçou voo imediatamente.

Thrall se agarrou firme enquanto a mantícora subia quase verticalmente, oferecendo uma boa visão do local onde o incêndio ardia fora de controle. Não era longe. Ele ordenara que muitas das fogueiras acesas noite e dia em Orgrimmar fossem apagadas por causa da seca extrema que ressecava a terra. Agora ele percebia que deveria ter mandado apagar todas.

Vários prédios tinham se incendiado. Thrall fez uma careta ao farejar carne

queimando, mas cogitou que o cheiro devia vir do lugar chamado Ao do Cutelo; era o cheiro de carne animal que ele sentia. Mesmo assim, três prédios já se consumiam completamente, e grandes línguas de fogo iluminavam a noite.

Thrall podia ver vultos correndo à luz das chamas. Os xamãs convergiam para o local dos focos ativos, como ele ordenara, e os outros arremessavam água nos prédios próximos para que não pegassem fogo.

Ele guiou a fera na direção do incêndio, dando tapinhas altivos em seu pescoço. A mantícora devia estar sentindo o cheiro da fumaça e pressentindo o perigo, mas ainda assim obedeceu a Thrall, confiante, jamais negando enquanto o chefe guerreiro a levava para mais e mais perto do fogo. A fumaça era densa e negra, e o calor era tão forte que Thrall se perguntou por um momento se suas roupas queimariam, ou se a corajosa mantícora iria se chamuscar. Mas ele era um xamã, e se alguém podia domar o incêndio, era ele.

Ele pousou, saltou da montaria e deixou a fera alçar voo novamente. A mantícora se afastou rapidamente, feliz por se afastar do perigo agora que já tinha servido bem o amo. Silhuetas se voltaram na direção de Thrall enquanto ele se aproximava, abrindo espaço para o chefe guerreiro passar. Os outros xamãs não se moveram, permanecendo de olhos fechados, braços erguidos, comungando com o fogo como Thrall estava prestes a fazer também.

Ele os imitou, acalmando-se e concentrando-se em sua chama elemental individual.

Irmão Fogo... você pode causar grande mal e grande bem nas vidas que escolhe tocar. Mas o combustível que você escolheu dessa vez é a morada do meu povo. Sua fumaça sufoca nossos pulmões e faz arder os olhos. Eu peço, por favor retorne para os lugares onde nós o acolhemos com gratidão. Não machuque mais o nosso povo.

O fogo respondeu. Aquele Elemental era um de muitos que se apresentavam zangados e erráticos, ferozes e descontrolados.

Não, não desejamos voltar ao confinamento das fogueiras e dos braseiros ou das pequenas lareiras. Nós gostamos de ser livres; queremos correr por toda parte e consumir tudo em nosso caminho.

Thrall sentiu uma pontada de preocupação. Nunca antes um pedido direto seu, vindo do coração e repleto de preocupação pela segurança de terceiros, fora recusado tão peremptoriamente.

Ele pediu outra vez, imbuindo o ato com mais de sua força de vontade, enfatizando o dano que o elemental estava causando às pessoas que outrora o recebiam de braços abertos em sua cidade.

Relutantemente, parecendo crianças birrentas, as chamas começaram a fenecer. Thrall sentiu seus companheiros xamãs dando-lhe ajuda e concentração, unindo seus pedidos ao dele; ele sentiu-se grato pelo desenrolar dos eventos, mas também um tanto inquieto.

O fogo consumiu sete prédios e muitas propriedades pessoais antes de finalmente se apagar. Por sorte, nenhuma vida se perdeu, embora Thrall fosse informado de que várias pessoas tinham sido afetadas pela fumaça. Ele iria...

— Não — sussurrou ele. Uma fagulha, dançando desafiadoramente, pairava ao vento, indo em direção a outro prédio, para causar mais prejuízos. Thrall acenou para a fagulha, pressentindo em sua intenção errática uma recusa aos seus comandos.

Seus olhos agora estavam abertos, observando o caminho que a pequena chama percorria. *Se você continuar em seu caminho, fagulhinha, você causará grandes danos.*

Eu preciso queimar! Preciso viver!

Há lugares em que seu brilho e calor são bem-vindos. Encontre-os. Não destrua a moradia ou ceife as vidas do meu povo!

Por um segundo a fagulha piscou, desaparecendo, mas então retornou com vigor renovado.

Thrall sabia o que precisava fazer. Ele ergueu a mão. *Perdoe-me, Irmão Fogo. Mas devo proteger meu povo do mal que você causaria a eles. Eu pedi, implorei, e agora estou avisando.*

Com expressão sombria, Thrall fechou a mão em punho.

A fagulha fulgurou desafiadoramente, então foi enfraquecendo até finalmente voltar a ser uma brasa brilhando fracamente. Por agora, ela já não prejudicaria ninguém.

A ameaça terminara, mas Thrall estava chocado. Aquela não era a relação usual dos xamãs com os elementos. Tratava-se de uma relação de respeito mútuo, não de ameaças, controle e, por fim, quase extinção. Ah, o espírito do Fogo jamais poderia ser extinto, pois era algo bem maior do que qualquer coisa que um xamã ou grupo de xamãs tentasse fazer contra ele. Ele era eterno, como todos os espíritos dos elementos são. Mas aquela parte dele, aquela manifestação elemental, mostrara-se desafiadora e não-cooperativa. E no final, Thrall tivera que dominá-la completamente. Os outros xamãs agora estavam chamando a chuva para molhar a cidade caso outra fagulha aberrante persista em sua trilha de devastação.

Thrall ficou parado na chuva, deixando que ela o encharcasse, derramando-se por seus enormes ombros e pingando dos braços.

O que, em nome dos ancestrais, estava acontecendo?

— Bom, claro que podemos fazer isso — disse Gasganete. — Quer dizer, nós somos goblins,

é claro que podemos *fazer* isso, está me entendendo? Fomos nós quem fizemos isso da primeira vez, afinal. Então, sim, Chefe Guerreiro, nós podemos reconstruir as partes de Orgrimmar que foram danificadas. Não se preocupe com isso.

Dois Kor'krons postavam-se alguns passos afastados, com machados enormes presos às costas, braços fortes cruzados, observando a cena e protegendo o chefe guerreiro em silêncio. Thrall conversava com o goblin que, com vários outros, ajudara a construir Orgrimmar muitos anos atrás. Ele era esperto, inteligente, mais escrupuloso e menos irritante que a maioria dos seus pares, mas mesmo assim, ele ainda era um goblin, de forma que Thrall estava esperando a pegadinha.

— Muito bem. De quanto estamos falando?

O goblin pegou um ábaco de um pequeno saco que trazia a tiracolo. Seus longos dedos verdes voaram velozmente pelo instrumento, e ele começou a murmurar para si mesmo:

— Vai um... custo de suprimentos com taxa de pós-guerra... mão de obra também ficou mais cara...

Ele pegou um pedaço de carvão e uma folha de pergaminho e rabiscou um valor que fez a pele verde do orc ficar com um tom incerto.

— Tanto assim? — perguntou Thrall, sem poder crer.

Gasganete pareceu desconfortável.

— Olha... vamos fazer assim... você tem sido muito bom pra gente, e sempre muito escrupuloso com nossos negócios. Que tal...?

Ele escreveu uma segunda quantia. Era menos que a primeira, mas não muito. Thrall entregou o papel para Eitrigg, que assobiou baixinho.

— Vamos precisar de mais suprimentos — foi tudo que Thrall disse. Ele se ergueu e saiu sem dizer mais nada. Os Kor'krons o seguiram silenciosamente. Gasganete olhou enquanto Thrall se afastava.

— Suponho que isso queira dizer “aceito”. Ele aceitou, não aceitou? — perguntou ele a Eitrigg. O orc ancião aquiesceu, apertando os olhos enquanto observava o vulto de Thrall ficar cada vez menor, afastando-se do Castelo Grommash.

Embora Thrall fosse uma figura bastante conhecida em Orgrimmar, os habitantes da cidade sempre eram corteses o bastante para se afastar e dar espaço ao chefe guerreiro. Os Kor'krons que o seguiam ajudavam a encorajar tal atitude. Se Thrall queria andar pelas ruas da capital, bom para ele. Assim, Thrall se viu andando por estradas empoeiradas ainda cobertas de cinza, respirando o ar ainda espesso que cheirava a queimada. Ele precisava andar, se mover,

pensar. Seus guarda-costas o conheciam bem o suficiente para se manter a certa distância e deixá-lo à vontade.

Gasganete chegara a uma quantia astronômica. Mas aquilo precisava ser feito. Orgrimmar era a capital da Horda. Não era possível deixá-la avariada. Infelizmente, a tragédia apenas enfatizava as duas grandes questões que consumiam os pensamentos de Thrall em todos os seus momentos despertos e em seus sonhos: por que os elementos estavam tão agitados, e como ele poderia liderar a Horda da melhor forma depois da guerra?

A decisão a que ele chegara durante sua conversa com Eitrigg fora acertada. Thrall percebera que ele tinha que visitar o lar do seu povo — visitar Nagrand, onde o legado do xamanismo era praticado e compreendido há tanto tempo que suas origens perdiam-se no tempo. Geyah era sábia e sua mente era lúcida. Ela e os que recebiam seu treinamento teriam respostas que ele não conseguiria encontrar em Azeroth. Respostas para perguntas que Thrall nem imaginava que precisava fazer. Quanto mais ele pensava a respeito daquilo, mais lhe parecia a coisa certa, a coisa perfeitamente adequada a fazer. Os xamãs de Terralém aprenderam como ajudar um mundo partido. Eles também poderiam ajudar os elementos perturbados de Azeroth.

Thrall também sabia que não se tratava de uma peregrinação espiritual indulgente tendo em vista sua mera paz mental. Seu povo suportava grandes adversidades. Mesmo a verdejante Mulgore começava a sentir os efeitos da seca que se alastrava para Oeste vindo dos Sertões. E o incêndio da noite anterior era sem dúvida prova da necessidade premente de agir sem demora, antes que o próximo incêndio arrasasse Orgrimmar ou o Penhasco do Trovão. Antes que a próxima tempestade varresse Theramore do mapa, e Jaina Proudmore junto. Antes que mais vidas se perdessem.

Thrall compreendera que dessa forma ele poderia servir à Horda. Ele sabia que era um indivíduo singular: guerreiro, xamã, vindo do mundo dos orcs e dos humanos. Ninguém mais podia ser quem ele era. Ninguém mais podia fazer o que ele podia fazer. Pois ninguém mais tinha a experiência e as habilidades que ele possuía.

Mas a Horda não podia ficar paralisada enquanto ele estivesse ausente. Um dia Thrall morreria, e se uniria aos ancestrais. Por um momento ele permitiu que seus pensamentos vagassem até as coisas que Eitrigg dissera. Pensamentos sobre um filho e uma parceira. Alguém corajosa e forte, com o coração generoso, como Draka fora para seu pai Durotan. Ele não conhecera os pais, mas ouvira as histórias. A união deles fora bela, pois viera do coração. Eles tinham amado um ao outro e se apoiado através dos tempos mais sombrios, chegando a sacrificar a vida para salvar Thrall. Caminhando pelas ruas da capital da Horda, Thrall

compreendeu que, conforme Eitrigg insinuara, ele ansiava por uma companheira resoluta com quem compartilhar os tempos bons e os ruins. E por um filho fruto dessa união, um belo filho ou filha.

Mas ele não tinha companheira nem filho. Talvez fosse melhor assim, pois no momento ele não deixaria uma família de luto ao morrer. Apenas a Horda, que teria que aprender a sobreviver sem ele. Talvez seu povo já fosse capaz disso agora. Pelo menos por algum tempo. Tempo suficiente para que ele pudesse ir até Nagrand, descobrir o que havia de errado com os elementos e dar um fim ao comportamento aberrante que estava ceifando tantas vidas.

Ele fechou os olhos por um momento. Passar adiante o controle da Horda que ele fundara era como confiar um filho amado a outra pessoa. E se algo desse errado?

Mas algo *estava* dando errado, terrivelmente errado. Outra pessoa teria que liderar a Horda por algum tempo. Ele acenou com a cabeça, firme, e sentiu sua alma e seu coração aquietando-se um pouco. Sim, era a coisa certa a fazer. Já não era questão de saber se ele deveria ir, ou de quando — ele devia partir o mais rápido possível. A única questão que restava era para quem entregar seu amado “filho”.

Primeiro ele pensou em Caerne, que era seu amigo mais antigo em Kalimdor e concordava com ele em muitas questões. Ele era sábio, e governava bem o seu povo. Mas Thrall, assim como Caerne, sabia que havia quem considerasse o tauren antiquado e fora de sincronia com as necessidades atuais. Se os Temível Totem já causavam alguma inquietação na cidade de Caerne, com certeza haveria mais inquietação e murmúrios se Thrall designasse um ancião tauren para liderar a Horda.

Não, Caerne teria um papel a cumprir, com certeza, mas não seria o papel de líder. Um orc seria melhor. Um que o povo conhecesse e de quem já gostasse.

Thrall suspirou profundamente. A escolha perfeita era alguém que ele não podia ter: Saurfang, o Jovem. Carismático, jovem, mas sábio para a idade, ele fora a estrela mais brilhante na constelação de guerreiros da Horda antes que o Lich Rei o matasse. O pai dele, embora não estivesse aniquilado, fora emocionalmente arrasado pelos eventos recentes. Além disso, ele era velho demais, como Caerne, bem como o confiável Eitrigg. Thrall percebeu que só havia uma escolha, e fez uma careta de desgosto.

Só havia alguém capaz de fazê-lo. Só havia um orc jovem e dinâmico, famoso e amado, além de guerreiro sem par. Apenas uma pessoa capaz de unir rapidamente as facções desbaratadas da Horda e manter seu moral altivo e forte.

Um líder perfeito.

O aborrecimento de Thrall piorou. Sim, Garrosh era amado e era um excelente

guerreiro, mas ele também era impulsivo e ríspido. Thrall estava prestes a conceder a ele o poder máximo a que um orc poderia aspirar. Uma palavra veio à sua mente: “*usurpador*”. Mas ele não acreditava que algo assim poderia acontecer. Garrosh precisava de algo para apaziguar um ego tão grande quanto sua fama — um ego que, Thrall agora percebia, ele mesmo talvez tivesse ajudado a inflar. Ele se preocupava ao saber que Garrosh desprezava a memória do pai, e quisera mostrar ao filho de Grom que Grito Infernal tinha feito um grande bem. Mas talvez ele tivesse feito Grom parecer melhor do que era. Se esse fosse o caso, então a arrogância do jovem Grito Infernal poderia ser, ao menos em parte, culpa do próprio Thrall. Ele não conseguira salvar a vida de Grom; mas esperara poder inspirar e guiar seu filho.

Mas Eitrigg estaria lá para sofrer Garrosh, bem como Caerne; bastava que Thrall pedisse a seus velhos amigos. Thrall não ficaria longe muito tempo. Que Garrosh se sentasse temporariamente no Castelo Grommash, com Caerne e Eitrigg ao seu lado. Se os boatos fossem verdadeiros, Garrosh já se manifestara favoravelmente ao incidente no Vale Gris, e Thrall sabia que Caerne cairia como uma avalanche em cima do orc caso houvesse chance de algo do tipo acontecer novamente, agora que ele sabia pelo que esperar. Não havia muito que Garrosh podia fazer para prejudicar a Horda, e — Thrall teve que admitir — havia muito o que Garrosh podia fazer para inspirá-la.

O líder deles partiria. Eles ficariam preocupados e temerosos. Garrosh os lembraria de que eles eram orgulhosos e ferozes e indômitos, e a Horda celebraria e ficaria contente até que Thrall retornasse com respostas reais para os problemas que os acossavam. Bastava acalmar a terra e tudo poderia melhorar. Ignorar a terra e os elementos, por outro lado... nenhuma gloriosa vitória em batalha compensaria os desastres que se seguiriam inevitavelmente.

Garrosh fez uma saudação ao se postar diante de Thrall.

— Eu vim como você pediu, Chefe Guerreiro. Como posso servir à Horda?

— Foi justamente para requisitar isso que eu o convoquei aqui. Venha comigo.

Thrall estava sentado no trono quando Garrosh chegou, flanqueado por quatro dos enormes e imponentes Kor’krons. Ele enviara um dos guardas adiante para fazer o jovem orc esperar um pouco propositalmente e não fez menção de se levantar quando Garrosh entrou. Finalmente Thrall se ergueu, lentamente e no controle da situação; ele abriu os braços em um gesto amigável (embora um tanto condescendente) de boas-vindas. Garrosh tinha que entender qual era seu lugar antes de efetivamente ascender na hierarquia.

Ele acenou para os Kor'krons, que bateram continência e postaram-se em suas posições enquanto Thrall guiava Garrosh para a área privativa do Castelo Grommash, onde poderiam falar sem ser ouvidos.

— Você sabe que eu sou um xamã, além de guerreiro — disse Thrall enquanto caminhava.

— É claro.

— Você já testemunhou o suficiente para perceber que os elementos estão muito perturbados. As ondas estranhas que você viu ao vir de Nortúndria para cá. O incêndio que grassou por Orgrimmar.

— Sim, eu estou ciente disso. Mas o que eu poderia fazer a respeito?

— Você não pode. Mas eu posso.

Garrosh estreitou os olhos.

— Então por que você não faz isso? *Chefe Guerreiro*.

— Eu não posso fazer isso como chefe guerreiro, Garrosh. Somente como xamã. E o que você me perguntou é justamente a questão contra a qual venho me debatendo: por que eu não faço isso? A resposta é que para fazer isso eu teria que deixar Orgrimmar. Deixar Azeroth.

Garrosh pareceu alarmado.

— Deixar Azeroth? Eu não entendo.

— Eu pretendo viajar até Nagrand. Os xamãs de lá lidam com elementos que sofreram terrivelmente, mas ainda há trechos de terra verdejantes por lá. Talvez eu possa aprender o motivo disso... e aplicar esse conhecimento aos elementais perturbados daqui.

Garrosh sorriu, exibindo as presas.

— Minha terra natal — disse ele. — Eu gostaria de vê-la de novo. Falar com a Grande Mãe antes que ela nos deixe e vá para os ancestrais. Foi ela quem me curou e a tantos outros, quando a doença vermelha nos afligia.

— Ela é inestimável — concordou Thrall — e é sua sabedoria que eu busco.

— Você retornará em breve?

— Eu... não sei — disse Thrall, honestamente. — Pode levar tempo até eu aprender o que preciso saber. Creio que não ficarei muito tempo afastado, mas pode demorar semanas, até meses.

— Mas... a Horda! Precisamos de um chefe guerreiro!

— É por causa da Horda que eu vou — disse Thrall. — Não se preocupe, Garrosh. Eu não a esqueci. Eu viajo para onde devo ir, para servir como devo servir. Nós todos servimos à

Horda. Até mesmo o chefe guerreiro serve à Horda, talvez até especialmente o chefe guerreiro. E eu bem sei que você também a serve lealmente.

— Eu sirvo, Chefe Guerreiro. Foi você quem me disse que eu devia ter orgulho do meu pai, pelo que ele fez pelos outros. Pela Horda. — A voz de Garrosh era sincera, e a emoção era visível em seu rosto. — Eu me juntei à Horda há pouco tempo. Mas ainda assim, eu já vi o suficiente para saber que, assim como meu pai, eu morreria por ela.

— Você já enfrentou e trapaceou a morte – admitiu Thrall. — Você derrotou muitos dos seus lacaios. Você já fez mais pela nova Horda do que muitos que fazem parte dela desde o início. E saiba de uma coisa: eu jamais partiria sem designar alguém capaz de tomar conta da Horda, mesmo em uma jornada tão breve.

Os olhos do orc mais jovem se arregalaram, dessa vez demonstrando empolgação.

— Você... você está me tornando o chefe guerreiro?

— Não. Mas estou ordenando a você que lidere a Horda em meu lugar até eu retornar.

Thrall jamais esperara ver Garrosh sem saber o que dizer, mas o orc de pele marrom pareceu atordoado por um instante.

— Sim, eu entendo de batalhas — disse ele. — Tática de guerra, como reunir tropas... isso eu sei. Deixe-me servir dessa maneira. Me dê um inimigo para derrotar, e você verá o quanto orgulhosamente eu continuarei a servir à Horda. Mas eu não entendo nada de política, de... *governar*. Eu prefiro uma espada nas mãos a um pergaminho!

— Eu compreendo — disse Thrall, divertindo-se com o fato de ter que encorajar Garrosh, normalmente tão orgulhoso.

— Mas você não ficará sem conselheiros capazes. Eu pedirei a Eitrigg e Caerne, que já compartilharam sua sabedoria comigo ao longo dos anos, que orientem e aconselhem você. É possível aprender a política. Sua óbvia devoção à Horda é mais importante pra mim do que perícia política no momento. E isso, Garrosh Grito Infernal, você tem em abundância.

Garrosh ainda parecia estranhamente hesitante. Finalmente ele disse:

— Se você me considera digno, então saiba que eu farei tudo o que puder para trazer glória à Horda!

— Não precisamos de glória no momento — disse Thrall. — A situação já exigirá bastante de você do modo como as coisas estão agora. A honra da Horda já está assegurada. Você só precisa tomar conta dela. Coloque as necessidades dela antes das suas, como seu pai fazia. Os Kor'krons serão instruídos a proteger você, assim como me protegem. Eu vou para Nagrand como xamã, não como chefe guerreiro da Horda. Use-os com discernimento, assim como Eitrigg e Caerne. — Ele fez uma pausa, e seus lábios esboçaram um sorriso. — Você

iria para a batalha sem armas?

Garrosh olhou para ele, confundido pelo que lhe parecia uma mudança abrupta de assunto.

— Essa é uma pergunta tola, Chefe Guerreiro, e você sabe disso.

— Sim, sei. E estou me certificando de que você entenda que tem armas poderosas à sua disposição — disse Thrall. — Meus conselheiros são minhas armas quando preciso discernir o que é melhor para a Horda. Eles veem coisas que eu não vejo, e apresentam opções que eu não sabia que tinha. Apenas um tolo desprezaria tal ajuda. E eu não creio que você seja um tolo.

Garrosh sorriu, relaxando um pouco ao perceber as intenções de Thrall. Com um pouco da antiga arrogância, ele respondeu:

— Eu não sou um tolo, Chefe Guerreiro. Você não me pediria para servir dessa forma se me achasse um.

— Verdade. Então, Garrosh, você concorda em liderar a Horda até que eu volte? Acatando os conselhos de Eitrigg e Caerne?

O jovem Grito Infernal respirou fundo.

— É meu profundo desejo liderar a Horda tão bem quanto eu possa. Sim, mil vezes sim, meu chefe guerreiro. Eu liderarei tão bem quanto eu puder, e escutarei o aviso dos seus conselheiros. Eu sei que essa é uma grande honra, e me esforçarei para ser digno dela.

— Então está feito — disse Thrall. — Pela Horda!

— Pela Horda!

Ancestrais, pensou Thrall enquanto via Garrosh se afastando com o peito inchado de orgulho e prazer, *eu rezo para estar fazendo a coisa certa*.



Duas semanas depois, tendo enviado seus pertences na frente num trem anterior, Anduin Wrynn saiu do Metrô Correfundo e logo foi quase esmagado por um par de braços fortes e curtos.

— Bem-vindo, guri! — exclamou o rei Magni Barbabronze. Anduin tentou responder, mas não conseguiu recuperar o fôlego e ficou em silêncio por mais um instante enquanto Magni continuava. — Ficamos felizes em te receber. Tu deu um estirão. Mal te reconheci!

Magni soltou Anduin, que pôde enfim voltar a respirar. Mesmo assim, ele sorriu para o rei e a jovem anã ao seu lado. Suspeitava que suas razões para ir até lá não eram as mesmas pelas quais o pai o mandara, mas não importava. Estava longe de casa, um rapaz exposto a uma cultura totalmente diferente depois de ter ficado confinado na cidade de Ventobravo por tempo demais.

— É bom estar aqui, majestade — disse. — Obrigado por me receber.

— Não precisa agradecer, meu guri. Estávamos mesmo precisando de uma boa sacudida. Esse lugar estava ficando muito monótono. — Magni deu um tapa em suas costas. — Vamos, teu quarto já está pronto. Bom, sei que tu mandou uns empregados na frente, e eles já foram muito bem recebidos. Mas eu quero deixar Aerin — indicou a jovem anã — como guarda-costas, apesar de eu achar bem improvável que o povo de Altaforja te incomode muito.

Aerin lhe lançou um alegre sorriso.

— É um prazer conhecê-lo — disse, curvando-se educadamente.

Ela era um excelente espécime de feminilidade enânica, curvilínea e de bochechas rosadas, com uma longa trança castanha descendo pelas costas. Usava a armadura como se incomodasse tão pouco quanto um vestido, e quando estendeu a mão para apertar

calorosamente a dele, Anduin viu que a maioria das curvas de seu corpo era músculo.

— Aerin faz parte da minha comitiva pessoal. Vai cuidar bem de ti.

— É, e eu também sou de Altaforja, nascida e criada aqui mesmo — disse Aerin orgulhosamente. — Ficarei feliz em servir de guia também, Alteza.

— Obrigado — disse Anduin. — E, por favor, me chame de Anduin. — Embora os anões em geral fossem extremamente dedicados à família real, tinham uma certa atitude relaxada, que Anduin gostava, em relação à nobreza.

— Tudo bem — concordou Aerin. — Anduin, então.

— Vamos te instalar no teu quarto — disse Magni, virando-se e partindo num ritmo tão rápido que Anduin teve dificuldade de acompanhá-lo. — Acho que vai gostar do lugar que eu escolhi para ti — falou, os olhos brilhando.

— Teria problema se visitássemos a Grande Forja primeiro? — perguntou Anduin. — Gostaria de vê-la de novo.

— Claro que não! — respondeu Magni. — Fico sempre orgulhoso em exibi-la.

Altaforja era literalmente centrada em uma enorme forja. O ar era grosso e quase sufocante de tão quente, contrastando com o ar fresco e frio da paisagem de neve nos arredores do enorme portal da capital enânica. Mas o forte aroma era diferente e não lembrava nenhuma cidade humana, e Anduin o adorava. Quando se aproximaram da forja, Anduin estremeceu, sentindo as ondas de calor opressivas que tomavam conta do ambiente, e tirou o casaco. Lançou um olhar furtivo a Aerin. O príncipe vestia somente uma leve camisa de linho e culotes, carregando a jaqueta sobre o ombro, e já estava encharcado de suor. Aerin e Magni estavam de armadura e pareciam completamente indiferentes à temperatura. Tal era a constituição dos anões.

O desconforto foi rapidamente esquecido diante da poderosa visão da forja, com seus riachos de metal fundido borrifando feito água e rebrilhando em tons de vermelho, amarelo e laranja. Era tão inimaginavelmente vasta, que a mente não a conseguia abarcar. Ao menos a de Anduin tinha dificuldade.

— Pois então, é uma cena grandiosa, não? — disse Magni.

Anduin concordou. Depois de um tempo, o calor tornou-se insuportável, e foi com gratidão que ele seguiu pelo corredor relativamente mais fresco. Vários anões e gnomos andavam atarefados de um lado para outro, e os guardas postados aqui e ali curvavam-se educadamente para cumprimentar seu suserano.

Anduin diminuiu o passo, sem entender por que estavam indo naquela direção. Presumira que ficaria nos aposentos reais próximos à Sala do Trono. Afinal, era um príncipe,

e esperariam isso dele. Ele se perguntara se conseguiria dormir, visto que a Sala do Trono ficava logo ao lado da forja — que, além de ser incrivelmente quente, também ficava ativa dia e noite. Mas, ao que parecia, estavam se afastando daquela parte de Altaforja.

Abriu a boca para fazer uma pergunta, mas de repente parou, ainda boquiaberto. Não por causa da estrutura à sua frente: por fora, ela não parecia passar de mais uma parte da arquitetura de Altaforja. Não havia nada de extraordinário nas portas arqueadas. Foi o que ele vislumbrou do interior que fez seu coração bater mais forte.

Era o esqueleto de um réptil alado gigante, todo amarrado com fios e suspenso do teto. Fascinado, Anduin se aproximou.

— O que é isso?

— É um pterodonte — disse Aerin. — Desenterrado na Cratera de Un’Goro. Um lugar nojento. Eu mesma fiquei tempo demais lá.

— Mas, guri, temos que te levar para o teu quarto antes de tu sair para fazer turismo por aí — ralhou Magni. Seus olhos brilhavam como se ele soubesse de alguma piada que Anduin não estava entendendo.

Anduin suspirou, lançou um último olhar saudoso ao pterodonte e assentiu.

— Sim, senhor. Vou ficar aqui por pelo menos algumas semanas. Ainda tenho muito tempo para diversão. Vamos aos meus aposentos.

— Tudo bem — disse Magni, mas não se mexeu.

— Majestade? Meus aposentos? — Agora Aerin estava escondendo um sorriso. O que estava havendo?

Devagar, Magni ergueu um dedo e apontou para a esquerda.

— Já estamos neles! — Jogou a cabeça para trás e riu. Aerin juntou-se a ele, e Anduin sentiu um sorriso bobo se espalhando pelo rosto. — Arrumei quartos para ti e para a tua comitiva aqui mesmo. Bem em frente à biblioteca. Achei que fosse estar meio cansado dos aposentos reais. E sei mais ou menos pelo que tu te interessa.

— Obrigado, Majestade!

— Capaz! — disse Magni, com um gesto. — Te conheço desde que tu era piá. Essa é a minha casa. Aqui, tu pode me chamar de tio, se quiser.

Uma expressão melancólica, já velha e desgastada, passou brevemente pelo seu rosto. Por um momento, Anduin achou que fosse por causa do termo “tio”, mas logo percebeu que era de outra palavra carinhosa que Magni Barbabronze sentia falta: “pai”.

Magni tinha só uma filha, Moira. Alguns anos antes, servos do imperador do Ferro Negro, Dagra Thaurissan, haviam sequestrado Moira. Magni acreditava que Dagra

seduzira sua filha com algum tipo de magia, encantando-a para que acreditasse estar apaixonada por ele. Quando Magni enviou uma equipe para matar Thaurissan e recuperar a moça enfeitiçada, ela se recusara a voltar para casa. Anunciara que estava grávida, e o assassinato de seu marido criara um ódio terrível e poderoso em seu coração. Magni ficara arrasado. Nunca mais se soube nada de Moira nem de seu filho — herdeiro de dois reinos.

Tornar-se avô deveria ter sido uma ocasião de alegria. Magni devia ter a filha consigo em Altaforja, com a criança — Anduin nem sabia se era menino ou menina, e não estava disposto a perguntar se Magni sabia — brincando em seu colo. Em vez disso, a filha e o neto estavam distantes, ainda tomados, segundo o rei, pelo feitiço maligno do imperador, mesmo depois de morto.

O instante sombrio passou rapidamente, e Magni sorriu outra vez, mas sem o brilho brincalhão nos olhos.

— O jantar sai às oito horas em ponto, hein? Não se atrase. Vai treinar com Aerin assim que amanhecer.

Anduin se surpreendeu. Lutar? Seus ombros caíram um pouco. Bem, devia ter imaginado que seu pai combinaria algo parecido. Pelo menos, parecia que Aerin seria boa companhia, e ele ainda teria tempo de investigar a biblioteca e aprender mais sobre a Liga dos Exploradores.

— Tudo bem, tio — Anduin sorriu para o anão, feliz em ver que o termo suavizara a expressão tensa de Magni, pelo menos um pouco. O rei assentiu, deu tapinhas no braço de Anduin e caminhou de volta para a Sala do Trono. Anduin observou-o se afastando, depois se voltou para Aerin. — Então, meus atendentes já estão acomodados?

— Sim, já faz algum tempo.

Ele sorriu.

— Então vou à biblioteca!

Na manhã seguinte, Anduin estava deitado de costas, fitando o teto de uma área da Sala do Trono um pouco afastada, machucado, cheio de dor e admiração pelas habilidades dos anões em combate.

— Caiu de novo, leãozinho? — Um “tsc, tsc” de desaprovação. — Já foram três vezes seguidas.

Todos os músculos doendo com o esforço, Anduin levantou o braço e segurou o de Aerin, que era menor, só que mais forte. Ela o puxou, como se ele não pesasse nada. O braço esquerdo de Anduin estava pendurado, o escudo ainda preso a ele. A espada estava no chão,

a quase dois metros de distância. Com um suspiro, Anduin cambaleou para recuperá-la. Fechou a mão dolorosamente ao redor do punho e levantou-a com grande esforço.

Os olhos azuis de Aerin fixaram-se no escudo, e ela levantou as sobrancelhas para ele sem sutileza. O seu braço continuava pendurado.

— Eu, é... não consigo levantá-la — disse Anduin, sentindo as bochechas ficarem vermelhas.

Aerin pareceu impaciente por um breve instante, mas então sorriu alegremente.

— Não tem importância, leãozinho. Hoje era só para medir tua força e julgar tuas habilidades. Vai ficar conosco por algum tempo. Vamos te devolver mais anão para o teu pai, tu vai ver!

Ela começou a chamá-lo de “leãozinho” na tarde anterior, ao caminharem juntos por Altaforja, e ele não se importara. Sabia que esse comentário de agora também era para ser encorajador. Mas ele estremeceu discretamente.

Sabia que seu pai não acreditava em seu potencial de “guerreiro”, sabia que um dos motivos pelos quais Varian o mandara para lá era justamente para treiná-lo e fazê-lo “virar homem de verdade”. Anduin estava dolorosamente consciente — agora literalmente — de que realmente *não* tinha potencial para guerreiro. Era bom arqueiro e tinha boa mira com as adagas, porque tinha vista boa e mão firme, mas, quando precisava lidar com armas mais pesadas, a estrutura corporal delicada parecia não dar conta. E não era só isso. Nunca se sentia confortável com espadas e lanças nas mãos. E não importava o quanto se esforçasse nos treinos, não importava quantas horas lutasse com a alegre e enxuta anã: ao contrário do que ela dizia, ele *nunca* se tornaria “mais anão”.

— Desculpe — disse. — Você é uma excelente treinadora, Aerin. Tenho certeza de que vou melhorar.

— Bah, mas é claro — respondeu, piscando para ele, e, pela primeira vez, Anduin percebeu que a anã era realmente muito bonita. Ele sorriu de volta, sentindo-se culpado por ter mentido para ela. Não tinha nem um pouco de certeza de que iria melhorar, e sentiu-se mal ao pensar na possibilidade de decepcionar Aerin. Mas ela já começara a guardar o equipamento, assoviando e andando de um lado para outro eficientemente. Para ajudá-la, o rapaz pendurou as armas do treino e retirou a armadura, tentando não deixar transparecer o quanto seus músculos exaustos doíam.

— Acho que vou voltar aos meus aposentos e tomar um banho — disse, esfregando a testa suada.

— É, eu já ia dizer algo sobre isso — respondeu a anã, direta. Ele a encarou por quase

meio minuto, envergonhado, até que um sorriso revelador espalhou-se no rosto dela e o rapaz percebeu que Aerin estava só brincando, mais uma vez. Ele riu, sem graça. — Se tu precisar de alguma coisa, me avisa — disse Aerin. — Será um prazer te dar uma carona mais tarde.

Só a ideia de subir num dos carneiros gigantes que os anões usavam como transporte fez Anduin empalidecer.

— Não, eu acho que vou ficar no quarto por enquanto, para estudar um pouco.

— Bom, se quiser um pouco de ar fresco, é só mandar me chamar.

— Pode deixar. Obrigado mais uma vez.

— De nada, ao teu dispor! — E partiu, saltitante. Anduin não pôde deixar de notar que ela nem parecia suada. Ele suspirou e voltou aos seus aposentos.

Depois de tomar um bom banho e mudar de roupa, seu humor melhorou, e ele decidiu caminhar até a Ala Mística. Estava precisando de um pouco de Luz.

Sabia que tomara uma boa decisão quando sentiu o peito confrangido relaxar ao se aproximar. De alguma forma, talvez por um truque da luz ou pela própria natureza dos materiais usados na construção, a Ala Mística parecia-lhe mais clara. O marulhar da água da piscina também tinha um efeito calmante. Não sabia direito para que servia, se tinha algum propósito que não fosse meramente decorativo. Ele pegou uma moeda, fez um desejo e atirou-a na água, observando-a rebrilhar por um instante antes de afundar devagar. Sentiu-se mais seguro quando olhou para o fundo e viu que ela tinha companheiras monetárias. Havia também uma escada — será que a piscina era para natação ou para banhos ritualísticos? Teria que perguntar a Aerin. Por enquanto, não correria o risco de cometer uma gafe.

Ele passou pelos arcos da entrada do Salão dos Mistérios, sorrindo suavemente à luz azul-violeta-branca. Cinco pilares, cada qual decorado com um padrão de figuras geométricas em ouro e azul, sustentavam um andar superior e o teto. Agora que estava ali, achava que o lugar não parecia tão sagrado quanto a catedral — mas ainda havia Luz. Na véspera e na manhã daquele dia, tivera a impressão de que todos em Altaforja usavam armadura mesmo quando realizavam atividades cotidianas. Era um alívio ver ambientes em que os anões e gnomos vestiam roupas largas e macias.

Algo pequeno e rígido e rápido colidiu com a coxa de Anduin, que deu um passo para trás.

— O que...

— Gente! — guinchou alguém. — Dink, cuidado com...

— Ai! — Mais uma coisa pequena e rígida e rápida bateu na coxa de Anduin, fazendo suas pernas, já enfraquecidas pelo treinamento que fizera mais cedo, dobrarem. Antes que pudesse se recuperar, caiu de joelhos no chão de pedra fria. Ele estremeceu, mas não deu um gemido enquanto se levantava com cuidado.

— Mil desculpas! — Anduin olhou para baixo e viu dois gnomos. Pareciam irmãos, um rapaz e uma moça. Ambos tinham cabelos brancos e olhos azuis que estavam arregalados de vergonha. Usavam vestes de tons amarelos e azuis. A mulher estava segurando um livro e corava cada vez mais. — Estava distraída com isso. Não olhei para onde ia. Só não sei qual a desculpa de Dink.

— Estava seguindo você, Bink! — disse o homem, cujo nome aparentemente era Dink. — Mil desculpas, meu jovem. Às vezes ficamos concentrados demais por aqui, e nem sempre isso é bom pra gente!

— Ou pros outros — completou Bink, com um sorriso encantador. Solícita, tentou tirar a poeira do joelho de Anduin. O príncipe estremeceu e deu um passo para trás, forçando um sorriso. — Mil desculpas!

— Tudo bem — disse ele. — Eu também tenho que tomar mais cuidado.

Os dois sorriram para ele ao mesmo tempo, depois se curvaram e saíram rapidamente. Achando graça, mas dolorido, Anduin observou-os indo embora.

— Olha, guri — disse uma voz gentil e profunda. — Deixa que eu cuido disso para ti.

Um calor agradável e repentino tomou o corpo de Anduin, e ele se virou e viu um anão idoso entoando algo baixinho enquanto mexia as mãos. Sua longa barba branca estava amarrada em duas tranças e um rabo de cavalo. O topo da cabeça era bem calvo, com um rabo de cavalo atrás e longas mechas nas laterais. Os olhos verdes enrugavam-se com seu sorriso. Num piscar de olhos, Anduin percebeu que toda a dor desaparecera — o latejar dos joelhos, as dores e a tensão do treinamento. Ele se sentiu descansado, refeito, como se houvesse acordado de uma boa noite de sono.

— Obrigado.

— De nada, guri. Por acaso é o jovem príncipe de Ventobravo que estávamos esperando?

Anduin fez que sim e estendeu a mão.

— Muito prazer...

— Sumo Sacerdote Rohan. Que a Luz te abençoe. O que está achando da nossa gloriosa Altaforja?

— Esperava um pessoal mais alto. — Anduin deixou a piadinha escapar antes que se

desse conta. Seus olhos se arregalaram, as bochechas ficaram vermelhas. — Desculpe... eu não tive a intenção...

Para sua surpresa e alívio, o Sumo Sacerdote jogou a cabeça quase careca para trás e morreu de rir. — Ah, não escuto essa faz muito tempo. Caí direitinho, né? — A gargalhada foi aos poucos virando uma risada menos intensa.

Anduin relaxou, e até sorriu.

— Foi uma piada *muito* ruim. Peço desculpas.

— Bom, eu só perdoo se tu pensar numa melhor — respondeu Rohan.

— Vou tentar...

— As pessoas não riem o suficiente hoje em dia, acho. Ah, a Luz é coisa séria, mas acho que às vezes para sermos lúcidos temos que ser um pouco lúdicos, não é?

Anduin olhou para ele, incerto, tentando descobrir se seria desrespeitoso reagir ao jogo de palavras com um gemido. Rohan notou a expressão, mas sorriu mais ainda.

— Reconheço, essa foi ruim, é por isso que eu espero que me ensine umas novas. Mas, em todo o caso, o que te traz ao Salão dos Mistérios?

Ficando sério de repente, Anduin disse:

— Eu estava... eu estava sentindo a falta da Luz.

O velho anão sorriu gentilmente, e dessa vez sua voz era doce e séria, mas ainda cheia de alegria.

— Ela nunca está longe, guri. Carregamos a Luz conosco aonde quer que formos. Mas é verdade que procurar a companhia dos outros num lugar especial alimenta a alma. Tu é sempre bem-vindo aqui, Anduin Wrynn.

Não usara seu título. Anduin sabia que ele não tinha título diante da Luz, e Rohan também não. Lembrava que seu pai dissera certa vez, um tempo depois de ter voltado para casa, que, se não fosse por Anduin e pelo povo de Ventobravo que dependia dele, Varian teria continuado a ser Lo’Gosh com prazer, lutando no ringue. Era uma existência simples e direta, mesmo que curta e bruta, sem nenhuma das complexidades da vida da realeza.

Ao subir a escada em caracol que dava em aposentos mais silenciosos, sob aquela suave luz azul às vezes complementada pelo laranja brilhante dos braseiros, percebeu que entendia o desejo do pai. Não pela violência do ringue e pelo risco de morte repentina dia após dia: seu pai talvez ansiasse pela luta, mas não ele. Não, o que Anduin queria era o luxo aparentemente elusivo da paz. Paz para sentar-se em contemplação silenciosa, para estudar, para ajudar os outros. Uma sacerdotisa passou por ele, sorrindo gentilmente, o rosto calmo.

Anduin suspirou. Não era seu destino. Ele nascera um príncipe, não um sacerdote, e

sem dúvida seu destino envolveria mais guerra, mais violência, e exigiria dele jogadas políticas e manipulação.

Mas, por enquanto, ali no Salão dos Mistérios, Anduin Wrynn — sem título então — estava sentado em silêncio e não pensava no pai, nem em Thrall, nem mesmo em Jaina, e sim num mundo onde qualquer um poderia chegar a uma cidade qualquer e ser acolhido de braços abertos.

12



Drek'Thar se revirava na cama. Estava sendo atormentado por visões que o provocavam e importunavam. Breves, incertas, ambíguas; visões de paz e prosperidade e visões de desastre e ruínas eram executadas ao mesmo tempo no teatro da sua mente.

Ele conseguia enxergar nessa visão. Estava de pé, mas não havia nada sob seus pés. Ao redor dele, abaixo e acima, havia estrelas e um céu negro. Imagens dos Espíritos da Terra, do Ar, do Fogo, da Água — todos raivosos, todos infelizes, todos enfurecidos com ele. Tentavam alcançá-lo, suplicantes, mas, quando Anduin se voltava para eles, de coração aberto e tentando entender, os espíritos o repudiavam com uma fúria tão profunda que o rapaz perdia o equilíbrio. Se fossem crianças, estariam chorando.

Águas se chocavam à sua volta, agitadas pelo Ar manifestando-se como vento. Havia tempestades, fortes e poderosas, tomando navios e quebrando-os como se fossem brinquedos. Os meninos de Caerne e Grom estavam em um desses navios... não, não, era Thrall... e então já não importava mais *quem* estava no navio, pois fora reduzido a madeira encharcada.

E logo chegou o Fogo, cujas faíscas atacavam Drek'Thar como pássaros protegendo o ninho. Ele estava indefeso contra o ataque, e gritou desesperadamente quando suas roupas começaram a pegar fogo. Tentava apagá-las freneticamente, mas a chama se recusava a se extinguir.

Quando parecia que Drek'Thar sucumbiria ao ataque do Fogo, ele cessou. Drek'Thar estava inteiro e a salvo. Respirava com esforço, tremendo. Os instantes se esticavam. Nada acontecia, mas a visão continuava.

E foi então que começou a sentir os tremores sob seus pés. E sabia, de alguma forma, que o Ar, a Água e o Fogo já haviam expressado suas dores. E embora ainda pudessem fazê-

lo de novo, esse tremor da Terra chorosa debaixo de seus pés ainda estava por vir, ele sabia. E pressentia que seria terrível. Imagens passavam por sua mente: uma paisagem de neve, florestas...

Ele gritou e sentou-se de supetão, piscando com olhos que, felizmente, já voltavam a enxergar somente a escuridão. As mãos tateantes encontraram as de Palkar, como sempre.

— O que foi, Grande Pai? — perguntou o orc mais novo. Sua voz era clara, forte, livre de tudo o que assombrava Drek'Thar.

Ele abriu a boca para responder, mas de repente seus pensamentos ficaram tão escuros quanto sua visão. Ele sonhara... com algo. Algo importante. Algo que ele precisava compartilhar...

— Eu... Eu não sei — sussurrou. — Algo terrível está prestes a acontecer, Palkar. Mas... eu não sei o que é. *Eu não sei!*

Ele tremia, soltando soluços frustrados e amedrontados.

As lágrimas que escorriam pelo seu rosto eram mornas.

Anduin desenvolveu uma rotina no passar dos dias. Passava as manhãs treinando com Aerin, que parecia inexaurível e eternamente alegre. Quando não estavam lutando, Anduin e ela cavalgavam pela área rural. Apesar dos carneiros não serem seu meio de transporte favorito, Anduin adorava ter a oportunidade de sair; o ar fresco o fazia se sentir quase eufórico, e a terra coberta de neve era muito diferente do clima temperado de Ventobravo. Ele acabou se afeiçoando muito a Aerin. Sabia que ela não controlaria a força de seus golpes, física ou verbalmente, e ele gostava dessa atitude. Certa vez, perguntou sobre Moira.

— Ah, esse negócio é complicado, hein — disse ela.

— Parece simples para mim. Ela foi sequestrada, enfeitiçada e partiu o coração de Magni.

— Tenho que concordar que ele sente saudades dela — continuou Aerin —, mas ele também não era o melhor pai do mundo.

Anduin ficou chocado. Sempre imaginou que o anão bonachão daria um pai perfeito. Tinha certeza de que ele apreciaria um indivíduo pelo que ele era, e não pelo que queria que ele fosse.

— Não era cruel, entenda. Mas, bem, sua alteza era do sexo errado. Magni sempre quis que um filho herdasse o trono. Achava que uma mulher não faria o serviço direito.

— Jaina Proudmore é uma líder excelente para o seu povo — disse Anduin.

— Pois é, e logo depois que Moira desapareceu, sua majestade me colocou na guarda

de elite, eu e mais algumas mulheres — respondeu Aerin. — Acho que ele finalmente percebeu que tinha sido um pouco injusto. Espero que um dia pai e filha possam ajeitar as coisas.

Anduin esperava o mesmo. Ao que parecia, dificuldades entre pais e filhos não aconteciam só entre humanos.

Enquanto cavalgavam juntos, ele conheceu a população das áreas vizinhas de Kharanos e da Garagem do Gradaço. Uma vez, cavalgaram até Thelsamar, em Loch Modan, onde pararam para almoçar e Anduin, exausto, adormeceu à beira do lago e acordou duas horas depois com um bronzeado muito doloroso.

— Ah, vocês, humanos, burros o suficiente para não sair do sol — brincou Aerin.

— Como é que *você* não ficou queimada? — perguntou Anduin, irritado. Noventa por cento do tempo que passavam juntos, Aerin estava de armadura, e, no resto do tempo, ela vivia sob um teto. O pouco de pele que expusera era mais branco do que a dele.

— Eu fui cochilar à sombra de uma pedra bem grande — explicou ela.

Ele olhou para ela, perplexo.

— Por que não me sugeriu isso?

— Pensei que tu fosse descobrir sozinho. De agora em diante já vai saber, não vai? — Ela sorriu tranquila, e, mesmo sentindo dores terríveis e estando da cor de um caranguejo cozido, ele não era capaz de ficar bravo com ela. Deixou escapar um gemido de dor ao vestir a camisa; o tecido de runatrama, macio como uma pena, era pura agonia. Aerin estava certa. Anduin nunca mais se deixaria adormecer num dia ensolarado sem ter certeza absoluta de estar bem protegido à sombra.

Quando retornou aos seus aposentos, encontrou uma carta à sua espera. Fora escrita com a letra grossa de Magni Barbabronze:

Anduin,

Venha à Sala do Trono assim que chegar. Leve Aerin também.

Esperava poder pedir ajuda com a queimadura ao Sumo Sacerdote Rohan, mas o chamado de Magni claramente não dava espaço para qualquer atraso. Ele mostrou a carta a Aerin, cujos olhos se arregalaram. Ela concordou, e eles se viraram ao mesmo tempo e foram apressados à Sala do Trono. Mesmo com a dor das queimaduras, Anduin apertou o passo. A preocupação tomou conta dele. Será que acontecera alguma coisa ao seu pai? Será que finalmente estourara uma guerra entre a Horda e a Aliança?

Magni estava lá, inclinado sobre uma mesa. Dois anões, com trajes de viagem manchados, postavam-se ao seu lado. Um terceiro os observava ansiosamente. Anduin o reconheceu como o Alto-explorador Munnin Magellas, presidente da Liga dos Exploradores, um anão bonito de cabelos e barba ruivos que gostava de usar óculos de proteção quase o tempo todo. Na mesa havia três tabuletas de pedra. Anduin parou de repente, trocando um breve olhar confuso com Aerin, que deu de ombros, tão perplexa quanto ele.

— Ah, Anduin, meu guri, venha cá! Vai gostar de ver isso! — Magni gesticulou para que ele se aproximasse, os olhos brilhando de empolgação. Anduin se encheu de alívio, o que o fez sentir-se cansado por um momento, e então sentiu uma pontada de irritação.

— Sua mensagem parecia urgente, majes... tio Magni — disse ele, se aproximando, sentindo cada vez mais as dores das queimaduras.

— Ah, urgente, não, mas muito intrigante! Venha ver!

Um dos anões curvou a cabeça e saiu do caminho para que Anduin pudesse ficar ao lado de Magni e Magellas. Ele olhou para as tabuletas, percebendo agora que não havia três, mas somente uma, que fora quebrada em três pedaços. Havia inscrições em cada parte da tabuleta destruída. Anduin falava várias línguas, mas essa ele desconhecia.

— Meu irmão Brann me mandou — disse Magni. Ele retirou uma das luvas e passou dedos nus e imponentes sobre os textos com um toque surpreendentemente leve. — Ele ficou intrigado e achou que eu também ficaria. — Olhou para Anduin. — Assim que eu vi a tabuleta, mandei te chamar. Imagino que tu não tenha a menor ideia do que seja.

Anduin deu uma risadinha e balançou a cabeça.

— Nunca vi isso antes.

— Acho que ninguém viu, pelo menos não em muito, muito tempo. Esses escritos... são dos terranos.

Anduin sentiu toda a pele arrepiar e olhou para os pedaços quebrados com um novo grau de respeito. Os terranos eram criações dos titãs de muito, muito tempo atrás. E era dos terranos que os anões atuais descendiam. A pedra à sua frente era incrivelmente antiga, talvez tivesse dez mil anos, talvez até mais. Ele estendeu uma mão trêmula para tocá-la de leve, imitando o toque de Magni, com um profundo respeito.

— Sabe o que diz?

— Não, não entendo dessas coisas. Até Brann teve um pouquinho de dificuldade com isso. Por isso que mandou para cá, para os especialistas do salão. Ele conseguiu alguma coisa... deixe-me ver... — Magni apanhou um pedaço de papel que repousava sobre a mesa. — Alguma coisa sobre... unir-se com a terra e tornar-se um.

— Hunf — disse Aerin. Anduin estava começando a descobrir que ela era uma pessoa extremamente prática. Não tinha muita imaginação e ficara tão entediada com as várias visitas ao Salão dos Exploradores que Anduin lhe liberava oficialmente quando resolvia ir para lá. — Unir-se com a terra? Para mim, parece muito com ser enterrado.

Anduin lançou-lhe um olhar um pouco irritado e voltou a atenção à tabuleta.

— O que acha que significa? É meio vago.

— É mesmo, e precisamos de clareza nessas horas — concordou Magni. Ele examinou Anduin especulativamente. — Tu é um guri inteligente, Anduin. Tem prestado atenção no que está acontecendo mundo afora?

Anduin não estava entendendo.

— Sei que há muita tensão entre a Aliança e a Horda — disse, se perguntando se era aí que Magni queria chegar. — Que a Horda tem causado problemas, porque seus suprimentos ficaram bem reduzidos depois da guerra.

— Muito bem. — aprovou Magni. — Mas não só por causa da guerra. Siga a pista, guri. Anduin franziu a testa.

— Bem... porque Durotar é uma terra muito austera — disse. — Nunca teve muitos recursos.

— E menos ainda agora, porque...

— Por causa da guerra e... — Os olhos de Anduin se arregalaram quando ele finalmente compreendeu. — Por causa das secas anormais.

— Exatamente.

— Falando nisso... Tia Jaina disse que tiveram uma noite de tempestade violenta logo antes de eu visitá-la. Disse até que era uma das piores que já vira. E houve relatos de um furacão estranho que danificou muitos navios que tentavam voltar de Nortúndria.

— Isso! — Magni deu vivas, de tão empolgado que estava. — Tempestades ferozes, enchentes em alguns lugares, secas em outros... Há algo errado, guri. Eu não sou xamã, mas os elementos definitivamente não têm estado felizes esses dias. A tabuleta pode ser a chave para entender o que há de errado com eles.

— Você... sério? Você realmente acha que algo tão antigo pode nos ajudar agora?

— Tudo é possível, guri. No mínimo... — disse Magni num sussurro exageradamente conspiratório — ...botamos as mãos em algo que não vê a luz do dia há muito tempo, né? — Ele deu um tapa nas costas de Anduin. Bem em cima da queimadura.

O processo de tradução era lento e doloroso, cheio de pistas falsas. Além do mais, Anduin

tinha a impressão de que os tradutores eram muito arrogantes e egocêntricos, pouco dispostos a admitir um erro sequer — e cada um tinha uma interpretação diferente.

O Alto-explorador Magellas insistia que era uma união metafísica:

— “Tornar-se um com a terra” — repetia. — Unir-se a ela. Sentir sua dor.

O conselheiro Belgrum, um velho sábio de mãos trêmulas, mas com uma voz que, quando levantada, poderia ser ouvida em quase toda Altaforja, deu uma risada seca.

— Bah — disse ele —, Muninn, tu é muito obcecado com as gurias. Por isso que cismou com a frase “tornar-se um”.

Magellas, que ficara o tempo todo lançando olhares de soslaio à bela Aerin, deu uma gargalhada espalhafatosa.

— Só porque tu não tem estado com nenhuma chinoca há décadas, Belgrum, não significa que...

— Senhores, senhores, esse tipo de conversa não é apropriada para os ouvidos da realeza! — ralhou Aerin, que não se incomodara nem um pouco com o diálogo.

Anduin, porém, ficou um pouco vermelho.

— Não tem problema — disse. — Quer dizer... Eu entendo desses assuntos.

Incapaz de resistir, Aerin piscou para ele.

— Entende, é?

Anduin virou-se rapidamente para Belgrum.

— O que *você* acha que significa? — perguntou, querendo mudar de assunto.

— Bem, acho que não dá para saber com certeza até que esteja tudo traduzido. A interpretação de uma frase muitas vezes depende do que há ao seu redor. Por exemplo... “Estou com fome”. Se colocada num parágrafo como “Minha esposa está preparando o jantar na cozinha. Sinto o cheiro de costela de javali na cerveja. Estou com fome”, então a fome é literal, não é mesmo?

— Belgrum, tu está me provocando. Já passou da hora do almoço — reclamou Aerin.

— Mas se o parágrafo for mais do tipo “Faz quatro anos que estou preso. Tudo o que vejo são paredes cinzentas. Sonho com espaços abertos e luz do sol. Estou com fome”. Aí é outra coisa.

— Céus, tu é um poeta — disse Aerin, impressionada. Anduin também estava.

— Entendo o que quer dizer — falou. — Nunca pensei dessa forma. O que...

Um ronco profundo o interrompeu. Anduin perdeu o fôlego quando o chão começou a vibrar sutilmente, como se ele estivesse em cima de um animal gigantesco que ronronava, só que não era sinal de nada tão benevolente. Outro som veio de cima — Anduin ergueu os

olhos e viu centenas de livros tremendo e lentamente deslocarem-se para fora de suas prateleiras.

Três pensamentos ocorreram-lhe simultaneamente. Primeiro, suspeitava que todos aqueles livros e o conhecimento inestimável que continham estavam prestes a tombar sem cerimônia de uma altura admirável e certamente sofreriam danos, se não fossem destruídos por completo. Segundo, se deu conta de que os livros que cairiam em breve, sem cerimônia, de uma altura admirável atingiriam as suas cabeças. E, finalmente, se os pedaços da tabuleta escorregassem da mesa, se despedaçariam. Ele pulou para a frente e os agarrou, apertando os insubstituíveis pedaços de conhecimento contra o coração.

— Cuidado! — gritou Aerin, agarrando os braços de Anduin e Belgrum e arrastando-os para a grande arcada que separava a biblioteca do salão de exposição principal. Anduin não entendeu e achou que ela estava querendo que fugissem de vez do salão, e continuou avançando até que, com um grunhido, ela se jogou em cima dele. Frenético, ele se contorceu e caiu de mau jeito com o quadril no chão, ainda protegendo a tabuleta, com Aerin às suas costas.

— Não, Anduin! Aí fora, não! Fique debaixo da arcada!

O aviso veio na hora exata. Ele caíra exatamente embaixo do esqueleto de pterodonte. O esqueleto estava tremendo violentamente; a corrente que o suspendia balançava e fazia as asas de osso baterem como se o animal fosse um morto-vivo. Os ligamentos que o mantinham naquela pose não eram feitos para resistir a algo mais exigente do que a gravidade, e, sob o olhar atento de Anduin, os fios arrebentaram e as asas esqueléticas foram abaixo. Por um longo, lento e terrível instante, Anduin simplesmente assistiu à morte caindo sobre ele.

Mas, de repente, braços parrudos e fortes envolveram seus ombros e seu rosto foi pressionado contra uma fria placa metálica: Aerin jogara-se sobre ele. Ela deixou escapar um grunhido quando um dos ossos fossilizados colidiu com sua armadura e expulsou o ar de seus pulmões.

Num piscar de olhos, tudo acabou. Aerin sentou-se, o rosto contorcido de dor, mas aparentemente bem, fora isso. Anduin também se sentou e olhou cautelosamente à sua volta. Como já esperava, os livros estavam no chão, assim como todos os outros objetos que antes adornavam as mesas.

— A tabuleta! — gritou Belgrum, levantando-se rapidamente.

— Está comigo — disse Anduin.

— Bom guri! — exclamou Magellas.

Aerin ficou de pé, tremendo um pouco. Anduin a imitou, de pernas bambas, abraçado aos pedaços da tabuleta. Ele a encarou.

— Você salvou a minha vida — disse baixinho.

— Não foi nada — respondeu ela, com um gesto. — Eu seria uma péssima guarda-costas se não estivesse preparada para salvar tua vida quando necessário, não seria?

Ele concordou, grato, e lançou-lhe um sorriso. Ela piscou de volta alegremente.

— Estão todos bem? — perguntou Anduin, entregando a tabuleta a Belgrum.

— Parece que sim... Ai, os pobre livros — disse Magellas numa voz sofrida. Anduin assentiu solenemente.

— É melhor ir ver se os outros estão bem — disse Aerin.

— Boa ideia. Vamos lá.

— Não vou te levar para mais situações perigosas — insistiu Aerin.

— Bom, você tem que ficar comigo, então não pode sair por aí sozinha, não é mesmo? — O argumento era forte, e ela olhou para ele, irritada. — Vamos ao Salão dos Mistérios — continuou Anduin. — Se alguém estiver machucado, vai precisar de curandeiros.

Ele deixou o Salão dos Exploradores e foi depressa ao Salão dos Mistérios com Aerin, aparentemente já recuperada, caminhando ao seu lado. Eles diminuíram o passo ao se aproximarem.

Dezenas de pessoas estavam agrupadas no salão. Algumas andavam por conta própria, outras eram carregadas ou levadas nas costas de carneiros. Algumas jaziam no frio chão de pedra enquanto seus entes queridos choravam desesperadamente e tentavam chamar os sacerdotes, que pareciam ser bem escassos e estavam murmurando preces de cura o mais rápido possível.

— Pela Luz — disse Aerin. — Parece que demos sorte.

Anduin concordou.

— Rohan não está aqui — disse. — Isso significa que em algum lugar há uma situação pior ainda. — Gentilmente, ele pegou no braço de uma das sacerdotisas ao vê-la passando. — Com licença, onde está o Sumo Sacerdote Rohan?

— Foi chamado para atender outra localidade — disse ela.

— Qual?

— Kharanos. Lá foi mais forte. Agora, por favor, preciso cuidar dessas pessoas!

— Vamos — disse Anduin a Aerin.

— O quê?

— Vamos a Kharanos. Fui treinado para ajudar em situações de emergência — explicou

Anduin. — Posso tratar feridas, colocar ossos deslocados no lugar, fazer curativos, dar alguma assistência até os curandeiros de verdade chegarem.

— E quantos ossos tu já colocou no lugar?

— Er... nenhum. Mas eu sei como se faz! — Ao ver seu olhar de incerteza, ele agarrou seus braços e a sacudiu. — Aerin, escute! Eu posso ajudar! Não vou ficar aqui só olhando, sem fazer nada!

— Ajude essas pessoas, então — disse Aerin, prática.

Anduin olhou à sua volta. Agora que observava com mais calma, percebeu que o sangue que estava vendo nas pessoas era de uma velha ferida já curada, não de feridas abertas. E a maioria dos que estavam realmente feridos conseguiam se mover, ficar de pé e falar. Não era um local de atendimento de emergência, mas estava claro que, mesmo assim, os sacerdotes continuariam ocupados por um bom tempo.

— Eles não precisam de ajuda — disse ele, falando baixo. — Quero ajudar quem realmente precisa. Por favor, vamos a Kharanos.

Os olhos de Aerin examinaram os dele e ela deu um suspiro.

— Tudo bem. Mas não vou deixar que tu te meta em situações perigosas, entendido?

Ele sorriu.

— Está bem, mas vamos logo.



Anduin segurou-se firme ao grande carneiro ao tomar, em alta velocidade, o caminho escorregadio e coberto de neve que ia de Altaforja às pequenas vilas nos arredores. Não havia outra opção senão confiar nos cascos firmes do animal, e ele percebeu com certa surpresa que eles eram realmente bem confiáveis. Não houve nenhum tropeço. Anduin descobrira que aquelas enormes criaturas eram, na verdade, mais confortáveis que os cavalos, mas isso não queria dizer que ele gostava do ritmo alucinante da cavalgada.

Ao se aproximarem de Kharanos, foram cumprimentados por vários dos montanhistas lá estacionados.

— Depressa! Ainda há muita gente presa na cidade! — gritou um deles.

— Preciso do seu carneiro, guria! Tenho que ir a Altaforja pedir mais ajuda!

Aerin imediatamente desceu do animal e entregou as rédeas ao montanhista, que deu um salto para se encaixar na sela e partiu. Sem uma palavra sequer, Aerin montou atrás de Anduin e eles seguiram em frente, ambos com ar sombrio.

As feridas eram bem mais graves ali. Anduin viu quase uma dúzia de pessoas sendo tratada ao ar livre, pois quase todos os prédios estavam danificados de alguma forma. Ele procurou Rohan, e o encontrou ajoelhado, tratando de uma anã idosa. Anduin desceu do carneiro e correu até o sacerdote, chegando bem a tempo de vê-lo cobrindo o corpo imóvel com um lençol.

Rohan ergueu a cabeça, os olhos bem mais envelhecidos do que Anduin jamais os vira.

— Príncipe Anduin — disse ele —, já imaginava que tu viria. Sabe prestar primeiros socorros, não sabe?

Anduin fez que sim.

— Não sou anão, mas tenho as costas bem firmes — disse. — Ouvi dizer que há gente

presa.

— É — respondeu o sacerdote —, mas é de curandeiros que estamos precisando, não de costas firmes. Aerin, guria, vá ajudar os outros; eu vou botar nosso piá aqui para trabalhar.

— Tudo bem — respondeu Aerin. — Vamos tirar essas pessoas da área de perigo e trazê-las ao ar fresco!

E nas muitas horas que se seguiram, Anduin realmente foi posto para trabalhar. Mais e mais vítimas do terremoto foram retiradas das ruínas. Rohan curou as feridas mais graves, deixando as mais leves para Anduin. Ele lavou, fez curativos, sorriu e os tranquilizou, e viu Rohan observando-o com um olhar de aprovação.

Pensou no pai enquanto trabalhava. Varian era um guerreiro. Anduin sabia que não era um. Lutar e machucar as pessoas nunca fizera o príncipe se sentir como se sentia naquele momento, quando estava fazendo algo concreto para minimizar a dor em vez de causá-la, ajudar os outros em vez de causar-lhes mal. Sim, a guerra às vezes era uma terrível e sombria necessidade, como no caso de Nortúndria, mas Anduin sabia, no fundo do coração, que sempre desejaria a paz e lutaria por ela. Aquelas feridas, causadas pela natureza e inevitáveis, já eram terríveis o suficiente. Anduin não queria pensar em como se sentiria se estivesse tratando de feridos em batalha, e não de vítimas da queda acidental de pedras.

Alguém trouxera um caldeirão e enchera-o de neve. A água resultante era limpa e quente. Anduin colocou um pouco de poção curadora numa caneca cheia de água, adicionou algumas folhas de botão-da-paz e deu a caneca a uma mãe gnomida. A moça deixou seus dois filhos, uma criança pequena e um bebê de colo, darem alguns goles antes de ela beber.

— Muito gentil, senhor — disse ela. — Obrigada.

— Não foi nada — respondeu ele, passando a mão pela cabecinha do bebê e seguindo em frente para tratar de um anão de meia-idade temperamental que estava discutindo ferozmente com outro curandeiro. A sacerdotisa, uma elfa noturna visitante, estava limpando um corte na testa do anão, que sangrava muito.

— Eu estou bem, maldição, vá cuidar de alguém que esteja realmente ferido, ou vou te fazer ser a próxima da fila com um nariz quebrado!

— Senhor, por favor, fique parado...

— Não faz sentido desperdiçar as tuas preciosas habilidades de cura num cortezinho desse! — gritou o anão. — Por que tu não...

A terra tremeu novamente. Dessa vez, Anduin não teve a impressão de estar em cima

de uma criatura enorme que ronronava, mas de tentar se equilibrar sobre um cavalo agitado. Os pés bambearam e ele caiu no chão congelado com uma forte pancada. O solo tremia, dessa vez, furioso e agressivo, e ele cobriu a cabeça, prendeu a respiração e esperou acabar. Ele ouviu gritos agudos e amedrontados, e um ronco grave acompanhado de um estalo. Anduin lutou contra um terror primevo ao fechar os olhos com força e rezar para a Luz. Não previra aquilo. Reagira bem ao primeiro terremoto, mas agora a razão parecia tê-lo abandonado. Percebeu que os gritos que escutava incluíam sua própria voz.

Algo morno e calmante o tocou, e ele sentiu a sensação familiar da Luz. Seu peito de repente relaxou e ele pôde respirar. A terra ainda se contorcia sob ele, mas agora ele conseguia raciocinar, conseguia se manter no controle das emoções, e não deixar que elas o controlassem. Outras pessoas também pareciam se acalmar, e o som terrível dos gritos já não se misturava mais com os ruídos do tremor da terra.

Parecia que nunca iria acabar, mas enfim os tremores secundários pararam. Anduin levantou a cabeça cautelosamente. Passou os olhos à sua volta, o ar que expirava parecendo uma bruma. A gnomida e as crianças estavam bem. O anão briguento e a elfa noturna também, apesar de pálidos. Onde estava... ah, lá estava Rohan. Provavelmente fora ele quem os acalmara, usando a Luz para protegê-los do ataque paralisante do medo. Anduin apoiou as mãos na terra para se levantar e acabou tocando em algo molhado. Por um segundo terrível, achou que pudesse ser sangue, mas a substância era marrom e fria. O que... Lentamente, pôs-se de pé, encarando o líquido em suas mãos. Cheirou-o com cuidado.

Era... *cerveja*.

Por um segundo, aquilo não fez sentido, mas então ele entendeu o que acontecera. Voltou-se para olhar para trás de si e viu vários barris destruídos que haviam saído rolando, além de um cobertor branco funesto onde antes havia um prédio.

A Destilaria Cervaforte desmoronara, e o desabamento da colina de neve atrás dela a havia soterrado.

— Ah, Luz — suspirou Anduin, rezando desesperadamente ao correr para junto do monte de neve que antes fora uma agradável taberna. Outros se juntaram a ele, gritando palavras encorajadoras, apanhando pás e começando a cavar com determinação. Uma feiticeira gnomida aproximou-se, as vestes esvoaçando.

— Não se preocupem! Posso derreter a neve! — gritou ela, preparando-se para transformar as palavras em ação.

—Não! — Anduin gritou de volta. — Vai criar uma enchente!

A gnomida ruiva de marias-chiquinhas lançou-lhe um olhar irritado, mas concordou,

vendo a lógica das palavras.

— Vento — disse uma voz suave. Uma elegante draenaia de pernas longas deu um passo à frente, olhando para Anduin. Ele se perguntou como um menino de 13 anos fora colocado no comando e tentou raciocinar. Sim, se administrado corretamente e controlado, o vento poderia levar embora a cobertura de neve sem machucar as vítimas soterradas. Eles então poderiam ver a quantidade de terra que cobria as ruínas.

— Ahm... isso — disse ele, deselegante. — Mas tome cuidado!

Ela fechou os olhos e mexeu dedos longos e azulados, jogando o cabelo preto azul-marinho para trás. Apesar da gravidade da situação, por um momento Anduin simplesmente a encarou, fascinado por sua beleza e graciosidade, e então ficou vermelho e resolveu concentrar a atenção na mágica que ela estava conjurando.

Ele escutou um barulho e um vulto pequeno surgiu. Tinha o formato de uma jarra, cheio de luz brilhante, e ele sabia que era um totem — um método para um xamã contatar, evocar e controlar os elementos. Joias radiantes pareciam rodar em volta, e runas que ele desconhecia moviam-se lentamente em círculo.

Num piscar de olhos, um pequeno redemoinho se formou, azul e branco e rodopiante. Cresceu mais e mais quando a xamã começou a murmurar o feitiço, e, com um movimento do pulso, ela o soltou. Ele não se moveu. A draenaia abriu os olhos, confusa, e disse algo numa língua que Anduin não compreendia. Ainda assim, o pequeno elemento que ela evocara não lhe obedecia.

Seu rosto demonstrava incompreensão e uma pontada de medo. Ela falou mais uma vez, em tom de súplica, e finalmente o elemento avançou, girando, jogando a neve para os lados. Os observadores deram um passo para trás. Momentos depois, estava terminado. A neve sumira, revelando a pedra cinza que outrora fora o telhado da destilaria. O elemento girou sem se deslocar, cada vez mais rápido, até que de repente desapareceu. Com o canto do olho, Anduin viu a jovem xamã draenaia levar uma mão trêmula ao rosto.

A multidão se aproximou mais uma vez, ansiosa por ajudar as vítimas presas. Anduin estava entre eles.

— Esperem, esperem! — Dessa vez, era Rohan. — Silêncio! — Todos obedeceram, encarando o Sumo Sacerdote, que fechou os olhos e pôs-se a escutar. Anduin também ouviu depois de um momento de esforço; uma batida e um tinido fracos. Alguém estava vivo ali embaixo. Havia também o som de vozes abafadas, de palavras baixas demais para serem discernidas.

— Não desperdicem a voz gritando! — disse Rohan numa voz rouquenha. — Estamos

ouvindo e vamos ajudar vocês!

As pessoas começaram a cavar com as mãos de novo. Outros trouxeram equipamentos para ajudar o processo. Anduin não ficou surpreso ao ver Aerin à frente do movimento de escavação. Os braços dela começaram a tremer com o esforço depois de algum tempo, mas a sua determinação vencia o cansaço. Pouco a pouco, a pedra foi levantada, revelando corpos empoeirados e feridos. Rohan andava de um lado para outro, esforçando-se ao máximo para ver e curar aqueles que não conseguia tocar fisicamente. Sua concentração era absoluta, os olhos, afiados e concentrados, e as mãos se moviam com uma velocidade que contradizia a idade. Anduin sentiu lágrimas ardendo nos olhos, lágrimas de felicidade e gratidão pelo anão e pela bênção da Luz, enquanto as vítimas do terremoto eram removidas uma por uma, sãs e salvas.

— Quantos andares? — perguntou Anduin, parando em um dado momento para esfregar a testa. Estava frio, mas ele suava profusamente com o trabalho físico duro.

— Três — respondeu alguém.

— Não, q-quatro — corrigiu outro. Era o estalajadeiro, Belm, sentado num canto, enrolado num cobertor, com uma caneca de chá quente nas mãos. As mãos envolviam a caneca para absorver o calor, e ele tremia enquanto falava. — Tem quartos lá embaixo para quem quiser passar a noite. Não tínhamos hóspedes, e não acho que t-tenha alguém lá.

— A Luz seja louvada — murmurou Rohan. — Temos que nos preocupar com três andares, então.

— Bah, não é uma tarefa tão difícil — zombou Aerin, mas a tensão no rosto a traía. — Quanto mais cedo reconstruirmos, mais cedo poderemos brindar com cerveja boa, com Cervaforte escura!

Risos se espalharam pela multidão, e, pela primeira vez desde o começo da provação, Anduin viu sorrisos em alguns rostos. Não diminuía a necessidade de recuperarem os feridos, mas amenizava a tensão, deixando os trabalhadores mais ágeis.

O primeiro andar agora estava limpo de escombros, feridos e, mais sombriamente, corpos. Mais uma vez, ouviram uma batida ritmada, e o som reconfortante de alguma atividade fez as pessoas suspirarem de alívio. Muitos voluntários gnomos foram os primeiros a se espremerem por uma pequena área para chegar ao andar seguinte, com cordas amarradas nas cinturas finas. Puxaram a corda algumas vezes para informar quem estava em cima de quantos sobreviventes havia: três. A multidão deu vivas, o buraco foi alargado e enquanto outros se esforçavam para limpá-lo, Aerin e mais um anão desceram.

Estavam todos esperançosos. A operação estava indo bem. Mais e mais pessoas vinham

oferecer ajuda. Comida e bebidas quentes e cobertores foram oferecidos às vítimas. Anduin lançou um olhar discreto a Rohan, que o devolveu e fez um sinal de aprovação.

— Não te preocupe, guri, vamos reconstruir. Nós, anões, somos fortes, e os nossos amigos gnomos também. E, pode ter certeza, a destilaria vai ser a *primeira* coisa a ser reconstruída!

Anduin riu com os outros e, sorridente, voltou-se para a tarefa em questão. Começou a nevar de novo, o que realmente não ajudava. Ele estava encharcado e com frio, mas a atividade física ajudou a mantê-lo aquecido. Os dedos estavam arranhados e sangrando. Poderia pedir a Rohan para curá-los com uma breve prece, mas sabia que os outros estavam em condições muito piores que a dele. Os dedos se recuperariam. As feridas sofridas pelos outros seriam mais difíceis de...

Mais uma vez, um tremor os atingiu, e Anduin mal teve tempo de dar um pulo para trás ao sentir o solo se contorcer. Ele caiu de mau jeito, sem fôlego, arfando como um peixe e estremecendo de dor enquanto pedaços de pedra golpeavam seu corpo. A terra finalmente parou o tremor furioso, e, pelo que parecia ser a milésima vez, Anduin se levantou e limpou um filete de sangue de seus olhos para examinar a destilaria. Ele piscou com cílios grudentos e, por um instante, se recusou a acreditar no que estava vendo.

Não havia destilaria nenhuma. Não mais. Só havia um buraco pavoroso no chão, um buraco coberto de pedaços de parede, teto e mesas. A poeira ainda estava subindo, misturando-se discretamente à imagem pacífica da neve caindo.

Aerin...

Rohan escalou a pedra e deu algumas batidas nela, ouvidos atentos para tentar escutar. Depois de alguns segundos, bateu de novo. Deu um suspiro profundo e recuou, balançando a cabeça lentamente.

Algo se partiu dentro de Anduin.

— Não! — gritou ele, pulando para a frente. O medo renovara suas forças, e ele obrigou os dedos frios a lhe obedecerem, agarrando um grande pedaço de pedra e jogando-o longe, e depois recomeçando. — Aerin! — gritou, a voz rouca. — Aerin, aguenta firme! Vamos tirar você daí!

— Guri — disse uma voz gentil.

Havia algo naquele tom que Anduin se recusava a aceitar. Ignorou a voz de Rohan e continuou, soluçando.

— Aerin, aguenta mais um pouco, está bem? Estamos ch-chegando!

— Guri — recomeçou Rohan, mais insistente.

Anduin sentiu uma mão em seu ombro e a retirou irritado, encarando o sacerdote com a visão borrada, vendo compaixão e dor nas feições envelhecidas e recusando-se totalmente a reconhecê-los. Ele olhou para a multidão em volta que deveria estar o ajudando. Estavam parados. Alguns estavam chorando. Todos pareciam chocados, paralisados.

— Não ouvi nenhuma batida — persistiu Rohan inexoravelmente. — Acabou. Ninguém poderia ter sobrevivido a esse desabamento. Vamos, guri. Tu fez tudo o que podia e mais um pouco.

— Não! — gritou Anduin, estendendo o braço de repente e quase batendo em Rohan. — Não pode ter certeza disso! Não podemos desistir! Eles não estão respondendo porque estão feridos, talvez desmaiados. Temos que correr... temos que tirá-los dali... temos que tirar *ela* dali.

Rohan ficou parado, sem tentar impedir o jovem príncipe. Anduin, com lágrimas no rosto, continuou, sem perceber o tempo passar. Retirou pedra após pedra, até seus ombros magros latejarem com uma dor agonizante, até as mãos sangrarem furiosamente, dormentes e doloridas, até finalmente cair deitado sobre a pedra branca, soluçando com violência. Estendeu a mão tentando alcançar a amiga, que estava presa sob a pedra implacável, atirada sobre ela pela terra furiosa.

— Aerin — sussurrou para que só ela escutasse, onde quer que estivesse —, Aerin... sinto muito... sinto muito mesmo...

Então ele não resistiu às mãos gentis que envolveram seu corpo exausto e o levantaram. Aceitou, sem forças para lutar, o coração doendo e o corpo já sem energia para protestar. A última coisa que sentiu antes que o sono piedoso o invadissem foi o toque suave de mãos calejadas no peito e na testa, e ouviu a voz de Rohan mandando-o descansar, descansar e sarar.

E a última coisa que viu em seus pensamentos foi o alegre rosto de uma anã, contornado por cabelos castanhos, sorridente como Aerin sempre fora e sempre seria no coração de Anduin.



Magni parecia mais velho do que Anduin jamais o vira.

Nos dois dias que se seguiram ao desastre na destilaria, Anduin soubera que os que tombaram em Kharanos tinham tido bastante companhia. O terremoto não fora localizado em um único ponto. Tinha sacudido cidades por toda Khaz Modan. Parte do porto de Menethil jazia no fundo do oceano, e sítios de escavação de Uldaman até Loch Modan tinham sido soterrados, ao menos parcialmente. Aquilo passara rapidamente de um incidente localizado a uma crise nacional.

A tragédia envelhecera o rei dos anões, mas havia uma determinação em seus olhos que dizia a quem os fitava que Magni Barbabronze não seria subjugado. Ele ergueu o rosto quando Anduin entrou na Sala do Trono e acenou para que o rapaz se aproximasse; não com o entusiasmo da primeira vez, mas com um comando ríspido. Anduin avançou rapidamente até o lado do rei.

— Eu não queria agir de forma precipitada — começou Magni —, mas, pela Luz, é o que eu devia ter feito. Podíamos ter salvado todas aquelas vidas. Inclusive a de Aerin.

Anduin engoliu em seco. Na véspera, houvera uma missa para os mortos de Khaz Modan. Fora mais difícil de suportar que a de Ventobravo; na outra ocasião, celebrava-se a memória dos milhares de vidas perdidas no decorrer de um longo período de tempo. Anduin lamentara a morte do amigo Bolvar Fordragon, mas a perda ocorrera muitos meses antes da cerimônia. A perda de Aerin era recente, uma dor crua que machucava *tanto...* Anduin se forçou a prestar atenção nas palavras de Magni.

— Eu... eu não entendo — disse ele. — É sobre a tabuleta?

— Ah, é. Eu apertei os tradutores, e eles finalmente têm certeza do que diz a tabuleta. Deixa eu ler para ti.

Ele pigarreou e se curvou; seus olhos brilhavam ao correrem pelas letras estranhas. A voz de sotaque carregado ficou emotiva quando ele leu as palavras arcaicas e formais em voz alta.

— Eis aqui o motivo e o meio de ser outra vez um com a montanha. Pois vede, somos terranos, somos da terra, e a alma dela é nossa, a dor dela é nossa, nossas são as batidas do seu coração. Nós cantamos sua canção e choramos por sua beleza. Pois quem não gostaria de voltar a casa? Eis o motivo, ó filhos da terra.

“Eis o meio. Segue até o coração da terra. Três ervas deveis encontrar: Sálvia-prata silvestre, lótus negro, cogumelo-fantasma. Junto com uma pitada da terra que as nutriu, consome o preparado. Dizei estas palavras com intenção verdadeira, e a montanha responderá. E assim vós sereis como uma vez já fostes. Retornareis a casa e vos tornareis um com a montanha.”

Ele voltou o olhar para Anduin.

— Tu entendeu, guri?

Anduin achava que sim.

— Eu... acho que sim... esse... esse ritual permite que a gente fale com a própria Azeroth?

— É o que parece. E, falando com a própria Azeroth, a gente vai poder perguntar o que diabos está acontecendo. Isso pode nos ajudar a encontrar um jeito de... de consertar as coisas, de curar isso de alguma forma. E então talvez acabem essas enchentes e secas e... terremotos estranhos. Anduin, tem mais coisa aqui que um simples desmoronamento. Tem uma coisa grande acontecendo. Tu sabe que está chegando notícia de tremores lá nas funduras de Teldrassil, guri?

— Isso... não era para isso ser possível, não é?

Magni balançou a cabeça.

— Não. Normalmente, não. Não era para essas coisas acontecerem assim... não é o jeito natural.

Anduin ficou quieto por um instante, pensando. Algo lhe ocorreu.

— Mas... algumas dessas ervas não são tóxicas?

— É por isso que aqui diz para tomar junto com um pouco de terra — esclareceu Magni. — Tem terra que neutraliza alguns venenos. Não te preocupa, eu consultei os melhores herboristas de Altaforja. Não tenho interesse em bater as botas agarrando o gasganete.

Anduin ficou perplexo.

— O senhor? O senhor vai tentar fazer isso? Parece algo mais apropriado para um xamã.

— Não, guri. Meu reino recebeu o baque mais forte. São os anões que estão sofrendo mais. Eu sou o líder deles. Nós somos os filhos dos titãs, guri. Nós já somos da terra, mais do que qualquer outra espécie. É justo que seja eu a fazer isso. Além disso, que rei seria eu, deixando os outros enfrentarem o perigo desconhecido enquanto me escondo em segurança? Não é assim que os anões fazem, guri.

— Nem meu pai — respondeu Anduin, percebendo a verdade em suas palavras no momento em que as dizia.

— Não, Varian não agiria assim mesmo — concordou Magni. — Agora, os estudiosos dizem que isso deve funcionar aqui mesmo em Altaforja. Eu só preciso ir o mais fundo que puder, bem fundo no coração da terra. — Ele sorriu suavemente para Anduin. — Nem todos conhecem os locais secretos, mas acho que posso confiar em ti. Tu tem o coração resolutivo do teu povo, guri, embora tu seja magriço e delicado como tua gente.

Anduin se viu sorrindo um pouco, algo que, dois dias antes, achava que jamais conseguiria fazer de novo. Sabia que Aerin seria a primeira a repreendê-lo por estar tão tristonho.

— Aerin tinha prometido me ensinar a ser mais anão, sabe — disse, com a voz embargada, mas surpreendentemente leve.

— Ah — respondeu Magni, oferecendo um sorriso com um traço de mágoa. — Pelo que vejo diante de mim, acho que ela ensinou, mesmo.

Anduin engoliu em seco outra vez.

— Como eu dizia — continuou Magni —, eu mandei alguns herboristas coletarem os ingredientes necessários. Tudo deve estar pronto amanhã cedo.

— Mas já?

— É, quanto mais cedo melhor, eu acho. É melhor que Azeroth converse logo comigo, assim eu posso fazer o que for preciso para cuidar do problema. Tu não concorda?

Anduin aquiesceu. Só a Luz sabia se haveria mais tremores residuais.

O príncipe humano começou a seguir em direção aos seus aposentos, mas logo se viu indo para o Salão dos Mistérios. Ele já evitava o lugar havia dois dias. Por algum motivo, não queria ver Rohan novamente. Não sabia bem o porquê. Talvez porque sentisse que havia desapontado o alto sacerdote quando tentara salvar vidas. Talvez por ter ficado zangado com Rohan quando este instara Anduin a se afastar dos destroços. Mas agora parou diante do salão, respirou fundo e entrou. Como sempre, a Luz o confortou imediatamente. Ainda

assim, Anduin não quis falar com ninguém e subiu para o segundo andar, onde havia menos gente. A certa altura, ouviu uma voz suave e sentiu-se incomodado ao reconhecer Rohan. Manteve os olhos fechados e a cabeça baixa, esperando que o anão não fosse notá-lo. Ouviu passos se aproximando e então parando, e uma mão pousou suavemente em seu ombro.

Anduin não se mexeu, mas sentiu uma suave calidez se espalhando por seu corpo.

— Tu é um bom guri, Anduin Llane Wrynn — disse Rohan, calmamente. — Tu tem um bom coração. Saiba que, mesmo que ele quebre, ele voltará a ficar bom.

E enquanto o anão se retirava, Anduin percebeu que nenhuma magia fora lançada nele. E, no entanto, ele se sentia melhor.

Parece que a cura podia assumir muitas formas diferentes.

Quando ele retornou aos seus aposentos, encontrou Wyll esperando com uma mensagem de Magni, que pedia que Anduin retornasse à câmara real. Anduin sentiu-se confuso, mas foi imediatamente.

Magni estava esperando por ele. O cômodo onde ele recebera Anduin era surpreendentemente pequeno e aconchegante, bem enânico em aparência e sentimento, diferente das amplas e arejadas salas humanas. Um braseiro brilhava alegremente, e a mesa estava repleta de comida simples, mas substancial. O estômago de Anduin roncou alto, e ele lembrou que já não comia nada havia horas. Desde a... morte de Aerin, perdera o apetite, mas, agora, olhando para as carnes assadas, as frutas, os pães e os queijos sobre a mesa, a fome retornou, e bastante aguçada. Parecia que a vida continuava, afinal. O corpo tinha necessidades a serem satisfeitas, mesmo — como dissera Rohan — com um coração partido.

— Pronto, guri — disse Magni, recebendo-o. — Puxa uma cadeira e pode comer. — O prato do rei estava com uma pilha de comida, e Anduin obedeceu, apreciando o cordeiro assado, o queijo de Dalaran e as uvas.

— Eu queria trocar uma palavrinha contigo antes do ritual amanhã — esclareceu Magni, pegando a caneca e dando um grande gole de cerveja. — Antes do terremoto, eu conversei com Aerin.

A comida entalou na garganta de Anduin, e ele apanhou sua taça de vinho, para fazer descer a comida que de súbito perdera o gosto.

— Ela disse que nunca tinha visto ninguém dar mais duro em treinamento, e olha que ela treinou um monte de guerreiros. Mas... ela também disse que as armas não são tuas amigas. Que tu não parecia íntimo delas.

O príncipe sentiu o rosto afogues-se. Teria ele desapontado Aerin tanto assim?

— E como ela é... era... uma guria danada de esperta, Aerin sabia reconhecer um guerreiro à primeira vista. E também quem que não dá para a coisa.

O rei mordeu uma maçã suculenta e mastigou, observando a reação de Anduin. O rapaz depôs garfo e faca e simplesmente esperou para ouvir o que mais Magni tinha a dizer. Alguma coisa gentil, mas condescendente, sem dúvida. Alguma coisa que fizesse parecer que Anduin não o havia desapontado.

— Eu também andei falando com Rohan — continuou Magni. — Se tu ignorar as piadas ruins dele, aquele sujeito até que é bem sábio. Ele não parava de falar de ti: como tu parecia mais animado a cada visita. Como tu se sentia compelido a ajudar os feridos. Como tu seguia trabalhando quando já devia ter caído de exaustão havia muito tempo. — Ele deu mais um grande gole da caneca, abaixando-a em seguida e voltando o corpo inteiro para Anduin. — Guri... tu já parou para pensar que talvez não dê para essa coisa de guerreiro? E que talvez haja outra coisa que é certinho o que tu devia estar fazendo?

Anduin ficou encarando o prato. Considerando o que Aerin lhe dissera sobre Magni sempre ter querido um filho em vez de uma filha, ele não sabia como receber críticas ao pai.

— Meu pai quer que eu seja um guerreiro — falou Anduin por fim, simples e francamente. — Eu sempre soube que, no coração dele, é isso que ele quer pra mim.

Magni colocou a mão no ombro de Anduin.

— Bah, ele quer isso, sim, mas é porque ele é um guerreiro. Mas teu pai é um homem bom. No fim, ele vai fazer o que for certo para ti e para o reino. Não há nada de vergonhoso em curar, guri, em amar a Luz, em inspirar as pessoas e levar esperança a elas. Absolutamente nada. É cuidar do reino, exatamente como lutar.

Anduin sentiu um calafrio percorrê-lo, mas não era desagradável. Longe disso; era um tremor quase como... o de perceber algo. E um estranho contentamento e uma calma ficavam em seu rastro. Um sacerdote. Alguém que trabalhava com a Luz para curar, não para ferir, alguém que inspirava os outros, desanuviando suas mentes e pedindo deles o seu melhor, em vez de insuflar neles as emoções negativas. Ele se lembrou da paz que sempre o invadia quando adentrava a catedral ou a Ala Mística em Altaforja. Sua alma ardia por mais daquela sensação. Ouvir o rei dos anões dizer aquelas coisas era quase como voltar para casa. Encarou Magni, seus olhos perscrutando os do poderoso guerreiro e grande rei.

— O... o senhor acredita mesmo nisso?

— Ora se não. E nós vamos achar outro treinador para ti. Mas eu gostaria muito de te ver começando a conversar a sério com o Sumo Sacerdote Rohan.

Anduin não queria outro treinador. Ele queria Aerin, alegre e pragmática e ríspida. Mas aquiesceu.

— Sim, senhor.

— Ótimo!

Eles terminaram o jantar, conversando serenamente, e, quando Anduin comeu a última uva e Magni bebeu o último gole de cerveja, o anão bateu na barriga e sorriu para o príncipe humano.

— Bom, agora é melhor nós dois irmos dormir. Mas antes, eu tenho algo para ti.

Ele desceu da cadeira e cambaleou até um baú velho. Anduin o seguiu, curioso. O baú grunhiu em protesto quando Magni ergueu o tampo. Dentro, a forma dos vários itens cobertos por panos fizeram Anduin pensar em armas. Magni escolheu um dos objetos, erguendo-o e desembrulhando-o com cuidado.

Era de fato uma arma, uma maça, brilhando como no dia em que fora forjada, embora já devesse ser bem velha. A cabeça era de prata, entrecruzada por faixas de ouro com runas entalhadas e tauxiada com pequenas gemas. Um artefato gracioso, de grande beleza e poder.

— Esta — anunciou Magni, reverente — é Quebra-medo. É uma arma bem velha, Anduin. Muitas centenas de anos. Foi passada até nós pela linhagem de Barbabronze. Ela já viu batalhas em Terralém e aqui em Azeroth. Já provou o gosto de sangue e, em certas mãos, também já estancou sangramentos. Vamos, pegue. Vamos ver se ela gosta de ti. — Magni piscou.

Bastante intimidado — pois a arma era bem grande para alguém do seu tamanho —, Anduin estendeu a mão e segurou o cabo da maça. Ele imediatamente sentiu uma calma fresca se espalhar da arma até sua mão, e dali para todo o seu corpo. Ele se viu inspirando e expirando num longo suspiro. Viu seu corpo — por tanto tempo tenso com o esforço e a dor física e emocional — finalmente relaxar. A incerteza e a preocupação não sumiram, não de todo, mas pareceram enfraquecer com o contato do metal na pele.

E ao abrir a boca para comentar o que sentira, Anduin podia jurar que a arma... brilhara levemente.

— Como eu suspeitava — comentou Magni. — Ela realmente gosta de ti.

— Ela está... viva?

— Não, não, mas... guri, tu sabe muito bem, assim como eu e qualquer um que já tenha empunhado uma arma: elas também têm suas preferências e antipatias, que nem as pessoas. E podem ser bem antipáticas às vezes. Eu achei que tu e a Quebra-medo aqui se dariam bem. Ela é tua.

Anduin arregalou os olhos.

— Eu... Eu não poderia...

— Ah, pode, pode sim, e vai. Quebra-medo já está esperando há um bom tempo pela mão certa que a empunhe. Tu pode não ser um homem de armas como teu pai, mas sabe combater o bom combate. Quebra-medo acabou de garantir. Aceita, guri. Se alguma coisa foi feita direitinho para alguém, foi essa arma pra ti.

Anduin piscou. Ele chorava fácil por aqueles dias, mas, de alguma forma, ao segurar a maça ricamente ornada, não se sentia envergonhado de suas emoções como antes. Quebra-medo. Era o que Rohan tinha feito por ele quando Anduin entrara em pânico: quebrara seu medo, pedindo que o rapaz desse o melhor de si.

— Obrigado. Eu vou guardá-la com carinho.

— Claro que vai. Agora, para a cama, guri. Eu ainda tenho alguns preparativos de último minuto, e depois também vou para a cama. É preciso dormir bem quando vamos ter uma longa conversa com o mundo, não é?

Anduin riu um pouco. Ele saiu dos aposentos de Magni, nem feliz nem contente, porém mais reconciliado com o que se passara. Depôs a arma preciosa no criado-mudo ao lado da cama. Na escuridão do quarto, depois que as velas se apagaram, a maça emitia um suave brilho, e, ao pegar no sono, Anduin se perguntou se seria bobagem achar que ela talvez estivesse velando por ele.



Anduin percebeu que o elogio de Magni não fora da boca para fora. Ele era de fato o único humano — de fato, o único que não era anão nem gnomo — a testemunhar e participar do ritual na Sala do Trono. Magno estava usando sua armadura mais formal. Já não era o anão bonachão por quem Anduin tanto se afeiçoara. Naquele dia, Magni era tudo aquilo de que seu povo precisava, e, embora parecesse pequeno aos olhos de Anduin, cada centímetro seu incorporava as qualidades régias. Anduin também usava as melhores roupas que trouxera consigo, mas ainda se sentia um pouco deslocado. Por sorte, ele conhecia muitos dos anões ali presentes.

Mas uma anã não estava ali, e ele sentia muito sua falta. Anduin se perguntou o que ela teria pensado a respeito daquilo. Será que Aerin teria considerado tudo uma bobagem supersticiosa ou uma maneira prática de obter informações? Ele jamais saberia.

Os olhos de Magni inspecionaram a assembleia reunida. Não havia muita gente: o Sumo Sacerdote Rohan, vários herboristas, o Alto-explorador Magellas, e o Conselheiro Belgrum da Liga dos Exploradores.

— Gostaria que meus irmãos estivessem aqui para testemunhar isso. Mas não havia tempo para notificá-los. Vamos, vamos começar. Cada momento que tardamos aflige mais ainda a pobre Azeroth.

Sem outra palavra, ele caminhou em direção a uma ampla porta perto da entrada da Sala do Trono. Anduin notara a porta antes, mas nunca perguntara sobre ela, nem ninguém jamais a mencionara. Magni acenou e dois serviçais se adiantaram segurando uma enorme chave-mestra de ferro. Outro trouxe uma grande escada; a porta era tão gigantesca que nem mesmo Anduin, ligeiramente mais alto, teria conseguido alcançar a fechadura. Os anões subiram com cuidado e colocaram a enorme chave em posição. Trabalhando juntos, eles a

giraram. Com um protesto roufenho, a chave girou e a fechadura abriu. Os anões desceram e tiraram a escada do caminho.

Por um momento nada aconteceu, e então lentamente a porta se abriu sozinha, como se por vontade própria, revelando trevas espessas.

Os dois atendentes tinham deixado a chave gigante de lado e agora iam à frente da pequena procissão acendendo tochas ao longo do percurso, que revelavam um simples corredor descendente. O ar era frio e úmido, mas não viciado. Anduin percebeu que devia haver enormes áreas abertas sob Altaforja.

Eles seguiram pelo corredor em silêncio, descendo sempre e sempre. O caminho era reto e preciso. Nada de caminhos se bifurcando; não era o estilo dos anões. Um dos atendentes ia à frente deles, e ao chegarem ao fim do corredor, havia um braseiro brilhando à sua espera. O corredor se abria em uma grande caverna, e Anduin arquejou.

Ele esperava adentrar em um saguão luxuoso, mas o que viu tirou-lhe o fôlego. Sob seus pés, havia uma plataforma que dava para duas direções. Seguindo por uma delas, chegava-se a uma escadaria acarpetada ascendente que parecia surpreendentemente nova. O outro caminho descia, este feito de pedra simples e sem adornos. O que o deixara sem fôlego, no entanto, estava nas paredes e no teto.

Cristais límpidos e reluzentes se projetavam das paredes e do teto. Eles refletiam a luz do braseiro e das tochas que os atendentes seguravam, fulgurando e parecendo irradiar uma luz clara própria, embora Anduin soubesse que aquilo era somente uma peça de sua imaginação. Mas era bela mesmo assim, essa mescla de gloriosas formações naturais com as linhas simples da arquitetura enânica.

— Os cristais... É tão bonito — disse Anduin calmamente para Rohan, que caminhava perto dele.

O sacerdote deu uma risadinha.

— “Cristais”? Guri, não são meros cristais. O que tu está vendo é *diamante*.

Os olhos de Anduin se arregalaram, e ele ergueu o rosto para contemplar o teto coruscante com um novo senso de respeito.

Magni subia resoluta as escadas até uma plataforma grande o suficiente para acomodar um grupo várias vezes do tamanho daquele. Ele se voltou e acenou com a cabeça, ansioso.

— Não acho que seja coincidência que, justo quando precisamos, tenhamos descoberto uma tabuleta que contém informações que podem ser de grande ajuda — disse, e sua voz ecoou na caverna. — Quase todos aqui presentes hoje perderam alguém amado há três dias. De toda Azeroth chegam relatórios dizendo que alguma coisa está muito errada. A terra está

ferida e tremendo, gritando por ajuda. Nós somos anões. Nós somos da terra. Eu tenho fé na palavra dos terranos. Eu acredito que o que farei aqui, esse ritual inimaginavelmente antigo, me permitirá sarar este pobre mundo ferido. Por meu sangue e osso, pela terra e pela pedra, que seja feito.

Os pelos da nuca de Anduin se arrepiaram. Embora o discurso de Magni tivesse sido espontâneo, havia algo nele que o fez prender a respiração. Ele sentia que, assim como havia descido até o coração da terra, logo desceria até as entranhas de um ritual que era profundo e incompreensível.

Belgrum se adiantou com um pergaminho na mão. Magellas estava ao seu lado, mãos atrás das costas. Atrás deles estava Reyna Galhopétreo, uma anã herborista, segurando uma ampola de vidro cheia de um líquido escuro. Belgrum pigarreou e começou a falar em uma língua estranha que soou áspera e bruta e fez Anduin tremer. Parecia que, de alguma forma, o lugar tinha esfriado.

Depois de cada frase, Magellas traduzia para Anduin. O jovem príncipe se lembrou de Magni lendo as mesmas frases para ele no dia anterior.

— Eis aqui o motivo e o meio de ser outra vez um com a montanha — entoou Belgrum. — Pois vede, somos terranos, somos da terra, e a alma dela é nossa, a dor dela é nossa, nossas são as batidas do seu coração. Nós cantamos sua canção e choramos por sua beleza. Pois quem não gostaria de voltar a casa? Eis o motivo, ó filhos da terra.

Casa. Azeroth era realmente o lar de todos eles, pensou Anduin, enquanto Belgrum continuava, mencionando as instruções sobre o preparo da poção. “Casa” não era simplesmente Ventobravo, nem junto do pai, nem ao lado da tia Jaina. “Casa” era aquele mundo, aquela terra. Ali estavam eles agora, no “coração da terra”, rodeados por diamantes e pedra que pareciam aconchegantes em vez de opressivos. Magni estava prestes a falar com Azeroth, o mundo ferido, e descobrir como curá-lo. Era realmente um objetivo nobre.

— Junto com uma pitada da terra que as nutriu, consumi o preparado. Dizei estas palavras com intenção verdadeira, e a montanha responderá. E assim vós sereis como uma vez já fostes. Retornareis a casa e vos tornareis um com a montanha.

Reyna se adiantou e entregou o elixir escuro a Magni. Sem hesitar, o rei anão tomou a ampola esguia e transparente, levou-a aos lábios e bebeu. Ele limpou a boca e devolveu a ampola a Reyna.

Magellas lhe deu um pergaminho. Um pouco mais hesitante que Belgrum, Magni leu em voz alta na língua antiga, enquanto Magellas traduziu.

— Em mim está a própria terra. Nós somos um. Eu sou dela e ela é minha. Eu me posto

atento para ouvir a resposta da montanha.

Magni devolveu o pergaminho e estendeu as mãos, súplice. Fechou os olhos e franziu o cenho, concentrando-se.

Ninguém sabia o que esperar. Será que a montanha começaria a falar de repente? Se isso acontecesse, como seria sua voz? Será que ela falaria somente com Magni? O que ele ouviria? Será que poderia falar com ela? E...

Os olhos de Magni se abriram de súbito. Estavam arregalados de admiração, e sua boca se curvou em um sorriso suave.

— Eu... eu posso ouvir... — Ergueu as mãos até as têmporas. — As vozes estão na minha cabeça. Muitas vozes. — Deu uma risada; sua expressão era de júbilo e triunfo. — Não é apenas uma voz. São... dezenas, talvez centenas. Todas as vozes da terra!

Anduin estremeceu e seus lábios curvaram-se em um sorriso. Magni estava certo! Ele podia ouvir a própria terra — as próprias terras? Era tudo tão confuso! — falando com ele!

— Tu pode entender as vozes? — perguntou Belgrum, empolgado. — O que elas estão dizendo?

Subitamente, Magni jogou a cabeça para trás em um arco. Ele pareceu tentar cambalear para trás, mas seus pés estavam firmes no lugar, como se enraizados. Não... não enraizados... Anduin percebeu que suas botas negras estavam se tornando quase translúcidas, como se estivessem virando vidro — como se os pés dele estivessem se tornando vidro...

Ou cristal... ou diamante...

Um com a montanha...

Não, ah, não, não podia ser...

Súbito, o pé de Magni tremeu e uma massa de pedra clara se formou em cima dele. Uma onda de rocha viva começou a subir pelas pernas do rei e por seu torso. Com um som áspero, drusas cristalinas brotavam aqui e ali, criando formações pontiagudas, como se Magni Barbabronze fosse um cristal formando cristais. Magni abriu a boca em um grito longo e desarticulado, erguendo os braços sobre a cabeça. A onda de diamante subiu e envolveu suas mãos, espalhando-se e tomando conta de todo o corpo. Ele gritou, um grito horripilante de puro terror. Mas a impiedosa pedra líquida se derramou por sua boca adentro, silenciando-o e endurecendo tão rápido que ele nem teve tempo de fechar os olhos.

Todos observaram a cena boquiabertos, mas então foram impelidas a agir pelo grito que ainda ecoava na caverna de diamantes, um som de gelar os ossos, diferente de qualquer grito de dor ou horror que já tivessem ouvido.

Rohan começou a lançar feitiços de cura. Magellas e Belgrum se adiantaram, pegando

os braços de Magni e tentando tolamente puxá-lo de seu lugar. Mas tudo acontecera rápido demais, e já era tarde. Os ecos de seu único grito cessaram. Magni parecia ter se tornado pedra e, ao mesmo tempo, estar preso nela, e sua cabeça estava inclinada para trás, seus braços abertos, os tendões do seu pescoço delineados com a dor. E sobre o corpo, como uma fantasia bizarra, sobressaíam pontas reluzentes de cristal retorcido.

Anduin interrompeu o silêncio estarrecido.

— Ele... ele está... vocês podem...?

Rohan se aproximou de Magni, pousou a mão no braço do seu rei e fechou os olhos. Uma lágrima escorreu por sua face quando ele se afastou, balançando a cabeça.

Anduin encarava a cena. A descrença o dominava, a mesma descrença que experimentara depois de a terra tremer e enterrar Aerin sob o peso esmagador de toneladas de rocha. Mas... aquilo não era possível!

Ele olhou para Magellas, que parecia tão surpreso quanto ele.

— Eu tinha certeza — murmurou ele — que não era literal... nós verificamos todas as fontes...

— Você quer dizer... que *funcionou*? Era isso que o ritual *fazia mesmo*? — gritou Anduin, e sua voz tremia de choque e horror.

— Não literalmente — disse Magellas, parecendo uma lebre assustada. — Mas nós... nós executamos tudo precisamente... do jeito certo...

Sem conseguir se conter, Anduin correu até Magni. Com um grito, ergueu o cabo de sua adaga cerimonial e, antes que alguém pudesse detê-lo, percutiu um golpe no ombro do rei. O cabo se partiu ao impacto, e parte dele foi arremessada longe. O impacto machucou sua mão, e ele deixou cair o pedaço do cabo que ainda segurava. Anduin ficou olhando para a estátua, segurando a mão dolorida.

O golpe não produzira nem um arranhão na imagem. Magni tinha se tornado um dos materiais mais duros do mundo.

Enquanto Anduin olhava para o pedaço de diamante que já fora um anão vibrante e forte, algumas das palavras do ritual chegaram até ele: *Pois vede, somos terranos, somos da terra... Pois quem não gostaria de voltar a casa?... E assim vós sereis como uma vez já fostes. Retornareis a casa e vos tornareis um com a montanha.*

Os anões descendiam dos titãs. Magni tornara-se o que fora outrora — e pagara por isso com a vida.

— Ele foi para casa — murmurou Anduin, sentindo a garganta apertada de mágoa. Lágrimas assomaram em seus olhos e borraram a imagem de Magni Barbabronze. À luz das

tochas que se refletiam na estátua, Anduin viu apenas belas formas luminosas fraturadas flutuando diante dos olhos.

Ele piscou, engolindo saliva, sentindo as lágrimas quentes descendo pelo rosto, e chorou pelo anão bondoso que só quisera fazer o melhor pelo seu povo, que quisera conversar com um mundo ferido para ajudar a curar a terra. E por causa desse objetivo, Magni se perdera deles para sempre.

O que os anões fariam agora?



Anduin não tinha percebido o quão reconfortante era o retinir constante da forja até ela ser silenciada.

De início, Altaforja não tinha lhe parecido uma cidade particularmente viva ou agitada, não da maneira como Ventobravo era. E, no entanto, quando o clangor da forja cessou e os salões pararam de ecoar as gargalhadas enênicas, ele percebeu que a cidade tinha, sim, sua alegria particular. Agora, embora Altaforja estivesse mais cheia do que nunca com a afluência dos que tinham vindo prestar as últimas homenagens a Magni Barbabronze, a cidade parecia sem vida, ensombrecida.

Na primeira hora do desastre a questão da sucessão já se fizera premente. Grifos foram enviados para procurar Brann e Muradin, irmãos de Magni. Mas eles não haviam tido sucesso até o momento.

Anduin sentira vontade de ir para casa, mas em vez disso seu pai fora até ele. Todos os líderes da Aliança tinham vindo em pessoa, ou enviaram representantes. O jovem príncipe sempre quisera conhecer a Grã-sacerdotisa Tyrande Murmuréolo, que por tanto tempo já comandava os elfos noturnos e que fora separada à força do amado, o Arquidruida Malfurion Tempestúria. E ele tinha curiosidade a respeito do Clarividente Nobambo, o Degradado que fora tocado pelos elementos e levara o xamanismo ao seu povo. Velen, líder dos draenei, enviara Nobambo para honrar a maneira como Magni morrera: tentando curar a terra e entender os elementos.

E assim Anduin se postou ao lado de Jaina e de seu pai, alguns passos afastado da grã-sacerdotisa noctiélfica, do lendário arquidruida Malfurion e do primeiro xamã que a Aliança conhecera. Em qualquer outra circunstância ele teria ficado fascinado. Agora, no entanto, enquanto todos olhavam solenemente para a estátua de diamante que já fora Magni

Barbabronze, ele desejou amargamente jamais ter conhecido os ilustres personagens, se tal privilégio tinha que ser comprado a tão alto preço.

Até os goblins tinham enviado representantes, assim como a Horda. Fora um grande sinal de respeito de Thrall e da Horda em geral, e embora muitos elfos olhassem com inquietação para o elfo sangrento e o tauren, Anduin não percebeu nada no comportamento deles que justificasse qualquer hostilidade.

O Conselheiro Belgrum ocupava o cargo de comando até que Muradin ou Brann fossem encontrados e trazidos até Altaforja. Ele fora escolhido para a tarefa pois não tinha nenhum projeto político que não fosse descobrir — e servir — a um novo rei, além de conhecer Altaforja e seu povo como a palma da mão e ter uma lealdade inquestionável. Ele sentia-se bastante desconfortável com aquela honra, mas compreendia que alguém tinha que assumir as rédeas do comando até que o líder legítimo fosse encontrado.

Ele se adiantou e olhou para os representantes, um de cada vez.

— A presença de vocês aqui é uma grande honra — disse ele, com a voz rouca de emoção. — Oxalá fosse uma ocasião festeira. Magni não foi só um grande anão, isso é coisa que tem muito. Magni... era um bugre danado de *bom*. E isso é bem mais difícil de encontrar. Ele teria ficado mais feliz que pica-pau na tronqueira se visse vocês aqui... sim, e vocês aí também — disse ele aos emissários da Horda — pois vocês vêm de coração aberto e com respeito. — O elfo sangrento parecia indeciso entre se sentir ofendido ou não, mas o tauren assentiu solenemente.

— Grã-sacerdotisa Tyrande... Magni falava muito da sua fé e paciência, e sempre falava com respeito do seu povo. Arquidruida Malfurion, você fez muito para ajudar o nosso mundo. Magni teria ficado faceiro ao saber da sua vinda.

Seus olhos fitaram os humanos.

— Grã-senhora Jaina... ele às vezes não entendia a senhora, mas sempre lhe teve muito carinho. Rei Varian, o senhor era como um irmão para ele. E Anduin, ah, guri, você não sabe o quanto Magni gostava de ti.

Anduin mordeu o lábio e pensou na bela maçã, com certeza inestimável, com que Magni o presenteara, e pensou que talvez tivesse uma ideia do quanto o falecido rei gostava dele.

O velho anão limpou o pigarro.

— Bom, ahm... obrigado a vocês por virem.

Quando os visitantes olharam em sua direção, Rohan aproximou-se discretamente.

— Por favor... todos vocês são bem-vindos à sala do trono para falarmos de Magni.

Serviremos bebidas lá também.

Murmúrios discretos podiam ser ouvidos enquanto os convidados de honra desciam a escadaria, afastando-se da estátua cristalina, que era muito mais que diamante, embora não passasse de diamante.

Ele não percebeu que estava encarando a estátua até que uma mão gentil tocou seu ombro.

— Príncipe Anduin, venha — disse Jaina.

— Sim, filho, venha — repetiu Varian. — Nossa presença é requisitada.

Anduin acenou, mudo, desviando o olhar e orando baixinho para a Luz, pedindo que Muradin ou Brann fossem encontrados logo, e viessem para Altaforja, para dissipar ao menos um pouco da solenidade austera que cobria a cidade como uma mortalha. Embora ele suspeitasse que os anões jamais se recuperariam totalmente do fim violento, imprevisto e chocante do seu amado líder.

— Bem, esse foi o último — disse Thrall. Ele depôs a pena e olhou solenemente para o pergaminho. Aquele seria o último negócio oficial que ele conduziria por algum tempo: assinar a aprovação para começar os trabalhos de reconstrução de Orgrimmar. Outra vez. Parecia a Thrall que a cidade tinha apenas acabado de se recuperar da Guerra Contra o Pesadelo quando recebera aquele outro golpe. Gasganete baixara o preço outra vez, e Thrall ficara tocado com o gesto, embora ainda fosse ridiculamente alto. O goblin também concordara em ser pago em prestações em vez de receber adiantado, e mencionara que estava disposto a ajustar o preço se não precisasse fornecer certos suprimentos. Thrall sentiu uma pequena e mesquinha pontada de satisfação ao deixar os detalhes tediosos de orçamento, construção e suprimentos com Garrosh. Tais coisas “entediantes” eram parte necessária de ser um bom líder, e Garrosh precisava aprender isso.

Acenando, ele deixou os pergaminhos com Garrosh e se levantou. Ele faria aquela jornada sozinho. Por suas ordens, nenhum Kor’kron o acompanharia. O dever deles agora era defender Garrosh Grito Infernal, o chefe guerreiro interino da Horda. Eles não seriam necessários para proteger um xamã solitário indo para outro mundo em busca de conhecimento. Sua partida não estava sendo anunciada com fanfarras ou cerimônias. Primeiro porque tais frivolidades eram caras. Depois, ele não queria tornar aquilo um “evento”. Thrall simplesmente estava se afastando por algum tempo, e não queria que aquilo tivesse consequências sérias nas vidas dos cidadãos da Horda. Ele não tornou sua partida um segredo — aquilo seria tão danoso quanto anunciá-la a plenos pulmões —, pois queria que

pensassem nela como algo sem maior importância.

Ele avisara Caerne, é claro, informando ao velho amigo sua decisão e os motivos por trás dela, e pedindo que Caerne aconselhasse Garrosh quando necessário. Ele ainda não tinha recebido a resposta, o que o surpreendera. Caerne era geralmente bastante rápido em questões assim. Ele achava que o líder tauren também estava muito ocupado com as sequelas da batalha em Nortúndria.

— Adeus por enquanto, velho amigo — Thrall disse a Eitrigg. — Certifique-se de que o garoto prestará tanta atenção às coisas pequenas quanto às grandes.

— Pode deixar comigo, Chefe Guerreiro — respondeu Eitrigg. — Não se demore aqui mais tempo. Garrosh fará o melhor que ele puder, mas ele não é você.

Thrall abraçou o amigo, batendo em suas costas, então pegou a pequena sacola que era tudo o que ele planejava levar na viagem. Quase sem ser notado, o chefe guerreiro da Horda saiu do Forte Grommash para o ar quente da noite, em direção à torre de voo.

— Você está cometendo um grave erro — disse uma voz grossa vinda das trevas.

Surpreso com as palavras e reconhecendo quem as proferira, Thrall interrompeu o passo rápido e se voltou para Caerne Casco Sangrento. Caerne se postava sob a alta árvore morta onde estavam o crânio de um demônio e sua outrora invicta armadura. O chefe tauren era alto e imponente; seus braços se cruzavam sobre o peito largo e sua cauda sacudia levemente. Seu rosto expressava desaprovação.

— Caerne! É bom vê-lo, amigo. Eu queria falar com você antes de partir — disse Thrall.

— Eu creio que você não ficará feliz, pois acho que você não gostará do que eu tenho a dizer — disse o tauren.

— Eu sempre escutei o que você tinha a dizer — respondeu Thrall. — Por isso pedi que você aconselhasse Garrosh em minha ausência. Fale.

— Quando o mensageiro chegou com sua carta — começou Caerne —, eu achei que finalmente estava ficando senil, tendo sonhos febris como o pobre Drek'Thar. Jamais imaginei ver, escrito em sua própria letra, seu desejo de designar Garrosh Grito Infernal líder da Horda!

A voz de Caerne soara calma no começo, mas severa. O velho touro demorava a se zangar, mas era claro que ele tivera bastante tempo para pensar no assunto, e que tinha ficado perturbado. Sua voz ficou mais forte e mais alta à medida que ele prosseguia. Thrall olhou discretamente ao redor; ali estavam expostos demais. Ele teria preferido ter aquela conversa em outro lugar.

— Vamos discutir isso em particular — começou Thrall. — Meus aposentos e ouvidos

estão abertos a...

— Não — respondeu Caerne, e bateu fortemente com o casco no chão para enfatizar. Thrall olhou para ele, surpreso. — Eu estou aqui, à sombra daquele que outrora foi o seu maior inimigo, por um motivo. Eu me lembro de Grom Grito Infernal. Eu me lembro de sua paixão, sua violência, e sua inconstância. Eu lembro do mal que ele causou. Ele morreu uma morte de herói ao matar Mannoroth; sou o primeiro a reconhecer isso. Mas todos, incluindo você, sabem que ele tomou muitas vidas e se glorificou por isso. Ele tinha sede de sangue, de violência, e ele saciou tal sede com o sangue de inocentes. Você estava certo em contar a Garrosh sobre o heroísmo do pai. É verdade. Mas também é verdade que Grom Grito Infernal fez muitas coisas desabonadoras, e seu filho precisa saber delas também. Eu estou aqui pedindo que você também lembre essas coisas, a luz e as trevas, e que reconheça o quanto Garrosh pode ter puxado ao pai.

— Garrosh não tem a mácula da corrupção demoníaca que Grom tinha — disse Thrall, serenamente. — Ele é teimoso sim, mas o povo o adora. Ele...

— Eles o adoram porque só veem a glória! — retorquiu Caerne. — Eles não veem a tolice. — Ele se acalmou um pouco. — Eu também vi a glória. Vi táticas e sabedoria, e talvez com orientação e cuidados essas sejam as sementes que vicejarão na alma de Garrosh. Mas ele acha fácil demais agir sem pensar, e ignorar a sabedoria interior. Eu respeito certos aspectos de Garrosh, Thrall, não me entenda mal. Mas ele não é um líder adequado para a Horda, assim como Grom não era. Não sem você para sofreá-lo quando ele se exceder, e especialmente não agora, quando as coisas estão tão voláteis com a Aliança. Sabe que muitos dizem que agora seria o momento ideal de atacar Altaforja, já que Magni foi transformado em diamante e eles não têm nenhum líder no momento?

Thrall sabia. Ele soube que haveria conspirações assim que ouviu a notícia. Por isso ele agira rapidamente ao enviar representantes formais para a cerimônia funerária, e era esse o motivo de ter escolhido um sin'dorei e um tauren, que ele sabia serem indivíduos moderados.

— É claro que eu sei disso — suspirou Thrall. — Caerne... não será por muito tempo.

— Isso não *importa*! O garoto não tem o temperamento para ser um líder como você é. Ou será que eu deveria dizer “como você era”? Pois o Thrall que eu conheci, que se tornou amigo dos taurens e os ajudou tanto, não passaria o comando da Horda que ele mesmo restaurou tão displicentemente para as mãos de um filhote cheirando a leite!

Thrall rilhou os dentes, e sentiu a raiva crescendo em seu íntimo. Caerne atinara perfeitamente com as próprias preocupações de Thrall. Preocupações das quais não

conseguia se livrar. Mas ele sabia que não havia outra escolha. Ninguém mais poderia assumir aquela responsabilidade. Teria que ser Garrosh.

— Você é um dos meus amigos mais antigos nesta terra, Caerne Casco Sangrento — disse Thrall, e sua voz estava perigosamente serena. — Você sabe que eu respeito você. Mas a decisão já foi tomada. Se você está preocupado com a imaturidade de Garrosh, oriente-o como eu pedi. Ajude-o com sua vasta sabedoria e bom senso. Eu... preciso de você agora, Caerne. Preciso do seu apoio, não da sua desaprovação. Sua cabeça fria para acalmar Garrosh, não suas censuras para incitá-lo.

— Você me pede sabedoria e bom senso. Eu só tenho uma resposta para você. Não entregue esse poder a Garrosh. Não volte as costas para seu povo deixando apenas esse poltrão arrogante para guiá-los. Essa é minha sabedoria, Thrall. Conquistada ao longo de muitos anos, com sangue, sofrimento e luta.

A postura de Thrall enrijeceu. Aquela era a última coisa que ele queria. Mas tinha acontecido, e quando ele falou, sua voz era fria.

— Então não temos nada mais a dizer um ao outro. Minha decisão é final. Garrosh liderará a Horda em minha ausência. Cabe a você decidir se o aconselhará, ou deixar a Horda pagar o preço de sua teimosia.

Sem mais palavras, Thrall se voltou e partiu, sumindo nas trevas da noite em Orgrimmar. Ele quase esperava que Caerne o seguisse, mas o velho touro não o fez. Seu coração estava apertado quando ele chegou à mantícora, depondo a capanga na sela, e montou. A mantícora alçou voo, e suas asas ao bater serena e ritmicamente criavam uma brisa que soprava pelo rosto do orc.

Caerne encarou o velho amigo. Ele jamais imaginara que chegaria a isso... uma discussão sobre algo que era tão claramente um erro. Ele sabia que Thrall também via o erro de suas ações... mas por algum motivo o orc insistia em persistir no erro.

As palavras finais magoaram Caerne. Ele não esperava que Thrall desconsiderasse suas preocupações tão rápido e displicentemente. O rapaz tinha virtudes. Caerne as vira. Mas o temperamento estouvado, os ouvidos surdos aos bons conselhos, a necessidade premente por reconhecimento e glória... Caerne agitou a cauda, sentindo os pensamentos se agitarem. Aquelas eram características que precisavam ser sofreadas. E Caerne estaria lá para isso. Suas palavras seriam ignoradas, sem dúvida, mas ele as ofereceria.

Ele olhou novamente para o crânio de Mannoroth, encarando as órbitas vazias.

— Grom, se seu espírito permanece, ajude-nos a orientar seu filho. Você se sacrificou

pela Horda. Eu sei que você não quer ver seu filho destruí-la.

Não houve resposta. Se Grom estava mesmo ali, pairando perto do grande mal que ele debelara, ele não estava respondendo apelos. Caerne estava por conta própria.

PARTE II

...E O MUNDO SE PARTIRÁ



Aggra corria suavemente sobre a superfície do Lago Celicanto, e seus pés descalços e marrons mal espalhavam a água ao redor. Normalmente ela caminhava, aproveitando a sensação de poder do lugar, mas o vento tinha acabado de soprar em seu ouvido o chamado da Grande Mãe Geyah: *Venha, criança, tenho novidades.*

Aquelas palavras gentis eram uma convocação, e Aggra se apressou em obedecer. Ela tinha ido ao Trono dos Elementos para se sentar tranquilamente aos pés das grandes Fúrias Elementais — Aborius, Gordawg, Kalandrios e Incineratus — na esperança de que eles falassem com ela daquela vez. Ela mal havia se acomodado ao lado de Kalandrios, a Fúria do Ar, quando as palavras de Geyah chegaram até ela. Então, agora ela estava no caminho de volta para Garadar, a fortaleza da Horda na terra de Nagrand, para saber quais eram as notícias que não podiam esperar.

Aggra era uma xamã, mas estava tão em forma e era tão saudável e forte quanto qualquer guerreiro. Portanto estava apenas levemente ofegante quando entrou no prédio no topo da maior elevação de Garadar, se ajoelhou na frente da Grande Mãe e abaixou a cabeça, em sinal de respeito.

— O vento ordenou que eu viesse, Grande Mãe. Quais são as novidades?

Geyah sorriu e deu um tapinha no tapete surrado. Aggra se sentou ao seu lado. A velha tocou o rosto da jovem orquisa gentilmente.

— Tão rápida. Talvez o vento tenha carregado você também, hein?

Aggra deu uma risadinha e deitou a cabeça na mão enrugada.

— Não, mas os espíritos das águas me deixaram correr sobre o lago.

A Grande Mãe riu.

— Muito gentil da parte deles. Quanto às minhas novidades, são sobre meu neto...

Acabei de saber que ele quer vir para Nagrand para aprender o que tenho para ensinar.

Aggra piscou.

— Ele... O quê? Go'el?

— Sim, Go'el.

Ela torceu o nariz.

— Ele ainda atende por aquele terrível nome de escravo?

— Sim — disse Geyah, impassível diante da aparente grosseria da neta. Aggra sabia que a Grande Mãe já tinha percebido, havia muito, que era mais fácil guiar os elementais ao socorro de alguém do que dobrar sua língua afiada. — Essa foi uma escolha dele. Talvez você possa perguntá-lo o porquê quando ele chegar.

— Talvez eu pergunte — concordou Aggra prontamente. Ela nunca tinha encontrado o famoso Thrall, já que não estava em Nagrand em sua visita anterior. Tudo o que ela sabia tinha ouvido de outros. Agora parecia que teria a chance de formar sua própria opinião sobre ele. — Eu achei que ele não voltaria nunca mais.

— Eu também. A não ser para se despedir de mim, quando chegasse a hora de me encontrar com os ancestrais — disse Geyah. — Ele me pediu ajuda.

— Ajuda? Para que o todo-poderoso Thrall precisa de ajuda?

— Para curar seu mundo.

Aggra ficou em silêncio.

— Ele me contou nessa carta que os elementais estão perturbados em Azeroth, e que ele precisa da minha sabedoria — continuou Geyah. — Disse que, se alguém sabe como lidar com um mundo mergulhado no caos, esse alguém sou eu.

— Hum — resmungou Aggra. Estava um pouco arrependida dos comentários que tinha feito, mas não queria demonstrar. — Esse sujeito esverdeado realmente tem sabedoria, apesar de seus hábitos humanos.

Geyah soltou uma risada.

— Não vejo a hora de vocês se conhecerem. Mas ele não está de todo certo.

— O que quer dizer? Grande Mãe, você é mais sábia que o resto de nós juntos. Você já viu muita coisa.

Geyah pousou a mão no braço castanho e macio da menina.

— Já vi muito, sim. E sei bastante também. Mas existe alguém que conhece esse tipo de coisa melhor do que eu.

Aggra inclinou a cabeça com um olhar confuso.

— Quem?

— Você, minha menina.

Os olhos castanhos de Aggra se arregalaram.

— Eu? Ah, não. Eu sei algumas coisas, mas...

— Nunca vi uma xamã tão talentosa quanto você — disse Geyah. — Todos os elementais cantaram para ninar você, Aggra. Eles reivindicaram sua guarda há muito tempo. Tenho orgulho de ter conseguido ensinar você, mas se não fosse eu, poderia ter sido qualquer outra pessoa. Quando chegar a hora de me encontrar com os ancestrais, irei contente, pois sei que você tomará meu lugar.

Aggra piscou rapidamente.

— Que esse dia seja em um futuro bem distante — disse ela. — Tenho certeza de que você ainda tem muito o que ensinar a mim e aos outros. Inclusive ao seu neto com nome de escravo.

— Na verdade — refletiu Geyah com um brilho travesso nos olhos —, estava pensando em deixar a maior parte da instrução por sua conta. Só pelo divertimento que a interação de vocês dois irá proporcionar a esta velha orquisa.

Aggra não podia ver sua expressão, mas a julgar pela forma como a avó jogou a cabeça para trás e riu, devia ser de uma consternação cômica.

Thrall tinha se esquecido de como Nagrand era bonita.

O sol estava se pondo, e foi como se o céu decidisse, como um pássaro orgulhoso de sua plumagem, se exibir para impressioná-lo. Azuis e roxos de vários tons abrigavam nuvens tingidas de rosa que pareciam favas de penugem. Abaixo de toda essa extensão, a terra também era bonita. A grama formava um tapete de um verde espesso e vivo, e Thrall podia perceber o movimento de grandes animais ao longe. Ouvia o som da água correndo e o canto dos passarinhos se preparando para a noite, e sentiu um aperto inesperado no coração.

Era assim que Draenor se parecia no passado, pelo que já ouvira falar inúmeras vezes. Em outros lugares a terra estava devastada, destruída, desfigurada. Mas ali não, não em Nagrand. E ele não conseguia deixar de imaginar, enquanto se embevecia com o pôr do sol, se não havia uma maneira de fazer Durotar prosperar também. Se chegaria o dia em que Sertões e Desolação deixariam de merecer aqueles nomes sinistros.

— Lok-tar — chamou alguém.

Thrall tinha avisado que não queria nenhuma cerimônia anunciando sua chegada. Tinha ido lá para estudar, trabalhar, não para ser homenageado. Não podia perder tempo com frivolidades. Por isso mesmo, ficou satisfeito quando se virou e viu que havia apenas

uma orquisa esperando por ele.

Ela era jovem, talvez um pouco mais que ele até, e carregava uma trouxa de pano em seus fortes braços morenos. Seu cabelo era de um marrom-avermelhado brilhante que caía displicentemente nos seus ombros, em um estilo quase selvagem; estava vestida de modo casual, com um saiote e colete de couro. Ela poderia ser considerada bonita, uma beleza de traços fortes, se sua boca não estivesse retorcida por uma careta de desaprovação.

— Você é Thrall, filho de Durotan — disse ela, sem rodeios.

— Sim — respondeu ele.

— Um nome deplorável. Aqui você será chamado de Go’el.

Sua franqueza o deixou um pouco desconcertado. Não recebia ordens de ninguém havia anos, desde que provara seu valor para o clã Lobo de Gelo e para Orgrim Martelo da Perdição numa noite havia muito tempo.

— Go’el pode ser o nome que meus pais escolheram, mas o destino tomou outro caminho. Prefiro ser chamado de Thrall.

Ela se virou e cuspiu.

— Isso significa “escravo” em uma língua bárbara! Ela não é digna de ser usada por orc nenhum, menos ainda por aquele que se diz nosso líder, inclusive dos que não vivem em seu mundo.

As narinas de Thrall se abriram com aquela afronta e ele disse de forma ríspida:

— Sou o chefe guerreiro da Horda, xamã, e fiz com que a Aliança temesse este nome que, um dia, significou “escravo”. Para eles agora ele remete à glória e ao poder da Horda. Eu peço que você use o nome que escolhi manter.

Ela deu de ombros.

— Pode mantê-lo, mas não o chamaremos assim. A não ser que eu esteja enganada, você não está aqui como chefe guerreiro da Horda, mas como um xamã em busca de sabedoria.

— Verdade. — Thrall foi obrigado a engolir a ira que borbulhava dentro dele. Ele havia repreendido Garrosh por ceder a esses impulsos; assim, preferiu seguir o próprio exemplo e manter a calma. — Vim para aprender com minha avó, a Grande Mãe Geyah. Pode me levar até ela, por favor?

Sua voz era cortês sem ser subserviente, e a orquisa pareceu amolecer um pouco, mas bem pouco.

— Muito bem. E, sem dúvida, você aprenderá muito com ela. Mas outra pessoa foi designada para ensinar a maioria de suas lições, já que ela tem estado muito cansada.

— Aceitarei humildemente qualquer um que Geyah achar adequada para me ensinar — disse Thrall com absoluta sinceridade. — Qual o nome dele?

— O nome *dela* é Aggra — falou, enquanto se afastava rápido, esperando, claramente, que ele a seguisse.

— Estou ansioso para conhecer Aggra.

Ela lhe lançou um rápido olhar por cima do ombro e suas presas se abriram em um sorriso malicioso.

— Você já conheceu.

Thrall deu uma leve tremida quando ouviu aquelas palavras. *Que os ancestrais me deem forças*, pensou.

A refeição era simples: fenoceronte assado, pão de Mag'har, várias frutas e vegetais e água cristalina para ajudar a descer. Thrall nunca desenvolvera o gosto por comida sofisticada, uma vez que passou a maior parte da vida comendo a modesta porém nutritiva ração dos gladiadores, e não tinha nenhuma objeção àquela comida. Na verdade, a falta de ostentação era reconfortante, assim como a simples presença de Geyah. Ela tinha envelhecido, principalmente naquele último ano, mas estava longe de ter um corpo frágil, e seu espírito ainda era vigoroso. Sua mente também permanecia clara e afiada, e Thrall não pôde deixar de compará-la à de Drek'Thar. O destino, às vezes, parecia mais gentil com uns do que com outros.

Ele teria preferido que fossem só os dois naquela refeição. Aggra estava sentada ao lado de Geyah e era, claramente, para a perplexidade de Thrall, uma protegida da anciã. Ela não falou muito, mas quando o fazia as palavras eram mordazes e cheias de farpas. Geyah parecia não se importar com a aparente falta de respeito e, quando Aggra se levantou para buscar mais água, ele se aproximou da avó e falou baixinho:

— Essa garota não demonstra o devido respeito a alguém da sua posição, avó.

— Alguns também diriam que você faz o mesmo ao me chamar de “avó” e não de “Grande Mãe” — replicou ela.

— Se é o que deseja, ficarei feliz em fazê-lo.

Geyah abanou a mão desdenhosamente.

— Eu *sou* sua avó, Go'el. Por que você não deveria se dirigir a mim desta forma?

— Mas isso... Aggra interrompe a senhora no meio de uma frase, diz que a senhora está errada sem a menor cerimônia, ela...

— Zomba de você, mesmo você sendo o grande comandante da Horda? — A xamã

soltou um risinho. — Ora vamos, meu neto. Se me disser que não tem ninguém em quem confia para tirar sua cabeça das nuvens e manter os pés no chão quando você precisa, eu o chamarei de mentiroso. Porque você é um bom líder, e bons líderes não se cercam daqueles que só sabem bajular. Aggra me desafia porque pensa com a própria cabeça. Às vezes ela está certa, e sou eu que tenho que mudar de ideia sobre o que achava correto. Às vezes ela erra. Mas nunca tentei calá-la, e nunca me arrependi disso. O dia em que eu não puder mais ouvir as verdades dos outros, será o dia em que deverei me juntar aos ancestrais, porque tudo aquilo que valorizo em mim terá morrido.

Thrall assentiu, compreendendo o que ela dizia, e pensou em Eitrigg e Caerne. Algumas noites atrás Caerne usara um tom de voz e dissera coisas que qualquer espectador teria interpretado como desrespeito, até mesmo como insultos. Mas Thrall os conhecia bem, estavam sendo honestos, francos, suas expressões eram de preocupação genuína. Ele se mexeu desajeitadamente sobre o tapete gasto. Ele se ofendera com Caerne, mesmo sabendo que não deveria, e se repreendeu por isto. Decidiu se desculpar com o velho touro quando voltasse e agradecer-lhe por sua franqueza.

— Você já me ensinou uma lição, avó — murmurou Thrall.

— Ah, que bom! — disse Aggra, retornando com um jarro cheio. — Você tem muito o que aprender.

Thrall respirou fundo para se acalmar. Aprender a trabalhar com ela seria a maior das lições.

— Aggra, já disse a você e a Go'el que quero que seja a principal professora dele durante sua estada em Nagrand. Eu ainda instruirei você, Thrall, mas suas lições serão passadas em outra parte. Meu corpo já não tem mais condições de viajar por toda a extensão dessa terra. Aggra é jovem e forte, e poderá levar você aos lugares que precisa visitar.

Thrall acenou com a cabeça de um modo que ele esperava que se parecesse com cortesia.

— Entendo, e seu treinamento será bem-vindo.

Aggra arqueou a sobancelha e soltou um pequeno grunhido de desdém.

— E Aggra... pode ser que você não concorde com Go'el em tudo. Nem precisa. Você deve simplesmente instruí-lo o melhor que puder, com verdadeira disposição para partilhar seu conhecimento. A terra dele está sofrendo. Ele deixou Garrosh Grito Infernal em seu lugar em Azeroth...

— Garrosh? Aquele moleque não serve para...

— ...*para aprender como ajudar seu mundo* — continuou Geyah, implacável, com a voz

mais alta e severa. — Não é nem da minha nem da sua conta quem ele designou para liderar a Horda. O que interessa para nós é que ele *fez* o que fez. Você acha que é boa demais para tentar ajudar os elementais quando eles estão perturbados?

As bochechas de Aggra coraram. Ela parecia prestes a responder, mas então cruzou as mãos no colo.

— Você está certa, Grande Mãe. Dediquei minha vida a ouvir e trabalhar com eles, mesmo os elementais de outros mundos. Servirei ensinando Go'el tudo o que sei. — E, sem conseguir resistir, acrescentou: — Independente da minha opinião sobre ele.

Thrall lhe dirigiu um sorriso educado.

— E, da minha parte, estou ansioso para ouvir e aprender tudo o que puder, pelo bem de meu mundo. Independente da minha opinião sobre Aggra.



As semanas se arrastavam. Varian tinha insistido para que Anduin ficasse em Altaforja.

— Você tem a chance de ajudar as pessoas de Altaforja agora. Fez bons amigos lá. E o fato de o príncipe de Ventobravo continuar lá durante esse período difícil é um forte sinal do quanto consideramos os anões. Sei que não é um lugar muito agradável de se estar agora, mas os deveres de um rei nem sempre são prazerosos.

Anduin concordou e retornou a Altaforja uma hora depois da conversa. Ele sabia que o pai estava certo, e queria ajudar.

Ainda assim, sabia que seria melhor para todos se Muradin ou Brann assumissem o papel que, tragicamente, havia sido tomado do irmão deles.

Em breve.

Ele continuou a conversar com Rohan e a treinar com diversos membros da guarda pessoal de Magni. Um dia, estava com o sumo sacerdote quando Wyll chegou correndo até ele, mancando e sem fôlego.

— Alteza! Venha rápido!

Anduin se levantou rapidamente.

— O que foi? Alguma coisa errada?

— Não... não tenho certeza — disse o velho servo, ofegante. — Vocês dois estão sendo requisitados na Sala do Trono...

Depois de se entreolharem eles se levantaram e saíram apressados. Anduin se perguntou se Muradin ou Brann não tinham voltado para, finalmente, assumir a liderança. Esse pensamento o encheu de alívio, mas ao mesmo tempo sentiu uma pontada pela necessidade de tal coisa. Era o que Magni queria. Ele se forçou a não correr.

Ao dobrar a esquina, não conseguiu mais se segurar e acelerou o passo nos últimos

metros.

E parou de supetão, não acreditando no que via.

Nem Muradin nem Brann Barbabronze haviam respondido à convocação para retornar a Altaforja e assumir a coroa. Mas outro Barbabronze sim.

O Conselheiro Belgrum parecia ter se transformado em uma estátua de diamante, como Magni, a não ser por seus olhos arregalados e alarmados. Os guardas, que sempre protegeram Magni Barbabronze de perto, estavam agora amontoados em um canto, parecendo confusos e angustiados. Seus postos tinham sido ocupados por outros anões, com longas barbas negras e a pele tão cinza quanto suas armaduras. Estavam fortemente armados, mas Anduin mal prestou atenção neles. Em vez disso, encarava uma jovem anã.

Ela era bonita, tinha os cabelos castanho-avermelhados presos em coques em cada lado da cabeça. Sua roupa era bonita, apesar do ar antiquado, e tinha uma criança pequena em seu colo. Anduin sabia que nunca a tinha visto antes, mas ainda assim ela lhe parecia estranhamente familiar.

E estava sentada no trono de Magni Barbabronze.

— Ah, Sumo Sacerdote Rohan — disse a estranha, com uma voz suave e um sorriso gentil. — É *muito* bom te ver novamente. E este jovem humano deve ser o príncipe Andruin Wrynn. É muito gentil de sua parte vir tão prontamente. Teu pai te deu uma ótima educação. Oh, mas nós ainda não fomos devidamente apresentados, fomos?

Ele abriu um sorriso e os olhos dela brilharam de leve.

— Sou a rainha Moira Barbabronze.

Anduin não conseguia acreditar no que ouvia, ou via. Mas, agora que Moira tinha se apresentado, ele podia perceber a semelhança dela com o pai. E entendia a falta de resistência, apesar de ela ter vindo acompanhada de diversos anões cujos olhos brilhantes e a pele cinza lhes davam o nome de Ferro Negro. Sua reivindicação era legítima — ela era a única herdeira sobrevivente, ela e seu filho. Não havia nada que ninguém pudesse fazer.

E alguém *queria* fazer alguma coisa?, ele se perguntou depois que o choque passou. Afinal de contas aquela era a filha de Magni. Uma Barbabronze estava novamente sentada no trono de Altaforja. Anduin já havia se recomposto um pouco e se inclinou na reverência adequada de um príncipe diante de alguém na mesma posição. Herdeira ela podia até ser, mas ainda não havia sido coroada rainha, apesar de se referir a si mesma usando o termo. E, como princesa, até aquele momento, eles eram iguais.

Ela arqueou a sobrancelha castanho-acobreada e apenas inclinou a cabeça, sem se curvar. Aquilo já tinha dito tudo o que Anduin precisava saber.

— Já faz muito tempo desde que eu morei sob este teto. Foi estupidez do meu querido e falecido pai ter deixado bobagens se interporem entre nós. Me casei com um imperador, o que com certeza não é nenhuma desonra para o nome dos Barbabronze. Este piá, Dagra Thaurissan, batizado em homenagem ao pai, é o neto de Magni Barbabronze, e herdeiro de dois reinos. — Ela embalou o filho e um sorriso de amor genuíno suavizou seu rosto irritadiço. — Depois de tanto tempo, este menininho trará a união a dois povos orgulhosos, os Ferro Negro e os Barbabronze. — Ela olhou para cima e a aura de mãe amorosa deu lugar a um charme dissimulado. — Não é maravilhoso, Rohan? Tu és um anão da paz, um sacerdote da Luz. Com certeza, deve querer aplaudir esta nova era que está prestes a testemunhar!

Rohan respondeu educadamente:

— De fato, Alteza, eu...

— Majestade. — Novamente o sorriso afetado. Anduin sentiu um arrepio descer pela espinha.

Rohan hesitou somente o tempo suficiente para deixar sua reprovação registrada.

— Majestade. A paz é certamente um objetivo pelo qual vale a pena lutar.

Pelo visto o velho sacerdote também era político. Aquela foi uma resposta astuta.

Moira se virou para Anduin, abrindo ainda mais o sorriso. Ele pensou que a anã parecia uma raposa prestes a atacar um coelho.

— E Anduin — disse ela, quase ronronando. — Nos tornaremos grandes amigos! Dois filhos da realeza aqui em Altaforja. Quero muito saber mais sobre ti! Tu *precisa* ficar um pouco mais para que possamos nos conhecer melhor.

— Meu pai pediu que eu ficasse em Altaforja até que encontrassem um herdeiro legítimo para o trono. — Sua voz soava calma e educada. Ele estava dizendo a verdade. — Obrigações me aguardam em casa, agora que esta missão solene está completa. — Também era verdade, mas a sugestão de que seu pai o aguardava ele tinha criado por conta própria.

O sorriso de Moira não se desfez.

— Oh, não, não consigo imaginar uma decepção maior que esta. Tenho certeza de que seu pai entenderá.

— Acho que...

Ela levantou a mão em um gesto imperial.

— Não quero ouvir, príncipe Anduin. Você é meu convidado e não retornará a Ventobravo até que tenha uma longa e boa estada aqui. — Ela sorriu e assentiu, como se já estivesse tudo decidido.

E, com uma pontada no estômago, Anduin percebeu que estava.

Ele murmurou algo educado e lisonjeiro e, com um aceno, ela o dispensou.

Anduin saiu junto com Belgrum e Rohan. Sentia-se atordoado.

— Isso... o que acabou de acontecer... foi um *golpe*? — perguntou ele, bem baixinho.

— Foi uma requisição perfeitamente legal — disse Belgrum. — Na ausência de um herdeiro do sexo masculino, uma herdeira legítima pode pleitear o trono. Moira está até mesmo na frente de Muradin e Brann porque ela é uma herdeira direta. Então não é um golpe, é uma requisição legítima.

— Mas ela e Magni tinham cortado relações. E eles são anões Ferro Negro. — Anduin estava se esforçando para entender aquilo tudo.

— Bem, Magni nunca a deserdou, guri — disse Rohan. — Ele sempre quis que ela voltasse para casa. Mesmo que ele... Bem, isso são águas passadas agora. Mas ele com certeza ficaria furioso se visse os Ferro Negro na cidade. De qualquer forma, eles são nossos primos... Talvez isso acabe sendo uma coisa bo...

Ele parou de supetão. Tinham chegado à área da Grande Forja, que tinha voltado a funcionar logo depois do funeral de Magni. Era dali que os grifos decolavam e pousavam na cidade.

Mas eles tinham sumido.

Assim como os mestres de voo. No lugar onde vários grifos esperavam para levantar voo em direção a diferentes lugares dos Reinos do Leste, tinham sobrado apenas os poleiros vazios cobertos de palha. Anduin olhou em volta e viu um rabo amarelo de leão desaparecendo em direção aos portões. Saiu correndo sem pensar, ignorando os gritos para que parasse.

Ele alcançou um dos mestres de voo e seu grifo quando eles saíam para o dia frio e nevado.

— Gryth! — chamou ele, colocando a mão no ombro largo do anão. — O que está acontecendo? Para onde os grifos estão indo?

Gryth Thurden se virou para Anduin, carrancudo.

— Melhor não se aproximar muito, guri, ou tu pode ficar doente.

O aviso normalmente causaria alguma preocupação, mas da forma como Gryth falou, pareceu mais uma piada ruim, pois sua voz estava cheia de sarcasmo.

— O quê? — Anduin não sabia se estava caindo em uma pegadinha, e olhou curioso para o animal. — Bem, a asa deste aqui está machucada, mas ele não me parece doente...

— Oh, não, eles estão muito doentes! — Gryth revirou os olhos. — Pelo menos foi o

que os brutamontes da nova rainha Ferro Negro nos disseram. Parece que estão todos muito doentes. E é contagioso! Pra todo mundo, imagine só! Anões, humanos, elfos, gnomos, até mesmo draeneis, que nem desse mundo são! Que doença *forte*! Eles vão ter que ficar de quarentena por meses. Nenhum grifo sai ou entra. Este aqui não gosta dos Ferro Negro, deu uma mordida em um deles. E levou um golpe na asa pra aprender. Os outros já voaram para as novas baías. Vai saber quando voltarão!

— Mas você sabe que isso não é verdade. — Anduin deixou escapar.

Grith se virou para ele devagar.

— Claro que não é verdade — disse, com uma voz profunda e cheia de raiva. — A jovem suposta rainha é uma tola se acha que alguém acredita nisso. Mas o que posso fazer? Moira não quer que os grifos voem, e esses filhos da mãe Ferro Negro ameaçaram matar o animal no momento em que protestei. É melhor que eles fiquem vivos e em terra por um tempo, até que possam voar de novo. O que será em breve, com a ajuda da Luz!

Anduin observou enquanto eles continuavam seu caminho. Ele se perguntou se os animais ficariam mesmo em uma simples quarentena ou se seriam sacrificados. Passou a mão trêmula pela testa, que estava encharcada de suor, apesar do frio que fazia.

Belgrum e Rohan o alcançaram, parecendo preocupados. Um gnomo de expressão sombria havia se juntado a eles.

— Os grifos estão de quarentena — falou aborrecido enquanto se virava para eles. — Aparentemente estão bem doentes, e é contagioso.

— Verdade? — disse Rohan, emburrado. — Vai ver foi um grifo doente que quebrou o Metrô Correfundo também, hein?!

— O quê? — O príncipe tremeu, e cruzou os braços bem apertados. Ele tinha certeza de que era por causa do frio e que passaria quando entrassem. Pelo menos era o que esperava.

O gnomo falou:

— O metrô foi considerado inseguro e ordenaram que fosse fechado até os reparos serem feitos. Mas não tem nada de inseguro! Está ótimo! Trabalho nele todos os dias, saberia se tivesse alguma coisa errada!

— Trens inseguros e grifos doentes — disse Anduin, cerrando os olhos. — Formas de sair da cidade...

Rohan franziu a testa.

— É, também chegamos a esta conclusão. Mas há outras formas de...

— O que você pensa que está fazendo, seu bruto? — disse uma voz estridente de gnomida.

— Ê! — ecoou outra voz de gnomo. — Nós somos cidadãos de respeito!

Um gnomo. Ambas as vozes soaram familiar para Anduin. Todos se entreolharam preocupados e saíram em direção à Câmara do Comuns.

Quatro anões Ferro Negro seguravam firmemente os braços dos dois gnomos, que se debatiam e vociferavam em protesto.

— Bink e Dink — disse Anduin, lembrando do par de irmãos magos.

— Deixem-nos em paz! — Um bando de guardas de Altaforja corria em direção a eles brandindo machados e escudos.

— Ordens de Sua Majestade — rosnou um dos Ferro Negro. — Não faremos mal a eles. — Sua voz era profunda e sinistra e fez com que Anduin instantaneamente pensasse: *Mentiroso!* — Serão só alguns esclarecimentos sobre algumas coisas suspeitas. Só isso.

Não, não era só isso, e Anduin sabia. Eles estavam sendo levados porque eram magos... e magos podiam criar portais para sair de Altaforja. E Moira não queria que *ninguém* saísse do reino.

— Ela não é *nossa* Majestade, não ainda — disse um dos guardas com a voz suave, mas perigosa. — Deixem-nos ir!

Em resposta, o Ferro Negro que havia falado empurrou Dink para seus companheiros, sacou a espada e atacou.

Aconteceu tudo muito rápido. Os Ferro Negro e os Barbabronze pareciam brotar de todas as direções, o ressentimento fervilhando e o medo e a raiva prestes a explodir de uma vez. O ar não se enchia com os estrondos dos martelos contra as bigornas, mas com os gritos furiosos e o choque do metal. Anduin avançou, mas uma mão poderosa o deteve.

— Não, guri! Isto é entre os anões! — rugiu Rohan. Então deu alguns passos para a frente e levantou os braços, proferindo uma oração e emanando calma. — Baixem suas armas! Altaforja não testemunhará anão lutando contra anão novamente!

— Baixem as armas, guardas de Altaforja! Baixem as armas!

A voz tinha o tom forte de quem está acostumado a ser obedecido e, felizmente, pertencia a Angus Rochamvalho, capitão da guarda de Altaforja. Ele estava à frente de vários anões, todos com o olhar duro de raiva, querendo entrar no conflito.

Os guardas eram bem treinados e levaram poucos segundos para obedecer, pulando para trás e tomando uma posição defensiva, mas sem atacar mais. Os Ferro Negro continuaram no ataque por um tempo e então também pararam. Na confusão os gnomos tinham escapado e corrido até Anduin e Belgrum, se agarrando a eles com medo. Rohan se adiantou para tratar dos feridos enquanto Rochamvalho continuava a falar. Anduin viu que

eram muitos, alguns seriamente machucados, tanto Ferro Negro quanto Barbabronze. Apesar do calor do lugar, sentiu um arrepio, e não pode deixar de pensar que estava assistindo ao primeiro embate amargo de uma segunda guerra civil dos anões.

— Guardas! — berrou o capitão. — Moira é a herdeira do trono e a menos que uma reivindicação melhor seja feita, nós iremos respeitá-la, assim como aqueles que ela escolheu para protegê-la! Entenderam?

Eles murmuraram em coro:

— Sim. — Alguns soaram bem relutantes.

— E vocês — disse Rochamalho apontando o dedo grosso para os Ferro Negro. — Vocês não podem sair arrastando cidadãos de bem por aí. As leis devem ser respeitadas. Acho que esses pequeninos não foram nem acusados de nada. Nós protegemos as pessoas de Altaforja e cumprimos as leis. Não importando quem esteja no trono.

Os Ferro Negro se remexeram inquietos. Anduin deu um sorriso amargo, mas esperançoso. Uma coisa era forçar o metrô a fechar, ou matar ou ameaçar animais em ordem de manter Altaforja isolada. Outra era prender cidadãos sem uma causa e sem os devidos processos. Moira podia realizar parte de seu plano — e Anduin suspeitava que o correio e todos os outros meios de comunicação com o mundo externo estavam suspensos —, mas não contava com a coragem e a vontade indomáveis dos anões de Altaforja.

Rosnando, os Ferro Negro lançaram um olhar para os gnomos e assentiram.

— Se é lei que vocês querem, então é a lei que terão — grasnou um deles. — Nós obedeceremos. Porque, vejam bem, Sua Majestade é a herdeira *legítima* do trono. E vocês descobrirão o que isso quer dizer logo, logo.

Ele cuspiu aos pés do outro anão, se virou e saiu com seus companheiros. Anduin assistiu à partida. Deveria estar aliviado, mas não estava. O conflito estava muito longe de acabar, e ele temia que, antes que tudo se resolvesse, sangue de anões escorreria em Altaforja como o metal quente escorre na forja, livremente e em grandes quantidades.



Thrall se inclinou e coçou o longo pescoço dourado do talbuque que cavalgava. O animal balançou a cabeça satisfeito, mas manteve-se alerta, pronto para levar Thrall para onde quisesse. Ele tinha ido a Nagrand para aprender coisas novas, e era isso o que estava fazendo, montando um animal que até então só tinha visto de relance. Os Mag'har ainda montavam em lobos, assim como a maioria dos orcs, mas os talbiques eram animais estimados por eles, criaturas especiais que poucos tinham a permissão de montar.

O talbuque de Aggra era azulado e parecia ser mais veloz. O de Thrall era, como ela tinha dito mais cedo, “mais adequado para novatos como você, Go'el”. Outra alfinetada de alguém que parecia ter um grande prazer em insultá-lo o suficiente, mas não demais. Ele encarava Aggra como mais um teste que teria que superar pelo bem de seu povo.

Ele gostava bastante de seu talbuque e não tinha nenhuma reclamação a fazer. A cavalgada era mais instável que o galope suave dos lobos, mas ele já estava se acostumando.

— Nagrand teve sorte. Não sofreu tanto quanto outras partes do que foi Draenor um dia — disse Aggra enquanto paravam para beber água em uma fonte pequena e cristalina. — Outros lugares estão destruídos e devastados. Nós fazemos o que podemos para aprender aqui e ajudar os outros a ajudarem os elementais em outros lugares. Nunca será como antes, mas ficará o melhor possível.

— Imagino se meu mundo poderá dizer o mesmo — respondeu Thrall. — Você mencionou um lugar chamado Trono dos Elementos?

Aggra assentiu.

— Quando pedimos ajuda aos elementais para realizar nossos desejos nós interpelamos seus espíritos. Espíritos da Terra, do Ar, do Fogo e da Água.

Foi a vez de Thrall assentir, e ele o fez com impaciência.

— Disso eu sei. Foi uma das primeiras coisas que Drek'Thar me ensinou.

— Oh? Que bom. Só queria ter certeza. Não sei quão rudimentares são seus conhecimentos, afinal. — Ela deu um sorriso com uma doçura falsa, e ele rangeu os dentes.

— Geyah disse alguma coisa sobre os elementais terem nomes aqui — continuou ele. — Em Azeroth isso denota elementais particularmente fortes. Qual é a função desses seres?

— É uma boa pergunta — elogiou ela a contragosto. — Eles se chamam Fúrias. E são elementais extremamente poderosos, mas não são tudo o que há na terra ou na água, uma vez que um punhado de terra ou uma gota d'água são tudo o que se pode ser da terra ou da água. Isso pode ser uma ideia bem complexa para alguns.

Thrall suspirou.

— Você pode pensar o que quiser de mim, Aggra, mas não insulte minha inteligência. Seus insultos constantes acabarão prejudicando sua habilidade de ensinar e a minha de aprender, e nenhum de nós dois quer isso.

Os olhos dela se estreitaram e as narinas se abriram. Thrall soube que ela entendera o recado. Sua mandíbula forte cerrou-se.

— Não. Você não é idiota, Go'el. Eu questiono suas escolhas e decisões, mas sei que existe um cérebro dentro desse crânio.

— Então, por favor, me ensine como alguém que tem capacidade de aprender realmente. Será muito mais rápido e poderei voltar para casa mais rapidamente. E isso, com certeza, é uma coisa que nós dois queremos.

— Verdade — disse ela, prontamente. — Se você entender o que eu digo...

— Eu entendo — disse Thrall tentando manter a civilidade.

— ...Então vamos passar o dia fora de Nagrand. Vou mostrar algumas outras partes de Terralém. Mostrarei elementais de águas poluídas e terras envenenadas. Você poderá tentar falar com eles, ou travar uma batalha por não responderem ao seu chamado, e assim você poderá ter uma primeira impressão a respeito deles.

— Já trabalhei com elementais corrompidos e pervertidos antes — respondeu Thrall, concordando.

— Que bom. Talvez você encontre algo familiar no mal deles que possa ajudar a curar Azeroth.

Ele piscou. Quando não estava carregada de sarcasmo ou desprezo, sua voz era suave e melodiosa. E, quando não estava emburrada, seu rosto tinha uma beleza tranquila que lhe lembrava o de Geyah. Era uma pena que estivesse tão determinada a não gostar dele. Ele poderia gostar de tê-la ao seu lado na volta para Azeroth e usar suas habilidades para salvar

tanto a Horda quanto Azeroth. Mas foi só pensar nisso que ela pareceu se lembrar do quanto desgostava dele e franziu a testa.

Estalando a língua, ela virou a cabeça de seu talbuque com vigor excessivo em direção ao sul.

— Vamos, Go'el. Cavalgaremos até o fim do mundo.

— As coisas estão mudando — disse o Arquiduidra Hamuul Runa Totem. Ele sentava-se com Caerne fora do Penhasco do Trovão, em uma área conhecida como Rochedo Vermelho. O lugar de pedras salientes cor de ferrugem era considerado sagrado pelos ancestrais dos taurens. Caerne ia para lá sempre que precisava de paz para pensar em algo.

Desde que Thrall partira ele vinha frequentando muito mais o lugar.

— Concordo — disse Caerne. — Fiquei satisfeito quando Garrosh propôs a reconstrução de Orgrimmar logo após a partida de Thrall em vez de invadir algum outro lugar. Até o elogiei. Disse que aquilo mostrava que ele era um líder que se importava com o bem-estar de seu povo, e não um orc atrás apenas de glória pessoal — bufou Caerne. — Mas agora me pergunto. Considerando o que ele fez com o dinheiro.

Orgrimmar tinha sido reconstruída de fato, mas estava quase irreconhecível. Todos os prédios danificados tinham sido reconstruídos, mas não com os telhados de madeira, palha ou couro de antes. Alegando a necessidade de proteger Orgrimmar de futuros incêndios, Garrosh encomendara metal em vez de materiais inflamáveis. Era possível dizer que aquela fora uma escolha sensata.

As pessoas poderiam também, como Caerne ao observar os novos prédios, se sentir desconfortáveis com a maneira como a nova arquitetura remetia à antiga. Ele mesmo nunca tinha viajado até Draenor, mas já havia visto imagens da Cidadela do Fogo do Inferno e de outras construções dos orcs no auge de sua sede por sangue demoníaca. Ferro negro forjado em espetos pontudos, prédios de aparência brutal, práticos, porém nem um pouco acolhedores. Agora, na capital da Horda, era mais fácil imaginar que eles escondiam instrumentos de tortura do que os simples mantimentos e artigos que realmente abrigavam.

Caerne havia trocado o Penhasco do Trovão por Orgrimmar depois da partida de Thrall para ficar à disposição do novo líder designado por ele, apesar da objeção do tauren. Para governar seu povo em sua ausência, Caerne designou seu filho, Baine, um grande guerreiro com a cabeça fria, como o pai. Baine não encontrou nenhuma dificuldade na ausência de seu pai.

Com o passar do tempo Caerne percebeu que seus conselhos não eram bem-vindos e

sim ignorados. Conforme observava aquela arquitetura hostil se elevar, percebeu que não havia mais lugar para ele ali. Pediu para falar com Garrosh e explicou que estava voltando para o Penhasco do Trovão, mas sua reação o surpreendeu.

Ele esperava alívio ou indiferença, mas em vez disso Garrosh se levantou e foi até ele.

— Nós lutamos bem juntos uma vez, em Nortúndria — disse Garrosh.

— Sim, lutamos — concordou Caerne.

— E eu sei que você não concorda com muitas das minhas decisões.

Caerne o encarou por um momento.

— As duas coisas são verdade, Garrosh. Mas eu acho que o fato de discordar das suas decisões interfere na minha capacidade de ajudar você.

— Eu... Thrall me encarregou de cuidar da Horda. Ele é um símbolo dela, assim como você. Nunca quis ofender você, mas tenho que tomar minhas próprias decisões. E é o que farei. Vou fazer o que achar melhor para a honra e a glória da Horda... e para o bem-estar geral.

Caerne gostou do que ouviu. E queria conseguir acreditar que Garrosh tinha a intenção de cumpri-las. Mas ele conhecia Garrosh melhor que o próprio orc. Tinha conhecido Grom, e vários outros jovens de cabeça quente, e viu o fim violento e sem sentido que tiveram. Ele não queria que Garrosh se juntasse à estatística e, pior, arrastasse a Horda junto com ele.

Mas não havia sentido em ficar. Garrosh faria as coisas exatamente do jeito dele. Se ele quisesse o conselho de Caerne daria um jeito de justificar o pedido de forma que não perdesse seu orgulho. E Caerne o deixaria mantê-lo.

Ele se curvou numa reverência respeitosa, e Garrosh se curvou ainda mais, e então Caerne voltou para o Penhasco do Trovão.

Os Kor'krons, a guarda de elite que sempre acompanhava o comandante, normalmente de maneira discreta, o acompanharam até a saída. Caerne sempre os considerou extremamente leais a Thrall; na verdade, ele havia reativado a ordem. Mas, pelo visto, ainda que a lealdade deles fosse realmente extrema, ela não se aplicava a alguém em particular, mas a quem quer que estivesse no comando da Horda. Caerne não conseguiu ouvir nem mesmo um protesto tímido ou um resmungo vindo deles no que dizia respeito aos novos rumos que a Horda estava tomando, pelo menos em Orgrimmar. Na verdade, se havia algum cochicho ou murmúrio, era de aprovação pela atitude gloriosa que Garrosh tinha trazido com seu estilo de liderança.

— Não estive em Orgrimmar desde a reconstrução, não que eu tenha alguma vontade de ir. — A voz de Hamuul Runa Totem ressoou, trazendo Caerne de volta para o presente.

— Mas, velho amigo, não acho que você me chamou aqui para falar de arquitetura.

Caerne concordou.

— Quisera eu que essa fosse a razão, mas você está certo. Eu queria saber como andam as negociações com os seus contatos kaldorei na Harmonia Telúrica.

No banquete em honra ao retorno dos veteranos, Caerne sugerira que as relações com os elfos noturnos fossem restabelecidas através da Harmonia, uma área de conexões mútuas. Garrosh ficara furioso, e Thrall tivera que tentar acalmá-lo. No fim das contas, oficialmente, nada aconteceu.

Mas, extraoficialmente, Thrall tinha dado permissão para Hamuul fazer o que achasse melhor para a Horda. E Hamuul passou aqueles últimos meses enviando cartas, mensageiros e até mesmo representantes clandestinamente.

— Surpreendentemente bem, considerando tudo o que aconteceu — respondeu Hamuul. — Levou algum tempo até que eu recebesse uma resposta inicial dos kaldorei. Eles estavam muito bravos.

— Nós também.

— Eu expliquei isso para eles e, felizmente, ainda existem alguns entre eles que me consideram amigo e acreditaram no que falei. A coisa prosseguiu bem devagar, Caerne. Mais devagar do que eu gostaria, mais do que acho necessário, mas as coisas amadurecem em seu próprio tempo. Não queria forçar uma reunião, porém agora parece que os kaldorei estão mais receptivos.

— Estas notícias deixam este touro velho aqui contente! — exclamou Caerne, com o coração cheio de esperança. — Fico feliz em saber que alguns ainda ouvem os sussurros da razão em vez dos gritos da agressão.

— É mais fácil ouvir esse tipo de coisa na Clareira da Lua — disse Hamuul, e Caerne concordou.

— Onde e quando será a tal reunião? — perguntou Caerne.

— No Vale Gris. Alguns dias mais trocando correspondências, e eu acho que acontecerá.

— Vale Gris? Por que não na própria Clareira da Lua?

— Remulos não se envolve nesses assuntos — explicou Hamuul. Remulos era um dos filhos do semideus Cenárius, que tinha ensinado o druidismo a Malfurion Tempesfúria. Um ser belo e poderoso, Remulos tinha a forma de um elfo noturno e um cervo; sua barba e seu cabelo eram feitos de musgo, suas mãos não eram de carne, mas de garras de madeira e folhagem. De seu posto sereno ele vigiava, e a paz reinava ali.

— Ele não pode prevenir eventuais discussões, mas nós não levaríamos questões potencialmente explosivas para a Clareira da Lua sem a bênção dele. Se tudo correr bem, no entanto, ele já sugeriu que permitiria uma segunda reunião lá.

— Isso seria bom — disse Caerne. — O Vale Gris ainda é um lugar muito instável pro meu gosto. Você estará presente, suponho?

— Estarei. Comandarei a reunião junto com um arquidruída que é, praticamente, minha igual junto aos kaldoreis.

— Leve alguns dos meus melhores guerreiros com você — insistiu Caerne.

— Não. — Hamuul balançou a cabeça firmemente. — Não darei a ninguém a chance de pegar em armas com a desculpa de que o fiz antes. As únicas armas serão os dentes e as garras que temos em nossas formas bestiais. Meu correspondente concorda comigo. Espadas não ajudam aqueles que vêm com a paz no coração.

— Huum... — bramiu Caerne, alisando a barba. — O que você diz é verdade, apesar de eu desejar o contrário. Mesmo assim, eu não gostaria de ver ninguém tentar atacar você em sua forma de urso, meu amigo. Eles não sairiam vencedores.

Hamuul concordou.

— Vamos esperar que isso não aconteça. Serei cuidadoso, Caerne. É mais do que a minha vida que está em jogo no resultado desse encontro. Todos temos conhecimento do risco que estamos correndo, e julgamos que vale a pena.

Caerne assentiu e abriu os braços, apontando para o solo sagrado diante deles.

— Espero não ter que vir aqui para comungar com seu espírito depois disso.

Hamuul jogou a cabeça para trás e gargalhou.



Cinco ursos de peles em matizes variados, mas todos amarfanhados e enormes, andavam pelas florestas verdejantes do Vale Gris. Eles paravam para farejar ou mexer aqui e ali com a pata em algo que chamava sua atenção, e não pareciam estar juntos. Ursos raramente estavam. Mas, se alguém os observasse por tempo suficiente, e seguisse seu deslocamento aparentemente sem rumo, notaria que todos pareciam estar indo na mesma direção.

Talvez notasse também que eles tinham chifres.

Eles chegaram a um certo ponto nas montanhas um pouco a oeste do Túnel Garracava. Um, maior e mais cinzento que os outros, reconheceu a área por alguns minutos, farejando cautelosamente, então levantou-se nas patas traseiras e ergueu as patas dianteiras para o céu.

Garras, negras e brilhantes, transformaram-se em dedos longos e fortes. Pelo castanho e branco estremeceu e encurtou. O focinho do urso alongou-se, chifres agora projetando-se de uma cabeça maior, com olhos calmos e profundos. Esqueleto e órgãos mudaram sob a pele de pelos curtos. As pernas traseiras tornaram-se membros fortes com cascos e não patas, e a cauda curta alongou-se e cresceu feito chicote, com um tufo no final.

— Posso sentir o cheiro deles: estão vindo — assegurou Hamuul Runa Totem. — E vêm sozinhos.

Atrás dele os outros druidas o imitaram, e seus corpos mudaram, não sem harmonia, de urso para tauren. Eles postaram-se de pé, prontos, e apenas suas caudas e orelhas se mexiam de vez em quando.

Alguns momentos depois cinco sabres-da-noite, com pelos em tons negros variados, assomaram na colina, correndo rápido e elegantemente. Quase ao mesmo tempo eles também mudaram de forma. Longos e esguios corpos de felinos tornaram-se longos e esguios corpos de elfos noturnos. As orelhas cresceram, mãos e pés substituíram patas, e as

caudas desapareceram completamente. Eles encararam os taurens solenemente. Hamuul fez uma profunda medida.

— Arquidruída Renferral — disse ele. — Estou muito feliz que tenha vindo, velha amiga.

— Não vim sem antes debater muito comigo mesma — disse Elerethe Renferral. — Hamuul notou que ela não o chamou de “amigo”. Ela era alta e graciosa, com cabelos verdes curtos e pele roxa. Era óbvio, no entanto, que ela já tomara parte em batalhas: cicatrizes cor de lavanda manchavam o violeta mais escuro, e seu corpo era musculoso e definido.

— Sua alma guiou você e seus companheiros para essa reunião, assim como minha alma guiou-me e aos meus — disse Hamuul.

— O sangue das Sentinelas chacinadas ainda clama por justiça, Hamuul — respondeu Renferral, mas enquanto falava ela se adiantava para diminuir a distância entre ela e Hamuul.

— E justiça será feita — assegurou Hamuul. — Mas, a menos que possa haver paz, conversa e cura, a justiça não virá. — Ele tomou a iniciativa, sentando na grama verde macia. Os outros druidas taurens o imitaram. Os kaldorei trocaram olhares, mas quando Renferral sentou-se, eles fizeram o mesmo. Era um círculo, ou quase: podia ser dividido precisamente ao meio, uma raça de cada lado.

A frieza e precisão dessa divisão de raças incomodava Hamuul. Aquela não era uma reunião de estranhos, mas de antigos amigos. Eles dez tinham trabalhado juntos por anos como parte da Harmonia Telúrica. Tinham compartilhado um vínculo que transcendia raça e divisões políticas, que era o poder de assumir a forma e tocar o espírito das feras do mundo, unir-se à natureza de uma maneira que ninguém mais entenderia. Mas aquele vínculo fora testado duramente. Hamuul orou silenciosamente à Mãe Terra para que o trabalho que realizassem ali ajudasse a reforçar aquele vínculo, quem sabe até torná-lo mais forte.

— Tenho certeza de que você já sabe que Thrall partiu... temporariamente. E também tenho certeza de que você sabe em que missão.

Renferral franziu o cenho.

— Sim, sabemos. E sabemos quem ele deixou em seu lugar.

— Asseguro-lhe que Thrall não tem intenção de se afastar por muito tempo, e que Thrall pediu a Caerne que aconselhasse o jovem Grito Infernal — disse Hamuul. — Você sabe que Thrall deseja a paz.

— Será mesmo? — manifestou-se outro elfo noturno com raiva na voz. — Mas então por que é que ele se ausenta? E deixa Garrosh para governar em seu lugar; *Garrosh*, que

falou abertamente contra o tratado? E quem acreditamos estar por trás dos ataques, pra começo de conversa.

Hamuul suspirou. Não havia provas conclusivas de que Garrosh tivesse instigado os ataques brutais às Sentinelas. Mas era fácil dar ouvidos a rumores.

— Thrall está em Nagrand para tentar entender o que há de errado com os elementos. Ora, vamos, nós druidas estamos mais perto do mundo natural que a maioria, embora não sejamos xamãs. Não creio que alguém aqui presente discorde que o mundo está sofrendo.

Aquilo pareceu acalmar os elfos noturnos.

— Se Thrall voltar rápido, com algo que possa acalmar os elementos... e se Garrosh parar com os massacres sem sentido — disse Renferal —, então talvez algo de bom resulte de tudo isso.

— Eu devo lembrá-la de que não sabemos por certo se Garrosh foi o responsável, e, graças a esta reunião, algum bem já foi feito — respondeu Hamuul. — Que a paz comece aqui e agora.

Várias expressões apareceram nos rostos ali reunidos: esperança, preocupação, suspeita, medo, determinação. Hamuul olhou em volta e acenou com a cabeça. Estava indo tão bem quanto ele tinha esperado, embora não tão bem quanto teria desejado.

Com deliberação cuidadosa ele retirou de sua capanga um longo objeto esguio enrolado em couro decorado. Ele o ergueu por um momento e então se levantou, depôs o objeto no centro do círculo e o desembrulhou.

— Este é um cachimbo cerimonial — disse ele. — Ele é compartilhado pelos participantes no começo de uma conferência de paz. Por eras, este tem sido o costume do meu povo. Eu trouxe este cachimbo para minha primeira reunião da Harmonia Telúrica. Alguns aqui se lembram daquela reunião. Eu o trago novamente agora, para mostrar meu desejo formal por cura e união.

Renferal observou atentamente, acenando serenamente com a cabeça esverdeada. Então ela retirou um cálice e um odre de couro de sua bolsa.

— Parece que eu e você somos da mesma opinião — disse ela, serenamente, erguendo o cálice. Era simples, de cerâmica, esmaltado em azul, com runas gravadas em sua superfície, mas fora isso não tinha adornos. Hamuul sorriu suavemente. Há muito tempo ela trouxera aquele item, assim como ele tinha trazido o cachimbo. — Este cálice é antigo. Não sabemos quem foi seu primeiro dono, mas ele tem sobrevivido desde a Cisão, passado de geração em geração com amor e carinho. A água é do Templo de Eluna. É pura e deliciosa. — Renferal derramou um pouco de água no cálice com reverência e então ela se levantou e o colocou no

meio do círculo.

Hamuul acenou com a cabeça, satisfeito. Os elfos noturnos estavam levando a reunião tão a sério quanto os taurens. Ele podia sentir a tensão sumindo e sentiu o respeito e a esperança começando a substituir a resistência e o antagonismo.

Ele se ergueu, fez uma mesura para Renferal e se agachou para pegar o cachimbo. Enquanto ele o enchia de ervas, ele começou a falar.

— Uma vez aceso, o cachimbo será passado de mão em mão — explicou ele, para benefício dos druidas elfos noturnos mais jovens que ainda não tinham presenciado a cerimônia taurena. — Por favor, quando ele chegar às suas mãos, segure-o por um instante. Pense no objetivo que você veio aqui para cumprir. Então leve-o a...

Ele estacou.

A brisa mudara, levando um cheiro ao seu sensível focinho tauren. Forte, familiar e não desagradável em outras circunstâncias. Mas ele sabia que agora, naquele momento delicado, era um cheiro que poderia decretar o fim de tudo.

Orcs.

— *Não! Pare!* — gritou Hamuul na língua nativa dos orcs, mas era tarde demais. Mesmo antes que as palavras deixassem sua boca, as flechas mortais já tinham alçado voo letal. Dois elfos noturnos caíram ao chão com as gargantas perfuradas.

Gritos de raiva e surpresa irromperam dos taurens e elfos noturnos. Renferal se virou um instante para encarar Hamuul com um olhar de fúria e ódio que perfurou seu coração mais fundo que qualquer lança poderia.

— Nós viemos em boa-fé! — foi tudo o que ela disse antes de se transformar em um grande felino e se atirar no orc mais próximo, um guerreiro gigantesco, careca, de dentes tortos, com uma espada montante enorme. Ele caiu sob Renferal e sua espada tombou inútil na grama enquanto a elfa abria seu abdome com as garras.

— Matem os peles-roxas! — grasnou o líder. De onde eles tinham vindo? Por quê? Isso era coisa de Garrosh? Não importava. Por acidente ou de propósito, a conferência de paz fora destruída de maneira inimaginável. Tudo o que restara a Hamuul era proteger os três, não, corrigiu ele, ao ver que outro orc tinha empalado Renferal com uma lança, prendendo-a à terra. — Os *dois* druidas elfos noturnos ainda vivos.

Rendendo-se à dor e raiva, ele rapidamente mudou para a forma de urso, e saltou sobre o orc mais próximo daquele grupo guerreiro selvagem. Seus camaradas taurens fizeram o mesmo, cada um deles transformando-se em formas de animais. A fêmea orc, brandindo duas espadas curtas, não teve chance nenhuma contra o peso de Hamuul. Seu grito foi

interrompido quando Hamuul esmagou sua caixa torácica. Ele quis esmagar a traqueia dela com suas mandíbulas possantes, provar o gosto acobreado do seu sangue, mas se conteve. Hamuul era melhor do que eles.

Ao seu redor, os druidas estavam mudando para várias formas animais para se defender: corvos da tempestade, voando e rasgando os rostos dos orcs com garras afiadas; felinos, com presas e garras para rasgar e furar; e ursos, a mais forte das formas animais. Sangue jorrava por toda parte, e o cheiro quase enlouquecia Hamuul. Ele se agarrou à sua sanidade com todas as forças, lembrando-se de por que ele tinha ido até ali, do quão perto eles tinham estado do sonho de paz há apenas alguns minutos.

— Parem, parem, esses são taurens! — gritou alguém, perfurando a névoa vermelha da batalha. Reunindo cada fragmento de controle que ele ainda possuía, Hamuul largou o orc com quem lutava e retornou à sua forma verdadeira.

Só então ele percebeu que tinha sido ferido; na forma de urso, ele não sentira o ferimento. Ele pressionou com a mão a ferida em seu flanco e murmurou um feitiço de cura; seus olhos se arregalaram de horror quando ele se deu conta do que tinha acontecido.

Parecia quase impossível para ele, mas os cinco elfos noturnos estavam mortos, e jaziam onde tinham caído. Quase todos os taurens estavam feridos, e ele lamentou ver uma deles estirada na grama com uma flecha enfiada no olho e moscas zumbindo em redor do seu corpo lasso.

Ele se voltou para o orc que parecia ser o líder.

— Em nome de Cenárius, *o que você fez?*

O orc tinha a pele verde-clara e parecia não ter se perturbado nem um pouco com a reprimenda de Hamuul. Ele simplesmente deu de ombros.

— Nós vimos cinco elfos noturnos imundos correndo em forma de gato e pensamos que eles estavam atacando.

— Atacando? *Cinco?*

O orc continuou a olhar para ele fixamente, e não disse mais nada. Como eles poderiam saber ao certo que eram druidas e não meros sabres-da-noite?, Hamuul se perguntou.

Irritado pela estupidez amuada e silenciosa do orc, a voz de Hamuul ficou ainda mais alta.

— Quem enviou vocês? Foi Garrosh?

O orc deu de ombros outra vez.

— Quem é Garrosh?

Impossível. Hamuul não podia acreditar que alguém poderia ser tão ignorante. Ame-o ou odeie-o, todos sabiam quem era Garrosh. O orc só podia estar brincando com ele por algum motivo.

— Vocês interromperam uma reunião secreta e importantíssima que teria garantido à Horda permissão de colher madeira no Vale Gris sem perda de vidas! Eu irei pessoalmente denunciar você a Caerne Casco Sangrento, e esse incidente será conhecido por todos. Eu não serei responsável por outra mácula na honra da Horda. Esses elfos, esses *druidas*, e ele apontou um dedo trêmulo aos corpos que esfriavam, vieram aqui a meu pedido. Eles confiaram em mim para mantê-los a salvo. E agora nossa melhor esperança de paz jaz morta aos nossos pés porque *vocês* acharam que eles estavam atacando. Qual é o seu nome?

— Gorkrak.

— Gorkrak — disse Hamuul, memorizando o nome. — Qualquer chance que você tinha de progredir na Horda, Gorkrak, acabou aqui.

A expressão de Gorkrak mudou levemente. Seus olhos porcos se moveram deliberadamente dos druidas elfos noturnos para Hamuul, e depois para algo atrás do tauren. Um sorriso ladino apareceu em seu rosto, e tarde demais Hamuul compreendeu o que estava para acontecer.

— Não se eu acabar com você primeiro — crocitou Gorkrak.

E Hamuul ouviu o sibilar de uma flecha sendo disparada.

Gorkrak do Martelo do Crepúsculo olhou em redor, satisfeito.

— Eu pensei que druidas eram inteligentes — disse um dos seus companheiros, puxando a espada do corpo de uma tauren de pelo banco.

— Todos os que não acolhem a destruição vindoura são tolos — disse Gorkrak. Seu rosto já não exibia a mesma expressão estúpida que ele usara para enganar Hamuul. — Será belo e inevitável. Nós enterraremos os cadáveres, mas não bem demais. Queremos que os bichos carniceiros os encontrem. Queremos que os cadáveres sejam descobertos. — Ele sorriu sinistramente. — No tempo certo.

Ele estava feliz por Hamuul ter mencionado Garrosh. Significava que as suspeitas sobre o chefe guerreiro interino já começavam a se espalhar. Alguns já sussurravam que Garrosh fora responsável pela chacina das Sentinelas. Agora eles também o responsabilizariam por esse massacre.

— Pelo vazio que nos aguarda — disse Gorkrak. — Cavem.

Hamuul Runa Totem recobrou a consciência lentamente. Ele piscou e se perguntou se estaria acordado realmente. Onde ele estava? O que acontecera? Ele não podia ver nada, e algo o apertava de todos os lados. Respirar era difícil; o pouco ar que havia cheirava a terra e sangue velho. Ele tentou se mexer e compreendeu que estava comprimido. Seu corpo estava em agonia e a sede o açoitava terrivelmente. Ele estava em sua forma de urso; Hamuul lembrou que tivera um segundo para mudar de forma antes de ser atingido...

...nas costas...

...por correligionários da Horda.

A lembrança veio como uma avalanche e ele entendeu de súbito onde se devia estar e o que o estava pressionando.

Ele estava em uma sepultura coletiva.

Adrenalina correu por suas veias, dando forças renovadas ao seu corpo atormentado. Para que lado era em cima? Cadáveres deitavam membros exânicos em seus ombros, apertavam torsos frios contra suas costas, como se o forçassem a unir-se a eles na morte. Hamuul abriu a boca de dentes afiados, sentindo terra e ar fétido, e pressionou as patas contra os corpos dos amigos. Ele escavou para cima, fazendo os corpos sangrarem lentamente, seguindo a direção do ar fresco, usando toda a sua força para empurrar os corpos e a terra, até que sua cabeça irrompeu a superfície compacta e ele inspirou ar puro. Grunhindo, sentindo novamente a dor de suas feridas, ele livrou o corpo completamente e desabou, seu pelo branco e castanho-claro empapado de sangue e fluidos repelentes, arquejando e tremendo de horror perante a atrocidade.

Ele tentou se transformar em tauren, mas a primeira tentativa o fez desmaiar novamente. Quando ele recobrou a consciência, depois do que pareceram alguns minutos, ele conseguiu completar a transformação e curar suas feridas, pelo menos um pouco. Levaria tempo para ele se curar completamente.

Fazendo uma careta, ele se ergueu e foi até a sepultura, encolhendo-se de dor, para examinar a chacina, perguntando-se se alguém teria sobrevivido. Já era noite, mas ele não precisava da luz do sol para contemplar a tragédia.

Mortos. Todos mortos. Elfos noturnos e taurens. Ele fora o único a sobreviver. Seu grande coração se confrangeu. Seus joelhos cederam e por um momento ele desabou ao lado do buraco na terra que continha seus amigos, chorando pelos mortos, chorando pelas futuras feridas que aquilo causaria às esperanças de paz.

Ele ergueu o rosto, seu focinho banhado em lágrimas, e contemplou os itens ritualísticos sagrados que ele e Renferral tinham trazido com tantas esperanças. Eles tinham

sido quebrados, o belo cachimbo, o antigo cálice. Pisoteado sob pés descuidados e corpos tombando. Estilhaçados além do conserto, como seu sonho de paz tinha sido.

Fechando os olhos, Hamuul levantou-se, claudicando, e, erguendo as mãos para o céu, pediu ajuda. A ajuda veio na forma de uma coruja, piando baixinho ao se empoleirar em um galho próximo. Hamuul procurou um pedaço de pergaminho em sua capanga. Ele escreveu uma breve mensagem usando o próprio sangue, pois seu tinteiro quebrara-se no conflito. Depois, amarrou-a na perna da coruja. A ave sacudiu-se, mexendo muito a cabeça e encarando Hamuul com olhos plácidos, mas enfim aceitou a incumbência desajeitada.

Hamuul sussurrou o nome de Caerne e visualizou o velho chefe tribal com o olho da mente. Quando ele teve certeza de que a coruja obedeceria a seu pedido, ele a soltou com uma bênção. Ela partiu em direção sudoeste.

Na direção do Penhasco do Trovão.

Ele fechou os olhos sentindo alívio e gratidão, e desabou calmamente no chão, deixando o abraço da terra envolvê-lo — ele não sabia se por agora somente, ou se para sempre.



Ador era bem maior do que Garrosh antecipara, e ele a aceitou com alegria.

Ele estava satisfeito com a maneira como suas decisões sobre a reconstrução de Orgrimmar tinham sido recebidas. Alguns pareciam descontentes, como Caerne e Eitrigg, mas a maioria pareceu se alegrar com a ideia de retornar aos antigos costumes órquicos. Garrosh estava feliz com aquilo. Frequentemente ele ia fitar o crânio do inimigo que o pai matara, e um dia, esfregando o queixo pensativamente, ele decidiu fazer outra coisa para honrar o pai.

A decisão fora fácil, mas a realidade era dolorosamente da cor de vermelho-quente. Ele estava deitado de costas no chão dos seus aposentos, forçando o corpo a relaxar e se acalmar, e não a ficar tenso. Acima dele se postava um orc ancião cujos músculos poderosos e cujas mãos estáveis contrastavam com as rugas e o rabo de cavalo grisalho. Em uma das mãos ele segurava uma lâmina estreita e afiada, cuja ponta ele mergulhava frequentemente em tinta preta. Na outra mão ele segurava um pequeno martelo. Os únicos sons no aposento eram o estalar do braseiro que fornecia iluminação e as batidas do martelo enquanto o orc tatuador o usava para perfurar o rosto de Garrosh.

A maior parte dos desenhos era simples. Um desenho de família, uma palavra, a insígnia da Horda. Garrosh, no entanto, queria toda a mandíbula tatuada de preto — isso só pra começar. Seu desejo era ter o peito e as costas decoradas com tatuagens elaboradas para que amigos e inimigos vissem e soubessem que ele infligira dor a si mesmo deliberadamente. Cada batida perfurava um único ponto na pele, e a tarefa demoraria horas... horas quando cada perfuração equivalia a ser perfurado com uma agulha incandescente.

A uma certa altura, Garrosh engoliu em seco. Ele notou também que estava suando... não sabia se por causa da dor ou do calor que irradiava no cômodo pequeno. O tatuador

pausou e fez uma careta para ele.

— Não se mova. E não sue tanto assim. Seu pai não suava.

Garrosh se perguntou como Grom podia controlar a própria perspiração. Ele se esforçaria para fazer o mesmo. Não disse nada, pois isso o forçaria a mover a boca, mas piscou para mostrar que entendia.

O tatuador, um aprendiz do orc que tatuara Grom Grito Infernal ritualisticamente, afastou-se para que seu próprio aprendiz enxugasse o suor da testa marrom de Garrosh e secasse o sangue e a tinta do seu queixo. Garrosh respirou profundamente durante a pausa. Já tinham se passado quatro horas e apenas três dedos de tinta recobriam seu queixo. O tatuador curvou-se sobre ele novamente. Garrosh forçou-se a ficar quieto outra vez, e o tormento — o doce tormento comprado com honra — recomeçou.

— *Garrosh!*

O berro de Caerne foi alto e ecoou pelo Castelo Grommash. Os guardas se aproximaram dele para, alegadamente, ajudá-lo, e não para detê-lo. Ele os encarou e bufou com desprezo, e eles se afastaram.

— *Garrosh!*

Sempre havia alguém acordado no Castelo Grommash, cuidando do fogo para que não se apagasse e fazendo os preparativos para o dia seguinte, de forma que o lugar não estava deserto, apenas silencioso. Os gritos de Caerne acordaram os que estavam dormindo, e as salas encheram-se lentamente com curiosos sonolentos que esfregavam os olhos e usavam roupas obviamente vestidas às pressas.

— Garrosh, eu exijo ver você!

— Ninguém *exige* ver o líder da Horda! — disse um dos Kor'krons, grunhindo.

Caerne voltou-se para ele com uma velocidade que contrastava com sua idade.

— Eu sou o Alto Chefe Caerne Casco Sangrento. Eu ajudei a criar a Horda que Garrosh está esfacelando agora mesmo. Eu falarei com ele, e falarei com ele *agora!*

— Touro velho, você vai acordar os mortos pisoteando e bufando assim tão alto!

A voz de Garrosh era afiada como a de Caerne, e pingava sarcasmo. Caerne se voltou, esquecendo os Kor'krons, e encarou Garrosh Grito Infernal. Os olhos do tauren se arregalaram um pouco.

— Então — disse ele calmamente, vendo as tatuagens de Garrosh —, você adotou mais do que a arma do seu pai.

— A arma dele — respondeu Garrosh — e as marcas em seu rosto e corpo que

instilavam o medo no coração dos seus inimigos. — Ele movia a boca devagar, como se ainda sentisse dor. As tatuagens pareciam recentes.

— Seu pai causou muito mal, mas morreu fazendo um grande bem — começou Caerne. — E ele teria vergonha de você agora.

— O quê? — rosnou Garrosh. — Do que você está falando, tauren?

— Eu avisei Thrall a seu respeito — disse Caerne, com a voz tão quieta agora quanto tinha sido alta antes, ignorando a pergunta por um instante. — Eu disse que ele estava sendo tolo em confiar tanto poder a você. Eu pensava que você um dia estaria pronto para ele, mas que no momento precisava de experiência e disciplina. Eu estava errado. Você, Garrosh Grito Infernal, não serve nem para liderar uma matilha de hienas, que dirá nossa gloriosa Horda! Você nos levará à ruína, gritando e batendo no peito feito um dos gorilas da Selva do Espinhaço.

Garrosh empalideceu e em seguida corou de fúria.

— Você se arrependerá dessas palavras, velho touro — sibilou ele. — Eu farei você engoli-las, junto com torrões de barro.

— Foi você quem atacou as Sentinelas no Vale Gris, não foi? — gritou Caerne, adiantando-se até o ponto onde o orc se postava, apertando os punhos. — E foi você quem autorizou a chacina de quase uma dúzia de druidas da Harmonia Telúrica, reunidos para tentar chegar a uma solução pacífica para as necessidades da Horda.

Descrença e então fúria passaram pelo rosto de Garrosh.

— Em nome dos ancestrais, do que é que você está falando? Como *ousa* me acusar de atos tão desprezíveis?

Caerne bufou.

— Garrosh, você tem sido muito franco em seu desprezo ao tratado criado com honra e boa-fé, e ao apaziguamento, como você diz, da Aliança por Thrall.

— Sim! Eu desprezo esse apaziguamento. Mas eu não burlaria o tratado! Eu teria orgulho de qualquer ataque à Aliança que eu ordenasse! Eu gritaria dos telhados, anunciando o feito para provar à Horda que nem tudo está perdido! A honra da Horda...

— Como você pode pronunciar essa palavra? — rosnou Caerne. — Honra? Você mente, Garrosh. Você não tem a honra de um centauro. Ao menos admita o que você fez. Assuma suas escolhas egoístas e tolas!

Garrosh esfriou de repente.

— Você é um idiota por achar que eu sou um trapaceiro. A idade está embotando sua inteligência. Por causa da alta consideração que Thrall inexplicavelmente tem por você, eu

ignorarei suas arengas como as de um louco. Thrall me colocou na liderança da Horda, e sempre agirei conforme o que creio ser melhor para ela. Agora suma daqui e se poupe a indignidade de ser jogado pra fora pela cauda.

Em resposta, Caerne deu um tapa forte com as costas da mão no rosto de Garrosh, acertando a tatuagem recente. Tão forte foi o golpe, que Garrosh titubeou e quase caiu, gritando agudamente com a dor e agitando os braços para não perder o equilíbrio.

— Sou eu quem vai jogar *você* daqui pra fora pela causa, filhote abusado — admoestou Caerne. — Você já merecia esse tapa há muito tempo.

Sangue escorria em profusão do lábio inferior de Garrosh, inchado e partido. Ele estendeu a mão para tocar a bochecha, e então sibilou, afastando a mão lentamente. O orc pareceu quase confuso por um instante, e então a fúria se abateu visivelmente sobre ele.

— Então você me desafia, touro velho?

— Eu não me fiz claro? Talvez eu deva tentar novamente. EU desafio você para um duelo de honra, Garrosh. Eu desafio você para um mak'gora.

Garrosh fez um ruído de escárnio.

— O mak'gora foi enfraquecido. Diluído. Desde o decreto de Thrall, se tornou apenas um espetáculo. Você quer lutar comigo? Então lute comigo de verdade. Eu estou no comando da Horda agora, e aceito seu desafio, mas no *antigo* mak'gora. Do jeito como era antigamente, com todas as regras antigas. *Todas* elas.

Os olhos de Caerne se estreitaram.

— Até a morte, então?

Garrosh sorriu.

— Até a morte. Talvez agora você queira se desculpar.

Caerne encarou o orc mais algum tempo, e então arremessou a cabeça para trás e gargalhou. Aquilo pegou Garrosh de surpresa.

— Se você me pede para lutar pelas antigas regras, filho de Grito Infernal, então saiba que você só desatou minhas mãos. Eu só queria ensinar uma lição a você. Eu lamentarei privar a Horda de um guerreiro tão bom, mas você não pode continuar a destruir tudo pelo que Thrall lutou. A minar os sacrifícios que os mortos honrados fizeram. Tudo em nome de sua glória pessoal. Eu não aceitarei isso, está escutando? Eu repito meu desafio. O mak'gora, da maneira tradicional. Até a morte!

— Eu aceito — rosnou Garrosh, mas houve um breve momento de hesitação. — Com prazer. Eu costumava sentir pena de você, mas não mais. Já é hora da Horda se livrar de parasitas feito você, que se grudam na Horda pela boa vontade daqueles que de fato lutaram

e morreram em batalha.

— Já é hora da Horda se livrar de um tolo jovem e arrogante feito você, Garrosh — retorquiu Caerne, sem se perturbar. — Eu lamento ter que fazer isso. Mas eu preciso. De fato, estou feliz por você ter escolhido a maneira tradicional. Você matou inocentes, e está planejando nada menos que matar nossas esperanças de paz. Não posso permitir que isso continue.

Garrosh agora ria, tocando delicadamente o queixo e levando os dedos sangrentos à boca e lambendo-os gentilmente. O movimento devia ser gloriosamente doloroso, mas ele se recuperara e não dava sinais do tormento que devia estar suportando.

— Você sabe do que precisa, é claro...?

Garrosh hesitou.

— A arma que vai usar? O que vestir? Quantas testemunhas? — perguntou Caerne.

Garrosh meneou a cabeça em negativa, e suas bochechas escureceram de vergonha. Caerne bufou.

— Você pede uma luta tradicional, e, no entanto, eu, um tauren, conheço as tradições órquicas melhor que *você*!

— Você se preocupa com detalhes — grunhiu Garrosh. — Eu farei o que você quiser que eu faça. Eu só quero lutar logo!

Caerne considerou o orc com desprezo, então balançou a cabeça e se recompôs.

— Cada um escolhe uma arma. Um xamã que escolheremos abençoará a arma. Não é permitido usar armadura. Nem roupas, exceto por uma tanga. E cada um deve ter ao menos uma testemunha. — Ele sorriu amargamente. — Ouso dizer que teremos mais que isso.

Garrosh acenou rispidamente, recuperando-se.

— Eu seguirei todas essas regras.

— Na arena. Em uma hora. — Caerne se virou para ir embora. Na porta, ele pausou. — Faça todos os preparativos que quiser, Garrosh Grito Infernal. Não tema: eu não vou vilipendiar seu cadáver. Na morte, eu lhe darei a honra que você deveria ter conquistado em vida. — Ele inclinou a cabeça.

A gargalhada de Garrosh o seguiu enquanto ele se afastava.

Uma hora depois a arena estava lotada. Tochas e braseiros foram acesos, proporcionando luz e calor sufocante. A notícia se espalhara igual ao incêndio antes da partida de Thrall, e era claro que os lados haviam sido escolhidos. Alguns vieram apoiar Caerne; outros — muitos — para encorajar Garrosh.

Caerne olhou para o alto, esforçando-se para reconhecer os rostos com seus olhos idosos. Como era de se esperar, a maioria dos que estavam do seu lado da arena eram taurens. Havia alguns membros de outras raças também, e todos tinham uma coisa em comum — eram todos mais velhos. Ele não podia ver longe o bastante para distinguir cada indivíduo do lado de Garrosh, mas pôde ver claramente à luz alaranjada que, misturados entre as peles verdes, roxas, cinzentas e rosadas de orcs, trolls, Renegados e elfos sangrentos, podia-se ver a pele branca, preta e castanha dos taurens.

Caerne suspirou. Ele acreditava poder vencer a luta, ou não teria exigido o mak'gora. A vida não era tão pálida e desprovida de prazeres a ponto de fazê-lo desistir de agarrar-se a ela. Longe disso. Ele proclamara o desafio — e aceitara a decisão de Garrosh de voltar ao “modo antigo” — porque precisava pôr um fim ao governo perigoso, arrogante e imprevidente sobre a Horda que Caerne tanto amava. Ele planejava ficar no lugar de Garrosh até que Thrall retornasse para julgar e fazer justiça da maneira que achasse melhor. Caerne estava pronto para aceitar sua decisão.

No entanto, ele não tinha ilusões sobre aquela ser uma batalha fácil de vencer. Garrosh era um dos melhores guerreiros da Horda. Mas combate mano a mano era diferente de uma batalha, e Garrosh era impetuoso. Caerne lutaria à sua maneira, e sua maneira lhe daria a vitória.

Em seu lado da enorme arena, Garrosh se preparava. Seguindo as regras ritualísticas do mak'gora, ele estava nu exceto por uma tanga, e seu corpo marrom fora oleado até brilhar. Ele fazia uma grande figura de poder órquico, musculoso, orgulhoso, aquecendo-se para a luta com o poderoso machado que matara Mannoroth. A arma também tinha sido oleada e brilhava sinistramente.

Caerne lutaria com a arma de sua linhagem: a lança rúnica. Ele também usava apenas uma tanga. Se seu pelo era levemente grisalho pela idade, era também liso e grosso, brilhando com o óleo da unção. Sob o pelo, músculo sólido. Suas juntas podiam doer na chuva ou na neve de vez em quando, e seus olhos esforçavam-se para ver, mas ele não perdera nada da força e quase nada de sua velocidade. Ele agora sopesava a lança rúnica, ofertando-a aos quatro elementos e direções, batendo no peito com a mão que segurava a arma para saudar o Espírito da Vida dentro de si mesmo e de todos os seres, e então voltou-se para Beram Persegue-céus para receber a bênção.

Assim como o corpo dos guerreiros fora ungido com óleo para a batalha, assim também foram suas armas. Beram murmurou algo baixinho, mergulhou um dedo no frasco de óleo e então passou gentilmente o líquido brilhante pela ponta da lança.

— Fico triste de que as coisas tenham chegado a esse ponto — disse ele baixinho, apenas para os ouvidos de Caerne. — Mas já que chegaram, ao menos sua causa é justa, Caerne Casco Sangrento. Que sua lança acerte o alvo.

Caerne se curvou humildemente, e seus dedos poderosos se fecharam ao redor do cabo da lança. Vinte gerações de chefes Casco Sangrento haviam manuseado aquela arma em batalha, como ele estava prestes a fazer. Ela provaria o sangue de muitos inimigos nobres, e de fato sempre acertara o alvo. Por um momento ele ficou encarando as runas. Ele próprio insculpira sua história na arma havia algum tempo, como a tradição mandava. Mas ainda havia muito a contar. Caerne prometeu a si mesmo que, quando a batalha terminasse, ele terminaria de escrever sua história.

— Touro velho! — ressoou a voz provocante de Garrosh. — Você vai ficar aí a noite toda devaneando? Achei que você tinha vindo me matar, não ficar namorando uma lança velha.

Caerne suspirou.

— Suas palavras são carregadas pelos ventos do destino, Garrosh Grito Infernal. Elas serão suas últimas. Eu as escolheria com mais cuidado.

— Ptagh! — cuspiu Garrosh. Ele ergueu Uivo Sangrento, curvando-se ao xamã que havia abençoado...

Os olhos de Caerne estreitaram-se e ele se esforçou para ver àquela distância. Era uma xamã taurena que abençoava a arma de Garrosh com palavras ritualísticas e óleo sagrado. Aquilo surpreendeu e magoou Caerne, que imaginara que algum orc seria o oficiante de Garrosh. Uma taurena de pelo negro...

— Magatha — reconheceu ele. Ela era uma xamã poderosa, mas Beram também era. A bênção dela ajudaria Garrosh tanto quanto a bênção de Beram ajudaria Caerne. Ela deveria saber disso; era um gesto e nada mais. Tudo o que ela fizera no final fora confirmar abertamente o lado que decidira apoiar.

Caerne acenou com a cabeça, convencido mais do que nunca da retidão de suas escolhas. O desafio realmente fora justificado, para impedir que mais pessoas caíssem sob o fascínio de Garrosh. Pelo menos Magatha tinha mostrado quem era finalmente. Ele teria que lidar com aquele ato de deslealdade; agora não tinha escolha. Os Temível Totem teriam que ser banidos do Penhasco do Trovão, a menos que decidissem finalmente jurar lealdade à Horda. Aquilo tornara-se uma necessidade, não somente um desejo.

Magatha olhou para cima. Caerne não conseguia ver sua expressão, mas imaginava que ela sorria. Ele se permitiu um sorriso discreto. Ela escolhera o combatente errado para apoiar.

Ele se voltou para encarar o adversário.

Garrosh se equilibrava na planta dos pés, mudando o peso do corpo, a mão empunhando o machado, os olhos castanhos acesos de excitação.

Mãe Terra, guie meus golpes. Você sabe que eu luto não só por mim mesmo.

Caerne arremessou a cabeça para trás, abriu a boca e emitiu o berro grave de desafio do mak'gora. Por sua vez, Garrosh respondeu emitindo um agudo grito perfurante quase tão alto quanto o grito do seu pai, e, como Caerne previra, avançou atacando imediatamente.

O tauren manteve-se no lugar, deixando que o jovem corresse em sua direção brandindo o machado. Garrosh girou o poderoso Uivo Sangrento sobre a cabeça. Caerne sabia que os recessos gravados na lâmina fariam o machado produzir o som gritante que dera o nome à arma. Era um som que incutia o medo nos corações dos inimigos de Grom Grito Infernal, mas o tauren não se impressionou. No último instante, com uma destreza que contrastava com seu tamanho, o tauren se afastou de lado e deixou que o impulso de Garrosh o carregasse para a frente. O orc tentou parar e quase conseguiu, mas não antes de Caerne enfiar a lança bem fundo no bíceps direito de Garrosh.

Garrosh gritou de surpresa, afronta e dor. Ele afrouxou a mão que segurava o machado. Caerne abaixou a cabeça e chifrou a ferida, derrubando Garrosh e quase fazendo-o soltar Uivo Sangrento. Se ele tivesse conseguido, seria o fim do orc. Quando uma arma caía, as regras diziam que não era permitido apanhá-la de volta.

Caerne ergueu a lança rúnica e golpeou com força para baixo. Garrosh rolou para o lado no último minuto. A lança perfurou o flanco do orc e se enfiou no chão da arena. Caerne perdeu um segundo precioso arrancando a arma e Garrosh se levantou. Garrosh, o mais aclamado guerreiro da Horda, quase perdera a arma, e Caerne tirara seu sangue primeiro.

— Bem jogado, touro velho — disse Garrosh, arfando um pouco. — Eu admito que subestimei sua velocidade. Parece que é apenas o seu raciocínio que é lento.

— Suas provocações não eram engraçadas no começo, e são ainda menos agora, filho de Grito Infernal — respondeu Caerne, sem tirar os olhos do oponente. — Guarde o fôlego para a luta, e eu guardarei o meu para falar em sua honra no seu funeral.

Caerne pensou que era quase fácil demais irritar Garrosh. Ofendido, o orc franziu o cenho, e ele atacou rugindo. Garrosh girou Uivo Sangrento com perícia, e Caerne sentiu o sopro do ar e ouviu a canção furiosa da arma ao mal conseguir desviar do golpe. Garrosh não era um tolo; ele aprendera com seus erros. Ele não subestimaria Caerne uma segunda vez.

Caerne abaixou a cabeça, batendo na terra com o casco direito, e atacou. Garrosh

emitiu um brado de guerra e ergueu o machado para cortar a garganta do touro. No último instante Caerne parou, virou-se para a esquerda e enfiou a lança no torso exposto de Garrosh. Os olhos de Garrosh se arregalaram. Ele só teve tempo de se virar para que o golpe atingisse seu ombro, e não o peito. O golpe era perigoso, mas não era letal como teria sido se tivesse acertado o alvo. Ainda assim, com o ombro e o bíceps feridos, o braço de Garrosh estava seriamente comprometido.

Garrosh gritou de dor e fúria, e sua mão cobriu a ferida enquanto a outra apertava o cabo de Uivo Sangrento. Caerne arrancou a lança e sentiu uma leve pontada de piedade. A morte de Garrosh seria uma perda para a Horda — no mínimo, era um grande guerreiro que se perdia. Se pelo menos Thrall não tivesse designado o jovem orc para ser líder! Aquela necessidade trágica poderia ter sido facilmente evitada.

Aquele breve momento de hesitação permitiu a Garrosh, quase impossivelmente, erguer o machado enorme com o braço machucado. Rapidamente Caerne agarrou a lança rúnica com as mãos, segurando-a de forma a aparar o golpe. A arma antiga era forte e robusta, e tinha visto incontáveis batalhas; Caerne já a usara para bloquear golpes assim antes.

Uivo Sangrento gritou sinistramente enquanto descia.

A lança rúnica — a arma de vinte gerações, o orgulho dos Casco Sangrento, que matara tantos e defendera o povo tauren tão bem — se estilhaçou completamente.

A força do golpe diminuiu, mas a arma continuou sua trajetória e Uivo Sangrento afundou no peito de Caerne, criando um buraco raso em sua carne e pelo e indo acertar seu braço. O golpe só acertara músculo; a lança impedira o pior.

Caerne recuperou-se do horror de ver a arma ancestral destruída. Ele ainda não estava no fim. Sua mão apertou o terço inferior da lança. A ponta restante ainda era afiada o bastante. Garrosh ainda lutava, mas estava bastante machucado. O golpe que estilhaçara a lança rúnica o exaurira, e ele não duraria muito mais tempo. E um bom golpe dado com o que restara da lança iria...

Caerne piscou. Sua visão ficou borrada. Era poeira, sangue ou suor que embotava seus olhos? Ele gastou um segundo precioso passando as costas da mão nos olhos, mas não adiantou nada. Sua mão tremia quando ele a abaixou. E as pernas... estavam fracas...

Atordado, ele encarou Garrosh. O orc suava em profusão e respirava com dificuldade. Caerne viu quando Garrosh agarrou o machado e o encarou fixamente. Caerne agarrou a própria arma. Ela balançava em suas mãos. Estava tão pesada...

E então ele soube exatamente o que acontecera.

Então, eu, que vivi a vida inteira com honra, morro traído.

Ele sequer conseguiu gritar para acusar seu assassino. Era por pura força de vontade férrea que ele ainda conseguia agarrar a lança estilhaçada para não ser abatido desarmado.

Os olhos de Garrosh se estreitaram quando ele viu o buraco que abrira no peito de Caerne e os pedaços da lança rúnica espalhados pelo chão. Por um momento, uma expressão de surpresa adejou em seu rosto, logo substituída por uma de determinação. Ele começou a correr na direção do oponente, erguendo Uivo Sangrento com ambas as mãos e fazendo a arma descer. Incapaz de defender o golpe ou sair da frente, sentindo a vida fugir a cada batida de coração, Caerne Casco Sangrento, alto chefe dos tauren, só pôde observar, sem fala, enquanto a arma descia.



Magatha observava à distância, sem demonstrar na fisionomia a excitação que sentia no momento. Os dois guerreiros se equiparavam, embora diferissem em vários aspectos. Caerne tinha força, sabedoria, paciência e experiência; Garrosh tinha energia, o fogo da juventude e velocidade. O borbulhante caldeirão de conflito entre o velho e o novo atingira o ponto de ebulição aquela noite. Apenas um sairia dali, e o vencedor ditaria o futuro da Horda. Todos os presentes sabiam estar testemunhando a História, e Magatha observava as emoções de todos passarem do horror e choque ao entusiasmo e à alegria.

Era uma batalha dura, mais renhida do que qualquer um ali poderia esperar.

Qualquer um, exceto Magatha, é claro.

Ela estivera esperando a oportunidade por anos, e como uma folha que adejasse lenta e inesperadamente de uma árvore até seu colo, a oportunidade finalmente chegara. Seus espiões em Orgrimmar puderam alcançá-la a tempo de ela viajar do Penhasco do Trovão até a arena, e fora fácil oferecer seus serviços como xamã para a bênção ritualística da arma.

Mais cedo, quando Garrosh e vários dos Kor'krons estavam em uma área reservada sob o nível dos assentos, ela requisitara e recebera permissão para vê-lo.

— Eu disse a você, Garrosh Grito Infernal, que eu suspeitava que você era aquilo de que a Horda precisava, no momento certo. E que, quando fosse a hora certa, eu lhe daria o meu apoio e o da tribo Temível Totem. Deixe-me abençoar sua arma em preparação para a provação de hoje.

Garrosh a encarara.

— Você iria contra Caerne? Um camarada tauren?

Magatha dera de ombros.

— Eu quero fazer o que é melhor para o meu povo. E eu acredito que isso significa

seguir você, Garrosh Grito Infernal.

Ele aquiesceu.

— Isso faz sentido, e mostra que você é uma líder sábia para seu povo. O futuro está comigo, não com um touro velho, embora tenha sido herói um dia. — Suas sobrancelhas se uniram um instante. — Eu... o respeito. E preferia não ser o instrumento de sua morte, mas foi ele quem lançou o desafio, e insultou minha honra.

— De fato — disse Magatha. — A pancada que você levou... *Todos* estão falando disso. Vergonhoso. Não pode ficar sem reparação.

Garrosh grunhira baixinho, e seu rosto, na parte não coberta de negro pela tatuagem, corou de raiva e embaraço. Magatha manteve a expressão neutra, mas sorriu intimamente. Era quase fácil demais.

— Então você aceitará que eu abençoe sua lâmina e o apoio dos meus Temível Totem?

Ele a olhou de cima a baixo por um momento, e então aquiesceu.

— Que todos que a vejam saibam de sua decisão, Vaca Anciã. Você abençoará minha lâmina antes da luta.

Um pouco mais tarde, à vista de todos, ele estendera Uivo Sangrento para Magatha, que mal podia conter a excitação ao entoar a bênção ritualística. Ela removeu a rolha do frasco preparado apenas alguns minutos antes e pingou três gotas de óleo na lâmina. A tradição exigia que ela usasse as mãos para espalhar o óleo. O que ela não fez. Garrosh não percebeu nada.

Assim como não percebeu que estava sendo usado por ela. O que era bom: o orc a teria matado ali mesmo se soubesse o que ela tinha preparado. Se ele soubesse que seu, oh, tão precioso Uivo Sangrento estava coberto de veneno.

Sim, pensou ela enquanto via Caerne cambalear subitamente e piscar alguns segundos depois de Uivo Sangrento estilhaçar a antiga lança rúnica e se cravar no peito e braço do tauren. *Quase fácil demais. Mas tanta coisa pela qual lutei tem sido tão difícil. É pra equilibrar as coisas.*

Garrosh aproveitou a oportunidade. Uivo Sangrento gritou quando o orc o girou sobre a cabeça antes de descer a arma para o golpe final. A lâmina cortou fundo na junção da cabeça com o pescoço, cortando músculo e carne. Sangue esguichava da artéria cortada, e as pernas do poderoso Caerne Casco Sangrento dobraram e tombaram. Ele estava morto quando seu torso atingiu o chão. Aplausos atroantes preencheram a arena misturados a soluços e suspiros.

Assim termina uma era. Com a morte dele, uma nova era começa.

Os seguidores leais de Caerne correram para a arena, chorando. Eles ergueram o corpo do seu líder tombado. Magatha sabia o que todos esperavam que acontecesse agora. Eles lhe dariam um banho ritualístico, limpando a sujeira, o sangue, o suor e o óleo, e então o preparariam para a cremação, enrolando-o em um lençol cerimonial. Haveria uma longa e triste caminhada de volta ao Penhasco do Trovão, para que todos pudessem apresentar suas condolências antes que o corpo fosse queimado e as cinzas, ofertadas aos ventos e rios, para se tornar um com a Mãe Terra e o Pai Céu.

E essas expectativas, não importa o quão falsas fossem se mostrar, dariam a ela a oportunidade pela qual ela ansiara por tanto tempo.

Ela se voltou para um dos seus aprendizes e sussurrou em Taurahe:

— Agora. Avise-os agora. Caerne finalmente tombou. Hoje à noite começa o reinado dos Temível Totem.

A lua estava cheia sobre o Penhasco do Trovão, a noite era clara e sem nuvens. Os tauren eram na maior parte criaturas diurnas, e embora sempre houvesse atividade a todas as horas do dia ou da noite, naquele momento, ainda bem cedo de manhã, tudo estava praticamente parado. O vento soprava a fumaça de algumas fogueiras para o céu salpicado de estrelas. Em suas tendas, os tauren dormiam.

Os Temível Totem avançaram, furtivos feito sombras, manchas negras de tinta contra o fundo prateado que a lua irradiava. Alguns deles chegaram ao Penhasco do Trovão nas costas de mantícoras, cujas asas eram quase tão silenciosas quanto o ar parado da noite. Alguns foram a pé, evitando os elevadores e escalando o penhasco com intenção mortífera e destreza que contrastava com seus portes avantajados. Eles tinham esperado aquele chamado por anos, e atiraram-se à ação segundos depois de receberem a notícia.

Todos carregavam armas: garrotes, facas, espadas, machados, arcos. Nenhuma arma de fogo, nada que pudesse fazer barulho. Som significava descoberta; descoberta significava resistência, e não era isso o que a matriarca queria. A missão deles era matar em silêncio e partir para a próxima vítima.

Eles permaneceram nas sombras, sem pressa, movendo-se atrás das tendas do primeiro e mais baixo nível do platô até que todos estivessem em posição. Pios baixos pontuaram o silêncio da noite; sons que, se fossem ouvidos, seriam ignorados. E então eles atacaram coordenadamente.

Com rapidez os assassinos Temível Totem foram até as tendas. Alguns alvos eram conhecidos deles: os peritos em armas, ou xamãs e druidas particularmente poderosos. Para

que servia a força do urso se não se podia acordar a tempo para completar a transformação? De que adiantava ser um perito com a espada se ela estava cravada em seu peito? Quão facilmente gargantas eram cortadas quando nenhuma resistência era oferecida?

Eles foram para o centro, perto da pequena piscina, verificando seus números, fazendo sinais com as mãos. Dividiram-se em dois grupos. Um partiu para o Platô dos Espíritos, o outro para o Platô dos Caçadores. O Platô dos Anciãos, eles ignoraram. Era ali que Magatha habitava até aquela noite, e ela deixara súditos leais em seu lugar que àquela altura já teriam executado quaisquer druidas infelizes que se encontrassem no local. As velhas tábuas das pontes rangiam sob o peso dos agressores; mas as pontes rangiam só com o vento às vezes, e o som não iria denunciá-los.

Eles foram direto até as vítimas, pulando sobre o xamã, que só teve tempo de arquejar e morrer. Eles eram dos Persegue-céus — uma família inteira morta até o último membro. Não havia necessidade de se preocupar com os Renegados nas Poços das Visões abaixo do nível principal do Platô dos Espíritos. A maioria deles apoiava tacitamente Magatha, e os que não o faziam não tinham nenhuma preocupação particular pelos tauren ou por quem os governava.

Agora, o Platô dos Caçadores.

As batalhas ali foram mais brutais. Sendo rápidos para despertar e muito fortes e ágeis, os caçadores lutaram bravamente. Mas não foram páreo para os Temível Totem, que tinham o elemento surpresa ao seu lado, junto com o veneno de suas lâminas. Logo o platô estava em silêncio, e os assassinos voltaram para o coração do Penhasco do Trovão.

Os que representavam maior ameaça à Bruxa Anciã Magatha tinham sido mortos. Agora era hora de matar a esmo, para incutir o medo nos corações dos taurens que ainda restavam. Eles precisavam saber que o domínio dos Temível Totem não daria margens a erros nem espaço para noções gentis de perdão ou compaixão.

O Penhasco do Trovão renasceria em sangue como uma criança.

— Espere — disse um xamã Temível Totem, erguendo a mão. Embora seu nome fosse Jevan, outros o chamavam de Canção da Tempestade por sua afinidade com os elementos do ar e da água. Ao liderar o grupo que cercara a Aldeia Casco Sangrento, ele dissera aos seus comandados que não utilizaria seus poderes formidáveis até o último momento. Agora seu segundo em comando, Tarakor, esperava o sinal para atacar.

— Esperar? — respondeu Tarakor, confuso. — Já recebemos nossas ordens, Canção da Tempestade. Devemos atacar!

O xamã farejou o ar, e suas orelhas negras se moviam.

— Há algo errado aqui. É possível que eles tenham sido alertados da nossa presença.

Tarakor bufou.

— Improvável. Nós treinamos anos para esta noite.

Canção da Tempestade o encarou.

— Se nós temos nossos espiões e modos de entregar mensagens, pode ter certeza de que Caerne também tem.

A missão do Penhasco do Trovão fora extensiva: matar todos que representavam ameaça à matriarca. Era uma longa lista, e muitos que embarcaram naquela missão não a completariam. Mas na Aldeia Casco Sangrento o alvo era um só: apenas uma pessoa iria morrer. Mas essa pessoa tinha que morrer ou toda aquela noite sangrenta não teria valido de nada.

Baine Casco Sangrento, filho e herdeiro de Caerne Casco Sangrento, vivia ali, e não com o pai, no Penhasco do Trovão.

Os tauren que agora dormiam em segurança em suas tendas, ou mesmo sobre a terra, sob a luz da lua, ignoravam que seu amado chefe tinha se juntado aos ancestrais. Os Passolongo que testemunharam o duelo em Orgrimmar e planejavam apresentar-se com a notícia a Baine tinham sido todos despachados discretamente antes que pudessem fazê-lo. Magos e outros que poderiam levar a notícia ao Penhasco do Trovão tinham sido seguidos silenciosamente, observados com cuidado — e, quando necessário, eliminados. As estradas tinham sido bloqueadas. Magatha planejara bem e não deixara nada ao acaso.

A aldeia tinha sido o primeiro acampamento tauren a ser estabelecido na planície aberta em vez de em um platô protegido. Uma prova do quão seguros os tauren se sentiam em uma terra que já fora estranha para eles.

O lugar era de fato seguro contra ataques de outras raças e predadores.

Mas não era seguro contra os Temível Totem.

— Se alguém foi alertado da morte precoce de Caerne na arena, com certeza seria o filho — disse Canção da Tempestade. — Um mensageiro poderia ter escapado à nossa rede. Eu irei na frente, discretamente, e reconhecerei a área para me certificar de que não estamos indo para uma armadilha. Se não for seguro, precisaremos ajustar nossa tática. Não faça nada até eu me comunicar, entendeu?

Canção da Tempestade tinha quase a mesma idade de Caerne, e como o finado touro, ele era forte e astuto apesar dos fios brancos que começavam a salpicar seu pelo preto. Tarakor se moveu inquieto. Ele era mais jovem e tinha o sangue quente, e já vinha sonhando

com aquela noite havia muito, muito tempo. Não queria esperar nem mais um minuto, mas finalmente aquiesceu.

— Você é o líder dessa missão, Canção da Tempestade — disse ele em uma voz que revelava claramente seu desejo de que não fosse o caso. — Eu obedecerei. Mas apresse-se. Minha lâmina tem sede do sangue de Baine.

— Como a minha, amigo, mas quero não derramar o meu, se for possível — respondeu Canção da Tempestade. O grupo de vinte e quatro taurens reunidos para a tarefa daquela noite riu baixinho. — Eu voltarei o mais rápido possível.

Tarakor observou enquanto ele se afastava e seu pelo negro era engolido pelas sombras. Ele esperou.

E esperou. E esperou, mudando o peso do corpo de um casco para outro, orelhas tremendo com ansiedade crescente. Ao seu lado, seus guerreiros também se postavam inquietos. Todos tinham fome de batalha, e essa pausa forçada não lhes agradava. Tarakor não soube dizer quanto tempo ficou lá parado, apertando os olhos para ver na escuridão, quando finalmente algo dentro dele se rompeu.

— Já era para ele ter retornado — grunhiu Tarakor. — Algo saiu errado. Não podemos esperar mais. Temível Totem, atacar! Pela Bruxa Anciã.

Algo acordara Baine Casco Sangrento. Ele jazia em seu leito, sentindo um estranho calafrio percorrer seu espinhaço. Ele tivera um sonho do qual não conseguia se lembrar, mas que o perturbara consideravelmente. E ao ouvir vozes do lado de fora, ele se ergueu, vestiu-se apressadamente e saiu para descobrir qual era o problema.

Dois dos bravos seguravam outro tauren entre eles. Mesmo à pouca luz, Baine o reconheceu.

— Eu conheço você — disse ele. — Você é da gente de Magatha. O que você está fazendo aqui a essa hora da noite?

O outro tauren era mais velho, mas não havia nada frágil a seu respeito. Ele não fez esforço para resistir às mãos firmes dos bravos que o prendiam. Em vez disso, ele deu a Baine um olhar de compaixão e preocupação.

— Eu vim para avisá-lo, Baine Casco Sangrento. Seu pai morreu, e você será o próximo. Você deve partir, rápido e silenciosamente.

Dor acossou Baine, mas ele a controlou. Aquele era um Temível Totem. Tinha que ser um truque.

— Você mente — rugiu ele. — E não aprecio piadas sobre o bem-estar do meu pai.

Diga-me o motivo real da sua presença aqui e eu talvez releve seu mau gosto para piadas.

— Não é mentira, chefe — insistiu o Temível Totem. — Ele tombou na arena diante de Garrosh Grito Infernal, a quem desafiou para um mak'gora.

— Agora eu sei que você mente. Thrall proibiu tais coisas. O mak'gora já não é um duelo até a morte.

— O que era antigo agora é novo outra vez — disse Canção da Tempestade. — Caerne lançou o desafio e Garrosh concordou — contanto que lutassem sob as antigas regras. Foi até a morte.

Baine estacou. Era de fato possível, pelo que ele conhecia de seu pai e de Garrosh. Ele sabia que seu pai não aprovara a promoção de Garrosh — e ele também não, verdade seja dita. Ele sabia que Hamuul Runa Totem e Caerne achavam provável que Garrosh estivesse por trás dos ataques às Sentinelas no Vale Gris. Era do feitio de Caerne ter desafiado Garrosh se ele sentisse que o orc representava um perigo real para o bem-estar da Horda. E era bem do feitio de Caerne não recuar se Garrosh decidisse mudar as regras.

— Meu pai teria vencido tal batalha — disse ele, e sua voz tremia levemente.

— Ele poderia, sim — concordou o xamã —, se Magatha não tivesse envenenado a arma de Garrosh. Ela usou sua posição como xamã para abençoar Uivo Sangrento e banhou a lâmina com óleo envenenado. Um único golpe foi tudo o que foi preciso. — Ele pronunciou as palavras com raiva e amargura. — Minha sacola... abra-a. Nela há uma triste prova do que digo.

Baine acenou para um dos bravos. Os tauren abriram a sacola que tinham tomado do Temível Totem, e os olhos de Baine se arregalaram. Ele sentiu um calafrio em seu íntimo. Lentamente, os bravos remexeram o interior da sacola e retiraram de lá um pequeno fragmento do que parecia não ser mais que um graveto partido.

Baine estendeu a mão e o bravo depôs o fragmento da lendária lança rúnica na palma da mão de Baine Casco Sangrento. Tremendo, ele fechou os dedos ao redor do objeto, sentindo as runas que conhecia tão bem contra sua pele. Ele cambaleou. Seu pai, poderoso mas gentil, cuja morte ele imaginara se passar em meio à glória da batalha ou à paz do sono... fora assassinado traiçoeiramente...

A raiva começou a aumentar enquanto o Temível Totem falava.

— Vinte e quatro guerreiros Temível Totem aguardam nos limites da luz das fogueiras, prontos para atacar. Eu deveria liderar a missão. Em vez disso, venho avisá-lo. Seu pai foi um grande tauren, mesmo que eu discordasse de algumas de suas decisões. Ele não merecia essa morte, nem você. Por muito tempo eu servi à matriarca, mas dessa vez... — Ele balançou a

cabeça. — Dessa vez ela foi longe demais. Ela desgraçou o que significa ser um xamã. Eu não participarei mais dos planos dela.

Baine se aproximou do Temível Totem em duas passadas e ergueu a cabeça do tauren pela barba. O Temível Totem grunhiu, mas encarou o olhar de Baine firmemente.

O sonho estranho... a sensação de inquietação...

Uma grande dor preencheu o peito de Baine, perfurando seu coração, e ele mal conseguia respirar.

— Pai — sussurrou ele, e ao pronunciar a palavra ele soube que o desertor Temível Totem falara a verdade. Lágrimas fizeram seus olhos arder, mas ele as conteve, piscando. Haveria tempo para lamentar por seu pai depois. Se o que o desertor dissera era verdade...

— Qual o seu nome?

— Chefe, me chamam “Canção da Tempestade”.

“Chefe”. Sim, ele agora era o chefe dos Casco Sangrento.

— Eu vou ficar e lutar — declarou Baine. — Eu não fugirei do perigo. Não vou abandonar o povo da aldeia que leva o nome da minha família.

— Você está em desvantagem — disse Canção da Tempestade — e sua vida não deve ser desperdiçada na luta. Você é o último dos Casco Sangrento, e você seria a escolha óbvia para guiar tanto sua tribo quanto seu povo. Você tem uma responsabilidade para com os tauren de se proteger e reconquistar o que foi tomado de você. Você acha que a Aldeia Casco Sangrento é o único acampamento tauren sendo atacado esta noite? — Os olhos de Baine se arregalaram de horror enquanto Canção da Tempestade continuava. — Neste instante, a chacina prossegue no Penhasco do Trovão! Magatha governará os tauren quando o sol surgir no horizonte para ver os resultados sangrentos dessa noite vergonhosa. Você precisa sobreviver. Você não pode se dar ao luxo de morrer vingando a morte do seu pai! Venha, por favor!

Baine bufou zangado, agarrando Canção da Tempestade pelo colete de couro e então soltando-o. O xamã tinha razão.

— Pode ser um truque, uma armadilha! — disse um dos bravos. — Ele pode estar levando você a uma emboscada!

Baine meneou a cabeça com tristeza.

— Não. Não é truque. Eu posso sentir. O xamã fala a verdade. — Ele abriu a mão, que apertava forte o fragmento de lança rúnica, e fitou-o com afeto por alguns instantes antes de guardá-lo em uma capanga. — Meu pai morreu, e eu devo sobreviver a esta noite se quiser cuidar do nosso povo como era a vontade dele. Canção da Tempestade Temível Totem, você

arrisca muito ao vir me avisar. E eu arrisco muito ao confiar em você. Saiba que, se você me trair, morrerá em questão de segundos.

— Eu sei muito bem disso — concordou Canção da Tempestade. — Eu sou um só e vocês são muitos. Agora... os Temível Totem estão em três lados, mas acho que sei um modo de espalhá-los. Sigam-me.

Os Temível Totem atacaram a aldeia. Eles não foram recebidos por tauren desavisados, mas por guerreiros treinados, armados e prontos. Tarakor não se surpreendeu de todo: ele presumira que Canção da Tempestade tinha sido capturado, e Baine, alertado sobre o ataque. Ainda assim, eles eram Temível Totem, e lutariam até a morte.

Muitos tombaram sob o machado de Tarakor, mas havia alguém que ele não vira: Baine Casco Sangrento. Todos os Temível Totem presentes sabiam que matar Baine era o único objetivo, e à medida que o tempo passava e Baine não aparecia, Tarakor começou a entrar em pânico.

Só havia uma explicação.

— Temível Totem! — gritou ele, brandindo o machado sobre o corpo de uma druida que ele quase partira ao meio enquanto ela tentava mudar para a forma felina. — Nós fomos traídos! Baine escapou! *Encontrem ele! Encontrem ele!*

Agora os aldeões que os enfrentavam não eram mais alvos, e sim um incômodo, enquanto os Temível Totem tentavam atravessar os limites da Aldeia Casco Sangrento. E então a terra começou a tremer de súbito. Tarakor girou, machado pronto, e ficou parado um segundo, horrorizado.

Cerca de doze kodos estavam investindo diretamente na direção dele e dos seus homens. Alguns eram montados pelos aldeões Casco Sangrento, mas outros só tinham os arreios e selas. Alguns, ainda não domados para servir de montaria, nem isso tinham. Eles baliavam, rolando os olhos, em pânico, e não davam indicação de que sequer considerariam parar.

Só havia uma opção.

— Corram! — gritou Tarakor.

Eles correram. Os kodos os seguiram, parecendo ficar mais rápidos, e os Temível Totem literalmente correram por suas vidas. Adiante deles ficava o Lago da Ferradura, e segurança em potencial. Tarakor não diminuiu a velocidade ao pular no lago de água fria, afundando com o peso da armadura. Os kodos o seguiram, mas o estouro diminuiu de intensidade ao chegarem à água. Tarakor nadou tão forte quanto conseguiu, forcejando por chegar à

superfície enquanto sua armadura, projetada para protegê-lo, ameaçava arrastá-lo para baixo. Os kodos se dirigiam para a terra, ainda bufando e sacudindo a água do pelo. Os Temível Totem continuavam nadando, e Tarakor contou as cabeças. Alguns não tinham emergido das profundezas do lago, e alguns nem tinham chegado àquele ponto aquela noite. Depois haveria tempo para lamentar suas mortes. Por enquanto, os sobreviventes partiram para o lado mais afastado do lago.

Era um processo lento. Eles emergiram, ensopados e tremendo e desalentados.

Tinham falhado. Baine escapara. Canção da Tempestade os traíra. Tarakor não estava ansioso para relatar as notícias a Magatha.

Baine observou o estouro, acenando com a cabeça. Fora um bom plano, assustar a manada, e aquilo lhes dera a oportunidade de escapar. Embora fossem geralmente pacatos mesmo em estado selvagem, kodos assustados eram uma força que não podia ser parada. Os kodos estavam expulsando os inimigos para oeste, encurralando-os contra as montanhas. Eles não tinham para onde ir. Alguns seriam mortos, mas outros escapariam e viriam atrás deles; era um atraso, mas mesmo um breve atraso ajudaria Baine e seus seguidores.

— A Aldeia Taurajo não foi tomada pelos Temível Totem, foi, Canção da Tempestade? O Temível Totem meneou a cabeça.

— Não. Nossos alvos principais eram o Penhasco do Trovão, a Aldeia Casco Sangrento, Retiro Rocha do Sol e a Aldeia Mojache.

— Então vamos para o Acampamento Taurajo e esperamos que lá não seja um alvo secundário. De lá podemos arranjar transporte.

— Transporte para onde? — perguntou Canção da Tempestade.

Os olhos de Baine eram duros enquanto ele fustigava o kodo que montava, aumentando sua velocidade. Seu coração estava cheio de sentir falta do pai e raiva pelos Temível Totem terem derramado tanto sangue aquela noite.

— Eu não sei — disse ele, honestamente. — Mas eu sei de uma coisa. Meu pai será vingado, e eu não descansarei até que os Temível Totem tenham sido revelados como os traidores que são. Meu pai permitiu que eles vivessem conosco, mesmo tendo se recusado a entrar para a Horda. Agora eu os expulsarei de todos os aspectos da sociedade tauren. Isso eu juro.

Baine não viajara muito além de Mulgore pelos últimos anos, e ele tinha esquecido o quão abertos e expostos os adequadamente chamados Sertões eram. Jorn Vidente do Céu os recebeu e os levou até o acampamento, certificando-se de que os guardas orcs não fossem alertados. Baine ainda não sabia em quem podia confiar. Eles se reuniram nos fundos de um

dos salões: Baine; os quatro bravos que tinham vindo com ele da Aldeia Casco Sangrento; o convalescente Hamuul Runa Totem, que tinha uma história amarga para contar sobre um ataque a uma pacífica reunião druídica; e o desertor Canção da Tempestade. Jorn se uniu a eles, trazendo uma bandeja de comida — maçãs, melancias, pão picante de Mulgore e pedaços de carne cozida.

Baine acenou agradecendo ao caçador. Ele mordeu um pedaço de fruta e encarou Hamuul.

— Eu acredito em sua palavra, Hamuul, e na de Canção da Tempestade, embora ele seja Temível Totem. É cruel que nosso líder nos traia dessa forma, enquanto minha confiança deve repousar em um velho inimigo.

Canção da Tempestade baixou o focinho. Era constrangedor para ele estar ali, mas aos poucos começava a conquistar o respeito e a confiança de Baine e dos que o acompanhavam.

— Eu não sei o que Garrosh sabia a respeito do ataque, mas sei que eu ter sobrevivido foi um descuido da parte deles — disse Hamuul. — Eles me deixaram como morto, e eu quase morri mesmo. Quanto ao desafio — e ele encarou Canção da Tempestade —, Garrosh pode ter concordado com o uso do veneno ou não. Não importa. Magatha obteve o que queria: o controle do Penhasco do Trovão, da Aldeia Casco Sangrento, provavelmente da aldeia Mojache e, a menos que a detenhamos logo, de todos os tauren.

— Mas não da Rocha do Sol — disse Jorn, baixinho. — Eles enviaram um mensageiro. Conseguiram repelir o ataque.

Baine assentiu com a cabeça. Era uma boa notícia, mas longe de ser o bastante. Baine grunhiu suavemente e se forçou a comer. Ele precisava manter-se forte, embora seu estômago não quisesse comida.

— Arquidruida, meu pai sempre confiou em seu julgamento. Eu jamais precisei dele tanto quanto agora. O que faremos a partir deste momento? Como a combateremos?

Hamuul suspirou, pensando. Um longo silêncio sobreveio.

— Pelo que sabemos, a maior parte dos tauren está sob o controle de Magatha... querendo ou não. Garrosh pode ser inocente da traição, mas é com certeza um cabeça-quente, e de um modo ou de outro, ele certamente quis a morte do seu pai. — Baine respirou fundo, e Hamuul lhe dirigiu um olhar compadecido antes de continuar. — A Cidade Baixa não é segura para você, pois é patrulhada por orcs que com certeza são leais a Garrosh. Os trolls Lançanegra provavelmente são de confiança, mas não são muitos. E quanto aos elfos sangrentos, estão longe demais para oferecer qualquer ajuda. Garrosh chegará a eles antes de nós.

Baine riu sem alegria e fez um gesto na direção de Canção da Tempestade.

— Parece que nossos inimigos são mais confiáveis que nossos amigos — disse ele, seco.

Hamuul teve que concordar, acenando.

— Ou pelo menos são mais acessíveis.

Um pensamento ocorreu a Baine, ousado e perigoso. Como seu pai ensinara, ele deixou-se ficar analisando a ideia por um longo momento, revolvendo-a na mente de um lado a outro, em vez de simplesmente expressá-la sem consideração. Finalmente ele falou.

— Eu aceitarei um inimigo honrado no lugar de um amigo sem honra — disse ele, serenamente. — Vamos procurar um inimigo honrado. Procuraremos a mulher em quem Thrall confiava.

Ele olhou para cada um deles, vendo a compreensão chegar aos rostos de focinhos compridos.

— Procuraremos a Grã-senhora Jaina Proudmore.



— **V**ocê já embarcou em uma peregrinação espiritual, Go'el? — perguntou Geyah uma noite, enquanto eles compartilhavam uma refeição frugal; ensopado de fenoceronte e pão. Thrall devorou o prato. O dia fora longo e bastante cansativo, tanto emocional quanto fisicamente. Passara o dia não em comunhão com os elementais daquela terra, nem os ajudando, mas destruindo-os.

Thrall sabia que pouquíssimos espíritos elementais estavam em equilíbrio com eles mesmos e com os outros elementos. Alguns estavam realmente alinhados com sua natureza, por mais caótica que fosse. Outros eram perversos e corruptos. Geralmente, uma mão firme e gentil era o suficiente para trazê-los de volta aos eixos. Mas às vezes as entidades estavam danificadas demais. Fora o caso da centelhazinha de Orgrimmar, que não dava ouvidos à voz da razão, nem mesmo a súplicas.

Os xamãs não podiam ser egoístas. Eles precisavam demonstrar sempre honra e respeito pelos elementais, pedir humildemente a ajuda deles e demonstrar gratidão quando a recebessem. Mas também tinham a responsabilidade de proteger o mundo do perigo, e se esse perigo viesse de um elemental descontrolado, o dever era claro.

E Terralém aparentemente estava dominada por eles.

Aggra se lançara na batalha com a segurança de quem já o havia feito dezenas de vezes, talvez até centenas. A tarefa não lhe trazia prazer nenhum, mas ela não hesitava em se defender nem em defender Thrall — seu fardo, embora Aggra soubesse que ele preferia que não fosse assim. Foi uma luta dura, pensou Thrall, um xamã usando o poder de um Elemental saudável para destruir seus... irmãos maculados? Companheiros maculados? Ele não sabia ao certo qual era o termo, mas sabia que lhe doera o coração ver o ocorrido. Em seu íntimo, permanecia uma pergunta: *Será que esse é o futuro dos elementais de Azeroth?*

Tem alguma coisa que eu possa fazer para impedir isso?

Ele se voltou para Geyah, em busca de uma resposta para essa pergunta.

— Quando eu era jovem e estava sob a tutela de Drek'Thar, fui apresentado aos elementos — começou Thrall. — Eu jejuei e fiquei sem beber nada por um dia inteiro. Drek'Thar me levou a uma área especial, e eu esperei até que os elementais se aproximassem de mim. Fiz uma pergunta a cada um deles, como parte do teste, e ofereci a eles meus serviços. Foi... muito poderoso.

Aggra e Geyah trocaram olhares.

— Isso é bom — respondeu Geyah —, apesar de não ser um rito de passagem tradicional. Drek'Thar fez o melhor que pôde em circunstâncias desafiadoras. Era um dos poucos que restavam, e, quando você foi a ele, os Lobos do Gelo estavam ocupados demais simplesmente tentando sobreviver. Por isso, ele não pôde preparar uma missão de iluminação para você. Você se saiu muito bem sozinho, Go'el, incrivelmente bem. Mas, agora que você voltou à sua terra natal para aprender, talvez seja hora de realizar uma peregrinação espiritual de verdade.

Aggra assentiu. Ela parecia solene e não o observava com o desdém mal disfarçado de costume. Na verdade, muito pelo contrário: parecia ter adquirido um respeito renovado por ele, se sua linguagem corporal servisse de indicação.

— Farei o que for preciso — afirmou Thrall. — Você acha que é por eu não ter passado por este ritual em particular que não estou conseguindo aprender o que deveria aqui?

— A missão de iluminação gira em torno do autoconhecimento — respondeu Aggra. — Talvez você precise disso antes de estar preparado para aceitar outros tipos de conhecimento. Era difícil não ressentir cada palavra dela.

— Eu me criei sozinho, mais do que a maioria — disse, sério. — Acho que já aprendi bastante sobre mim mesmo.

— E mesmo assim, o poderoso escravo não consegue encontrar o que procura — rebateu Aggra, um pouco mais tensa.

— Acalmem-se, vocês dois — intercedeu Geyah calmamente. — Os mundos já são caóticos o suficiente sem dois xamãs brigando. Aggra, você fala o que pensa e isso está certo, mas engolir a língua de vez em quando talvez seja um bom exercício. E, Go'el, você tem que admitir que se conhecer melhor é algo que faria bem a qualquer um, até mesmo ao chefe guerreiro da Horda.

Thrall franziu um pouco o cenho.

— Perdão, avó. Aggra, eu estou frustrado porque a situação é grave e, até o momento,

não posso fazer nada para ajudar. De nada serve descontar minha irritação em você.

Aggra assentiu. Ela parecia irritada, mas, de alguma forma, Thrall sentiu que, daquela vez, não era com ele. Parecia irritada consigo mesma.

A jovem xamã o confundia, ele tinha que admitir. Nunca sabia o que pensar dela. Thrall não estava acostumado a lidar com mulheres inteligentes e fortes. Conhecera duas, Taretha Foxton e Jaina Proudmore. Mas ambas eram humanas, e Thrall estava chegando à conclusão de que a força delas vinha de um lugar muito diferente da força das orquisas. Ele ouvira histórias no passado sobre a mãe, Draka, que nascera fraca, mas que, com determinação e força de vontade, se tornara forte física e mentalmente. “Uma guerreira feita por si mesma”, ouvira certa vez de Geyah, que falava de Draka com muita admiração. “É fácil ser um bom guerreiro quando os ancestrais lhe dão o dom da velocidade e da força, além de um coração poderoso. Não é tão fácil quando se precisa arrancar essas coisas de um mundo que não quer dá-las, como fez Draka.”

Agora ela falava com Thrall, mas olhava fixamente para Aggra.

— O espírito de sua mãe está dentro de você, Thrall. Como no caso dela, tudo o que você é, é obra sua. O que você deu ao seu povo não foi uma coisa simples. Precisou lutar muito. Você é tão filho da sua mãe quanto do seu pai. Go’el, filho de Durotar... e de Draka.

— Eu vim aqui para fazer o que for necessário para descobrir como ajudar meu mundo — explicou Thrall. — Mas eu gostaria de passar por essa missão de iluminação o mais rápido possível.

— Você vai ficar aqui o tempo que for necessário, e sabe disso — respondeu Aggra.

Thrall grunhiu consigo mesmo, mas não disse nada, pois realmente sabia.

Anduin sabia muito bem que não era um “convidado de honra”. Na verdade, ele era um refém. O refém mais valioso que Moira tinha.

O envelope, escrito em caligrafia fluida, estava na mesa da sala principal quando Anduin retornou depois de passar uma hora com Rohan, quatro dias após Moira e seus anões Ferro Negro tomarem a cidade. Ele rilhou os dentes ao ver o lacre de cera vermelha com o distintivo real de Altaforja. Abriu-o sob o olhar sombrio de Drukan, o “guarda especial” designado para “cuidar para que Anduin fosse bem tratado, porque era um hóspede muito especial”.

O prazer de sua companhia é solicitado ao crepúsculo esta noite. Obrigatório usar traje formal, e pontualidade é bem-vinda.

Anduin resistiu ao desejo de amassar a carta e jogá-la longe. Em vez disso, sorriu educadamente para Drukan.

— Por favor, diga a Sua Majestade que eu ficarei feliz em comparecer. Tenho certeza de que ela vai querer saber minha resposta o quanto antes. — Pelo menos aquilo afastaria o cão de guarda por alguns instantes, pensou. Esperou até Drukan concluir que não poderia deixar de cumprir a tarefa. O anão rosnou e saiu, pisando com força.

Anduin percebeu que a falta de interesse, presunção e preocupação de Drukan era um alívio. Pelo menos Drukan não escondia o que estava sentindo.

Anduin tomou banho e se vestiu. Moira podia ter pensado que estava controlando-o ao exigir sua presença, mas, quando insistiu em trajes formais, deu-lhe permissão para usar a coroa e outros símbolos reais que indicavam que ele era um igual. Anduin tinha consciência do poder que tais sutilezas eram capazes de representar. Wyll ajudou-o a se vestir, ajustou sua coroa com uma dúzia de retoquezinhos minuciosos e sacou um espelho.

Anduin piscou rapidamente. Sempre odiava quando os adultos diziam que ele havia crescido tanto desde a última vez que o viram, mas foi forçado a ver as evidências com seus próprios olhos. Ultimamente, não andara prestando muita atenção no que via no espelho, mas agora conseguia perceber que havia um tom de tristeza novo em seus olhos, e a linha do queixo parecia estar mais resoluta. Não tivera nada próximo de uma infância protegida, mas ele simplesmente não esperava que o estresse dos últimos dias ficasse tão... visível.

— Está tudo bem, Alteza? — perguntou Wyll.

— Está, Wyll. Está tudo bem.

O velho serviçal se aproximou.

— Tenho certeza de que seu pai está trabalhando diligentemente para encontrar um modo de garantir seu resgate — comentou, em voz baixa.

Anduin simplesmente assentiu e suspirou.

— Bom, é hora de jantar.

O príncipe foi levado para além da Sala do Trono e descobriu que havia apenas dois lugares arrumados a uma mesa surpreendentemente pequena. Aparentemente, seria uma reunião íntima.

Em outras palavras, ele seria interrogado.

Deduziu que Moira sentaria à cabeceira da mesa, então esperou educadamente ao lado da outra cadeira.

Ele esperou. E esperou. Os minutos se arrastaram, e o príncipe concluiu que aquilo

também fazia parte do jogo que estava sendo jogado. Compreendeu melhor do que ela imaginava. Era jovem e sabia disso, e sabia que as pessoas o subestimavam exatamente por esse motivo. Poderia usar aquilo como vantagem.

Por ser jovem, ele podia ficar de pé por bastante tempo sem se sentir desconfortável.

Finalmente, a porta se abriu. Um anão Ferro Negro com uma armadura de Altaforja entrou e se posicionou, anunciando com uma voz que seria audível em uma multidão:

— Levantem-se para saudar Sua Majestade, a rainha Moira de Altaforja!

Anduin deu um sorriso para o anão e abriu as mãos para indicar que já estava de pé. O príncipe se curvou a Moira quando ela entrou, mantendo ainda a curvatura adequada a um igual. Quando se aprumou, sorrindo cordialmente, viu um traço de irritação passar pela expressão habitual de falsa cordialidade de Moira.

— Ah, Anduin. Você chegou na hora — disse ao entrar na sala. Um serviçal puxou a cadeira para ela, que se sentou e acenou para que Anduin fizesse o mesmo.

— Eu vejo a pontualidade como uma grande virtude — disse ele. Não precisou comentar que foi deixado esperando. Ambos sabiam.

— Soube que você tem tido conversas agradáveis e esclarecedoras com meus outros súditos — começou ela, permitindo ao criado que colocasse um guardanapo em seu colo.

Outros súditos? Estaria sugerindo que Anduin era... não, não estava, mas queria que ele pensasse que sim. Anduin sorriu cordialmente, agradecendo ao serviçal que lhe servira um copo d'água. Outro criado estava servindo vinho tinto a Moira. Cerveja, aparentemente, não estava entre as bebidas favoritas da rainha.

— Você quer dizer, é claro, com os anões Ferro Negro, não só com os anões de Altaforja — respondeu educadamente. — Eu não conversei muito com Drukan. Um sujeito meio reservado.

Moira levou a mão delicada à boca, escondendo um sorriso.

— Ah, isso é verdade. A maioria deles não é de falar muito. E esta é uma das razões por que estou tão feliz de ter *você* aqui, meu querido amigo.

Anduin deu um sorriso polido e mergulhou a colher na sopa.

— Eu estou ansiosa pelas longas conversas que certamente teremos nas semanas e meses que virão.

Ele se esforçou para não engasgar com a sopa, engolindo com vontade.

— Tenho certeza de que seriam fascinantes — disse ele, e pelo menos desta vez não estava mentindo —, mas acho que meu pai vai precisar de mim antes disso. Creio que você vai precisar ter toda a conversa estimulante possível comigo hoje mesmo.

Um brilho passou pelos olhos de Moira, e ela deu um breve sorriso.

— Ah, creio que seu pai vai ceder ao meu desejo. Fale sobre ele. Ouvi dizer que ele passou por uma provação terrível.

Anduin tinha certeza de que Moira sabia tudo o que havia para saber sobre a situação. Ela não parecia o tipo de pessoa que esperaria tanto tempo para descobrir o que queria saber. Ainda assim, durante a sopa e a salada, ele lhe contou tudo o que era de conhecimento geral sobre as aventuras de seu pai.

— Isso deve ter sido terrível para você, Anduin.

Ele não acreditava que ela realmente se importasse, mas uma ideia lhe ocorreu. E ele decidiu segui-la.

— Foi sim — respondeu, totalmente honesto. — Tem sido ainda mais difícil agora que ele não aprova a direção que quero tomar na minha vida. Dizem os boatos que você entenderia isso.

Pela primeira vez desde que a vira, ela parecia completamente despreparada, com a parada no ar e os olhos arregalados de espanto. Ela parecia... vulnerável, confusa, e apressou-se para se recuperar.

— Por quê? O que você quer dizer com isso? — Ela soltou uma risada falsa.

— Eu ouvi dizer que Magni não foi o melhor pai do mundo, por mais que talvez quisesse ser. Que nem o meu pai — declarou Anduin. — Dizem que ele nunca perdoou você por não ser o filho que ele queria.

Os olhos dela se endureceram mas tinham um brilho estranho, como se estivessem cheios d'água. Quando falou, foi como se Anduin tivesse rompido uma represa.

— Meu pai realmente ficou desapontado com o meu *defeito* de ter nascido mulher. Ele nunca acreditou que eu talvez não desejasse ficar aqui e ser constantemente lembrada de que o havia desapontado simplesmente por nascer. Ele concluiu que o único meio de eu me apaixonar por um Ferro Negro seria se meu marido me enfeitiçasse. Bem, ele realmente me enfeitiçou, Anduin. Ele me encantou com a ideia de respeito. De ter pessoas me ouvindo quando eu falava. De acreditar que eu poderia governar, mesmo sendo uma mulher, e governar bem. Os Ferro Negro me acolheram quando meu próprio pai me abandonou.

Ela riu sem humor.

—Foi a única mágica que Dagra Thaurissan e os Ferro Negro usaram em mim. Meu pai achava que eles só mereciam desprezo, que só serviam para lutar e morrer. Bom, eles são anões iguais a todos os outros clãs. Herdeiros dos terranos. Os outros anões precisam ser lembrados disso, e é o que eu pretendo fazer.

— Você é a herdeira legítima — concordou Anduin. — Magni deveria tê-la reconhecido e criado desde o dia em que você nasceu. Eu sinto muito que você só tenha encontrado conforto entre os Ferro Negro. E você está certa, eles também são anões. Mas não há como promover a harmonia forçando as pessoas de Altaforja a pensarem como você. Abra sua cidade. Deixe o povo ver quem os Ferro Negro realmente são. Eles podem ter...

— Eles podem ter o que eu quiser que tenham! — gritou Moira com uma voz estridente. — E farão o que eu mandar! Eu tenho a lei ao meu lado, e Dagra, o garoto que Magni queria tanto que eu fosse, reinará quando eu morrer. O pai dele e eu...

Ela pausou, substituindo com bom humor artificial a raiva honesta.

— Sabe, esta realmente foi a primeira vez que esse pensamento me ocorreu.

Desencorajado pela reversão súbita de seu rosto, Anduin perguntou:

— E que pensamento seria?

— De que eu sou uma imperatriz, além de rainha.

Um frio correu pela espinha de Anduin.

— Nossa, isso muda tudo! Eu tenho dois povos para governar. Assim como terá meu filho, quando ficar mais velho. Tantas oportunidades para construir pontes entre os povos, para semear a paz. Não concorda?

— A paz é sempre um objetivo nobre — respondeu ele, com o coração pesado. Ele havia dominado a situação por um instante e a feito falar honestamente. Mas o instante passou.

— De fato. Às vezes eu acho que ainda sou só uma garotinha boba.

Não, não pensa. Nem eu.

— Eu posso entender. Às vezes eu acho que sou só um garoto de 13 anos — falou.

Moira riu novamente.

— Ah, seu senso de humor é delicioso, Anduin. Eu tenho certeza de que seu pai sente sua falta, mas não *consigo* me separar de você ainda.

Ele deu um sorriso, esperando que não transparecesse a falsidade.

Muitas horas depois, finalmente sozinho no quarto, Anduin fechou a porta e se recostou nela.

Moira não estava louca, nem sob o efeito de algum feitiço. Ele preferia que ela estivesse. Ela fora injustiçada, tinha que admitir, mas em vez de tornar isso uma força, deixou que o ressentimento a desgastasse. Era calculista, controladora e tinha a intenção de passar um império como herança para seu filho. Parte do que dizia era verdade. A paz *era* uma boa coisa. Mas a liberdade também era.

Ele precisava sair dali. Precisava contar a alguém o que estava acontecendo. Respirou fundo e começou a jogar coisas em uma mochila que ele havia trazido para quando fizesse passeios com... Pela Luz, como ele sentia falta de Aerin. Mas, por outro lado, estava feliz que ela não estivesse ali para ver o que acontecera a Altaforja.

Não precisava levar muita coisa, uma muda de roupa ou duas e algum dinheiro. Ele trouxera algumas coisas especiais de Ventobravo, mas agora via que podia viver sem elas, na necessidade de fugir o mais rápido possível. Mas havia uma coisa que era preciosa demais para abrir mão.

Ele a guardava debaixo da cama desde a morte de Magni, enrolada no mesmo tecido com que lhe fora dada pelo rei dos anões. Torcia para que Moira não soubesse nada sobre o presente. Por algum motivo, tinha a impressão de que ela não ficaria feliz com isso.

Reservou um momento para desembrulhar e tocar a bela maçã. Quebra-medo. O conforto dela seria útil agora. Anduin empunhou a arma por um momento e a embrulhou novamente, colocando-a cuidadosamente na mochila.

Era hora. Ele decidiu não contar a Wyll. Quanto menos o velho serviçal soubesse, menos iriam puni-lo. Anduin respirou fundo, pôs a mão no bolso e segurou a pedra de regresso que Jaina lhe dera. Com os olhos bem fechados, Anduin encheu a mente de imagens de Theramore, da lareira aconchegante de Jaina...

...e se materializou lá.

Jaina olhou assustada para ele.

— Anduin, o que você está fazendo aqui?

O príncipe de Ventobravo não lhe deu a menor atenção. Tudo o que conseguia fazer era olhar boquiaberto o enorme tauren furioso, de armadura e adornado com penas, que estava diretamente na frente dele.



— **O** que é isso? — demandou o tauren, em uma voz grossa, mas inteligível, falando o idioma comum.

— Baine, Anduin, acalmem-se! — exclamou Jaina, com uma das mãos na direção de cada um.

Baine?

— Baine Casco Sangrento? — conseguiu Anduin.

— Anduin Wrynn?

— Esperem! — gritou Jaina, mais alto desta vez. — Baine, eu dei a Anduin uma pedra de regresso de presente, para que viesse me visitar quando quisesse. E considerando o que ouvimos sobre a situação em Altaforja... ou melhor, o que não ouvimos, eu estou muito feliz em vê-lo. — Ela deu um rápido sorriso carinhoso na direção do príncipe. — Eu peço desculpas pela chegada inesperada dele, mas dou minha palavra de que pode confiar em Anduin.

— O pai dele não tem nenhum apreço pela Horda — declarou Baine. — Eu acredito que isto não tenha sido previsto, Jaina, mas...

— Eu não sou meu pai — declarou Anduin, em voz baixa. Ele já estava se acalmando, começando a entender o que estava acontecendo. Baine Casco Sangrento era o filho do grande chefe dos tauren, Caerne. Caerne e Thrall eram bons amigos, e os tauren nunca foram tão hostis à Aliança quanto as outras raças que faziam parte da Horda. Se Jaina estava em paz com Thrall, seria de se entender que ela não teria problemas em se encontrar com um representante de Caerne, mesmo que secretamente.

A postura do garoto pareceu impressionar o jovem touro. Baine relaxou, observando-o com mais curiosidade do que hostilidade no momento.

— Não — começou ele —, não somos nossos pais. Mesmo que desejássemos ser.

Havia algo no modo de falar dele que fazia Anduin entender que algo muito errado estava acontecendo. Ele olhou para Jaina, curioso. Agora ele podia perceber que ela parecia cansada e infeliz.

— Sentem-se, vocês dois — disse ela, apontando a área da lareira. Baine era grande demais para caber nas cadeiras. — Eu acho que vocês dois têm longas histórias para compartilhar.

— Eu não quero ofendê-la — declarou Baine, ainda de pé —, mas estou arriscando muito ao procurá-la, Lady Jaina. Trocar segredos com o herdeiro do trono de Ventobravo? Temo que seja pedir demais.

— Eu entendo sua preocupação — respondeu Jaina —, e sei que neste momento vocês estão concentrados em seus próprios problemas. Mas lembrem-se que estou abrigando ambos agora, portanto, vocês terão que conviver em paz.

— E por que você precisaria abrigar um outro membro da Aliança? — bufou Baine.

— Porque Magni Barbabronze está morto. A filha dele, Moira Barbabronze, retornou a Altaforja, trazendo da cidade de Forjasombra um monte de anões Ferro Negro, e se declarou imperadora. Ela trancou Altaforja e vai ficar muito, muito chateada pelo fato de eu ter fugido — disse Anduin, bruscamente. Baine estava certo. Não havia motivos para que ele confiasse em Anduin, príncipe de Ventobravo... a não ser que Anduin lhe desse um bom motivo. Além do mais, se ele já não sabia disso, saberia em breve. Moira não poderia manter seu segredo para sempre. Baine virou a cabeça para um lado e para o outro, piscando por um momento.

— Algumas pessoas o considerariam um traidor por revelar estas informações, jovem príncipe — falou Baine, em voz baixa.

— O que Moira está fazendo é errado, mesmo que ela seja realmente a herdeira legítima — respondeu Anduin. — Alguns dos objetivos e planos dela fazem sentido. Mas o modo como ela pretende executá-los... Eu não posso aprovar. Só por ela ser uma anã e filha de um amigo querido não significa que eu vá apoiá-la cegamente. E só por você ser um membro da Horda não significa que eu não vá apoiá-lo.

Ele continuou encarando Baine, mas pelo canto do olho viu Jaina relaxar um pouco, esperançosa.

— Ele conheceu Thrall e eles se gostam e respeitam um ao outro — comentou Jaina. — Não há melhor endosso do que esse, Baine.

Baine assentiu, mas balançou as orelhas, presumivelmente em sinal de incômodo.

— Porém, se Thrall não tivesse ido embora, eu não precisaria de sua ajuda e... — pausou ele, respirando profundamente. — E meu pai ainda estaria vivo.

Anduin ficou surpreso e olhou para Jaina. Os olhos dela estavam tristes e ela assentiu.

— Baine já havia me contado — revelou ela.

— Eu sinto muito — expressou ele, com sinceridade. Independente do que se pensasse sobre a Horda, todos concordavam que Caerne havia sido um bom líder, e um... homem? Pessoa? Enfim, alguém decente. Mas aquilo não era inesperado. Caerne já era velho. Era estranho que Baine estivesse tão chateado. Não, não chateado... qualquer um que amasse o próprio pai estaria chateado com sua morte. Mas ele estava agitado, preocupado. — Como aconteceu?

— Sentem-se — pediu Jaina, não sem bondade. Dessa vez, Anduin e Baine obedeceram, sentando-se no chão. Jaina serviu chá para todos em uma bandeja, sentando-se também no chão. Anduin pegou uma xícara, e Baine fez o mesmo, logo depois. Ele observou a xícara minúscula em sua mão enorme e deu uma pequena risada... possivelmente a primeira, Anduin suspeitava, desde a morte do pai.

Jaina olhou para os dois.

— Vocês não podem imaginar o quanto eu desejava que nos encontrássemos em circunstâncias diferentes. Principalmente diferentes das suas, Baine. Mas ao menos nós estamos reunidos. Talvez a conversa desta noite seja o início de futuras conversas formais entre nossos povos.

Anduin ergueu a xícara e brindou:

— A tempos melhores!

Jaina ergueu a xícara e brindou também. Baine, depois de hesitar por um instante, fez o mesmo.

— Eu acredito... que meu pai ficaria feliz com isso — disse o tauren. — Príncipe Anduin, deixe-me contá-lo sobre o sofrimento trazido pelos últimos dias.

— Estou escutando — disse o príncipe de Ventobravo.

— Você está escutando? — gritou Moira.

— Sim, sua excelência, eu...

— Como você pode deixá-lo escapar?

— Eu não sei! Nós prendemos os magos... Talvez tenha sido um bruxo do lado de fora?

— Drukan estava especulando loucamente, e sabia disso.

— Nós temos proteções contra essas coisas!

Moira estava andando de um lado para o outro. Era cedo, pela manhã e esse não era o tipo de notícia que ela gostaria de receber ao acordar. Não mesmo. Ela acabara de se vestir quando Drukan enviou uma mensagem agitada dizendo que seu trunfo especial havia escapado.

— Não, deve ter sido outra coisa. Talvez você tenha simplesmente bebido demais e adormecido, e acabou deixando que ele passasse por você!

Drukan fechou o rosto, mas engoliu a resposta.

— Eu não bebo em serviço, excelência. E mesmo que ele tivesse passado por mim, não teria passado pelos guardas postados em todas as entradas.

Moira massageou as têmporas.

— Como ele fez, não importa. Nós... — Um sorriso surgiu no rosto dela. — Talvez nós estejamos enganados. Talvez meu pequeno pássaro engaiolado não tenha escapado, no fim das contas.

Drukan olhou para ela, perplexo. Ela suspirou.

— Ele obviamente saiu do quarto, mas talvez ainda esteja em Altaforja, escondido. Há muitos lugares onde alguém poderia se esconder nesta cidade.

— Existem mesmo...

Ela sorriu.

— Use quantos guardas precisar para procurá-lo. Mas não atraia muita atenção! Ninguém pode saber que ele está sumido. Você já interrogou a velha serviçal tonta?

O rosto de Drukan se iluminou.

— Ah, já sim.

— Tome cuidado para que ela não seja maltratada. Nós queremos Anduin... cooperativo.

— É claro.

— Isso deve permanecer o mais confidencial possível. Vamos espalhar a notícia de que Anduin está doente... Não, não, se fizermos isso, aquele desagradável Rohan vai insistir em vê-lo. O que fazer...? — Moira caminhou pela sala, parando ao lado do berço de seu filho e balançando-o pensativa. — Ah... nós vamos dizer que ele foi visitar Dun Morogh. Isso! Essa é a solução. — Isso serviria a dois propósitos. Daria uma desculpa plausível para a indisponibilidade de Anduin e daria também a impressão de que, em alguns casos, havia contato com o exterior, desde que aprovado por Moira. — Agora vá, ande. Faça o que mandei. Ah, e Drukan? — Ela tirou os olhos da criança e encarou o outro anão com frieza. — Você deve se certificar que ninguém mais saiba sobre o desaparecimento de Anduin e que

ninguém saiba do que aconteceu aqui. Eu vou revelar meus planos no momento certo, do jeito que quero. Está claro?

Drukan engoliu a seco.

— S. Sim, sua excelência.

Palkar retornou com a carne fresca preparada para a refeição dele e de Drek'Thar e encontrou um mensageiro tauren esfarrapado esperando por ele. Era um dos Passolongos de Caerne, o que significava que as notícias que trazia eram realmente importantes. O tauren estava sujo das intempéries e tinha manchas de sangue seco nas roupas. Era impossível dizer, à primeira vista, se o sangue era dele ou de outro.

— Saudações, Passolongo — disse ele. — Eu sou Palkar. Entre e coma conosco. Depois, entregue a mensagem.

— Eu sou Perith Casco Feroz, o Andarilho. As notícias que trago não podem esperar. Devo compartilhá-las com seu mestre imediatamente.

Palkar hesitou. Ele não gostava de falar sobre a saúde frágil de Drek'Thar com ninguém.

— Pode compartilhá-las comigo. Eu me certificarei de transmiti-las. Ele não está se sentindo bem e...

— Não — respondeu Perith, secamente. — Eu tenho instruções de entregar as notícias a Drek'Thar e assim o farei.

Não havia mais opção.

— A mente de Drek'Thar não é mais como antes. Eu cuido dele. Se você falar somente com ele, suas palavras serão perdidas.

O tauren balançou as orelhas, suavizando a expressão dura.

— Sinto muito por ouvir estas notícias. Você pode ouvir a mensagem com ele então. Mas eu preciso falar com ele.

— Eu entendo. Entre.

Palkar abriu a tenda e Perith entrou, abaixando-se para passar, pois a tenda não fora feita para acomodar criaturas do seu tamanho. Drek'Thar estava acordado e a postura de seu corpo parecia atenta. Porém ele estava sentado a uns seis metros de suas peles de dormir.

— Drek'Thar, nós temos um convidado de honra. Um dos Passolongos de Caerne, Perith Casco Feroz.

— Minhas peles de dormir... por que você as tirou do lugar? Você está sempre mexendo nas minhas coisas, Palkar — disse ele, com a voz confusa.

Palkar carinhosamente ajudou o orc idoso a se levantar, guiando-o até suas peles e colocando-o confortavelmente sentado.

— Agora, compartilhe as notícias conosco — disse Palkar a Perith.

Perith assentiu.

— As notícias são graves. O assunto em questão é que o nosso amado líder, Caerne Casco Sangrento, foi assassinado, e os Temível Totem tomaram várias de nossas cidades em um golpe sangrento.

Drek'Thar e Palkar olharam para ele, horrorizados. As notícias pareceram trazer Drek'Thar de volta ao estado de lucidez.

— Quem assassinou o poderoso Caerne? O que ocasionou isso? — demandou o velho orc, com uma voz surpreendentemente clara e forte.

Perith contou sobre o trágico ataque aos druidas do Vale Gris e a fuga por pouco de Hamuul Runa Totem.

— Quando Caerne ouviu falar sobre essa atrocidade, ele desafiou Garrosh Grito Infernal para um mak'gora na arena. Garrosh aceitou, mas somente se Caerne concordasse com as antigas regras. Ele exigiu um combate até a morte e Caerne aceitou.

— E então ele caiu em combate. E os Temível Totem aproveitaram a oportunidade — concluiu Drek'Thar.

— Não. Há boatos de que Magatha envenenou a lâmina de Garrosh para que o nobre Caerne fosse morto com um simples arranhão. Eu a vi ungindo a lâmina. Eu vi Caerne cair. Não sei dizer se Garrosh sabia sobre a trama ou se também foi enganado. Eu sei que os Temível Totem fizeram todo o possível para que as notícias não chegassem ao Penhasco do Trovão. Somente com muito cuidado e com a bênção da Mãe Terra eu consegui evadir-me do cerco deles.

Palkar olhou fixo para ele, com a mente processando aquelas informações. Caerne assassinado pela matriarca Temível Totem? E Garrosh fora enganado ou participara ativamente — as duas opções eram terríveis de se contemplar. E agora os Temível Totem estavam dominando os tauren.

Ele tentou organizar os pensamentos, mas Drek'Thar, agora alerta e totalmente presente, falou mais rápido do que ele.

— Baine? Alguma notícia dele?

— Houve um ataque à aldeia Casco Sangrento, mas Baine escapou. Ninguém tem notícias dele no momento, mas acredita-se que ele está vivo. Se estivesse morto, tenho certeza de que Magatha já teria anunciado e provado mostrando a cabeça dele.

Uma coisa estava incomodando Palkar ainda mais do que o horror óbvio da notícia. Outra coisa que Perith tinha dito...

— Então ainda há esperança. Garrosh está apoiando os usurpadores?

— Nós não vimos evidência disso.

— Se ele realmente participou do assassinato desonroso de Caerne — prosseguiu Drek'Thar —, é improvável que ele não faça todo o possível para silenciar Baine e fazer com que aqueles que ele apoia continuem a manter o poder. O chefe guerreiro precisa saber sobre esses acontecimentos imediatamente;

O chefe guerreiro precisa saber...

Eu preciso falar com Thrall. Ele precisa saber...

Pelos ancestrais... ele estava certo!

A testa de Palkar porejava suor. Há duas luas Drek'Thar tivera uma visão febril e selvagem na qual proclamara que uma reunião pacífica de druidas taurens e noctiélficos seria atacada. Palkar acreditara nele e enviara guardas para “proteger” a reunião, mas nada tinha acontecido. Palkar acreditara que a visão era apenas um reflexo da senilidade crescente de Drek'Thar.

Mas Drek'Thar estava certo. E agora, falava lucidamente com Perith Casco Feroz, sem sequer lembrar-se da visão. Mas tudo havia acontecido exatamente como ele previra. Uma reunião pacífica de elfos noturnos e taurens fora realmente atacada e os resultados foram desastrosos. O incidente só tinha ocorrido muito depois do que qualquer um poderia imaginar.

Desesperado, Palkar tentou relembrar o último sonho de Drek'Thar, no qual ele gritou que a terra choraria e o mundo se partiria. Seria possível que esse... sonho também fosse uma visão? Que ele também se realizaria, assim como o sonho sobre a reunião druídica?

Palkar fora um tolo. Teria sido melhor contar a Thrall sobre o sonho e deixar o chefe guerreiro decidir se prestaria atenção nele ou não. Palkar fechou as mãos furioso, com raiva dele mesmo.

— Palkar? — Drek'Thar estava falando com ele.

— Desculpe-me, eu estava pensando. O que o senhor disse?

— Eu pedi que você escrevesse uma carta — disse Drek'Thar, como se tivesse feito o pedido várias vezes. E pelo que Palkar sabia, era verdade. — Precisamos contar isso a Thrall imediatamente. Ainda assim, o Passolongo levará tempo para encontrá-lo. Nós podemos apenas torcer para que não seja tarde demais para ajudar Baine.

— É claro — respondeu Palkar, levantando-se para obedecer. Ele escreveria o que quer

que Drek'Thar e o Andarilho quisessem. E depois, no fim, confessaria ao chefe guerreiro tudo o que ele havia guardado e os motivos para tal. Acontecesse o que acontecesse.

Ele não iria correr o risco de que Drek'Thar estivesse certo novamente.



Thrall ficou surpreso com o nível de envolvimento e esforço necessário para preparar a peregrinação espiritual. Agora ele entendia o comentário de Geyah sobre Drek'Thar fazer o melhor que podia como um dos últimos xamãs dentre os orcs. Parece que uma verdadeira peregrinação espiritual envolvia praticamente uma comunidade inteira.

Uma pessoa tirou suas medidas para a vestimenta ritual. Outra pessoa ofereceu as plantas para o rito. Um terceiro orc se ofereceu para liderar os círculos de tambores e cânticos e outros seis ofereceram seus tambores e suas vozes. Thrall ficou surpreso e comovido. Em um momento, ele disse a Aggra:

— Eu não quero que me façam favores por causa de minha posição.

Ela respondeu com um sorriso irônico.

— Go'el, tudo está sendo feito porque você precisa de uma peregrinação espiritual, não por você ser o líder da Horda. Não se preocupe com favores.

Isso o deixou aliviado e envergonhado. Ele se perguntou, mais uma vez, por que Aggra era tão boa em tirá-lo do sério. Talvez fosse um dom dado pelos elementos, pensou ele ao vê-la se afastando, de cabeça erguida.

Ele detestava a demora, mas não havia nada que pudesse fazer. Uma parte bem grande de sua mente estava ansiosa pelo ritual. Os orcs tinham perdido tantas coisas nos anos anteriores à sua formação como xamã. A experiência dele com tais ritos comunais era muito pequena, e ele sabia disso.

Finalmente, três dias depois, estava tudo pronto. As tochas foram acesas à noite. Thrall esperou em Garadar para ser escoltado ao local da cerimônia. Aggra veio buscá-lo e ele se impressionou com o que viu.

Os longos cabelos ruivos dela estavam enfeitados com penas. Ela vestia um colete de

couro e um kilt adornado com penas e contas, e símbolos em tinta verde e branca decoravam seu rosto e todas as partes de sua pele alaranjada que estivessem à mostra. Ela vinha com uma postura ereta e elegante, com a cor do couro destacando o tom de sua pele com perfeição. Nos braços, ela trazia um embrulho de pano da mesma cor que sua pele.

— Isto é para você, Go'el — disse ela. — São comuns e simples. Vestimentas de iniciação para um iniciado.

— Eu entendo — respondeu ele, esticando a mão para pegar o embrulho.

Ela não o entregou a ele.

— Não tenho certeza se você entende mesmo. Eu tenho que admitir, você é um xamã dotado e poderoso. Mas há muitas coisas que você ainda não sabe. Nós não usamos armaduras em nossas iniciações. Uma iniciação é um renascimento, não uma batalha. Assim como uma cobra, nós nos livramos da pele de nosso passado. Precisamos chegar a esse momento sem esses fardos, sem os pensamentos mesquinhos e as noções que tínhamos antes. Precisamos estar simples, limpos e prontos para entender e nos conectar aos elementos, deixando-os inscreverem sua sabedoria em nossas almas.

Thrall ouviu as palavras com atenção e concordou respeitosamente. Ainda assim, ela não entregou as vestes. Ainda não.

— Aqui há também um colar com contas de oração. Isto ajudará você a reencontrar seu eu interior. Pode tocá-las quando sentir necessidade.

Finalmente, ela entregou o embrulho e ele aceitou.

— Eu voltarei em breve — disse ela, e saiu.

Thrall observou a roupa marrom simples e a vestiu respeitosamente. Ele se sentia... nu. Estava acostumado a vestir a armadura de placas negras que um dia pertenceu a Orgrim Martelo da Perdição. Era sua vestimenta em praticamente cada momento acordado e ele havia se acostumado com seu peso. Já as vestes que usava agora eram leves. Ele colocou as contas ao redor do pescoço, sentindo-as entre os dedos, pensando no que Aggra dissera. Ele deveria renascer.

Como o quê? Como quem?

— Bem — disse Aggra, tirando-o de seu devaneio —, parece que as vestes de iniciação lhe caíram bem, no fim das contas.

— Eu estou pronto — respondeu ele, em voz baixa.

— Ainda não. Você não está pintado.

Ela começou a agir, com seu modo brusco de costume, e foi a um pequeno baú aninhado em uma parede coberta de pelegos. Remexeu um pouco e voltou com três potes de

argila colorida.

— Você é muito alto. Sente-se.

Um pouco entretido, Thrall obedeceu. Ela foi na direção dele, abriu um dos potes, sujou o dedo na argila e começou a pintar o rosto do orc. O toque dela era habilidoso, estranhamente gentil para alguém que Thrall achava ser tão adepta da força bruta, e a argila era fria. Assim tão perto dela, Thrall podia sentir o perfume doce e leve dos óleos com que ela havia se ungido. Ela fez uma careta para ele.

— Algo de errado?

— Essas cores não têm o mesmo efeito sobre a pele verde.

— Infelizmente eu não posso mudar isso, Aggra. Não importa o quanto eu estude com você — respondeu ele, com a voz e a expressão totalmente sinceras.

Ela olhou nos olhos dele por um momento, com uma expressão irritada. Por fim, ela soltou uma gargalhada.

— Os ancestrais sabem que isso é verdade! Então, parece que vou ter que mudar as cores da tinta.

Os dois sorriram, entreolhando-se. Então, Aggra olhou para baixo.

— Talvez um pouco de azul e amarelo — disse, pegando os potes apropriados. Ela continuou a pintar o rosto dele em silêncio. Por fim, assentiu com aprovação, mas fechou o rosto outra vez. — Seu cabelo... espere um segundo.

Aggra passou as mãos no cabelo dele. Os dedos longos e ágeis desfizeram as duas longas tranças que Thrall costumava usar e rapidamente trançaram penas no cabelo.

— Agora você está pronto, Go'el.

Aggra pegou uma folha de metal polida que servia como espelho.

Thrall mal se reconheceu.

Sua pele verde estava adornada com pontos e curvas azuis e amarelas, como se usasse uma máscara. O cabelo dele, trançado com penas luminosas de roca-dos-ventos, caía sobre os ombros pesadamente. Normalmente, ele era contido e controlado. Agora, ele parecia...

— Selvagem — disse ele, em voz baixa.

— Assim como os elementos — respondeu ela. — Há muito pouca calma e ordem na natureza deles, Go'el. Agora, você começará sua peregrinação espiritual parecido com eles.

Thrall havia passado por muita coisa na vida. Aprendera a lutar quando era criança, aprendera sobre amizade e sobre as dificuldades da vida naqueles anos de formação. Libertara seu povo e lutara contra demônios. E ainda assim, caminhando ao lado de Aggra para o local preparado no lago, ele se sentia nervoso.

Os tambores começaram assim que ele apareceu. Aggra ficou ereta. Ela perdeu toda a leveza e agressividade e, por um momento, pareceu uma versão mais jovem de Geyah. Ela caminhava com um passo gracioso e solene. Ele diminuiu o próprio passo para acompanhá-la. Parecia que toda a população de Garadar estava lá, formando uma fila de cada lado do caminho. As tochas afastavam um pouco a escuridão, mas um pouco adiante, as sombras aguardavam. À frente, de pé aguardando-o, estava Geyah. Ela estava linda, com a aparência frágil e com seu rosto enrugado exibindo um sorriso luminoso. Ele se aproximou dela e curvou-se solenemente.

— Seja bem-vindo, Go’el, filho de Durotan, que era filho de Garad. — Os olhos de Thrall se arregalaram um pouco. É claro, ele devia ter se dado conta antes. Garad era seu avô e agora ele estava em Garadar, um local nomeado em homenagem a ele. — Filho e escolhido pelos elementos. Não muito longe daqui, as Fúrias nos protegem. Elas testemunharão a cerimônia esta noite.

Thrall olhou para a água escura. Era possível ver uma das Fúrias, Incineratus, a Fúria do Fogo, movendo-se lentamente. Mas ele sabia que as outras também estavam lá.

— Muito bem — disse ele, conforme instruído. — Eu ofereço meu corpo, minha mente e meu espírito a esta peregrinação espiritual.

Aggra segurou a mão dele e levou-o até o centro de uma pilha de peles que estava sobre o chão e colocou-o sentado ao lado dela.

— Ao embarcar nesta peregrinação —disse ela —, você deixará o seu corpo. Saiba que enquanto estiver em sua jornada no mundo espiritual, seu povo tomará conta do seu corpo físico. Aqui. Tome esta bebida. Engula rapidamente.

Ela entregou uma caneca com um líquido malcheiroso. Thrall aceitou, roçando os dedos dela ao pegar a caneca. Ele engoliu o mais rápido que pôde, com dificuldade, tentando manter o líquido desagradável no estômago. Ao devolver a xícara, ele já começou a se sentir leve. Não conseguiu reclamar quando Aggra se aproximou e deitou a cabeça dele em seu colo. Era um gesto estranhamente carinhoso, vindo de alguém que até aquele momento tinha sido tão rude, e ele aceitou.

Sua cabeça girou e os tambores pareciam ressoar em suas veias, como se em vez de ouvir, ele os sentisse. Como se os sons se misturassem com as batidas de seu coração.

Dedos frios acariciaram seu cabelo. Novamente, uma atitude incomum de Aggra. A voz dela, grave, suave e gentil, parecia muito distante.

— Vá para dentro e para fora de você, Go’el. Nada poderá feri-lo aqui, mas você pode ficar com medo do que verá.

Thrall abriu os olhos.

Uma figura brilhante e sombria estava de pé na frente dele. Tinha olhos brilhantes, quatro patas, dentes afiados e um rabo. Era um lobo espiritual, e ele soube, sem entender como, que era Aggra.

— Você me levará? — perguntou ele ao lobo, confuso. — Eu pensei que minha avó...

— Eu fui escolhida para guiá-lo. Venha — ordenou Aggra, com a voz rouca e agora compatível com os sons de um lobo. — Está na hora. Siga-me!

Então, de repente, Thrall era um lobo também. O mundo mudou diante dele, algumas coisas ficaram fantasmagóricas e outras ganharam um novo estado sólido incomum. Ele se balançou, sentindo-se mais leve do que o ar, parte do nada que era tudo, e seguiu-a pela névoa.

Eles emergiram sob a luz do meio-dia em uma arena. Thrall, na forma de lobo espiritual, piscou confuso.

Estava vendo a si mesmo.

— Mas o quê... — disse o Thrall presente, com uma voz que soava estranha. — Eu pensei que fosse encontrar os elementos e...

— Silêncio! — reprimiu Aggra, com um latido baixo e severo, e Thrall obedeceu. — Somente observe, não tente interagir. Ninguém aqui pode vê-lo ou ouvi-lo. Esta é sua peregrinação espiritual, Go'el. Ela vai mostrar exatamente o que você precisa ver.

O Thrall presente assentiu e observou.

O Thrall mais jovem estava vestido com algumas peças de armadura. O corpo dele era musculoso, com suor reluzindo na pele verde. Estava armado com uma espada em uma das mãos e uma maça na outra. O Thrall presente sabia onde estava. Era a arena do Forte do Desterro. O som de aplausos e vaias era ensurdecador e ele sabia que em algum lugar lá em cima, comendo frutas e bebendo vinho, estava o odiado Aedelas Pantanegro. O homem que o capturou quando criança e o transformou em um gladiador. O ódio queimou suas entranhas enquanto observava sua versão mais jovem lutando contra um enorme urso.

— Fogo — disse Aggra. — Foi o primeiro dos elementos a escolhê-lo, Go'el. Ele concedeu a você a fúria para lutar tão poderosamente. Ele lhe deu o furor para lutar bem, pelas causas corretas, logo que você pôde fazê-lo. Ele queima no seu interior, sustentando-o até nos momentos mais obscuros.

Thrall escutou, observando a si mesmo, surpreso com o quão forte, habilidoso e, sim, motivado ele era na arena. Sabendo que tinha usado aquelas habilidades para libertar seu povo, para protegê-los.

Isto não era o que ele esperava ver, mas ele assentiu, concordando com as palavras de Aggra. O Fogo de fato chegou até ele na juventude e Thrall pensou na preocupação que queimava em seu interior naquele exato momento, sobre poder salvar seu mundo. Sorriu, com um toque de orgulho compreensível, quando sua versão mais jovem derrotou o adversário e ergueu os braços para a vitória.

A névoa encobriu novamente a cena, o jovem orc que gritava vitorioso, até obscurecer tudo. Thrall esperou, curioso para saber quais outras visões inesperadas ele encontraria na jornada.

A névoa se dissipou. A arena, com seu barulho e luminosidade, se foi. À sua frente, estava um cenário de floresta noturno, e apenas se ouviam os sons do vento e dos insetos. Thrall se viu novamente, mas, desta vez, parecia preocupado. Caçado. Estava sobre uma formação rochosa que, vista pelo ângulo certo, lembrava um dragão vigiando a floresta. O Thrall mais novo virou a cabeça e observou a entrada escura de uma caverna próxima e o Thrall presente lembrou-se com uma fisgada de dor antiga o que estava prestes a acontecer.

Pesadelos. Ele estava em guerra com eles. O mundo inteiro estava.

— Eu preciso mesmo ver isso? — perguntou, já sabendo qual seria a resposta.

— Se você deseja entender e se tornar um verdadeiro xamã, então sim — respondeu Aggra, implacável.

O jovem Thrall entrou na caverna e as duas encarnações dele observaram uma jovem humana chamada Taretha Volpe. Tari... amante de Pantanegro, irmã “espiritual” de Thrall. Ela arriscou tudo para libertá-lo e acabaria por perder a vida por causa disso. Mas ela estava viva agora, viva, vibrante e linda. O pesadelo dele era sobre ela... sobre tentar salvá-la repetidamente. Em cada sonho, ele tentava novos modos de salvá-la e toda vez falhava, sendo forçado a assistir à morte dela vez após vez.

Mas ela não estava morrendo, não agora nem aqui. Estava apoiada na parede, esperando por ele. Quando Thrall falou seu nome, ela se assustou e sorriu. Seu rosto era lindo, ainda mais com o brilho do carinho que sentia iluminando-o.

— Você me assustou! Eu não sabia que você caminhava tão silenciosamente! — Ela caminhou na direção de Thrall, esticando os braços. Lentamente, o jovem orc a abraçou.

— Ainda dói — revelou o Thrall presente a Aggra. Ela não o repreendeu. Não desta vez. Somente assentiu.

— Esta dor, e sua cura, é o dom da Água — disse ela. — Emoções profundas. Amor. O coração aberto, para a felicidade e para a dor. É por isso que nós choramos. A água se move conosco e através de nós.

Ele escutou em silêncio, lembrando-se das palavras que ele e Taretha compartilharam neste momento, o primeiro encontro verdadeiro deles, enquanto as ouvia novamente. Ela entregou-lhe um mapa e alguns suprimentos, pedindo que ele fosse encontrar seu povo, os orcs. Eles falaram sobre Pantanegro. O Thrall presente, sabendo o que aconteceria, queria se virar, mas não conseguiu.

— O que está acontecendo com seus olhos? — perguntou o jovem Thrall.

— Ah, Thrall, isso são lágrimas — explicou Taretha em voz baixa enquanto enxugava os olhos. — Elas vêm quando estamos tão tristes e com a alma tão ferida que é como se nosso coração transbordasse a dor.

E mesmo viajando pelo mundo dos espíritos e sem ter um corpo físico, o Thrall presente sentiu os próprios olhos se enchendo de lágrimas.

— Taretha entendia — disse Aggra, com uma voz compreensiva. — Ela conhecia a dor e o amor. O coração se enche e transborda, e a Água flui para fora de nós.

— Ela não deveria ter morrido — rosnou o Thrall presente. Um pensamento ecoou, sem ser dito: *Eu deveria ter encontrado um meio de impedir que ela morresse.*

A resposta de Aggra o atingiu como um tapa forte.

— É mesmo? Ela não deveria?

Ele se virou rapidamente na direção dela, atordoado e furioso.

— É claro que não! Ela tinha muito pelo que viver ainda. A morte dela não serviu para nada!

A forma lupina de Aggra o encarava, implacável.

— Como você sabe que esse não era o destino dela? Talvez ela tenha feito tudo o que nasceu para fazer. Só ela sabe. Talvez você não tivesse tomado as mesmas ações se ela tivesse vivido. É arrogância acreditar que se sabe de todas as coisas. Talvez você esteja certo. Mas talvez esteja errado.

As palavras dela o deixaram em um silêncio mudo. Ele estivera lutando com a culpa desde o momento em que viu a cabeça decepada de Taretha sendo levantada por Aedelas Pantanegro. Os pesadelos só serviram para fixar a mensagem: *Eu deveria ter feito mais alguma coisa.*

Mas realmente não havia mais nada a ser feito. E agora, pela primeira vez, ele estava sendo forçado a pensar na ideia de que talvez o que aconteceu... tivesse sido o certo. Doloroso, horrível, repugnante. Mas talvez... certo.

Ele nunca a esqueceria. Nunca deixaria de sentir sua falta. Mas o sentimento de culpa estava indo embora.

— Para você — continuou Aggra, enquanto ele permanecia em silêncio, contemplando as mudanças em sua alma —, ela foi a bênção da Água em sua vida. Esta época, esta fêmea... foi aí, Go'el, que o elemento se fundiu ao seu ser.

Ele lutou com as palavras, mas tudo que conseguiu dizer foi:

— Obrigado.

A névoa voltou a aparecer e encobrir as figuras de seu passado. Apesar de inicialmente não desejar reviver aquele incidente, agora que a cena estava prestes a se desfazer, o Thrall presente sentiu vontade de gritar e implorar alguns momentos a mais com Taretha. Mas ele sabia que não deveria. Aquele fora um presente doce e amargo dos elementos, junto com o discernimento que Aggra havia lhe concedido.

Adeus, querida Taretha. Sua vida foi uma bênção, sua morte não foi um desperdício e não há muitos neste mundo que podem dizer isso. Você será lembrada para sempre. Eu posso deixá-la ir em paz no meu coração agora.

Os elementos tinham mais a mostrar.

A névoa girou, obscurecendo a visão, e novamente Thrall estava contemplando uma versão mais jovem dele mesmo. Era inverno e ele estava com os Lobos de Gelo. Ele e Drek'Thar estavam sentados ao lado do fogo, esticando as mãos para se aquecer. Drek'Thar não era mais um jovem na visão, mas a mente dele ainda estava afiada e o Thrall presente se entristeceu ao ver seu amigo e tutor. O jovem Thrall ouvia avidamente Drek'Thar enquanto ele falava eloquentemente sobre o vínculo entre o xamã e os elementos. A neve caía suavemente. O Thrall presente, mesmo só observando, sentia-se quieto e centrado, com a dor da visão recente de Taretha ficando cada vez mais suave.

— Centrado — disse ele, entendendo pela primeira vez de onde vinha a palavra. — Como em “centro da Terra”. Este é o dom da Terra, não é? Dirigir-mo-nos ao nosso centro?

O lobo que era Aggra assentiu. E com um pouco de sua antiga acidez, acrescentou:

— Você só está descobrindo isso agora? Não é de se estranhar que esteja tendo dificuldades.

Dessa vez, Thrall não se sentiu irritado, apenas interessado de um modo divertido. Talvez a calma e placidez da terra estivessem agindo nele. Logo, as névoas começaram a encobrir a cena. Porém Thrall entendeu que agora a Terra estava dentro dele. Poderia voltar àquele lugar de paz interior sempre que precisasse... centrar-se.

Só restava um elemento. Neste ponto, ele já havia entendido que a peregrinação espiritual deveria mostrar-lhe como os elementos já estavam nele, vivendo com ele e através dele. Ele entendeu o furor ígneo pela batalha, a natureza amável da Água, a calma e a

concentração da Terra. Mas estava curioso sobre como o Ar se manifestaria.

A névoa se formou e se desfez. Então, ele se viu no Castelo Grommash. Novamente, era tarde da noite. Porém os braseiros, as tochas e as lamparinas emitiam mais que o suficiente em luz e calor. Ele estava em frente a uma mesa cheia de mapas e pergaminhos. Ao lado dele, estava o querido amigo Caerne Casco Sangrento.

Não foi capaz de identificar o momento, como conseguiu com os outros, pois essa cena acontecera de forma parecida várias vezes ao longo dos últimos anos. Ele sorriu, ao observar seu outro eu e Caerne falando animadamente sobre negociações, propriedade de terras e tratados. O modo como eles resolviam os problemas e encontravam soluções. A cena mudou rapidamente e ele estava ao lado de Jaina, como também havia estado tantas vezes, e juntos falavam sobre a paz e como alcançá-la.

Não havia nenhuma emoção profunda, além da preocupação com a segurança do povo que ele governava. Não havia nenhum senso de impasse ou desejo furioso por algum resultado específico. Com Jaina e Caerne nesses momentos, Thrall usou a cabeça em vez do corpo poderoso ou das emoções. Isso era racional, intelectual. Diálogos sobre recomeços. Sobre esperança.

O Thrall presente assentiu, entendendo tudo. É claro, o Ar era o elemento da clareza de pensamentos, da inspiração, da visão e dos recomeços. Thrall tinha recomeçado com Caerne quando os orcs chegaram a Kalimdor e forjara uma paz tateante com Jaina Proudmore. Tudo com palavras e pensamentos cuidadosos. Atributos que muitos não esperariam encontrar em orcs, mas que Thrall havia cultivado por toda a vida. Desde seus dias de jovem dedicados aos livros até o momento presente, quando tomou a difícil decisão de deixar seu mundo e ir para Terralém, para Nagrand.

Ele sorriu suavemente, conforme a cena se dispersou, deixando-a ir calmamente. Sabia que com o Ar sempre haveria algo novo a descobrir, a desafiá-lo e a inspirá-lo.

Lá ele ficou, naquele lugar entre o ser e o não ser, com Aggra na forma de lobo espiritual, esperando que o quinto elemento (a centelha indefinível que permitia ao xamã conectar-se com outros elementos) se manifestasse ou algum outro sinal que lhe seria dado como ajuda. O tempo passou, mas nada aconteceu. Thrall começou a se sentir agitado. Finalmente, ele se voltou para Aggra, confuso. Sua voz ecoou no não lugar:

— Será que eu conseguirei salvar Azeroth? A Horda?

A névoa se abriu repentinamente. Thrall se viu usando a armadura negra que havia herdado de Orgrim Martelo da Perdição como líder da Horda. Ele levava a arma do falecido orc também, vestido como um guerreiro. Mas havia medo em seu rosto verde. Medo e uma

terrível sensação de perda. O Martelo da Perdição se despedaçou, cada parte se projetando para bem longe. A armadura rachou e se desfez. Thrall caiu de joelhos, vestindo apenas o que ele vestia agora, uma simples veste marrom de iniciado.

— Não — rosnou Thrall. E assim, rapidamente, ele acordou. A primeira coisa que viu foi o rosto escuro da orquisa sobre ele, com uma pintura linda, olhos meigos e um belo sorriso no rosto, curvando-se em torno de dois pequenos e afiados dentes caninos. Ele agarrou o braço dela.

— Aggra, eu falhei! Ou melhor, eu vou falhar! Eles mostraram...

— Shh. — Ela o acalmou, balançando a cabeça, calma diante do pânico que ele sentia.

— Eles mostraram uma imagem. Cabe a você interpretar o significado.

Ele começou a se levantar e viu que estava tonto. Gentilmente, ela o colocou sentado.

— A visão me pareceu bem clara.

— Eu também a vi — explicou ela. — Acredite quando eu digo que as visões mais claras costumam ser as mais confusas. Porém, há um jeito de esclarecê-las. Eu acho que você está pronto para ver a Fúrias. Você completou sua peregrinação espiritual. Está ciente de que os elementos estão integrados em você agora. Você está pronto.

— Eles vão me ajudar a entender a visão do final?

Ela deu de ombros.

— Talvez não. Porém não custa nada tentar, não é?

Ele sorriu. A forma direta de Aggra falar era exatamente o que ele precisava nesse momento.

— Quando?

— Amanhã — respondeu Aggra. — Amanhã.



Alocalização do Trono dos Elementos, tão próximo de Garadar e de tão fácil acesso, foi uma surpresa para Thrall — uma pequena ilha aninhada entre as montanhas na outra margem do Lago Canção Celeste. Ao se aproximarem, o xamã viu pedras cobertas de musgo formando um padrão.

— Por que as Fúrias vivem tão próximas? — perguntou a Aggra enquanto corriam.

Ela deu um sorriso irônico, mas seus olhos transpareciam mais jocosidade que raiva.

— Se *você* fosse a encarnação titânica de um poder elemental, a vizinhança seria uma preocupação?

Pego de surpresa, Thrall deu uma risada, um latido curto e bem-humorado. O sorriso de Aggra tornou-se mais largo.

— Alguns membros da Harmonia Telúrica garantem que as Fúrias não sejam incomodadas por trivialidades. Apenas quem realmente precisa da sabedoria delas ou quem oferece ajuda de coração aberto tem permissão para vê-las. E mesmo assim, só por cortesia. As Fúrias com certeza conseguem cuidar bem de si.

Eles deixaram o lago e pouco depois estavam pisando em solo alagadiço.

E, de repente, chegaram.

Quatro imensas criaturas, aparentemente versões menores dos elementos com os quais Thrall convivera por tanto tempo, caminhavam lentamente de um lado para outro. Eram intempestivas, selvagens e poderosas. Mesmo a distância, ele percebia sua tremenda força. Não, aqueles seres certamente não precisariam se preocupar se alguém os irritasse.

Com uma voz suave e reverente, Aggra identificou cada uma:

— Gordawg, Fúria da Terra. Aborius, Fúria da Água. Incineratus, Fúria do Fogo. E Kalandrios, Fúria do Ar. Se algo ou alguém pode ajudar você, Go'el — disse Aggra com toda

a honestidade —, são esses seres. Vá. Apresente-se. Pergunte o que quer saber.

Por um breve instante, Thrall foi catapultado para o momento do primeiro encontro que tivera com os elementos. Um a um, o espírito de cada elemento fora a ele para lhe falar à mente e ao coração. Agora, como antes, poderiam fazer o mesmo. De qual se aproximaria primeiro? Ele escolheu Kalandrios, Fúria do Ar, e deu um passo à frente.

Quase imediatamente, o poder que emanava da criatura o esbofeteou. Cambaleando, ele prosseguiu de cabeça baixa, quase derrubado pelas fortes lufadas de vento.

A grande Fúria parecia-lhe um ciclone vivo de fortes braços e brilhantes olhos vermelhos. Primeiro, Kalandrios ignorou a presença do orc. Thrall então se postou em meio à ventania, carregada de areia e folhas capazes de cortar sua pele, fechou os olhos e, como aprendera, projetou a mente.

Kalandrios, Fúria do Ar... Venho de longe pedir sua ajuda. Venho de uma terra soterrada em tribulações, mas não sei o que a perturba. Rogo a ela que me ajude, mas não tenho resposta. Em minha visão, eu era incapaz de salvar minha própria terra. Você, que ouve o clamor do Ar em Terralém, pode me ajudar? O que vejo é uma verdade pétrea, imutável?

Kalandrios mirou-o com os olhos vermelhos, e Thrall sentiu o poder daquele olhar direto. Ele falou, mas na mente do orc.

Que me importam as agruras do Ar em outra terra? Aqui mesmo minha própria essência sofre. O Ar governa o poder do pensamento, Go'el, conhecido como Thrall, filho de Durotan e Draka. Você deve ser um xamã poderoso, para eu chegar a ouvir o seu apelo. O que posso oferecer-lhe é: pense e ouça. Pense no que sua visão mostrou. Mais, não posso dar.

Não podendo ajudá-lo em mais nada, Kalandrios afastou-se outra vez. Thrall sentiu-se profundamente decepcionado, mas fez o que pôde para controlar seus sentimentos. De nada serviria sentir raiva das Fúrias. Se Kalandrios pudesse ajudar, Thrall acreditava que o teria feito. Ainda assim, não conseguia se livrar da sensação de que a Fúria estava enganada.

Lançou um olhar para Aggra e balançou a cabeça. As Fúrias falavam diretamente ao seu coração; ela não ouvira uma só palavra de Kalandrios. Em outros tempos, a falha dele teria arrancado da orquisa um sorriso escarnecedor, Thrall sabia. Desta vez, seu semblante estampava somente consternação. O orc prosseguiu na direção da próxima Fúria.

Ao chegar perto de Incineratus, Fúria do Fogo, o calor que a poderosa criatura recendia era tão intenso que fez com que Thrall virasse a cabeça e protegesse o rosto com os braços. Como se aproximar, se ao fazê-lo sua carne se queimaria e seus ossos se chamuscariam?

Gentilmente, a sabedoria o alcançou. Ignorando a dor causada pelo ardor da Fúria, o xamã buscou a calma dentro de si, no elemento do Espírito da Vida que trazia consigo.

Acalmou-se, tranquilizou os pensamentos agitados e visualizou a própria pele intacta, fria, capaz de suportar mesmo o calor poderoso da Fúria. Voltou-se para encarar Incineratus, abriu os olhos... e as ondas de calor cessaram. O xamã estava livre para avançar, e foi o que o fez, ajoelhando-se diante da Fúria do Fogo e repetindo seu pedido.

Incineratus voltou sua atenção integralmente para o orc e, mesmo com a recém-descoberta estabilidade, Thrall teve que fechar os olhos outra vez ao se aproximar e sentir o calor irradiado pelo titã a poucos metros de distância. A menor inspiração era o suficiente para queimar sua garganta, mas ele não se afastou. Era forte o bastante para falar com aquele ser; não seria ferido.

Suas palavras me enfurecem, disse a Fúria do Fogo à mente de Go'el. *O sofrimento dos meus aqui me enfurece, e não poder ajudá-lo aflige-me mais do que você jamais poderia compreender. Sem a essência do Fogo do tal lugar, como poderei falar às chamas que lá ardem? Como poderei saber por que sofrem e inquietam-se, xamã? É sua terra, são seus olhos. Sinto a paixão que o move, e concedo a você a minha própria, a paixão para fazer o que for preciso para curar seu mundo. Mais do que isso, não posso fazer.*

Uma minúscula labareda soltou-se da Fúria e foi parar na garganta de Thrall. Urrando, o xamã sentiu a chama acomodar-se em seu peito e envolver seu coração. Mesmo sentindo as vísceras arderem dolorosamente, sabia que a chama não era real. Cobrindo o coração com uma das mãos, o orc caiu de joelhos, apoiando-se na outra.

Aggra estava lá. Sua mão pousada sobre o ombro de Thrall era fria e reconfortante.

— Go'el, ele feriu você?

Thrall balançou a cabeça. A dor recuava.

— Não — respondeu. — Não... fisicamente.

Os olhos dela procuraram os dele e, em seguida, miraram Incineratus. A grande Fúria Elemental já ia longe; já havia terminado com Thrall. Aggra remexeu a bolsa que trazia em busca de um frasco de água, mas Thrall a impediu, segurando sua mão e balançando a cabeça.

— Não — disse ele com a voz rouca. — Incineratus me concedeu uma... dádiva. O fogo da paixão para fazer o que é preciso.

Aggra assentiu.

— Como aprendeu na noite passada, o fogo já arde em você. Mas é certamente uma grande dádiva. Poucos sentiram o toque das chamas de Incineratus.

Pelo que ela não dissera, Thrall soube que Aggra não fora agraciada com tal honra. Sentiu-se compelido a acrescentar:

— Não acho que a dádiva tenha sido para mim. Foi para os elementos de Azeroth, para que eu possa ajudá-los.

— Eu pedi o mesmo, para poder ajudar aqui — murmurou ela. — Mas não fui considerada digna.

Thrall pousou uma das mãos sobre a dela.

— Você é habilidosa, Aggra. Talvez o fogo em você já seja o bastante.

Surpresa, ela o encarou. Thrall esperava que Aggra fosse rejeitar seu toque e retorqui-lo com palavras afiadas. Em vez disso, ela entrelaçou a mão à dele por um longo momento, dedos verdes e marrons calorosamente unidos, e por fim afastou-se.

— Ainda faltam dois — disse ela, sob controle novamente e comportando-se com a aspereza que lhe era peculiar. — Com sua nova dádiva, talvez Gordawg e Aborius ajudem mais que Incineratus e Kalandrios. Talvez ajudem a esclarecer a sua visão. Eu mesma acho que às vezes as charadas irritam mais que iluminam.

A irreverência da orquisa surpreendeu Thrall, mas ele se sentiu obrigado a concordar. Às vezes o Fogo e o Ar podiam ser fugidios demais.

O fogo metafísico reduzira-se a uma brasa em seu coração, mas ele ainda podia senti-lo. Thrall caminhou na direção de Aborius, aproximando-se em círculos do Trono dos Elementos, e ajoelhou-se diante da Fúria da Água.

A criatura virou-se rapidamente. Antes de formular seu pedido com a voz da mente, o xamã sentiu o rosto ser atingido por um suave borrfio de água. Lambeu os beiços; era a água mais fresca e límpida que já provaria.

Go'el, sua dor e sua dúvida são minhas também. Muitos trazem suas próprias perturbações, mas poucos as sentem tão profundamente quanto você. Quisera eu poder ajudá-lo, ajudar a este mundo que acolhe cada gota que vem e que ao mesmo tempo não vem de mim. Seu coração fulgura com a paixão necessária para ajudar, para curar. Para remendar um mundo gravemente perturbado. Não posso conceder a você uma dádiva como a de Incineratus, mas lhe direi isto: não se envergonhe do que sente. A água concederá o equilíbrio de que precisa; revigorará e restaurará. Não tema os sentimentos que aflorarem na jornada para salvar seu mundo. Nem as feridas em sua alma, que você precisa curar.

Thrall ficou confuso.

Eu? Eu não estou ferido, grande Fúria, exceto pela dor e pelo tormento que assombram meu mundo.

O orc sentiu na resposta algo como uma ironia compadecida.

Só se encara o próprio fardo quando se está pronto, nunca antes. Digo novamente, Go'el,

filho de Durotan, que era filho de Garad: quando a hora chegar e você estiver pronto para curar sua ferida, não tenha medo de se entregar.

A água agora escorria pelo seu rosto. Thrall abriu a boca para sorver novamente do líquido refrescante, mas sentiu-o morno e salgado. Lágrimas. Ele chorava copiosamente, e, por um instante, Aborius permitiu que o xamã sentisse a empatia do elemento.

Soluçava sem a menor vergonha, reconhecendo verdade e bondade em seus sentimentos. As lágrimas eram parte do presente que amar Taretha Foxton lhe dera, como a noite anterior revelara de forma tão comovente. Mais do que libertar seu povo dos acampamentos, mais do que dar-lhes uma terra onde estariam seguros e felizes, Thrall percebeu que queria que o mundo em que nascera fosse restaurado. Só assim o resto se arranjaría. Somente quando Azeroth se recuperasse da estranha e furiosa ferida que a fazia estremecer e palpitar e gemer, só então a Horda — ou a Aliança — poderia realmente crescer e se expandir. Tinha sido esse o chamado que o motivara a ir para Terralém. Por isso deixara a Horda para trás, a Horda que amara e ajudara a criar. Realmente fora a única escolha.

Tremendo, o xamã levantou-se e esfregou os olhos com o antebraço. Em seguida, virou-se para encarar a última das Fúrias.

Gordawg talvez fosse a mais imponente das Fúrias, mais até que o ardente Incineratus. A Fúria da Terra parecia uma montanha viva, e, ao se aproximar, Thrall sentiu o chão estremecer sob seus pés.

A Fúria parecia sequer notar a presença de Thrall, caminhando para longe enquanto o orc se apressava para alcançá-lo. Com os pensamentos, Thrall implorou por um instante de atenção. Gordawg estacou tão bruscamente que o xamã quase se chocou com ela.

Lenta, enorme, ela virou-se e encarou o orc, minúsculo.

O que quer de Gordawg?

Venho de uma terra chamada Azeroth. Os espíritos elementais de lá estão perturbados. Toda a dor que sentem é demonstrada em incêndios, enchentes, terremotos.

Gordawg observava-o do alto, os olhos brilhantes estreitando-se.

Por que tanta dor?

Não sei, Fúria. Eu pergunto, mas as respostas que me dão são caóticas. Tudo o que sei é que sofrem. As outras Fúrias não puderam me ajudar a solucionar este mistério e apaziguar os elementos de Azeroth.

Gordawg assentiu como se já esperasse por essa resposta.

Gordawg quer ajudar. Mas outra terra muito distante. Sem conhecer terra, impossível.

Thrall não se surpreendeu. Era o mesmo motivo pelo qual as outras Fúrias não podiam

oferecer ajuda: não era seu mundo, elas não sabiam nada sobre Azeroth. Algo lhe ocorreu.

Gordawg, há um portal entre Azeroth e o que resta de Draenor. Antes, ele permanecia fechado para que a destruição de Draenor não se espalhasse para o meu mundo. Hoje, a doença do meu pode contaminar o seu, se eu não impedi-la. Não há nada que possa fazer para me ajudar? E, ajudando a mim, talvez proteger Terralém?

Gordawg ouve. Gordawg entende. E Gordawg diz de novo: deste mundo, Gordawg sabe. A grande criatura ajoelhou-se, apanhou um punhado de terra e levou-o à bocarra diante dos olhos alarmados do orc.

Eu como. Eu sei por onde essa terra passou, todos os segredos.

Thrall arqueou as sobrancelhas quando uma ideia lhe ocorreu. Poderia ser tão simples?

Aonde quer que fosse, ele sempre trazia consigo um pequeno altar — uma pena para representar o Ar, um pequeno cálice para a Água, pederneira e acendalha para o Fogo e...

Uma pequena rocha para a Terra. O xamã imediatamente remexeu a bolsa com os dedos trêmulos de esperança e medo. Por fim, a mão ressurgiu, segurando a pequena rocha.

Parte de um elemento de Azeroth. Os outros itens — pederneira e acendalha, cálice, pena — eram apenas símbolos. Mas aquele *era* o elemento que representava.

Gordawg, esta é uma pedra de meu mundo. Se puder descobrir qualquer coisa com ela, rogo que, por favor, me diga.

A Fúria observava. A rocha era minúscula. Curvando-se outra vez, Gordawg estendeu a mão para que Thrall lhe desse a rocha.

Não tem muito para Gordawg provar, queixou-se ele. Mas Gordawg vai tentar. Gordawg quer ajudar.

A rocha era somente um grão na mão descomunal, e Thrall observou a criatura enfiá-la pela goela gigantesca. Olhou de esguelha para Aggra, que apenas estendeu as mãos e encolheu os ombros. Estava tão confusa quanto ele.

Subitamente, Gordawg urrou. *Terra não é assim. Algo errado. Pedra com raiva, assustada. Alguma coisa fez isso!*

Thrall ouvia, quase sem respirar.

Já foi certa, mas agora está errada. Era do mundo, mas agora é sombria e não é natural. Estava ferida, antes, mas agora está curada, só que cura também errada. Muita raiva. Quer machucar outros também. Para isso, vai machucar a terra. Alguém tem que impedir!

Com uma batida do imenso pé, o lugar todo estremeceu.

Essa... coisa, indagou Thrall, está em Azeroth?

Rocha com medo de que ela vá. Não para lá, não ainda. Mas rocha com muito medo.

Pobre pedrinha. Uma das mãos imensas ergueu-se e apontou um enorme dedo rochoso para o orc. Você ouve pedra amedrontada pedir ajuda. Todos os elementos. Terremotos, maremotos, incêndios — tudo mensagens dos elementos dizendo que têm medo. Você precisa impedir que eles sejam feridos... ou talvez totalmente destruídos!

Como posso fazer isso? Por favor, diga!

Gordawg balançou a cabeça gigantesca. Gordawg não sabe. Talvez outro xamã que também ouça pedrinha assustada saiba. Mas digo o seguinte: já comi algo parecido com esse medo. Quase o mesmo medo que sinto na terra antes do mundo ser rasgado em pedaços. Medo de ser quebrado. De ser estilhaçado.

Gordawg deu meia-volta e começou a se afastar. Thrall o observava em choque.

— Ele comeu a pedra que você deu — disse Aggra, postando-se ao lado de Thrall. — Ajudou em algo?

— Ajudou — sussurrou Thrall. Limpou a garganta, meneou a cabeça. — Ele me disse que a pedra estava com medo. Os elementos sabem que algo terrível se aproxima. Algo que já foi bom, já esteve em harmonia com o mundo, mas que agora já não é mais natural. Foi ferido, e agora arde de desejo de ferir os outros.

Virando-se para encará-la, continuou:

— E uma última coisa: eu tenho que voltar para Azeroth. Acho que não teriam me oferecido ajuda se eu não pudesse fazer nada. Preciso descobrir exatamente o que causa tanto medo aos elementos... e fazer o que puder para impedir essa coisa. A pedra irradiava um terror parecido com o que Draenor sentiu antes...

— ...antes de ser estilhaçado — completou Aggra, os olhos arregalados de medo. — Sim, Go'el. Sim! Não devemos deixar um cataclismo assim acontecer duas vezes.

Com a sede de sangue e o calor da vitória sobre Caerne abrandados — Caerne Casco Sangrento, uma lenda, uma das figuras mais importantes da história da Horda em Azeroth —, Garrosh se surpreendeu ao flagrar-se com sentimentos conflitantes.

O desafio partira de Caerne. Garrosh ainda não sabia o porquê. O chefe tauren decidiu disparar acusações sobre... algo sobre um suposto ataque a druidas em algum lugar. Garrosh não sabia absolutamente nada sobre aquilo, mas, depois que o golpe humilhante fora dado e o desafio, lançado, não havia volta. Para nenhum deles. O velho touro lutou bravamente. Garrosh jamais o admitiria, mas em vários momentos teve medo de não sobreviver ao combate. Mas sobrevivera. Com o sangue do Grande Chefe nas mãos, sim, mas sem nenhuma culpa. A luta fora justa, honrada, e ambos os combatentes sabiam que somente um

deles sairia vivo.

E ainda assim... embora não houvesse sentimento de culpa, Garrosh descobriu que havia pesar. Ele jamais desgostara de Caerne, mesmo tendo entrado em conflito com o Grande Chefe diversas vezes por causa de suas crenças a respeito do que seria melhor para a Horda. Era uma pena que Caerne, com sua mentalidade ultrapassada, fosse incapaz de compreender o que precisava ser feito.

Depois da acalorada comemoração dos que o apoiavam, quando a noite já se tornava manhã, Garrosh viu-se de volta à arena. O corpo de Caerne fora retirado quase instantaneamente, levado sabe-se lá para onde. Ele não sabia o que os taurens faziam com seus mortos. Queimavam, enterravam?

Ainda havia sangue por todo o chão. Garrosh imaginava que alguém teria que vir limpar. Cuidaria daquilo pela manhã. O que o preocupava naquele momento era o constrangimento de ter negligenciado por tanto tempo a tarefa vital de manter a arma devidamente limpa. Falando nisso, onde estava... Ele olhou em volta, ficando mais preocupado ao não ver o machado.

— É Uivo Sangrento que você procura? — A voz alarmou Garrosh. Quando se virou, o Chefe Guerreiro deu com um dos Kor'krons, segurando seu estimado machado e curvando-se. — Nós recuperamos o machado e o guardamos para você num local seguro.

— Obrigado — respondeu Garrosh. A presença constante e às vezes imperceptível das unidades de elite da guarda o incomodava. Mas era preciso admitir, eles eram úteis em situações como essa. Estava com raiva por se ter deixado levar pelo entusiasmo e abandonado Uivo Sangrento daquela maneira. Não aconteceria de novo. Dispensou o guarda-costas com um gesto, e o Kor'kron curvou-se outra vez e desapareceu nas sombras, deixando Garrosh sozinho com o machado que fora de seu pai.

Fitando a arma e o sangue que marcava o local exato onde Caerne sucumbira, Garrosh ouviu outra voz. Um orc, mas certamente não um de seus guarda-costas.

— É uma grande perda para a Horda, e eu sei que você sabe disso.

O Chefe Guerreiro voltou-se e viu Eitrigg sentado na arquibancada. O que o velho orc fazia ali? Garrosh não se lembrava de tê-lo visto durante o combate, mas com certeza o velho estivera lá. Percebeu que pouco se lembrava da luta propriamente dita; não surpreendia que não estivesse prestando atenção a quem assistia. Estava ocupado demais.

Primeiro Garrosh considerou castigar o ancião, mas sentiu-se estranhamente cansado.

— É, eu sei. Mas não tive escolha. Ele me desafiou.

— Muitos viram o desafio. Não discuto isso. Mas você percebeu como ele caiu rápido?

Algo se moveu nas entranhas de Garrosh.

— Eu não me lembro de muita coisa. Foi... rápido. E acalorado.

Eitrigg assentiu. Muito lentamente, pois Garrosh sabia que suas juntas doíam, o ancião desceu até a arena, falando enquanto caminhava:

— É verdade. Quantos golpes você recebeu? Quantos Caerne desferiu? Muitos. E ainda assim ele caiu muito rápido depois de receber apenas um.

— Foi um belo golpe — disse Garrosh, petulante até para os próprios ouvidos. Tinha mesmo sido um belo golpe? Em cheio no peito. Não fora? A sede de sangue turvara tudo...

— Não — disse Eitrigg, ríspido. — Foi um corte grande, mas superficial. E mesmo assim, ele não se defendeu quando o golpe mortal veio. — O velho orc já estava ao seu lado. — Você não acha isso estranho? Eu acho. E não estou sozinho. Caerne morreu rápido demais, Garrosh, e mesmo que você não tenha notado, outros notaram. Gente como eu e Vol'jin, que veio até mim há pouco. Outros que se perguntam como um guerreiro tão bom quanto Caerne pôde sucumbir a um golpe que passou de raspão.

Garrosh estava começando a se enfurecer.

— Fale de uma vez! — urrou. — O que você está tentando dizer? Está sugerindo que não venci a luta honestamente? Por acaso eu teria deixado ele me causar tantas feridas se estivesse trapaceando?

— Não. Não acho que você tenha trapaceado. Mas acredito que alguém mais, sim. — O ancião estendeu um dedo encarquilhado na direção de Uivo Sangrento. — Sua lâmina foi abençoada com óleo sagrado por um xamã.

— A de Caerne também. É o que acontece em todos os combates do mak'gora — irritou-se Garrosh. — É *parte* da tradição. Não há desonra nisso! — Estava começando a levantar a voz, e uma estranha emoção se revolia dentro dele. Poderia ser... medo?

— Veja a cor do óleo. É negro e grudento. Não! Em nome dos ancestrais, *não toque nele!*

A maior parte da lâmina que ceifara a vida de Caerne estava coberta de sangue ressecado. Mas em um pequeno ponto do fio, Garrosh viu uma substância negra como piche, algo que não se parecia em nada com o óleo dourado e brilhante que era usado para untar as armas.

— Quem foi que abençoou Uivo Sangrento, Garrosh Grito Infernal? Quem foi que abençoou o machado que assassinou Caerne Casco Sangrento? — A voz de Eitrigg continha raiva, mas não era a Garrosh que ela estava dirigida.

Garrosh sentiu náusea.

— Magatha Temível Totem. — Sua voz era um mero sussurro.

— Não foi sua habilidade que matou seu adversário. Foi o veneno de uma conspiradora maligna que usou você como peão para se livrar do inimigo. Você sabe o que houve no penhasco do Trovão enquanto você estava comemorando?

Garrosh não queria ouvir, os olhos fixos no machado. Mas Eitrigg continuou.

— Assassinos Temível Totem tomaram o penhasco do Trovão, a aldeia Casco Sangrento e várias outras fortalezas tauren. Mestres, poderosos xamãs, druidas, guerreiros... Todos mortos. Taurens inocentes massacrados enquanto dormiam. Baine Casco Sangrento está desaparecido, provavelmente morto. Escorre sangue de uma cidade pacífica, porque você foi orgulhoso demais para perceber o que estava acontecendo literalmente diante dos seus olhos!

Garrosh ouvia com horror crescente, até que berrou:

— Basta! *Cale-se*, velho!

Ambos permaneceram imóveis, encarando-se.

Então algo se partiu em Garrosh.

— Ela roubou minha honra — balbuciou. — Roubou minha vitória. Eu nunca saberei se teria sido forte o bastante para derrotar Caerne Casco Sangrento em uma luta justa. Eitrigg, você tem que acreditar em mim!

Pela primeira vez na noite, os olhos do orc velho carregavam um brilho de compreensão.

— Eu acredito, Garrosh. Ninguém questiona sua honra em batalha. Se Caerne soubesse o que estava acontecendo com ele quando morreu, também saberia que não foi culpa sua. Mas saiba que a dúvida foi semeada aqui esta noite. A dúvida de que você tenha lutado honradamente. E agora se fala nisso, aos sussurros. Nem todos são compreensivos como eu e Caerne Casco Sangrento.

Garrosh encarou a lâmina coberta de sangue — e veneno — em sua mão. Magatha roubara-lhe a honra. Roubara-lhe o respeito que tinha aos olhos da Horda, que ele tanto amava. Ela o usara, e usara Uivo Sangrento também, a arma que seu próprio pai outrora empunhara. Fora untado com veneno, a arma dos covardes. O machado também fora desonrado. Magatha, com seu ato baixo e traiçoeiro, cuspiu na cara das tradições xamânicas. E agora Eitrigg dizia que havia quem acreditasse que ele estava deliberadamente envolvido?

Não! Ele mostraria a Vol'jin e a todos os outros que sussurravam mentiras exatamente o que pensava deles. Cerrou os olhos, apertou o cabo de Uivo Sangrento e deixou que a fúria tomasse o controle.



Quando Anduin se materializou inesperadamente quase diante de seus olhos, o primeiro instinto de Jaina foi entrar em contato com Varian. Mesmo com Moira fazendo um excelente trabalho, mantendo todas as comunicações que chegavam e partiam de Altaforja sob atenta vigilância, o isolamento completo era quase impossível. O rei de Ventobravo tentara contatar o filho, enviando-lhe cartas urgentes. Sem resposta, preocupou-se e enfureceu-se.

Jaina não tinha filhos, mas era fácil se pôr no lugar de Varian, pai de um filho com quem se reunira apenas recentemente e rei que temia pela segurança de seu reino. Porém ainda mais importante que apaziguar os medos do rei era desarmar uma situação potencialmente explosiva. Às vezes, duas pessoas eram mais que suficientes para começar e encerrar questões políticas. Ela não conhecia Baine, mas sua reputação o precedia. Jaina conhecia, respeitava e sentia um grande apreço por seu pai. Pondo a própria vida em risco, Baine viera até ela, confiante de que o ajudaria. A moça conhecia Anduin bem o suficiente para saber que, se o choque e a desconfiança iniciais fossem minimizados, uma conversa produtiva teria lugar.

Assim, a grã-senhora mitigou os temores de ambos e fez com que falassem, tanto com ela como entre si. As notícias que traziam eram terríveis, cada uma a sua maneira. Baine falou do assassinato de Caerne pelas mãos de Garrosh e Magatha, do massacre de um povo pacífico em um dos golpes mais sangrentos de que Jaina já ouvira falar. E Anduin, do retorno de uma filha cujo direito ao trono em nada amenizava o pavor provocado pelo modo extremamente tirânico como entrava numa cidade e destituía os cidadãos de sua liberdade.

De maneiras diferentes, ambos eram fugitivos. Jaina prometeu mantê-los em segurança e ajudar como pudesse, embora ainda não houvesse planos de como faria isso.

As vozes começavam a enrouquecer, e as cabeças, a pesar — inclusive a de Jaina. Mas estava satisfeita com o que haviam alcançado. Baine lhe dissera que seus acompanhantes esperavam que retornasse; se não o fizesse, provavelmente seria considerado traidor. Jaina compreendia; ela faria o mesmo. A grã-senhora abriu um portal para levá-lo aonde quisesse, e o tauren entrou, deixando-a a sós com Anduin.

— Aquilo foi... — Anduin procurava as palavras. — Me sinto mal por ele.

— Eu também... E por todos os pobres taurens no penhasco do Trovão, na aldeia Casco Sangrento e em todos os outros pontos que foram atacados. E Thrall... Não faço ideia do que ele vai fazer quando souber. — O nobre coração do orc se despedaçaria, ela tinha certeza. E indiretamente, tudo aquilo acontecera porque ele tinha indicado Garrosh como líder durante sua ausência. Isso o devastaria.

Ela suspirou e livrou-se do pensamento, virando-se para dar em Anduin o abraço caloroso que não pudera dar antes.

— Estou muito feliz por você estar a salvo!

— Obrigado, tia Jaina — respondeu o jovem, abraçando de volta e depois se afastando.

— Meu pai... Posso falar com ele?

— É claro — disse Jaina. — Venha comigo.

As paredes do pequeno e aconchegante cômodo que Jaina ocupava estavam cheias de livros, como era de se esperar. Ela se aproximou de uma prateleira e tocou três deles em uma ordem específica. Anduin ficou boquiaberto ao ver a estante deslizar para revelar um espelho oval simples. Ao ver o queixo caído no reflexo e perceber como parecia idiota com aquela cara, o príncipe fechou a boca com pressa.

Jaina não parecia ter notado. Murmurou um encantamento e fez um gesto, e os reflexos de Anduin, de Jaina e do quarto desapareceram. Em seu lugar, um redemoinho de névoa azul surgiu.

— Espero que ele esteja por perto — disse Jaina franzindo o cenho. — Varian?

Um momento longo e tenso se passou até a névoa azul começar a tomar forma. Um coque castanho, um rosto em azul mais claro, uma cicatriz cruzando o rosto...

— Anduin! — exclamou Varian Wrynn.

Jaina não pôde conter o sorriso, mesmo em meio à gravidade da situação, quando sentiu o amor e o alívio que carregavam a voz e a expressão de Varian.

Anduin sorria.

— Oi, pai.

— Ouvi boatos... Como... É claro, a pedra de regresso — concluiu Varian,

respondendo à própria pergunta. — Jaina, devo a você meus mais profundos agradecimentos. Você pode ter salvado a vida de Anduin.

— Foi a própria inteligência quem o lembrou de usá-la — esquivou-se Jaina. — Eu só dei a ferramenta.

— Anduin, aquela bruxa anã feriu você? — Varian cerrou as sobrancelhas escuras. — Se machucou, eu vou...

— Não, não. — Anduin apressou-se em acalmar o pai. — E não acho que me machucaria. Eu sou muito importante para ela. Vou contar o que aconteceu.

O príncipe contou ao pai tudo o que havia acontecido, rapidamente, de forma concisa e com precisão. As palavras eram praticamente as mesmas que usara para contar a história a Baine e Jaina. Não era a primeira vez que a maga se pegava admirando a cabeça fria de Anduin, especialmente considerando que, assim como ela, o príncipe recentemente acumulara pouquíssimas horas de sono e trabalhava sob extrema tensão.

— Então, veja só, a reivindicação dela é legítima — completou Anduin.

— Não a de imperatriz — retorquiu Varian.

— Bom, não. Mas a de princesa, sim, e de rainha também, porque ela foi coroada formalmente. Ela não precisa disso... sair por aí aprisionando gente.

— Não — respondeu o rei. — Não mesmo. — Seus olhos voltaram-se para Jaina. — Jaina, não vou abrir o jogo para Moira e espalhar por aí que Anduin conseguiu fugir. Ela deve ficar de molho por algum tempo. Isso significa que vou lhe pedir um favor.

— É claro que ele pode ficar aqui comigo — respondeu Jaina antes mesmo de o rei formular o pedido. — Ninguém o viu, e os poucos que verão são absolutamente confiáveis. Quando tudo estiver pronto para mandá-lo para casa, avise.

Anduin assentiu. Ele esperava por essa decisão, mas Jaina viu uma sombra de desapontamento passar pelo rosto do príncipe. Ela não o culpava. Qualquer pessoa na mesma posição preferiria voltar para casa e pôr um fim a tudo aquilo.

— Obrigado — disse o rei de Ventobravo. — Publicamente, é claro, mantereí o tom esbaforido que ela espera de mim.

— Sim, eu também. Deixaremos Moira pensar que conseguiu ocultar seu golpe. Enquanto isso...

— Não se preocupe. — Varian sorriu friamente. — Eu tenho um plano.

Com isso, seu rosto desapareceu. A interrupção abrupta surpreendeu a jovem maga.

— Ele parecia bravo — boquejou Anduin.

— Eu tenho certeza de que ele está bravo. Eu também fiquei brava quando soube de

tudo, do perigo em que você estava. E ele é seu pai.

Anduin suspirou.

— Eu só queria poder ajudar mais o povo de Altaforja, ou os taurens.

Jaina resistiu ao impulso de afagar-lhe os cabelos. Ele não era mais uma criança, e mesmo sendo educado o suficiente para não protestar, ela suspeitava que isso o incomodaria. Por fim, contentou-se em dar um sorriso reconfortante.

— Anduin, acredite em mim quando digo que você vai encontrar um jeito.

Com surpresa e satisfação, o príncipe recebeu a notícia de que Baine Casco Sangrento requisitara sua presença ao lado de Jaina na reunião da noite seguinte. Mesmo que a sala de estar onde conversaram na noite anterior parecesse inadequada para negociações tão importantes, Anduin não se opôs quando Jaina sugeriu que se encontrassem lá novamente. Nem Baine, mesmo sendo óbvio que nada na sala fora projetado para alguém do seu porte. O jovem Wrynn se perguntou se o tauren também se sentia confortável naquela sala, tão distante do que o rapaz acreditava ser o modo de vida tauren. Mas grupos de amigos se reuniram tantas vezes ali para espantar o frio de um dia chuvoso com boa conversa, chá quente e biscoitos que talvez houvesse algo daquele estado de espírito impregnado no lugar e, de alguma maneira, Baine pudesse percebê-lo.

Era um jeito estranho de conduzir negociações, pensou Anduin, lembrando-se do encontro em Theramore tempos atrás. Nenhuma declaração formal, nenhuma arma baixada, nenhum guarda. Apenas três pessoas.

Ele decidiu que gostava daquilo.

Baine e Jaina já estavam lá quando Anduin chegou. Para o príncipe, o tauren parecia um pouco mais calmo, no entanto mais triste que na véspera. Anduin cumprimentou Baine com educação e sinceridade, curvando-se à distância adequada a um igual. O tauren respondeu com seu próprio gesto de respeito, tocando-lhe o coração e a testa. Anduin sorriu. O sorriso, que, no princípio, era amarelo, tornou-se mais suave e sincero quando o rapaz fitou Baine.

Os três se sentaram no chão. Anduin estava de costas para a lareira, sentindo o fogo aquecer suas costas confortavelmente. Jaina trouxera uma bandeja com o chá, posicionada no centro do triângulo. Desta vez, observou Anduin, havia uma caneca de tamanho maior para o convidado.

Baine, também atento ao detalhe, bufou suavemente de satisfação.

— Obrigado, Grã-senhora Jaina. Muito atencioso da sua parte. Acho que Thrall faz

bem em confiar em você.

— Obrigada, Baine. A confiança de Thrall significa muito para mim. Eu jamais faria nada para perdê-la, nem para perder a sua.

Baine bebeu da caneca, que, mesmo grande, ainda parecia pequena nas mãos imensas do tauren. Ele fitou-a por um tempo.

— Alguns Renegados dizem que conseguem ler as folhas de chá — disse ele. — A senhora já ouviu falar dessa arte, Grã-senhora Jaina?

Jaina balançou os cabelos dourados.

— Não, nunca — respondeu. — Mas já ouvi dizer que folhas de chá usadas dão um excelente adubo.

Não era uma piada tão boa, mas todos sorriram.

— É, dá na mesma. Eu não preciso de um oráculo para dizer o que meu futuro guarda. Tenho pensado muito, rogado pela orientação da Mãe Terra. Tenho pedido a ela que guie meu coração. Ele agora está cheio de dor e raiva, e não sei se isso seja sábio.

— O que ele diz a você? — perguntou Jaina, baixinho.

O tauren fitou a humana com seus olhos castanhos tranquilos.

— Meu pai foi tomado de mim por uma traição. Meu coração deseja vingança por isso. — Mesmo com a voz poderosa de Baine absolutamente calma, quase inalterada, ainda assim Anduin encolhia-se instintivamente. Aquele tauren não era alguém para se ter nos calcanhares clamando por vingança.

— Meu coração diz: tomaram de você, tome deles. Tome os Temível Totem, que entraram numa cidade pacífica do seu próprio povo na calada da noite e sufocaram e degolaram vítimas que dormiam um sono profundo demais para revidar. Tome a matriarca deles, que envenenou a lâmina quando deveria untá-la segundo as tradições sagradas. Tome o *tolo* arrogante que ousou lutar contra meu pai, que só poderia vencer se rebaixando a...

A voz de Baine começava a se elevar, a calma em seus olhos lentamente dando lugar à raiva. Suas mãos se fecharam em punhos do tamanho da cabeça de Anduin, e seu rabo começou a se agitar. Subitamente, o tauren parou de falar e respirou fundo.

— Como veem, meu coração não é sábio agora. Concordo com ele em uma coisa. Preciso retomar o território do meu povo: o penhasco do Trovão, a aldeia Casco Sangrento, o retiro Rocha do Sol, a aldeia Mojache e todas as outras aldeias e postos aonde eles marcharam e derramaram sangue inocente.

Anduin percebeu que estava assentindo. Ele concordava perfeitamente, por diversas razões. Os Temível Totem não deveriam ser recompensados pela violência e crueldade que

demonstraram, e Baine daria um líder muito superior a tal Magatha, além de qualquer esperança de paz com a Aliança depender diretamente do jovem e corajoso tauren estar à frente de seu povo.

— Também acho que é o que você deve fazer — observou Jaina, imprimindo à voz um tom de cautela que Anduin não pôde deixar de notar. Ele sabia que ela já se perguntava o que Baine faria exatamente e qual seria a participação dela nisso. Jaina devia querer muito ajudar, ou sequer permitiria que o tauren fosse ter com ela. O príncipe segurou a língua para que Baine continuasse.

— Mas há uma coisa que não posso e não devo fazer. Por mais que meu coração o queira. Não posso fazer isso porque sei que meu pai não aprovaria. Tenho que honrar seus desejos, as coisas pelas quais lutou, o que fez com sua vida, e não minhas emoções. — Baine soltou um longo suspiro. — Por mais que o deseje, não posso atacar Garrosh Grito Infernal.

Jaina relaxou quase imperceptivelmente.

— Garrosh foi nomeado pelo meu Chefe Guerreiro, Thrall. Meu pai jurou lealdade a Thrall, e eu também. Ele acreditava em seu coração que Garrosh era o verdadeiro responsável pelo ataque às Sentinelas no Vale Gris, além de um ataque a uma reunião pacífica de druidas. Por isso desafiou Garrosh para o mak'gora, para o bem da Horda, mantendo o desafio mesmo quando Grito Infernal mudou as regras e determinou que lutassem até a morte. Naquela situação, acho que ele fez o que tinha que ser feito. Seus motivos não eram raiva, nem ódio, nem vingança. — A voz de Baine pareceu quebrantar-se ligeiramente. — Eram o amor que sentia pela Horda e o desejo de vê-la em segurança. Ele daria a vida por ela, e foi com a vida que pagou.

Quando o príncipe de Ventobravo deu por si, palavras irrompiam de seus lábios antes que pudesse impedi-las:

— Mas ninguém pode negar que você tem direito a essa vingança, principalmente se puder provar que Garrosh permitiu que Magatha envenenasse o machado! E o ataque aos druidas...

A irrupção não teve a aprovação de Jaina, e Baine pareceu alarmado. A imensa cabeça girou lentamente para encarar Anduin.

— É. Mas o que você não compreende, e talvez nem você, Jaina, é que meu pai lançou o desafio para o mak'gora. O resultado decide o assunto de uma vez por todas. Foi a Mãe Terra quem disse.

— Mas se Garrosh trapaceou...

— Temos evidências de que Magatha envenenou o machado. Mas não de que Garrosh

permitiu. Não havia dúvida no coração do meu pai. A dúvida está no *meu*. Desafiá-lo sem certeza absoluta de que estou certo seria ignorar a tradição ancestral do meu povo. Digamos que eu não goste da lei e decida não a obedecer. Negar a Mãe Terra. O que isso me torna, jovem Anduin?

Anduin assentiu lentamente.

— Não é certo dizer que é uma maneira justa de decidir o certo e o errado num dia e, no outro, dizer que não é mais justo porque o resultado não foi como você gostaria.

Baine bufou suavemente em aprovação.

— Então você compreende. Isso é bom. Meu pai desafiou Garrosh na tentativa de curar a Horda. Se fizer o mesmo, o efeito será o oposto. Seria destruir o modo de vida tauren, destruir tudo pelo que lutamos em um esforço mal direcionado para proteger justamente essas coisas. Não foi para que o próprio filho fizesse isso que Caerne Casco Sangrento sacrificou a vida. Por isso, não é o que farei.

Anduin sentiu um calafrio descer sua espinha. Ele sabia o que muitos humanos e representantes de outras espécies da Aliança pensavam dos taurens e da Horda. Diversas vezes ele ouvira sussurros; outras vezes, berros. Monstros, era como chamavam a Horda. Os taurens, pouco mais que animais. Agora, o príncipe percebia que em seu curto tempo de vida neste mundo, jamais testemunhara tanta integridade em uma situação tão grave.

Também era visível que Baine não estava em paz com sua decisão. Ele sabia que era o certo, mas não era o que queria fazer. Sem saber exatamente como, Anduin percebeu que o tauren sentado à sua frente... não se sentia capaz.

Baine não se julgava capaz de ser o tauren que o pai fora, e, encoberto por palavras que claramente custaram dor e pensamentos angustiantes, estava o medo de que, de alguma forma, fosse falhar.

O jovem Wrynn sabia muito bem o que era viver à sombra de um pai poderoso. Era sabido e ululante que Baine e Caerne eram muito próximos. Anduin sentiu uma vergonhosa onda de inveja ao constatar que ele e Varian não eram mais próximos, embora já houvessem sido e ele desejasse que tornassem a ser. Como se sentiria se seu pai fosse brutalmente arrancado de sua vida? Como Varian se sentira quando seu próprio pai fora assassinado? Sem a sabedoria daquele a quem o nome do filho homenageava, Anduin Lothar, o que o rei de Ventobravo teria feito?

Algum dos dois Wrynn poderia sentir a dor — Baine obviamente não fingia que ela não existia — e ainda assim escolher o melhor para o povo, em vez de atender aos próprios impulsos?

— Volto já — disse Anduin subitamente.

Sentindo os olhares curiosos que o seguiam, o príncipe curvou-se e correu até o quarto em que Jaina o alojara. Debaixo da cama estavam o embrulho que trouxera consigo quando usara a Pedra de Regresso para fugir de Altaforja e a gaiola dourada que Moira havia forjado para ele. Apanhou o embrulho e voltou correndo para onde estavam Jaina e Baine. A maga tinha entre as sobrancelhas a discreta ruga que revelava ao rapaz sua ligeira irritação. Ele retomou seu lugar e remexeu a bolsa, puxando um objeto cuidadosamente enrolado em uma tira de tecido.

— Baine... Não sei... Talvez seja intromissão minha, e nem sei se você se importa com a minha opinião, mas... Eu quero que saiba que entendo por que você escolheu esse caminho. Acho que fez a escolha certa.

O tauren semicerrou os olhos especulativamente, mas não interrompeu.

— Mas... O que eu acho... — Anduin procurava as palavras certas, sentindo o calor assomar-se em seu rosto. Um impulso que não entendia completamente o guiava, e ele torcia para não acabar se arrependendo. Respirou fundo. — Eu acho que você não acredita realmente que o caminho que escolheu seja o certo. Acho que você tem medo... de não conseguir trilhar por ele. Tem medo de não ser o melhor líder para seu povo, como seu pai era.

— Anduin... — A voz de Jaina era penetrante. Um aviso.

Baine ergueu a mão:

— Não, Grã-senhora Jaina. Deixe-o terminar. — Seus olhos castanhos miravam intensamente o azul dos olhos do príncipe.

— Mas... *Eu* acredito em você. Acredito que Caerne Casco Sangrento ficaria mais que orgulhoso se ouvisse o que você disse aqui hoje. Você é como eu. Nós nascemos para nos tornar governantes do nosso povo. Não pedimos isso, e qualquer um que pense que nossa vida é fácil ou divertida não sabe *nada* sobre o que significa ser como nós. Ser filho de um líder, ser obrigado a pensar em liderar também. Uma vez, uma pessoa acreditou em mim e me deu isso.

Anduin desenrolou o embrulho em seu colo. Quebra-medo cintilou à luz do fogo. Os dedos do príncipe percorriam a arma antiga enquanto ele falava. Sua mão ansiava por agarrar o cabo, mas ele resistiu.

— O rei Magni Barbabronze me deu isso na véspera... na véspera do ritual que causou sua morte. É uma arma muito antiga, chamada Quebra-medo. A gente falou de responsabilidade, e às vezes todo mundo espera coisas que não queremos fazer. — Anduin

fitou Baine. — Acho que os taurens estarão com raiva e sede de vingança, exatamente como você. Alguns não ficarão nada felizes quando souberem que você não vai derramar sangue. Mas você sabe que este é o caminho certo, para você e para eles. Eles podem até não ver agora, mas um dia verão.

O príncipe ergueu Quebra-medo, segurando a arma cuidadosamente com as mãos. As palavras de Magni ressurgiram em sua mente: *Já provou o gosto de sangue e, em certas mãos, também já estancou sangramentos. Vamos, pegue. Vamos ver se ela gosta de ti.*

Ele não queria soltá-la. *Se alguma coisa foi feita direitinho para alguém, foi essa arma para ti*, dissera Magni com absoluta certeza.

Mas Anduin não estava tão certo. Talvez ela tivesse sido feita para ser dele só por algum tempo. Só havia uma maneira de descobrir.

Ergueu a arma e entregou-a a Baine.

— Tome. Segure. Vamos... Vamos ver se ela gosta de você.

Mesmo confuso, Baine obedeceu. A maça era grande demais para Anduin, mas parecia pequena em suas mãos. Baine observou a arma por um bom tempo. Então inspirou profundamente e suspirou, esvaziando o peito, relaxando o corpo. A reação do tauren fez Anduin dar um sorriso discreto.

Apenas alguns segundos depois, Quebra-medo começou a brilhar ligeiramente.

— Ela *gosta* de você — falou Anduin com seus botões, sentindo assomar no peito um sentimento de perda. Ele nem tivera a chance de empunhar a arma antes de ela expressar o desejo de ser repassada. Ao mesmo tempo, não sentia arrependimento nenhum. De uma maneira que Anduin não compreendia totalmente, e talvez jamais compreendesse, a maça escolhera Baine, assim como escolhera ele no passado.

— Ela também acha que você está tomando a decisão certa. Ela acredita em você, como eu e Jaina. Por favor, leve esta arma com você. Se ela foi destinada para mim, foi para que eu pudesse entregá-la a você.

Baine permaneceu imóvel por um instante. Então, com os grandes dedos, empunhou Quebra-medo com firmeza.

Anduin sentiu a Luz acariciar seu peito e encher seu coração. Ainda sem saber exatamente o que fazia, o príncipe de Ventobravo ergueu a mão. Ela emitiu um clarão, e um brilho suave cobriu Baine e desapareceu tão rapidamente quanto surgira. Os olhos do tauren arregalaram-se. Ele respirou fundo e, diante dos olhos de Anduin, acalmou-se.

O jovem Wrynn conhecia aquele sentimento. Mas, dessa vez, era ele que abençoava Baine, em vez de Rohan o abençoar. O tauren estava sentindo a mesma paz que Anduin

sentira ao ser abençoado por Rohan com uma proteção contra o próprio medo. Ele ergueu a cabeça.

— Uma honra vinda de você, Anduin, e de Magni Barbabronze. Saiba que ficará guardada em meu coração.

O rapaz sorriu. Jaina encarava-o estupefata. Seus olhos, grandes e brilhantes, voltavam-se ora para Anduin, ora para Baine, enquanto seus lábios desenhavam um sorriso discreto.

O tauren perscrutava a arma reluzente.

— Luz — disse. — Meu povo não acha que a escuridão é má, Anduin. Como é algo que ocorre naturalmente, não pode ser ruim. Mas nós também temos nossa própria Luz. Honramos os olhos da Mãe Terra, o sol e a lua, ou, como os chamamos, An'she e Mun'sha. Não há melhor nem pior; juntos, veem em equilíbrio. Sinto nesta arma um equilíbrio parecido com o deles, mesmo vindo de uma cultura muito diferente da minha.

Anduin sorriu suavemente.

— Luz é luz, qualquer que seja a fonte — concordou.

— Queria poder dar algo comparável em troca — disse Baine. — Algumas armas honradas foram passadas de geração em geração por minha linhagem, mas há poucas comigo agora. Só posso oferecer os conselhos que meu pai me deu.

E prosseguiu:

— Éramos um povo nômade. Apenas muito recentemente, de poucos anos para cá, interrompemos nossa marcha e fizemos de Mulgore nosso lar. Foi um desafio, mas conseguimos criar aldeias e cidades de paz, tranquilidade e beleza. Imbuímos o lugar como pudemos do sentido de ser quem somos, o que somos. É isso que desejo recuperar. Meu pai me disse certa vez: “Destruir é fácil.” Veja o caos que os Temível Totem deflagraram em uma única noite. Criar algo duradouro, isso sim é um desafio, foi o que disse meu pai. Estou determinado a fazer com que tudo que ele criou, o penhasco do Trovão, as aldeias e a boa vontade entre os membros da Horda, tudo seja duradouro.

Anduin sentiu o coração crescer e apaziguar-se ao ouvir essas palavras. Era realmente um desafio, mas sabia que Baine, filho de Caerne, estava à altura da tarefa.

— O que mais seu pai disse?

Quando Baine descrevia Caerne, ele parecia tão sábio que Anduin sempre sentia vontade de saber mais.

O tauren soltou uma risada calorosa e verdadeira, mas ao mesmo tempo marcada pela dor de uma lembrança muito recente.

— Alguma coisa sobre... comer toda a verdura.



Os Temível Totem eram poderosos e seu treinamento era inigualável. Desde a tenra infância, enquanto os outros se dedicavam aos ritos da Grande Caçada e a se harmonizar com a natureza, os Temível Totem pelejavam entre si. Aprendiam a matar rápido e rasteiro, usando as mãos, os chifres ou qualquer arma à disposição. Em qualquer briga que os envolvesse, as chances dos Temível Totem saírem vitoriosos eram enormes. Honra vinha em segundo lugar; sua luta era para vencer. Mas seu contingente não era infinito. Magatha teve que se contentar com um número reduzido de alvos, concentrando-se principalmente em tomar a cidade de onde Caerne liderava, coração de Mulgore e primeiro lar a acolher os taurens, e em seguida matar seu herdeiro. A primeira vitória fora alcançada. Quando a manhã veio, centenas de corpos podiam ser vistos por todo o Penhasco do Trovão, dentro e ao redor da cidade. De um só golpe, os Temível Totem eliminaram importantes opositores e deflagraram o mais absoluto terror entre os outros taurens, aniquilando quem ousasse erguer a mão contra eles.

Seus inimigos agora jaziam enrijecidos em poças de sangue coagulado, ao lado de quem quer estivesse no lugar errado na hora errada. Mas essas mortes também mandavam uma poderosa mensagem: Magatha e os Temível Totem eram senhores do Penhasco do Trovão. Os ataques recentes coincidiram com a queda de Caerne, e o desaparecimento de seu sucessor desestabilizara os taurens. Ela tinha certeza de que, desesperados como estavam por normalidade, os súditos de Caerne logo a reconheceriam como líder.

Baine, contudo, conseguira escapar por entre seus dedos. Um espião informara Magatha de que fora um Temível Totem, Canção da Tempestade, quem a traíra. Sentada no pavilhão que outrora fora sede do poder de Caerne Casco Sangrento, ela curtia sua fúria em silêncio. O traidor, é claro, já estava marcado para morrer, mas ela não achava que seria fácil

encontrá-lo. Certamente estava junto do impostor, que era como passara a chamar Baine desde o golpe, incitando outros a fazer o mesmo. Canção da Tempestade morreria quando Baine fosse encontrado, mas tudo indicava que não antes dessa data tão ansiosamente esperada.

E, conforme o esperado, pois Magatha não era tola, taurens de lugares distantes como Feralas e, é claro, da fortaleza druídica Clareira da Lua, deram início a revoltas. Mensageiros vindos de outras tribos informavam sobre os levantes que já se iniciavam, encarando a inevitável execução posterior, dada a natureza das informações que traziam, com um estoicismo que irritava a anciã taurena.

Outros rumores também já haviam surgido; de que o impostor estava escondido na Clareira da Lua; de que firmara um acordo de livre comércio com a Aliança em troca da recaptura do Penhasco do Trovão; de que a própria Mãe Terra o apoiava; de que seus xamãs e druidas eram capazes de convocar árvores para marchar e combater ao seu lado.

A despeito de tudo que ouvira, Magatha tinha apenas uma certeza: Baine reunia reforços e, assim que estivesse recuperado, viria desafiá-la.

A bruxa estava tão perdida em pensamentos que Rahauro teve que chamar seu nome duas vezes. Magatha bufou de raiva ao ser pega divagando inadvertidamente; talvez os mais novos comesçassem a achar que estava ficando senil. Porém, em vez de direcionar a raiva para o fiel servo, seus olhos miraram o jovem mensageiro orc trazido até ela. As duas orelhas se levantaram quando um pensamento lhe ocorreu. Um orc. Isso significava...

Com um gesto da mão, ordenou:

— Fale.

— Bruxa Anciã Magatha, venho em nome do Chefe Guerreiro em exercício da Horda, Garrosh Grito Infernal.

Os olhos de Magatha cresceram, espantados. Dois dias antes, enviara um pedido de ajuda a Garrosh, ciente de que a qualquer instante, provavelmente antes do que esperava, Baine bateria em sua porta com um exército. A carta rasgava elogios que soavam suficientemente sinceros, além de cumprimentos pelo excelente trabalho à frente da Horda. Como era de se esperar, continha também uma isca para uma aliança formal entre a Horda e os Temível Totem, caso Garrosh contribuísse neste momento difícil. A Horda certamente poderia se beneficiar dos métodos... únicos que os Temível Totem adotavam. A bruxa esperava por uma resposta na forma de tropas marchando para ajudar a proteger o Penhasco do Trovão, mas aparentemente Garrosh tinha algum ponto a esclarecer, ou queria informá-la em primeira mão acerca de seus planos.

Como quer que fosse, Magatha ficou feliz com a pronta resposta. Ela sorriu bondosamente para o orc.

— Você é bem-vindo aqui, mensageiro. Descanse um pouco e refresque-se. Depois, leia o que seu mestre tem a me dizer.

Recostando-se no trono e repousando os braços cruzados sobre a barriga, ela esperou enquanto o orc entornava um longo gole do odre. Então, curvando-se, o mensageiro tirou da bolsa um tubo de couro, sacou um pergaminho e leu o mais alto e claro que pôde:

*À Bruxa Anciã Magatha dos Temível Totem,
O Chefe Guerreiro em exercício da Horda, Garrosh Grito Infernal,
Envia os mais sinceros desejos de uma morte lenta e dolorosa.*

Um arquejo ecoou pelo salão. Magatha estacou, e então saltou com uma velocidade que desmentia sua idade, esbofeteou o mensageiro e pegou o pergaminho, afastando-o à distância de um braço por causa da sua vista, cada vez mais fraca com os anos, e então leu.

Chegou aos meus ouvidos que foi você a responsável por me privar de uma vitória honrada. Caerne Casco Sangrento era nada menos que um herói da Horda, um membro honrado de uma raça geralmente honrada. Tomado de desgosto e cólera, descobri que graças a uma traição accidental causada por você, fui eu o causador de sua morte.

Táticas como essa podem funcionar bem com a sua tribo desonrada e renegada e com o lixo da Aliança, mas só me causam repulsa. Era meu desejo lutar contra Caerne de maneira justa, vencendo ou não exclusivamente graças às minhas habilidades, ou à falta delas. Agora, além de nunca saber, serei obrigado a conviver com o fantasma da traição até o dia em que sua cabeça estiver na ponta de uma lança, e eu puder apontar para você e revelar a verdadeira traidora.

Então... não. Não enviarei orcs de coração nobre para lutar ao lado de sua tribo traidora e rasteira. Sua vitória ou derrota estão nas mãos da Mãe Terra, agora. De todo modo, aguardo ansioso por notícias de sua ruína.

Você está sozinha, Magatha, rejeitada e odiada como sempre. Talvez mais. Aproveite a solidão.

Perto da metade, suas mãos trêmulas amassaram parte do pergaminho. Quando chegou ao

fim, Magatha atirou a cabeça para trás e berrou furiosamente, esticando uma das mãos à frente do corpo. Um único raio desceu dos céus, atravessou o telhado de palha e matou instantaneamente o mensageiro.

O cheiro de carne queimada tomou a sala. A massa verde permaneceu inerte, os olhares de todos sobre o peito chamuscado e enegrecido até que dois Vigias do Penhasco, antes de receberem a ordem, vieram arrastar o corpo para fora.

Com os punhos cerrados, Magatha bufava, enfurecida.

— Anciã? — Rahauro pisava em ovos. Poucas vezes vira sua senhora tão furiosa.

Com um grande esforço, Magatha se recompôs.

— Aparentemente Garrosh recusa enviar qualquer ajuda aos Temível Totem. — Ela jamais permitiria que os ouvidos de seus irmãos e irmãs de tribo fossem insultados pelos impropérios que Garrosh lhe dirigira, decidindo guardá-los só para si.

— Isso quer dizer que estamos sozinhos? — Rahauro não pôde evitar a expressão consternada.

— Sim, como sempre estivemos. E sempre perduramos. Não se preocupe, Rahauro. Eu também me planejei para isso.

Era mentira. Ela tinha certeza de que o jovem Grito Infernal continuaria a ser uma marionete fácil de manipular. Essa estupidez de “honra” que obcecava os orcs — e, para ser honesta, sua própria raça também — era uma serpente espreitando pacientemente na relva, pronta para dar o bote quando Magatha menos esperasse. Se os malditos Kor’krons não tivessem se apressado em pegar Uivo Sangrento, ela mesma teria limpado o veneno.

No fim das contas, bastaria dar cabo de Baine Casco Sangrento e restabelecer a ordem em Mulgore. Os taurens acabariam se resignando e aceitando-a como líder. Então, de uma posição de força, ela daria a Garrosh Grito Infernal a chance de mudar de ideia.

Mas até lá, era necessário se preparar para o inevitável ataque do impostor.

Uma suave brisa marinha refrescava a sala acima do Mercadorias Diversas do Bossanovik. Um tauren volteava nervosamente no cômodo — um Temível Totem, a julgar pela pelagem negra manchada de branco — satisfeito com a temperatura amena, mas contrariado com o excesso de exposição. Não que houvesse escolha, já que recebera ordens expressas para ir até ali.

— Opa, você veio, muito bom — disse uma voz atrás dele. O tauren girou e acenou com a cabeça quando Gasganete, o goblin que governava a Vila Catraca, terminou de subir as escadas e acenou. — Não se preocupa. Essa cidade é minha. Enquanto estiver aqui, você

está seguro. Falando de negócios, seu chefe quer me propor um negócio, é isso mesmo?

O Temível Totem assentiu:

— Sim.

Gasganete apontou para uma mesa e duas cadeiras. O tauren se acomodou com cuidado, relaxando o corpo com confiança só depois de se certificar de que a cadeira suportaria seu peso.

— Precisamos de muitas coisas.

O goblin enfiou a mão no bolso do casaco para pegar um cachimbo e uma trouxinha de ervas, preparando o fumo enquanto falava.

— Posso descolar o que você quiser, mas por um preço. Nada pessoal, são só negócios, você sabe.

A cabeça do tauren acenou positivamente.

— Estou preparado para pagar pelo seu serviço. Aqui está a lista. — A mão enorme empurrou um pequeno pergaminho enrolado na direção do goblin, mas Gasganete não fez a menor menção de se apressar; antes de esticar o braço verde para pegar a lista, terminou de encher o cachimbo, socou o fumo e o acendeu despreocupadamente. Mas assim que passou os olhos pelo pergaminho, levou um choque.

— *Quantas* bombas?!

— Você leu certo, amigo goblin.

— Pensei que tava sobrando um zero. Ou dois. — Os lábios verdes se retorceram em torno da boquilha do cachimbo. — Ai ai ai... Parece que enfim vou poder comprar outro navio... Ou outra *cidade*! — Seus olhos procuraram os do Temível Totem. — Você pode mesmo pagar por isso?

A resposta do tauren foi puxar do cinturão um saco maior do que seu punho, e que, ao cair sobre a mesa, emitiu o doce tilintar do pagamento.

— Pode contar, se quiser. Soube que você cobra um preço justo.

— Mesmo cobrando um preço justo, isso é uma fortuna — respondeu Gasganete. Ao abrir a bolsa, o ouro refletiu o sol da tarde. — Cacetada!

— Você pode conseguir tudo?

Gasganete coçou a cabeça, visivelmente dividido entre a resposta que queria dar e a verdade.

— Talvez — disse, dando um trago no cachimbo e deixando a fumaça sair lentamente pelo nariz curvado. — Provável.

— Em alguns dias.

O goblin tossiu, soltando jatos curtos fumaça.

— O quê?

O Temível Totem puxou uma segunda bolsa, não tão grande quanto a primeira, mas ainda assim de tamanho considerável.

— Meu... chefe está disposto a pagar a taxa de urgência.

Gasganete assoviou.

— Seu chefe é esperto. — Depois de passar os olhos pela lista outra vez, suspirou e disse: — Vai ser complicado, mas... beleza. Vou dar um jeito de descolar essas paradas pra você.

O chefe da Vila Catraca hesitava, enquanto o Temível Totem observava pacientemente, imóvel. Uma guerra era travada dentro da cachola verde.

Gemendo, o goblin remexeu a segunda sacola, pegou um punhado de moedas e empurrou o resto de volta para o tauren, que observava atônito. Como assim, um goblin recusando dinheiro?

— Escuta — chamou Gasganete. — Não conta pra ninguém, mas... hm... Eu... ahm... apoio o que vocês estão tentando fazer.

O tauren piscou.

— Fico... feliz.

O goblin balançou a cabeça, satisfeito, e se levantou.

— Quatro dias. É o tempo que preciso. Antes disso, nada feito.

— É um prazo aceitável. — O tauren se levantou e fez menção de partir.

— Ei, vovô.

O Temível Totem se virou para encará-lo.

— Diga ao Baine que eu sempre gostei do pai dele.

Canção da Tempestade, o Temível Totem, sorriu suavemente.

— Eu direi.

O exército marchava.

Mesmo decidindo não buscar vingança contra Garrosh Grito Infernal, Baine jamais pediria ajuda ao desgraçado. Isso significava que estava sozinho. Por sorte, a história da traição de Magatha começava a se espalhar. A Aldeia Mojache ainda não sucumbira aos Temível Totem, mas a luta era árdua; contar com reforços vindos de lá estava fora de questão. A Aldeia Vento Livre conseguira responder ao ataque e permanecia leal à linhagem dos Casco Sangrento. Todos que tinham condições de lutar se voluntariaram ainda na

primeira noite em que Baine se refugiou entre eles. Ao todo, eram mais ou menos vinte guerreiros saudáveis, prontos para lutar, além de outros tantos que precisavam de muito treinamento, era verdade, mas cujo entusiasmo e paixão eram inegáveis. Assim como Caerne era amado, seu filho era respeitado e honrado. Todos os taurens que não eram Temível Totem — ou não viviam sob o jugo deles — certamente se alinhariam ao herdeiro Casco Sangrento.

Sem se preocupar em explicar sua origem, Baine ostentava orgulhosamente Quebramedo. Sua intenção, obviamente, não era prejudicar Anduin. A arma não vira a luz do dia por décadas, talvez séculos, e mesmo pequena demais para um tauren, sua aparência não era necessariamente de uma arma enânica. Quando questionado, respondia apenas “Foi dada a mim por um amigo, um gesto de fé em mim e em nossa causa”, o que era mais que suficiente para satisfazer a maioria.

O grupo caminhava pela Estrada do Ouro na direção do Acampamento Taurajo. Boas notícias chegaram do Retiro Rocha do Sol — como a tentativa de ataque fora repelida com sucesso, eles enviariam tropas para reforçar o exército. Baine marchava de peito aberto, mandando uma mensagem de força para os espiões Temível Totem que pudessem estar observando: ele e os seus não tinham medo. Seu número, a bem da verdade, aumentara consideravelmente entre o lamaçal do Pântano Vadeoso e as terras secas dos Sertões.

Além disso, a causa não era mais uma exclusividade tauren. Vários trolls, alguns orcs e até um ou dois mortos-vivos e sin’dorei compunham as fileiras. Os voluntários Renegados declararam ter um débito para com os taurens, os únicos apoiadores de sua adesão à Horda. O restante — na maioria, mercenários — só pôde ser contratado graças a uma generosa contribuição em ouro feita por Jaina, que apagara devidamente todos os rastros da origem da quantia. Reforços que se provariam fundamentais, no fim, pensava Baine.

A silhueta de um kodo surgiu ao longe na estrada, aumentando quanto mais se aproximavam, até que por fim Baine reconheceu Canção da Tempestade. A imensa montaria se aproximou de Casco Sangrento, que caminhava.

— Boas novas? — questionou Baine.

— As melhores possíveis — respondeu Canção da Tempestade. — Gasganete concordou em providenciar tudo o que precisamos em quatro dias, e nem ficou com todo o ouro. Ele pediu para avisar que sempre admirou Caerne, e que apoiava nossa causa.

— Isso é verdade? Uma declaração de lealdade de um goblin. Isso me alegra.

Hamuul, que estivera falando com os druidas, adiantou-se.

— Como você previu, eles sabem que estamos a caminho. Nossos batedores

informaram que o Penhasco do Trovão se prepara para resistir a um cerco. Pelo lado bom, como estão reunindo todos os recursos e guerreiros lá, não seremos atacados na estrada.

Baine concordou.

— Eles acham que o Penhasco do Trovão não pode ser tomado, e que qualquer desafio na estrada seria um desperdício de forças Temível Totem.

Canção da Tempestade bufou.

— Você deveria ter visto a expressão de Gasganete quando leu a lista. A matriarca e seus seguidores terão uma grande surpresa.

Os reforços do Retiro Rocha do Sol não eram numerosos, mas aparentemente eram muito habilidosos. O grupo já esperava por Baine quando ele se aproximou da estrada que levava para oeste da Estrada do Ouro Sul, na direção de Mulgore. Um brado de boas-vindas aqueceu seu coração, e vozes entoaram: “Baine! Baine! Baine!”

— Ouça — disse Hamuul em voz baixa. — Você reaviva as esperanças deles. Seu plano é audacioso e arriscado — admitiu —, mas é por isso que acredito que pode dar certo. Você tem a determinação de seu pai e uma imaginação própria, Baine Casco Sangrento, e sairá vitorioso desta batalha.

— Rezo para que esteja certo — respondeu Baine. — Se falharmos, o destino de nosso povo será incerto.

O Penhasco do Trovão, outrora agitado por alegres celebrações, agora jazia em silêncio. A primeira vitória, obtida na calada da noite, fora alcançada facilmente, mas agora os Temível Totem se preparavam para enfrentar um exército liderado por uma figura extremamente carismática, e não para massacrar vítimas adormecidas. A geografia da região em si era uma excelente defesa, provendo-lhes condições de suportar a um longo cerco. Ainda assim, Magatha não transparecia nenhum otimismo.

Baine errara ao não ocultar seus planos. Isso provavelmente tinha lhe angariado mais seguidores, mas também dera ao inimigo mais tempo para se preparar, e Magatha não deixaria a oportunidade passar.

Escalar o Penhasco do Trovão não era impossível, mas a dificuldade, especialmente para os taurens, era enorme, e maior ainda se houvesse vigias esperando escaladores. Por isso os elevadores eram fundamentais — se pudessem ser explodidos com um simples apertar de botão, justo o que os engenheiros da tribo se empenhavam em providenciar, as tropas de Baine teriam muita dificuldade para fazer qualquer coisa além de acampar na base do penhasco e esperar. E mais, se ativadas na hora certa, as explosões poderiam massacrar seu

exército. Além disso, várias proteções já coíbiavam métodos mágicos de infiltração, como portais.

E que longa espera seria. Os dias que Baine lhes dera de vantagem permitiram que os Temível Totem estocassem uma grande quantidade de alimentos e outros recursos. Magatha reconvocara todos os envolvidos no ataque à Aldeia Casco Sangrento e todos os sobreviventes do ataque malsucedido ao Retiro Rocha do Sol de volta a Mulgore para defender a capital. Quanto mais pensava nisso, mais a anciã se acalmava. Baine seria derrotado como o pai fora, e isso abriria caminho para que ela governasse os taurens como bem entendesse.

O alojamento onde a anciã dormia outrora servira de aposentos a Caerne Casco Sangrento. Seus agradáveis sonhos foram interrompidos repentinamente pelo clarão de um relâmpago que caiu acompanhado de um trovão que estremeceu toda a terra. A chuva torrencial penetrou pelo telhado de palha, e Magatha se levantou com um salto, bufando. Outro relâmpago. Como xamã e taurena, as tempestades eram suas velhas conhecidas. Esta, contudo, era diferente, poderosa. Com os sentidos alertas, ela farejava, escutava. Talvez fosse só sua imaginação. Por outro lado, não fora ignorando seus instintos que chegara àquela idade. O aguaceiro fez com que decidisse se cobrir com vestes e uma capa.

Magatha comprimia os olhos enquanto a chuva escorria pelo seu rosto, voltado para cima. O firmamento estava tomado de negro e cinza, com nuvens espessas cobrindo as estrelas. Tudo em seu lugar. Afinal, o lugar se chamava Penhasco do Trovão. Convencida de que não passava de uma tempestade violenta, a anciã cobriu ainda mais o rosto com o capuz.

Foi então que ela viu. Emergindo de sua cobertura de nuvens, exibindo cores chamativas contrastando com as nuvens cinzentas que a ocultavam, uma nau aérea debaixo de um brilhante balão púrpura. E em seguida outra... E outra. Assim que as reconheceu, Magatha berrou:

— *Zepelins!*



No instante em que Magatha terminou de berrar, cordas foram lançadas de ambos os lados dos zepelins, e inúmeros taurens, orcs e trolls deslizaram por elas. A manobra surpresa fora tão bem-sucedida que uma massa de soldados conseguira chegar em segurança antes que os Temível Totem pudessem preparar suas armas e seus arcos para se defender.

Em terra, o ataque teve início. Três inimigos dispararam na direção de Magatha. Agora desperta, a anciã fez uma careta e enfiou a mão em uma pequena algibeira que trazia sempre consigo, envolvendo um totem com os dedos. A resposta dos elementos veio imediatamente: raios iluminaram e rasgaram o firmamento, alguns atingindo o inimigo como lanças, levando vários ao chão de uma só vez. Em meio ao caos, outro zepelim se aproximou e desembarcou seus perigosos passageiros.

Magatha encolheu os ombros e ergueu as mãos para o céu. Raios chicotearam um dos zepelins. As chamas se espalharam rapidamente, devorando em segundos a imensa estrutura que dava suporte ao balão. Inesperadamente, o piloto conseguiu executar uma manobra e direcionar o zepelim para a torre de voo.

A matriarca praguejou. As mantícoras presas dentro dele não serviriam para nada queimadas. Em um derradeiro esforço, o piloto goblin conseguira extrair algum benefício da destruição de sua nau.

Mas não havia tempo para refletir sobre o incidente. Uma forte explosão estremeceu o Platô Superior do penhasco do Trovão. Um dos zepelins restantes despejava bombas. Corpos e membros cruzavam o ar, iluminados pela luz cor-de-rosa do alvorecer. Rahauro agarrou a matriarca para afastá-la do fogo cruzado. Furiosa, ela deu-lhe um golpe e voltou para a batalha.

— Pegue as mantícoras que restaram e ataque pelo ar! — vociferou. — Derrubamos um

dos zepelins, vamos pegar o outro!

— Os outros... Ainda há dois — corrigiu Rahauro.

Um grande corvo da tempestade pousou ao lado de Baine. Metamorfoseou-se, retorceu-se e, por fim, Hamuul disse:

— Perdemos um dos zepelins. Mas toda a atenção deles está voltada para o Platô Superior. A nuvem de Canção da Tempestade funcionou perfeitamente.

Baine meneou a cabeça em aprovação. A primeira onda fora a mais dramática. Contavam com o elemento surpresa, com o choque e o desespero, e Magatha e seus melhores guerreiros rumavam em disparada para o platô. Os Temível Totem tentavam rechaçar as dezenas de soldados que haviam descido do zepelim com o intuito de atrair atenção e abrir caminho para os ladinos — mais lentos, apesar de mais difíceis de deter — que avançavam furtivamente na direção dos platôs dos Caçadores, dos Anciãos e dos Espíritos. Baine dava aos rebeldes um pouco do próprio remédio, separando-os uns dos outros. Com exceção dos poucos locais em que os Temível Totem ainda lutavam contra xamãs, druidas e caçadores, as tropas de Casco Sangrento apenas cortavam as cordas das pontes que ligavam os platôs menores ao principal. Algumas flechas, balas e alguns feitiços cruzavam o espaço entre os platôs, mas a maioria não.

Muitos trolls mercenários que contratara também davam duro. Escalavam o penhasco rápida e implacavelmente. Bombas foram cuidadosamente posicionadas para impedir isso, mas todas já haviam sido desarmadas.

Como esperado, os elevadores também estavam prontos para serem explodidos. Eram mais complexos e estavam tomando muito mais tempo. Até então, a distração no Platô Superior estava funcionando e ninguém tivera a ideia de explodir os elevadores.

Ainda.

As mantícoras que restavam foram rapidamente preparadas para alçar voo, e os Temível Totem levaram o combate para os zepelins. Caçadores montados nas feras aladas, que pareciam leões, disparavam contra a tripulação, e os guerreiros no convés, até mesmo contra os druidas que, na forma de corvos da tempestade, se preparavam para descer e lutar. A resposta vinha à altura, na forma de chumbo e flechas disparados contra os rebeldes. Magatha viu um felino de chifres enterrar os dentes no pescoço de um de seus caçadores.

Ambos, caçador e druida, rolaram e caíram da mantícora. O druida mal teve tempo de assumir a forma de um corvo da tempestade e se salvar; o caçador caiu pesadamente e ficou imóvel.

Havia cadáveres por toda a parte. Era hora de recuar. Magos Renegados guardavam uma caverna que abrigava os grandes corpos d'água conhecidos como Poços das Visões; se devidamente persuadidos, talvez eles pudessem criar um portal e transportar a Bruxa Anciã para um lugar seguro. A rampa habitual que levava para os outros níveis fora bombardeada por um zepelim e ainda fumegava. Magatha fez um gesto, virou-se e saltou para a segunda elevação. Rahauro e vários outros a seguiam com as armas em punho. Um violento combate corpo a corpo começou. Uma sombra se abateu sobre a matriarca, e ela elevou os olhos para mirar um dos dois zepelins restantes.

— Para os Poços das Visões! — ordenou aos berros. — E os elevadores... Detonem as bombas e venham me encontrar!

— Agora mesmo, Bruxa Anciã — respondeu Cor. As bombas foram planejadas por ele mesmo, que agora corria para executar as ordens.

Magatha correu até a cabana que dava na ponte. Dentro de alguns instantes, ela estaria em...

Parou bruscamente, os cascos patinando sobre a madeira desgastada do piso. Gorm esticou a mão no último instante, impedindo que a matriarca caísse no abismo.

— Eles cortaram as cordas! — berrou o Temível Totem, puxando Magatha de volta a salvo.

— Eu estou vendo, idiota... — A anciã foi interrompida por uma explosão. Voltando-se para um dos platôs, viu que fumaça ascendia do ponto onde se encontrava um dos elevadores e sorriu consigo mesma. Agora, o próximo. A qualquer momento, todos ouviriam o aguardado estrondo. Era verdade que aquilo significaria que o penhasco do Trovão ficaria oficialmente sitiado por algum tempo, mas eles estavam preparados.

A explosão não veio.

Quando o elevador chegou ao topo, Baine Casco Sangrento investiu tão rápido que Rahauro nem teve tempo de tentar interceptá-lo. Logo atrás, nos cascos de Baine, um urso, um Temível Totem e vários guerreiros. Magatha ainda tentou pegar um de seus totens, mas, antes que seus dedos pudessem se fechar, Baine já se avultava sobre ela. O tauren brandia não uma espada, mas algo que parecia uma maça, pequeno demais para ele.

Com um golpe de maça no flanco, a anciã perdeu o fôlego. Não tivera tempo de vestir a armadura, e o impacto a lançou aos ares. Uma dor lancinante se apossou dela, e antes que

pudesse tentar respirar novamente, Baine Casco Sangrento já estava debruçado sobre ela, erguendo a arma peculiar.

— Desista! — berrou ele. — Entregue-se, traidora assassina!

Magatha abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Sem respirar, era impossível falar. Os olhos castanhos de Baine se comprimiram, repletos de... deleite? O pânico se instaurou completamente quando a matriarca percebeu, arruinada em seu silêncio, que dera permissão para que ele atacasse.

— Eu... me entrego! — arfou, as palavras praticamente inaudíveis em meio à cacofonia da batalha.

Baine abaixou a maça. Mas, pelo canto do olho, Magatha viu que ele fechava o outro punho, e depois não viu mais nada.

De pé, Baine Casco Sangrento observava os Temível Totem que aprisionara. Alguns haviam morrido na batalha pela retomada do Penhasco do Trovão, e, entre os sobreviventes, muitos estavam feridos. Ordenara que suas feridas fossem tratadas, e as pelagens negras estavam cobertas de bandagens brancas. Suas tropas foram reduzidas na feroz batalha, mas morreram em um combate justo, na tentativa de proteger a cidade que tomaram num ardil traiçoeiro, e ele não sentia nenhum pesar.

A questão era: o que fazer com os que restavam, especialmente a líder?

Mesmo entre os feridos, Magatha ainda exibia o orgulho que lhe era habitual. De pé, ativa como sempre, a matriarca era flanqueada por dois Vigias do Penhasco, que pareciam estar esperando só uma desculpa para acabar de vez com ela. Parte de Baine desejava o mesmo. Arrancar sua cabeça e enfiá-la numa lança ao pé do penhasco, um aviso à altura das cabeças de dragões. Sim, reconheceu que isso o deixaria imensamente satisfeito.

Mas não era o que seu pai teria feito, e Baine sabia disso.

— Meu pai permitiu que ficasse aqui, no Penhasco do Trovão, Magatha — disse Baine, deliberadamente omitindo o título dela. — Ofereceu a você, a todos vocês, justiça e hospitalidade, mesmo sabendo que provavelmente acabariam tramando contra ele.

Os olhos de Magatha se comprimiram e as narinas pulsavam, mas ela não o retorquia. A maldita era esperta demais.

— Em retribuição, você envenenou a lâmina de Garrosh Grito Infernal e viu meu pai morrer uma morte deplorável e cheia de agonia. A honra demanda olho por olho, ou o desafio do mak'gora. Um desafio lançado contra você, e não contra Garrosh, que acredito que não passou de um peão em seu jogo.

Os músculos da anciã se retesaram ligeiramente à espera do desafio. Baine deu um sorriso amargo.

— Eu acredito na honra. Meu pai morreu por ela. Mas também há outras coisas que um líder deve observar. Ele precisa conhecer a compaixão e saber o que é melhor para o seu povo.

Baine cruzou a cabana até estar olho a olho, casco a casco com Magatha. Foi a anciã quem recuou um pouco e abaixou as orelhas.

— Você gosta de conforto, Magatha Temível Totem. Você gosta de poder. Eu vou permitir que viva, mas você não terá nenhum dos dois. — Ele estendeu a mão. Um dos Vigias do Penhasco passou-lhe uma pequena algibeira. Os olhos de Magatha dobraram de tamanho quando ela a reconheceu.

— Você sabe o que é. Sua bolsa de totens.

Baine enfiou a mão na bolsa e pegou um dos pequenos totens entalhados, os itens que vinculavam Magatha aos elementos que controlava. Os dois enormes dedos que seguravam o totem se comprimiram, partindo-o em pedaços. Ela tentou, sem sucesso, não deixar o horror e o medo que a dominavam transparecerem.

— É claro que não me engano, achando que isso vai anular de uma vez por todas seu vínculo com os elementos — disse Baine. Mesmo assim, esmagou outro totem, depois outro e, por fim, o quarto. — Mas sei que isso deixará os elementos furiosos. Você precisará de tempo, e terá que rastejar, para obter novamente sua bênção. Um pouco de humildade e sujeição lhe farão bem. Na verdade, eu vou fazer você provar mais dessas coisas.

“Você será mandada para a aridez da cordilheira das Torres de Pedra. Lá, poderá aproveitar o resto da sua vida como bem entender. Não ameace, e não será ameaçada. Se atacar, você será o inimigo, eu não farei nada para impedir o que quer que queiram fazer com você. Ouse tramar outra traição, Magatha, e eu mesmo irei atrás de você. Nem mesmo o espírito de Caerne Casco Sangrento vai me impedir de cortar sua cabeça. Estamos entendidos?”

Magatha assentiu.

Baine bufou. Virando-se para encarar os outros, disse:

— Sei que alguns de vocês se opunham ao massacre, como Canção da Tempestade Temível Totem. Quem quiser jurar lealdade a mim, ao povo tauren e à Horda, desassociando-se publicamente da mácula que se espalha sempre que o nome “Temível Totem” é mencionado, como Canção da Tempestade o fez, será anistiado. O resto de vocês pode ir com sua matriarca, se quiser. Compartilhar o mesmo destino dela. E rogar para

nunca mais cruzar meu caminho.

Ele esperou. Por um longo momento, ninguém se mexeu. Enfim, uma taurena, levando um filhinho em cada mão, deu um passo à frente. Diante de Baine, ela ajoelhou-se e curvou a cabeça, os dois pequenos imitando seus gestos.

— Baine Casco Sangrento, não tomei parte no massacre daquela noite, mas confesso que meu companheiro sim. Eu criaria meus filhos aqui, na segurança desta cidade pacífica, se você permitisse.

Um touro negro adiantou-se, pousando uma das mãos no ombro da taurena e ajoelhando-se ao seu lado.

— Pelo bem de meus filhos e de minha companheira, ofereço-me ao seu julgamento. Meu nome é Tarakor, e fui eu quem liderou o ataque contra você quando Canção da Tempestade desertou. Jamais conheci a misericórdia em minha vida, mas rogo por ela em nome dos meus filhos, se não por mim.

Mais e mais taurens vieram, até que um quarto dos Temível Totem estivesse de joelhos diante de Baine. Ele não era tão crédulo a ponto de achar que não precisariam ser vigiados. Quando a única opção era compartilhar da proscrição, da ruína e da vergonha de Magatha — pois Baine queria alijá-los de sua capacidade de contra-atacar, pelo menos temporariamente —, muitos mudariam de opinião sem pestanejar, esquecendo-se do que fizeram. Mas alguns deles, sabia, desejavam a mudança genuinamente. Talvez outros acabassem mudando de ideia com o tempo. Era um risco que ele teria que correr se quisesse ver todas as feridas curadas.

A expressão nos olhos de Magatha ao ver os seus Temível Totem, tidos como leais, abandonando-a à própria sorte fazia Baine sentir um prazer mesquinho, pequeno. Ele suspeitava de que o pai não se oporia a isso.

— Alguém mais? — perguntou. Quando se certificou de que todos os outros permaneciam no lugar, ele fez um sinal de assentimento. — Vinte Vigias do Penhasco escoltarão vocês até seu novo lar. Não posso dizer que lhes desejo sorte. Pelo menos, suas mortes não recairão sobre mim.

O grupo começou a caminhar na direção dos elevadores. Baine apenas observou. Magatha não olhou para trás.

Minhas palavras não eram vazias, Magatha Temível Totem. Se cruzar com você outra vez, mesmo guiado por An'she, não contarei minhas mãos.

Outrora, Garrosh sentira vergonha da própria herança. Foi preciso que o tempo passasse para

que compreendesse, acolhesse e, por fim, celebrasse quem era e de onde vinha. Cheio de confiança, ele legitimamente conquistara honra para si e para a Horda. Desde então, acostumara-se à adulação. Mas, agora, subindo a rampa com sua comitiva para o encontro em Mil Agulhas, ele sentia os olhares dos taurens e ficava ligeiramente tenso.

Não era uma sensação boa, sentir que não fizera o certo. A bem da verdade, tinha plena consciência de que seu desejo fora combater Caerne de uma maneira honrada, que demonstrasse respeito tanto por si mesmo quanto por alguém que ele considerava um nobre guerreiro. Magatha tomara isso dele, lançando uma sombra sinistra em sua reputação aos olhos de muitos — aos olhos de gente demais. Ele era tão *vítima* quanto Caerne.

Assim, forçou-se a erguer mais a cabeça e apressou o passo. Baine aguardava. Talvez ele fosse maior que Caerne, ou apenas tivesse melhor postura que o velho tauren. Em silêncio, o jovem Casco Sangrento segurava o enorme totem que pertencera a seu pai. Hamuul Runatotem, Canção da Tempestade Temível Totem e vários outros aguardavam um pouco atrás.

Garrosh fitou-o da cabeça aos pés, medindo-o. Grande, poderoso, calmo como Caerne, o sucessor esperava quase placidamente.

— Garrosh Grito Infernal — disse Baine com sua voz rouca, trovejante, e inclinou a cabeça.

— Baine Casco Sangrento — respondeu o orc. — Acho que temos vários assuntos para tratar.

Baine fez sinal para Hamuul. O velho arquidruída atraiu a atenção do resto da comitiva e gesticulou. Curvando-se, o grupo se afastou, dando aos dois o máximo de privacidade no topo da agulha ressequida.

— Você tirou de mim a chance de passar mais tempo com meu pai, que eu amava — disparou Baine.

Então seria assim. Sem a falsa cortesia que Garrosh desprezava. Ótimo.

— Seu pai me desafiou. Não tive escolha senão aceitar, ou minha honra, e a dele, ficaria manchada para sempre.

A expressão de Baine não mudou.

— Você usou trapaças e veneno para vencer. É uma nódoa ainda maior para sua honra. Garrosh sentiu a tentação de retorquir furiosamente, mas respirou fundo.

— Por mais que seja uma vergonha admitir, fui enganado por Magatha Temível Totem. Foi ela quem envenenou Uivo Sangrento. Jamais saberei se teria derrotado seu pai em uma luta justa, e por isso sinto-me tão traído quanto você.

O orc se perguntou se Baine tinha consciência do quanto a admissão lhe custava.

— Sua honra foi maculada porque ela o enganou. Eu, sem meu pai, recolho cadáveres de inocentes. Acho que é óbvio que um de nós perdeu mais que o outro.

Garrosh não respondeu, sentindo o rosto corar sem saber de que emoção isso era consequência. Mas o que Baine dissera era verdade.

— Então esperarei do filho o mesmo desafio do pai — disse ele.

— Eu não o farei.

Garrosh franziu o cenho, sem compreender. Baine prosseguiu:

— Não pense que eu não gostaria de lutar com você, Garrosh Grito Infernal. O que quer que estivesse na lâmina, foi sua mão que desferiu o golpe que matou meu pai. Mas taurens não são tão mesquinhos. A verdadeira assassina foi Magatha, não você. Meu pai lançou o mak'gora e a discordância entre vocês foi resolvida, ainda que, graças à perfídia de Magatha, de forma injusta. Caerne Casco Sangrento sempre pôs os interesses do povo tauren acima de tudo. Os taurens precisam de toda a proteção e o apoio que a Horda puder prover, e farei o que estiver ao meu alcance para que eles os tenham. Não posso dizer que honro a memória de meu pai e ignorar o que é melhor para o povo.

— Eu também amava e respeitava meu pai, e lutei para honrar sua memória. Jamais quis desonrar Caerne Casco Sangrento, Baine. Sua compreensão, a despeito da traição que matou seu pai, demonstra o tipo de líder que você é.

Baine abanou uma das orelhas. Ele ainda estava com raiva, e Garrosh não o culpava.

— Mas... sua misericórdia para com os Temível Totem... não compreendo. Ouvi dizer que, apesar de expulsá-los, você não foi à desforra. O mak'gora ou até uma vingança mais pesada parece apropriado. Por que você não executou os Temível Totem? Por que não deu um fim à sua traiçoeira matriarca?

— Antes de Temível Totem, eles são taurens. Meu pai suspeitava que Magatha se provaria uma traidora e decidiu mantê-la por perto para vigiá-la. Ele escolheu este caminho a fim de evitar discórdias e cisões. Vou honrar o desejo dele. Existem outras punições, além da morte. Punições que talvez sejam até mais justas.

Garrosh levou alguns instantes para digerir as palavras do jovem Casco Sangrento, mas sabia que, no fim, assim como Baine, ele também iria querer honrar o desejo do pai. Contentou-se em dizer:

— É bom honrar os desejos e a memória do pai.

Baine deu um sorriso frio.

— Como agora tenho várias provas de que Magatha é uma traidora, ela foi banida e

alijada de poder. Todos os Temível Totem que escolheram ir com ela receberam a mesma punição. Muitos se arrependeram de suas ações e ficaram. Há uma nova facção Temível Totem sob a liderança de Canção da Tempestade, que salvou minha vida e se provou leal a mim. Magatha e qualquer de seus seguidores serão mortos imediatamente se adentrarem em território tauren. É vingança suficiente para mim. Não perderei mais tempo com vingança quando posso investir minha energia na reconstrução.

Garrosh assentiu. Ele aprendera tudo o que precisava sobre o jovem Casco Sangrento, e estava impressionado.

— Então ofereço a você total proteção e apoio da Horda, Baine Casco Sangrento.

— Em troca, ofereço a lealdade do povo tauren. — Baine proferiu as palavras de maneira firme, mas com franqueza. Garrosh sabia que podia confiar naquele tauren.

O orc estendeu a mão. Baine respondeu o gesto estendendo a sua, imensa e dotada de apenas três dedos, e envolvendo completamente a de Garrosh.

— Pela Horda — disse Baine em voz baixa, embargado pela emoção.

— Pela Horda — respondeu Garrosh.



Começou como uma tempestade.

Anduin acostumara-se aos frequentes — e às vezes violentos — temporais de Theramore. Aquele, no entanto, tinha trovões que faziam seus dentes rilharem e o acordavam de supetão e relâmpagos que iluminavam completamente o quarto. Com um salto, o príncipe levantou-se bem a tempo de ouvir outro trovão ribombar e o ruído da chuva que tamborilava na janela com tanta força que ele tinha a impressão de que as gotas bastariam para estilhaçá-la.

Ele saltou da cama e olhou para fora — ou tentou. Chovia tão torrencialmente que era impossível ver qualquer coisa. Voltou-se, atento ao som de vozes que vinha do corredor. Anduin fez uma careta, vestiu-se e meteu a cabeça para fora da porta para descobrir qual era o motivo da comoção.

Jaina passou correndo. Era óbvio que ela também acabara de acordar e se vestira às pressas. Seus olhos estavam despertos, atentos, mas os cabelos ainda não tinham visto um pente.

— Tia Jaina, o que aconteceu?

— Uma enchente — respondeu Jaina, sucinta.

Por um instante, Anduin voltou no tempo para a avalanche em Dun Morogh, outra demonstração da fúria dos elementos despejada nos inocentes. O rosto alegre de Aerin lhe veio à mente, mas ele o rechaçou.

— Eu vou também.

Ela inspirou, provavelmente para protestar, mas forçou um sorriso e concordou.

— Tudo bem.

Em um segundo, Anduin calçou as botas mais altas que tinha, jogou uma capa sobre os

ombros e correu para fora com Jaina e diversos serviçais e guardas.

A chuva e o vento cortante quase o demoveram de continuar. Pareciam vir dos lados, e não de cima, e roubaram-lhe o fôlego por um instante. Jaina também sentia dificuldade para se mover. Ela e os outros tropegavam como bêbados ao descerem da torre elevada até o nível do solo.

Anduin sabia que era noite de lua cheia, mas as densas nuvens encobriam qualquer luz que ela pudesse prover. Os guardas portavam lanternas, mas a luz que produziam era muito fraca. Fogo também não serviria de nada em meio ao dilúvio. O príncipe ofegou quando seus pés afundaram até os tornozelos numa água tão gelada que era possível senti-la mesmo com as pesadas botas, agora completamente encharcadas. Seus olhos começavam a se acostumar à escuridão, e ele percebeu que a área estava totalmente inundada. Não era fundo demais — não ainda.

Havia luzes acesas no moinho e na estalagem, e gritos ecoavam, quase inaudíveis em meio ao ruído tremendo da chuva e dos trovões. A estalagem ficava no cume de um pequeno morro, mas a água já cobrira alguns palmos do moinho.

— Tenente Aden! — gritou Jaina. Um soldado montado abriu caminho pela água e foi até ela. — Vamos abrir as portas da cidadela para quem precisar de refúgio. Tragam todos para dentro!

— Sim, Grã-senhora Jaina! — respondeu Aden aos berros. Com um toque na cabeça do cavalo, o tenente disparou para o moinho.

Jaina se deteve, ergueu as mãos para os céus e começou a mover os dedos. Anduin não ouvia o que ela dizia, mas tinha certeza de que sua boca estava se movendo. Em um piscar de olhos, uma imensa cabeça de dragão apareceu ao lado da maga, deixando o jovem príncipe estupefato. A bocarra se abriu e soprou uma enorme labareda, evaporando grandes volumes d'água. A área vazia logo era alagada novamente, mas a cabeça do dragão parecia incansável. Continuava a soprar fogo, e Jaina acenou a cabeça, satisfeita.

— Para as docas! — gritou para Anduin, que a seguiu resoluta, correndo o mais rápido que conseguia em meio à água.

A inclinação do solo fazia a água subir lentamente conforme avançavam. Mais acima, Anduin viu uma cena que arrancaria risadas em qualquer outra situação, mas que, naquele momento, só contribuía para aumentar o caos: todos os grifos haviam se empoleirado no topo de várias construções. Com as asas e os pelos completamente encharcados, as criaturas crocitavam insolentes para os mestres de voo, que, do chão, ralhavam e faziam apelos para que descessem.

A água já subia até os joelhos de Anduin. Ele, Jaina e os guardas avançavam com muito esforço. As pessoas, como os grifos, buscavam se proteger nos pontos mais altos possíveis. O instinto era perfeitamente razoável, mas os raios eram tão furiosos e frequentes que o que a princípio parecera prudência agora se revelava um risco ainda maior. Anduin e os guardas ajudavam mercadores assustados e suas famílias a descerem em segurança.

Anduin começava a tremer. Seu manto e suas botas eram robustos, mas não tinham sido feitos para mantê-lo aquecido ou seco embaixo d'água. A água estava completamente gelada, e ele não sentia as pernas abaixo dos joelhos. Ainda assim, prosseguiu. Havia pessoas com problemas, e ele tinha que ajudá-las.

No instante em que o príncipe abriu os braços para receber uma garotinha soluçante, um relâmpago transformou a noite em dia. Na direção das docas, por sobre o ombro da pequena agarrada a ele, Anduin viu quando um raio serpenteante branco atingiu o píer de madeira. O atroar ensurdecador de um trovão se seguiu imediatamente, junto com o horrível som de pessoas gritando e do ranger de madeira partida. Os dois navios que estavam atracados foram sacudidos com violência, como se uma criança invisível brincasse com eles.

A garota soltou um grito estridente e agarrou o pescoço dele como se quisesse estrangulá-lo. Outro raio iluminou os céus, e Anduin viu o que parecia ser uma onda descomunal avançando do mar, uma enorme mão elemental pronta para esmurrar as docas. Anduin piscou, tentando clarear a visão estorvada pela chuva, que caía como um rio em seu rosto. Não era possível que estivesse vendo o que achava que via. Ele simplesmente não podia acreditar.

Com outro clarão ofuscante, a estranha onda desapareceu.

As docas e os dois navios, idem. Seus olhos não o enganaram, afinal. O raio destruíra grande parte das docas de Theramore, e o mar deu o remate final. Agora, era possível ver até mesmo fogo, a despeito da chuva que continuava a cair aos cântaros.

Jaina agarrou seu ombro e aproximou o rosto de seu ouvido:

— Leve-a de volta para a cidadela!

Ele concordou e cuspiu água da chuva para conseguir falar.

— Depois eu volto!

— Não! É perigoso demais! — Jaina continuava gritando para ser ouvida em meio à tempestade. — Cuide dos refugiados!

Raiva e uma frustração impotente subitamente explodiram em Anduin. Ele não era uma criança. Seus braços eram fortes, e sua cabeça, calma; ele podia ajudar, droga! Mas, ao mesmo tempo, sabia que Jaina estava certa. Sendo o herdeiro do trono de Ventobravo, não

se arriscar futilmente era uma de suas responsabilidades. Balbuciando protestos, ele deu meia-volta e partiu para a cidadela, abrindo caminho pela água gélida.

Ele já nem tremia mais quando chegou à cidadela, onde alguns serviçais se ocupavam de enrolar as vítimas da enchente em cobertores, além de servir chá e comida. O príncipe entregou a menina com cuidado a uma mulher que correu para ajudá-lo. Ele sabia que estava ensopado, que precisava trocar aquelas roupas molhadas, mas simplesmente não conseguia. Um dos assistentes de Jaina o encarou, franzindo o cenho. Anduin o encarou de volta, tremendo de frio, piscando como um idiota. Em algum recôndito de seu cérebro, o pensamento de que provavelmente estava entrando em choque emergiu.

— Queria ter Quebra-medo comigo — murmurou.

O príncipe mal tinha consciência do serviçal que o levava para uma sala contígua e o ajudava a se livrar das roupas molhadas, enfiando-o em camisas e calças grandes demais. Antes que pudesse realmente entender o que se passava, Anduin já estava enrolado em um cobertor gasto mas eficiente, sentado em frente à lareira com uma caneca de chá quente nas mãos. O criado desaparecera — havia muitos outros que precisavam de atenção imediata. Depois de alguns instantes, Anduin começou a tremer violentamente e, após alguns segundos, percebeu que seu corpo começava a se aquecer.

Em pouco tempo, ele já se sentia bem o suficiente para ajudar em vez de simplesmente ficar sentado. Foi para o quarto, vestiu suas próprias roupas e voltou para ajudar outras pessoas como ele próprio havia sido ajudado, oferecendo bebidas quentes e cobertores, coletando roupas molhadas para pendurar nos varais improvisados nos cômodos.

A chuva não dava trégua. O nível da água subia mesmo com a cabeça de dragão evaporando grandes volumes incessantemente. Jaina chegava ao ponto da exaustão, renovando o feitiço de vez em quando, emitindo ordens e ajudando os desabrigados. Conforme a água se acumulava, mais e mais pessoas buscavam refúgio na cidadela, acomodando-se no piso de madeira dos vários andares. No fim, Anduin tinha quase certeza de que todos os habitantes de Theramore estavam abrigados na cidadela, no quartel e na estalagem.

Perto da alvorada do segundo dia, finalmente Jaina resignou-se a se sentar para comer e beber algo. Ela trocara de roupa diversas vezes, e a que usava agora já estava totalmente ensopada. Em seu quartinho confortável, Anduin já lhe providenciara um assento perto do fogo e trouxera chá. A moça tremia tanto que a chávena batia ruidosamente contra o pires enquanto ela o encarava com olhos exaustos, injetados.

— Acho que é melhor você voltar para casa. Ninguém sabe quando a enchente vai

terminar. Não posso arriscar sua segurança.

Anduin parecia insatisfeito.

— Eu posso ajudar — respondeu. — Não vou fazer nada idiota, Jaina, você sabe disso.

A maga esticou o braço como se quisesse afagar os cabelos loiros do príncipe, mas estava fraca demais para completar o gesto. A mão caiu inerte sobre suas próprias pernas, e ela soltou um suspiro.

— Bem, você acabaria não vendo seu pai, de qualquer jeito — murmurou ela, bebericando o chá.

— O que você quer dizer?

Jaina congelou com a chávena a meio caminho do pires. Seus olhos miraram Anduin, e ele viu o olhar de alguém que buscava desesperadamente uma mentira reconfortante, mas estava exausto demais para pensar.

— O que houve com meu pai? Onde ele está?

Então, ele percebeu. Horrorizado, encarou Jaina.

— Ele vai atacar Altaforja, não vai?

— Anduin — começou Jaina —, Moira é uma tirana. Ela...

— Moira? Tia Jaina, você tem que me contar o que ele vai fazer!

Com uma voz pesada, cheia de resignação, tremendo de cansaço, Jaina confirmou seus piores medos.

— Varian está indo com uma equipe de elite para Altaforja. Sua missão é executar Moira e libertar a cidade.

Anduin não conseguia acreditar no que ouvia.

— Como eles vão entrar?

— Pelo túnel do Metrô Correfundo.

— Eles vão ser vistos.

Jaina esfregou os olhos.

— Anduin, eles são agentes da avin. Eles não vão ser vistos.

O príncipe balançou a cabeça lentamente.

— Não, não serão. Jaina, você tem razão. Eu tenho que ir embora de Theramore.

A maga franziu o cenho, o pequeno vinco na testa ainda mais proeminente por causa do cansaço.

— Não. Você *não* vai para Altaforja!

Ele quase rugiu, exasperado.

— Jaina, por favor, ouça! Você sempre foi razoável, e tem que ser agora, também.

Moira fez coisas terríveis, bloqueou a cidade, trancafiou gente inocente, mas ela *não* matou o rei Magni e é mesmo filha dele. Ela é a herdeira legítima, e depois dela, seu filho. Eu concordo com algumas coisas que ela quer fazer... Ela só está tentando fazer do jeito errado.

— Anduin, ela está mantendo uma cidade inteira, Altaforja, a *capital* dos anões, refém.

— Porque ainda não sabe nada sobre eles. Ela não confia neles. Jaina, de certa forma, ela é só uma garotinha assustada que quer muito o amor do pai.

— Garotinhas assustadas que governam cidades inteiras fazem coisas perigosas e precisam ser impedidas.

— Sendo mortas? Será que alguém para ajudar, um guia, não seria o bastante? Ela quer que os anões revejam sua linhagem, que passem a ver os Ferro Negro como os irmãos que são. Ser assassinada por isso? E pior, ter o filho assassinado por isso? Por favor, Jaina, ouça. Se meu pai executar esse ataque, muitas pessoas vão morrer e toda a sucessão deles vai virar uma bagunça. Em vez de se unirem como um povo, os anões vão acabar sugados para outra guerra civil! Eu tenho que impedi-lo, você não percebe? Tenho que fazer com que ele entenda que existe outro caminho.

— Não, absolutamente não! Você tem 13 anos, não recebeu treinamento suficiente e é o herdeiro do trono. Você acha que acabar morto vai ajudar Ventobravo? — Ela respirou fundo e fez uma pausa, pensando. Ele ficou em silêncio. — Tudo bem. Se quer mesmo fazer isso, e talvez até tenha razão, eu vou com você. Só preciso de algumas horas para conter a situação aqui e...

— Ele está indo para lá agora mesmo. Não podemos nos dar ao luxo de esperar algumas horas, você sabe disso! Eu conheço meu pai, você também. Você sabe que o que quer que aconteça vai ser ruim, e vai acontecer muito em breve. Eu posso ajudar, posso salvar vidas. Você tem que me deixar fazer isso.

Quando seus olhos encheram-se de lágrimas, Jaina virou as costas. Ele não insistiu, pois confiava nela e sabia que a moça faria a coisa certa.

— Eu...

— Um dia eu serei rei, e serei por bastante tempo. Um dia meu pai terá partido, e ninguém sabe quando esse dia chegará. Pode ser esta noite, a Luz nos livre e guarde, mas você sabe disso, e eu também. Meu pai também sabe. Governar Ventobravo é meu destino, é o papel que nasci para desempenhar, e não poderei fazer isso se continuar a ser tratado como criança.

Jaina mordeu o lábio inferior e limpou os olhos com as costas da mão.

— Você está certo — disse em voz baixa. — Você não é mais um garotinho. Nós dois

queremos que seja, seu pai e eu, mas você já viu tanto, fez tanto...

Como a voz custava a sair, ela fez uma pausa.

— Tenha muitíssimo cuidado para não ser pego, Anduin Wrynn. — Sua voz soava dura e cheia de raiva. O príncipe primeiro se assustou, mas logo percebeu que a raiva não estava direcionada para ele. Jaina estava com raiva porque não havia outra saída. — Impeça seu pai. Faça o risco valer a pena, está me entendendo?

Mudo, ele assentiu. Ela o abraçou com toda a força, como se fosse a última vez. Talvez de certa forma, despedindo-se do garotinho que ele outrora fora. Ele a abraçou de volta, sentindo uma pontada de medo. Mas ainda maior que o medo era uma tranquilidade no âmago de seu ser que lhe dizia que estava fazendo a coisa certa.

Jaina soltou Anduin e tocou seu rosto, sentindo as lágrimas rolarem enquanto forçava um sorriso.

— Que a Luz esteja com você — disse. Dando um passo atrás, ela começou a lançar o feitiço que abriria um portal.

— Ela está — respondeu Anduin. — Eu sei.

E entrou.

Havia somente sombras, e nada mais, quando o grupo deslizou pelas ruas sombrias e desertas àquela hora da noite. Eles rumavam para o norte, para o enfumaçado Distrito dos Anões.

Rumavam para o Metrô Correfundo.

A estação estava absolutamente deserta, e o trem, é claro, não estava lá. No tempo em que ainda funcionava, luzes brilhantes foram postas em intervalos de poucos metros ao longo do trilho, para segurança e deleite dos viajantes. Agora que o metrô estava “fechado para conserto” do lado de Altaforja, Varian ordenara que todas as luzes na jurisdição de Ventobravo fossem apagadas. Os outros dezoito homens e mulheres que agora corriam levemente sobre os trilhos de metal, os pés mal produzindo som, estavam acostumados a agir na escuridão, e o caminho era uma linha reta. Os pés de Varian, contudo, faziam um pouco de ruído, e o rei franzia o cenho. Ali, ele era o elo mais fraco da corrente. Seu treinamento fora muito diferente do de seus compatriotas. Mesmo sendo inquestionavelmente tão mortífero quanto eles, sua forma de atacar era muito diferente, e o rei estava muito disposto a ser guiado e corrigido. Todos os dezenove usavam máscaras para ocultar suas identidades.

O líder daquela parte da missão era Owynn Graddock, um anão de pele morena, cabelos e barba negros, selecionado a dedo pelo próprio Mathias Shaw, líder da avin. Apesar

de composta em grande parte por humanos, a agência também recrutara muitos anões e alguns gnomos, por insistência de Varian. Qualquer assassino treinado serviria, mas anões e gnomos seriam os maiores beneficiários da retomada de Altaforja.

Antes da missão, Graddock investigara quase toda a extensão do túnel por conta própria, para que o grupo soubesse o que o esperava.

— O vidro que barra a água do lago não tem nenhuma rachadura — reportara o anão. — Eu já meio que esperava isso. Inundaria o túnel, e impossibilitaria o tipo de coisa que a gente está tentando fazer. Mas acho que Moira quer poder voltar a usar o metrô, talvez até para atacar Ventobravo. De qualquer jeito, demos uma baita sorte. Mas, por outro lado, vi alguns Ferro Negro andando por aqui, então... — Seus olhos castanhos e solenes miraram Mathias e Varian. — É aqui que começa a batalha.

Esforçando-se para não fazer barulho, o grupo correu até o lago subterrâneo. Varian nem se deteve para admirar as maravilhas do lago, visível através do vidro espesso. Sua mente estava concentrada na missão.

Eles avançavam, e ninguém chegou sequer a ofegar. Um cheiro chegou às narinas de Varian — espesso, doce, enjoativo. Tabaco de cachimbo. Por baixo da máscara, ele sorriu: os inimigos se entregaram de maneira óbvia. Logo reduziu o passo, e os companheiros o imitaram. Na penumbra, o rei viu Graddock fazer sinal para que se preparassem para a batalha.

Os assassinos sacaram várias armas — adagas, sovelas cobertas de veneno, luvas com dispositivos internos especiais. Varian apertou a máscara para que não escorregasse e sacou as armas, duas espadas curtas. Relutara em abrir mão de Shalamayne, com a qual se sentia muito mais à vontade, mas ela seria reconhecida imediatamente, e ele queria que ninguém suspeitasse de sua identidade até que resolvesse se revelar.

Outro gesto de Graddock, e todos avançaram lentamente; desta vez, os pés de Varian não faziam mais barulho no metal. Ele estava aprendendo. Era possível entrever os anões à frente. Havia cinco deles, sentados sobre cobertores dobrados. Canecos de cerveja e vasilhas com os restos de uma refeição cercavam os inimigos, e — Varian mal podia acreditar — eles estavam jogando cartas.

Graddock ergueu e abaixou a mão uma, duas, três vezes.

Os assassinos saltaram.

Varian não tinha certeza de como eles haviam se comunicado, mas era quase como se o ataque tivesse sido coreografado. Cada anão tinha um assassino coberto de couro negro sobre si antes mesmo de poder exprimir surpresa. O rei avançou, espadas em punho,

contendo um grito, mas, quando chegou, os cinco anões já haviam sofrido uma morte rápida. Um tinha uma faca enfiada no olho. Outro tivera o pescoço torcido. O terceiro estava com o rosto inchado, efeito do veneno de ação rápida, e uma espuma espessa escorria-lhe do canto da boca. Um gnomo chamado Brink, careca e com uma aparência estranhamente ameaçadora para alguém de sua espécie, e uma humana levantaram-se, limpando as lâminas sem emoção e com eficiência. Os dois últimos abates.

Avançaram para o grupo seguinte. Altaforja estava próxima.



— **A**nduin! — A voz de Rohan expressava alegria e surpresa ao ver o menino, que surgira de repente no Salão dos Mistérios. — Ouvimos que tu tinha escapado. Porque diabos tu decidiu voltar pra cá?

Anduin atravessou o portal para rapidamente se esconder em um canto do salão. Rohan o seguiu, falando baixo, porém com urgência:

— Moira está em pé de guerra contigo, guri. Veio procurar aqui duas vezes e mandou os lacaios vasculharem cada milímetro de Altaforja. Não disse nada, claro, mas dá pra saber de quem ela está atrás.

— Eu precisava voltar — disse Anduin, mantendo o tom de voz baixo. — Meu pai está planejando um ataque para invadir Altaforja. Preciso impedi-lo. Ele quer matar Moira, acha que ela é uma usurpadora.

As sobrancelhas brancas de Rohan se ergueram formando uma careta.

— Ela não é. É uma péssima rainha, com certeza. Jogou algumas pessoas do bem na cadeia. Mas ela é a herdeira legítima, como o pequeno infante, o pirralho, é herdeiro legítimo dela.

— Exatamente — concordou Anduin, grato ao ver que Rohan compreendia o que ele estava querendo dizer. — É errado o que Moira está fazendo. Melhor do que ninguém, eu vejo isso. Ela queria me manter prisioneiro, não tinha qualquer intenção de me libertar. Mas isso não significa que meu pai pode simplesmente matá-la. Isso não cabe a ele. Ele não vai conseguir nada senão a ira dos anões e outra guerra civil. Além disso, Moira quer fazer algumas coisas certas.

— Como tu soube disso? Tu tem certeza de que essas informações são verdadeiras?

Anduin não queria envolver Jaina na história, então só fez que sim com a cabeça.

— Como a Luz me guia, Padre Rohan, estou certo de que me disseram a verdade.

— Bem, tu é um príncipe, não um padre humilde como eu. Então se tu acha que é verdade, eu também acho. E tu tá certo, guri. Não é certo matar os nossos líderes. Há quem aprove algumas coisas que ela fala. Vou te ajudar. O que tu precisa que eu faça?

Anduin notou que não tinha pensado muito à frente.

— Hum... — começou. — Sei que meu pai vem pelo túnel do Metrô Correfundo. Não sei a que momento ele deve chegar. Devemos tentar interceptá-lo.

— Hum... Como muitas coisas, é mais fácil falar do que fazer. Tu é um piá ainda, mas já não é mais da altura de um anão. E os anões Ferro Negro tão atrás de ti.

— Vamos ter que tomar cuidado — disse Anduin. — Terei que ir agachado. Mas vamos!

Os dezoito assassinos e o rei de Ventobravo se espalharam pela plataforma na saída do Metrô Correfundo. Vários anões Ferro Negro os confrontaram. Era uma luta desigual, e a equipe da AVIN logo liquidou, sem compaixão, os guardas de Moira. A briga atraiu olhares. Uma pequena aglomeração, a maioria gnomos, agora observava os homens e mulheres ocultos por máscaras e trajes de couro preto, em dúvida se eram os salvadores ou uma nova ameaça.

— Não se preocupem — acalmou-os Graddock. — Viemos atrás de Moira e do povo dela, não dos bons moradores de Altaforja.

Os gnomos, que tinham se amontoado, intimidados, comemoraram.

Os guerreiros se apressaram em seguir adiante, rumo ao Salão dos Exploradores, que estaria silencioso a esta hora da noite. Dali, com apenas alguns passos estariam na Grande Forja do Trono Real. O gnomo Brink ia à frente, informando o grupo:

— São vinte e três — disse num tom grave. — Dez são guardas Ferro Negro.

— Só dez? Eu esperava mais — analisou Graddock. — Vamos.

No fim, Anduin não precisou correr agachado. Uma das sacerdotisas era alquimista e se prontificou a preparar uma poção de invisibilidade.

— Não vai durar muito — alertou. — E tem um gosto repulsivo também.

— Consigo correr bem rápido — assegurou Anduin, pegando o diminuto frasco. Ele tirou a rolha, fazendo subir um vapor que o fez tossir. A sacerdotisa estava certa: tinha o cheiro de algo certamente intragável.

— Vou virar — anunciou, erguendo o frasco até os lábios.

— Peraí, guri — pediu Rohan. — Tem alguma coisa acontecendo ali...

Havia uma comoção na área principal. Vários guardas estavam dispersos, parecendo mais sinistros do que o normal.

— Ai, espero que tu não tenha sido visto — comentou em voz baixa Rohan.

Um dos guardas começou a correr em direção ao Salão dos Mistérios e Anduin se encolheu nas sombras, preparado para tomar a poção, se fosse preciso.

— Curandeiros! Corram, estão precisando de vocês!

— O que foi? — perguntou Rohan, dando a impressão de que tinha acabado de acordar.

— Houve uma luta na estação Correfundo — revelou o guarda Ferro Negro.

— É mesmo? — questionou Rohan, alto, para que Anduin o ouvisse. — Quantos eram? Já acabou?

— Cerca de dez. E não, parece que estão lutando na área da Grande Forja também. Traga todos os sacerdotes! Agora!

Rohan olhou para trás como quem tenta se desculpar, depois pegou os mantimentos e correu com os outros sacerdotes. Anduin estava sozinho.

— Agora é muito tarde — murmurou o príncipe para si mesmo. Se Varian e o grupo de assassinos já estavam na forja...

Anduin torceu os lábios, ergueu a poção e engoliu de uma só vez, contorcendo o rosto em caretas por causa do sabor.

Então correu o mais rápido que podia em direção à Sala do Trono, Moira... e seu pai.

Os primeiros guardas foram liquidados silenciosamente. O grupo parou e recuperou o fôlego, camuflando-se entre as sombras. Logo em frente à forja estava a Sala do Trono... e havia vários Ferro Negro no caminho.

— Vamos nos dividir em dois grupos. Vocês ficam comigo — Graddock apontou para nove do grupo. — Vamos enfrentar os guardas na forja. O resto vai com Varian. Levem-no a Moira, custe o que custar. Fui claro?

Todos fizeram que sim com a cabeça. Apesar dos riscos visíveis, nenhum deles parecia particularmente tenso. Enquanto Varian observava os guerreiros, Brink até bocejou e se espreguiçou. Era só mais um dia de trabalho para eles, assim como fora para ele, em sua época de gladiador, abatendo inimigos com o dobro do tamanho.

— Tudo certo, então. Ao trabalho!

E sem qualquer outro aviso, o primeiro grupo seguiu adiante. Os olhos de Varian, que

tinham se acostumado com a visão dos guerreiros depois de tantas horas juntos aquela noite, piscaram ao vê-los sumindo na escuridão. Logo ouviram-se gritos no momento em que os assassinos atacaram ceifando gargantas e erguendo os aterrorizados anões, arremessando-os nas piscinas de ferro derretido da forja.

— Vão, vão! — gritava Brink, cotovelando Varian na coxa.

Ele não precisava de mais incentivo. O grupo começou a correr a toda velocidade pela Grande Forja. Os guardas Ferro Negro a postos ali os encontraram no meio do caminho, berrando provocações. Satisfeito por estar, finalmente, numa luta de espadas franca, mano a mano, depois de se esgueirar a noite toda, Varian soltou um grito de guerra e se postou diante do primeiro adversário. Espadas se chocaram contra lâmina de machado e escudo, soltando faíscas na luz fraca. O Ferro Negro era bom, Varian tinha que admitir. Conseguira defender quatro golpes de Varian até que este se esquivou de um contra-ataque e deu uma estocada numa brecha na armadura entre o braço e a couraça.

Ele girou, passando a outra espada paralela ao chão, atacando através da armadura de outro guarda. Este gritou de dor, caindo de joelhos. Varian o chutou no rosto e depois degolou o anão com a segunda espada. Ele nem mesmo viu a cabeça saltando, pois já cuidava do próximo ataque.

O grupo do rei já entrara na Sala do Trono, aniquilando sem piedade qualquer opositor que encontravam. Claro que àquela hora Moira não estaria sentada no trono roubado. Ela deveria estar em um dos recintos privativos nos fundos, dormindo com o pirralho seu filho.

Varian seguiu adiante, apressado, concentrando-se, e a única coisa em sua mente era a porta do quarto da falsa rainha. Correu a toda velocidade até os aposentos de Moira, pegando impulso e girando no último instante para atingir a porta com o ombro. Não funcionou. De novo, ele se jogou contra a porta, e de novo. Até que dois outros assassinos chegaram, acrescentando outros ombros à tarefa.

A porta se despedaçou e eles passaram, correndo e desabando para o outro lado. Foram atacados quase imediatamente. Varian ouviu os gritos de uma mulher e os berros de uma criança assustada. O rei de Ventobravo não se importou, golpeando com as espadas dois anões que o confrontaram. Ambos não fizeram frente ao rei, que ficou salpicado com o sangue deles. Uma das espadas cravou na cintura de um anão, e depois de tentar recuperá-la sem sucesso, Varian abandonou a arma. Ele girou, segurando a outra espada com as mãos, partindo em direção ao alvo.

Moira Barbabronze estava de camisola em cima da cama, com os cabelos bagunçados e os olhos arregalados de terror. Varian arrancou a máscara que cobria a parte inferior do

rosto, e Moira quase engasgou ao reconhecê-lo. Com dois passos largos, o rei a agarrou. Segurou-a pelos braços, arrastando Moira da cama. Ela resistiu, mas a mão de Varian apertava tanto quanto uma algema.

Ela cambaleou ao ser puxada por Varian, mas ele não se incomodou com isso. O rei caminhou até uma área aberta perto da forja, onde uma multidão começava a se formar, arrastando a anã que resistia atrás dele. Ele a trouxe para perto de si com um só braço.

— Vejam a usurpadora — gritou Varian, agora sem máscara, a voz ecoando no amplo pátio. — Esta é a filha por quem Magni Barbabronze derramou inúmeras lágrimas. Sua amada menininha. Como ele ficaria revoltado ao ver o que ela fez com esta cidade, este povo!

A multidão só observava. Nem mesmo os Ferro Negro ousavam dar um passo, não com a imperatriz correndo um risco tão grave.

— Este trono não é seu. Você o comprou com fraudes, mentiras e trapaças. Ameaçou os súditos sem que eles tivessem feito qualquer coisa de errado. Intimidou os outros por um título que não merecia. Não vou aceitar ver você sentada nesse trono roubado nem mais um minuto!

— *Pai!*

O grito perfurou a névoa da fúria de Varian, e por um instante fez vacilar a espada que ele mantinha apertada contra o pescoço de Moira. Então o rei se recuperou. Sem tirar os olhos da anã, respondeu:

— Você não deveria estar aqui, Anduin. Vá embora. Isso não é lugar para você.

— Mas este é o meu lugar! — A voz se aproximava, atravessando a multidão em direção ao rei.

Os olhos de Moira viraram da direção de Varian para, ao que parecia, a do filho dele. Mas ela nem tentou pedir ajuda. Provavelmente, por saber que caso movesse mais do que os olhos, sentiria a espada penetrando fundo em seu pálido pescoço.

— Você me mandou para cá. Queria que eu conhecesse o povo anão, e conheci. Eu conheci Magni bem e estava aqui quando Moira chegou. Acompanhei a confusão que ocorreu em seguida por conta disso. E vi que as coisas chegaram muito perto de uma guerra civil quando o povo resolveu pegar em armas para resolver os problemas com elas. Você pode pensar o que quiser de Moira, mas ela é a herdeira legítima!

— O sangue pode ser certo — rosnou Varian —, mas a cabeça está errada. Ela foi enfeitiçada, Filho; Magni sempre acreditou nisso. Tentou manter você prisioneiro. Várias pessoas estão presas sem qualquer justificativa.

Certificando-se de que mantinha Moira com firmeza, ele virou a cabeça e concluiu:

— Ela não foi feita para liderar! Vai destruir tudo o que Magni tentou fazer. Tudo pelo que ele... tudo pelo que ele morreu!

Anduin deu um passo à frente, com as mãos erguidas em súplica.

— Não há feitiço, Pai. Magni queria acreditar nisso em vez de enxergar a verdade: ele afastou Moira porque ela não era um herdeiro homem!

Varian franziu as sobrancelhas negras.

— Você está maculando a memória de um homem honrado, Anduin.

O príncipe não titubeou.

— É possível ser um homem honrado e ainda assim cometer erros — afirmou Anduin, inexorável. Varian enrubesceu, e o filho entendeu que não precisava ir além nesse assunto.

— Moira foi aceita pelos Ferro Negro. Ela se apaixonou, casou dentro das leis de seu povo, deu um filho ao marido. Ela é a legítima herdeira *anã* do povo *anão*. Eles é que precisam decidir se a aceitam ou não. E não nós.

— *Ela sequestrou você, Anduin!* — A voz de Varian ecoou, e Anduin recuou um pouco. — Você, meu filho! Isso não pode ficar sem punição! Não vou deixar que ela mantenha você e uma cidade inteira como prisioneiros. Não vou, entendeu?

Seu menino, seu belo filho... Era difícil simplesmente não gritar de raiva e enfiar a lâmina no pescoço da usurpadora. Não comemorar o sangue quente escorrendo pelas mãos. Não saber que a ameaça ao filho tinha enfim acabado. Ele poderia fazer aquilo. Poderia fazer aquilo tudo. E como ele queria.

— Então deixe que ela responda à lei, ao povo, pelo que causou a eles. Pai, você é um bom rei e quer fazer a coisa certa. Acredita na lei. Na justiça. Você não é um vigilante qualquer. Destruir... — Anduin parou no meio da frase, como quem se lembra de algo, e uma expressão curiosa, porém calma, adejou em seu rosto. — É fácil destruir. Criar algo bom, correto, algo que perdura; isso sim é difícil. Seria fácil matá-la. Mas você tem que pensar no que é melhor para o povo de Altaforja. Para os anões, todos eles. Qual o problema de os anões decidirem o quanto querem participar da política mundial? Qual o problema de colaborar com os Ferro Negro se eles forem amigáveis?

Ouviam-se alguns murmúrios. Varian olhou ao redor, inflando as narinas. Rohan limpou a garganta.

— O rapaz fala a verdade, Majestade. Moira fala algumas coisas inteligentes. Mas acabou agindo de um jeito... burro, com certeza. Só que ela é *nossa* princesa, no fim das contas. E quando for propriamente coroada, será nossa rainha.

— Se Moira morrer sem deixar um herdeiro definido, teremos uma guerra civil! — prosseguiu Anduin. — Acha que isso é o melhor para o povo anão? Magni iria querer isso? A guerra pode chegar a Ventobravo também, ou mesmo aos elfos noturnos ou aos gnomos. Você vai decidir por eles também?

A mão de Varian agora tremia um pouco, e Moira soltou um gemido quando a lâmina fez um pequeno corte em sua garganta. Uma única gota de sangue caiu na espada.

Você não é um vigilante qualquer.

É fácil destruir.

Eu quero fazer o que é certo, o que é justo. Varian pensou, alucinado. *Mas como criar algo que perdure? Ela é a herdeira legítima e, sim, os anões podem se voltar uns contra os outros. Não estou na posição de fazer isso. É a cidade deles; é a rainha, ou farsante, deles. Se pelo menos pudéssemos encontrar Brann ou Muradin, nós...*

Ele piscou.

— Por mais que eu quisesse que não fosse verdade — disse, com severidade, e Moira o fitou com os olhos arregalados de terror —, você *tem* o direito de reivindicar o trono. Mas assim como eu, Moira Barbabronze, você precisa ser melhor do que é. Precisa de mais do que uma herança de sangue para liderar bem o seu povo. Você precisa merecer isso.

Ele a empurrou. Moira cambaleou e nem mesmo tentou fugir. Como poderia? Estava cercada pela população que tentara liderar com punho cruel e arrogante.

— É óbvio que não se pode confiar em você para liderar sozinha o reino de Altaforja. Não sozinha, não ainda. Você deixou isso muito claro. O povo não se resume aos anões Ferro Negro em quem você está acostumada a mandar. Os anões têm três clãs. Ferro Negro, Barbabronze e Malho Feroz. Quer aproximar os povos anões? Ótimo. Então cada um desses clãs precisa de um representante. Uma voz que, pela Luz, *você terá que ouvir!* — Ele elaborava as ideias à medida que falava. Os Malho Feroz, é verdade, demonstraram pouco interesse em Altaforja e tinham terras em outras áreas. Formavam uma nação própria, e Moira não seria rainha deles.

Mas não se tratava apenas do título dela. Também dizia respeito aos anões como um povo. A ideia era evitar, como Anduin dissera, uma guerra civil. Parecia correto. Correto o suficiente para dar uma chance e ver se daria certo. No fim, eram os próprios anões quem decidiriam isso.

Moira não disse nada, apenas olhava ao redor assustada. Parecia só uma garotinha amedrontada, parada ali, de camisola...

— Três clãs, três líderes. Três... Martelos — disse Varian. — Você para os Ferro Negro,

de que passou a fazer parte quando casou, Falstad para os Malho Feroz e Muradin ou Brann ou quem conseguirmos para os Barbabronze. Você ouvirá as necessidades de cada um. Vai trabalhar com eles para o aprimoramento do povo anão, e não com fins egoístas. Entendeu?

Moira fez que sim com a cabeça... cuidadosamente.

— Vamos ficar de olho em você. Bem. De perto. Em vez de acabar com a sua vida aqui no piso da Sala do Trono, dei uma segunda chance para você provar que está pronta para liderar os anões. — Ele se abaixou até ela. — Não os decepcione.

Varian balançou a cabeça num breve sinal positivo. As espadas da equipe da AVIN foram recolhidas na mesma velocidade com que foram sacadas. Moira tocou no pescoço onde o pequeno corte se abria. Ela estava tremendo visivelmente, e toda elegância e doçura falsas tinham desaparecido.

Varian não tinha mais o que tratar com ela. Virou-se para Anduin e o viu sorrindo, orgulhoso. Com dois passos largos, o rei alcançou o filho e o abraçou. Apertando forte Anduin contra si, ouviu as primeiras palmas. O som logo se tornou mais alto e além das palmas, assobios e gritos de aprovação eram entoados pela multidão. Os nomes “Malho Feroz! Barbabronze!” foram gritados. E, tal como Anduin e Rohan disseram, ouviram-se até mesmo alguns gritos de “Ferro Negro!”.

Varian notou dezenas, talvez centenas, de anões sorrindo e celebrando o rei e a decisão. Moira continuava sozinha, as mãos na garganta, de cabeça baixa.

— Viu, pai? — disse Anduin, afastando-se para fitar o rei. — Você sabia exatamente o que fazer. E fez.

Varian sorriu.

— Precisava que alguém acreditasse nisso por mim, antes que eu pudesse crer — respondeu. — Vamos, filho. Vamos para casa.

Thrall e Aggra voltaram rápido para Garadar, onde foram recebidos com expressões austeras. A Grande Mãe Geyah parecia extremamente triste ao se levantar para abraçar Thrall. Um tauren estava por perto, alto e rígido. Thrall reconheceu nele Perith Casco Feroz, e se sentiu empalidecer.

— Algo horrível aconteceu — disse, não em tom de pergunta, mas sim de afirmação. — O que foi?

Geyah tocou seu coração.

— Primeiro, você sabe aqui que estava certo de vir para Nagrand. O que quer que tenha acontecido na sua ausência.

Thrall fitou Aggra, que parecia tão perturbada quanto ele. O orc tentou se acalmar.

— Perith. Diga.

E Perith assim o fez, com um tom de voz calmo com a exceção de alguns momentos em que sua voz se embargou. Contou do perverso assassinato de druidas inocentes enquanto se reuniam pacificamente, e de Caerne, indignado, desafiando Garrosh. E da morte do grande líder, que depois descobriram ter sido envenenado por Magatha Temível Totem. Das chacinas no Penhasco do Trovão, na Aldeia Casco Sangrento e no Retiro Rocha do Sol. Quando terminou, ergueu um pergaminho.

— Palkar, o servo de Drek'Thar, também mandou isso.

Thrall desenrolou o papel se concentrando em não deixar as mãos tremer. Ao ler as palavras de Palkar — palavras dizendo que, ao contrário do que se pensava sobre Drek'Thar, o ancião ainda tinha visões verdadeiras em meio às alucinações —, seu coração pesou. A tinta manchava o ponto onde Palkar escrevera as últimas palavras de Drek'Thar: *A terra irá chorar, e o mundo se partirá...*

O mundo se partirá. Como ocorrera com outro mundo antes...

Thrall cambaleou, mas se recusou a sentar. Manteve-se ereto, como se as pernas tivessem sido soldadas ao solo. Por um bom tempo continuou ali, divagando. *Fiz certo em vir? O conhecimento que adquiri compensou a perda de Caerne? De tantos taurens inocentes e pacíficos? E mesmo se eu estivesse certo, será que já não é tarde demais?*

— Baine — disse Thrall por fim. — Onde está Baine?

— Não sabemos, Chefe Guerreiro — respondeu Perith. — Mas acreditam que ele ainda está vivo.

— E Garrosh? O que ele fez?

— Nada, até agora. Parece estar esperando para ver qual lado sai vitorioso.

Thrall fechou os punhos. Sentiu algo leve feito uma pluma e ao abaixar os olhos viu que Aggra tocava suas mãos. Sem saber o porquê, ele abriu os punhos e entrelaçou os dedos aos dela.

— Essas... — A voz falhou e ele recomeçou. — São notícias terríveis. Meu coração dói ao pensar nessas mortes. — Ele olhou para Geyah. — Hoje, descobri algo sobre as Fúrias que pode ser útil para ajudar Azeroth. Pensei em partir em alguns dias, mas acho que vocês entendem que agora eu preciso partir imediatamente.

— Claro — afirmou Geyah logo em seguida. — Já preparamos sua bagagem.

Ele estava contente e ao mesmo tempo não, uma vez que esperara ter alguns momentos para se recompor. Geyah, fêmea sensível, notou isso imediatamente.

— Estou certa de que deseja alguns momentos de meditação antes de partir — sugeriu, e Thrall aceitou a oportunidade.

Saiu com passos largos de Garadar até um arvoredor próximo. Um pequeno grupo de talbuques selvagens notou a aproximação e, agitando os rabos, galoparam até outra área para continuar pastando em paz.

Thrall se sentou pesadamente, sentindo como se tivesse mil anos de idade. Era difícil absorver todo o impacto das notícias catastróficas. Aquilo era verdade? O assassinato dos druidas, de Caerne, de inúmeros taurens no coração da própria terra? Ele sentiu-se tonto e colocou as mãos na cabeça por um momento.

Lembrou da última conversa com Caerne e sentiu o peito dolorido. Trocar aquelas palavras com um velho amigo — palavras que se tornaram as últimas que Caerne ouviu dele... Uma única morte parecia abalá-lo mais do que as vidas inocentes perdidas em consequência do assassinato de Caerne. Pois fora um assassinato. Não uma morte justa na arena, mas *envenenado*...

Thrall se sobressaltou ao sentir uma mão no ombro e virou, vendo Aggra agora sentada ao seu lado. A raiva começou a borbulhar dentro dele e explodiu:

— Você veio aqui tripudiar, Aggra? Dizer como sou péssimo chefe guerreiro? Que minhas lealdades divididas custaram a vida de um dos meus melhores amigos e de inúmeros inocentes?

Os olhos castanhos de Aggra eram indizivelmente bondosos e ela fez que não com a cabeça, continuando em silêncio.

Thrall bufou e desviou os olhos para o horizonte.

— Se dissesse, não seria muito diferente do que eu já pensei.

— Imaginei. Ninguém precisa de ajuda para se castigar — disse baixo, e Thrall pensou estar ouvindo a voz da experiência. Ela hesitou, mas prosseguiu. — Eu errei em criticar você. Peço desculpas.

Ele fez um gesto com a mão. Diante do que acabara de ouvir, os comentários cáusticos de Aggra eram a última das preocupações. Mas ela continuou.

— Quando primeiro ouvimos falar de você, fiquei empolgada. Fui criada ouvindo histórias de Durotan e Draka. Admirava particularmente sua mãe. Queria... Queria ser como ela. E quando ouvi sobre você, todos pensamos que voltaria para casa em Nagrand. Mas você continuou em Azeroth mesmo quando nós, os Mag'har, nos juntamos à Horda. Você fez alianças com seres estranhos. E... me senti traída, ao ver o filho de Draka abandonando o próprio povo. Você voltou, é verdade. Uma vez. Mas não ficou. Não entendia o porquê.

Ele ouvia sem interromper.

— Então você voltou. Querendo o nosso conhecimento, que foi adquirido com tanto suor e sangue. Deixar de ajudar o mundo que deu origem ao nosso povo, mas ajudar um mundo estranho, alienígena. Fiquei com raiva. Por isso fui tão dura com você. Foi uma atitude egoísta e frívola da minha parte.

— O que fez você mudar de ideia? — perguntou, curioso.

Ela estava olhando para o horizonte, como ele, mas se virou para olhá-lo. A oblíqua luz da tarde ressaltava cada plano do rosto órquico forte e moreno. E Thrall, acostumado a encontrar harmonia e beleza no rosto de mulheres humanas, tendo crescido entre humanos, de repente se viu surpreso com a beleza de Aggra.

— Comecei a mudar de ideia logo antes da sua peregrinação espiritual — respondeu ela, baixo. — Você estava me fazendo reconsiderar. Não mordeu a isca para ser fisgado como um peixe. Também não usou sua influência com a Grande Mãe para me substituir como professora. E quanto mais eu observava e ouvia, mais percebia que... isso realmente importa para você.

“Andei com você e vi como vive com os elementos, como um verdadeiro xamã faz. Vi e compartilhei suas dores e alegrias. Observei você com Taretha, Drek'Thar, Caerne e Jaina. Você vive como acredita, ainda que não compreendesse isso antes de passar pela peregrinação espiritual. Você não é uma criança com fome de poder procurando novos e maiores desafios. Está lutando para fazer o que é melhor para o seu povo. Todos eles. Não só os orcs ou a Horda, mas até mesmo os inimigos. Você quer — ela tocou com as mãos morenas o solo num gesto carinhoso — o que é melhor para o seu mundo.

— Não tenho certeza de que fiz o melhor para isso — admitiu Thrall. — Se tivesse ficado...

— Então você não teria aprendido o que aprendeu.

— Caerne estaria vivo. Como também os taurens que moravam no Penhasco do Trovão e...

A mão dela alcançou Thrall e agarrou o braço dele, as unhas pressionando a carne com força.

— O que você aprendeu pode salvar tudo. Tudo!

— Ou nada — contrapôs Thrall. Ele não puxou o braço de volta e ficou observando o sangue que surgia por baixo das unhas dela.

— Você escolheu a chance em vez da certeza. A chance do sucesso em vez da certeza da derrota. Se não tivesse feito nada, não seria um chefe guerreiro. Seria um covarde,

indigno de tal honra. — O rosto dela se tornou um pouco mais severo. — Mas você quer chafurdar? Lamentar-se dizendo: “Ai, pobre Go’el, pobre de mim”? Então faça, mas terá que fazer sem mim.

Ela começou a se levantar, mas Thrall agarrou-a pelo pulso. Aggra olhou para ele.

— O que você quis dizer?

— Quis dizer que se você prefere a autocomiseração à atitude, isso significa que eu errei em mudar de ideia. E não voltaria para Azeroth com você.

Ele apertou ainda mais as mãos no pulso dela.

— Você... estava planejando voltar comigo? Por quê?

Emoções passaram pelo rosto de Aggra até que ela desabafou:

— Por que, Go’el, descobri que não quero me afastar de você. Mas parece que eu estava errada, você não é a pessoa que eu pensei ser. Não vou me juntar a alguém que...

Ele a puxou num abraço forte, apertado.

— Eu queria que você viesse comigo. Caminhe comigo para onde essa estrada levar. Acabei me acostumando com a sua voz indicando quando estou errado e... Gosto de ouvir quando fala serenamente. Não ter você por perto seria tão dolorido. Você vem? Fica ao meu lado?

— Para... aconselhar você?

Ele balançou a cabeça, com o rosto descansando no topo da cabeça dela.

— Para ser a minha sabedoria como o Ar, minha estabilidade como a Terra. — Ele tomou fôlego e continuou. — E minha paixão e coração como o Fogo e a Água. E se aceitasse, eu seria tudo isso para você também.

Ele a sentia tremendo entre os braços. Ela, Aggra, tão forte e corajosa. A orquisa se afastou um pouco para colocar a mão no peito dele, e procurou os olhos de Thrall.

— Go’el, enquanto você tiver este incrível coração para guiar e amar, então saiba que o acompanharei até o fim de quaisquer mundos e além.

Ele colocou a mão nas bochechas dela, pele verde contrastando contra marrom, então se abaixou para apoiar a testa gentilmente à dela.



○ Alto Chefe Caerne Casco Sangrento fora envolto cuidadosamente em uma mortalha belíssima, tecida com as cores da Mãe Terra — tons de marrom e verde. Pela tradição dos taurens, os mortos eram cremados com cerimônia e ritual. Os corpos eram estendidos sobre uma pira e acendia-se uma chama embaixo deles. As cinzas caíam na terra; a fumaça subiria ao céu. A Mãe Terra e o Pai Céu, portanto, receberiam o morto honrado; An'she e Mu'sha testemunhariam a partida.

Thrall vestia, como quase sempre, a armadura que o velho Orgrim Martelo da Perdição o legara. Era um pouco difícil carregar o peso do traje, e Thrall foi obrigado a subir devagar ao cume para ficar no mesmo nível do que o corpo e ver o que restara de Caerne com uma visão borrada de lágrimas.

Thrall se apressara para voltar a Azeroth. Ele e Aggra se encontraram rapidamente com Baine e solicitaram um tempo a sós com Caerne. O pedido foi concedido. Mais tarde teriam longas conversas, e fariam planos e preparativos. Porém, por ora, Thrall sentava-se ao lado de seu velho amigo, enquanto o sol descia languidamente pelo céu azul de Mulgore. Enfim, Thrall tomou fôlego e perguntou em voz baixa:

— Caerne, meu velho amigo... você ainda está aqui?

Tanto os taurens quanto os orcs acreditavam que o espírito dos mortos às vezes se comunicava com aqueles que amaram em vida. Transmitiam avisos, conselhos ou simplesmente bênçãos. Thrall se sentiria grato diante de qualquer uma dessas opções.

No entanto, as palavras do orc foram carregadas pela brisa suave, sendo levadas para longe. Nada, ninguém o respondeu. Thrall abaixou a cabeça por um momento.

— Então estou mesmo sozinho. Você se foi de verdade, meu caro amigo. Não posso pedir conselhos ou perdão, como deveria.

Só o suave suspiro do vento se manifestou.

— Nós nos despedimos com raiva. Dois amigos que nunca deveriam ter raiva um do outro, que deveriam ser maduros a ponto de saber que essa é uma péssima forma de se despedir. Eu não conseguia lidar com meus próprios desafios. Estava frustrado e me afastei de suas sábias palavras. Nunca tinha feito isso e veja o que aconteceu. Você jaz aqui, morto por uma traição. E não posso olhar nos seus olhos para lhe dizer como essa cena parte meu coração.

A voz também vacilava. Thrall tomou um minuto para recuperar a compostura, ainda que não houvesse ninguém por perto, com exceção dos pássaros e animais. A armadura pesava e esquentava o corpo do chefe guerreiro.

— Seu filho... Caerne... eu queria dizer como você ficaria orgulhoso de Baine. Mas sei o quanto você já se orgulhava dele. Ele é legitimamente seu filho, e vai carregar o legado de todas as suas vitórias para as próximas gerações. Não se deixou dominar pela tristeza. Preferiu a segurança do povo, apesar do ardente desejo de vingança. Com ele, os taurens estão em paz novamente. Sei que você sempre quis isso. Mesmo diante de um terror tão profundo, naquela noite tão escura e assustadora, mesmo neste momento, o espírito da Horda e o seu povo sobreviveram.

“Os Temível Totem agora são inimigos declarados, em vez dos enganadores que você tinha tão próximos; que se aproveitaram da sua confiança e planejaram friamente o ataque. Os taurens não serão pegos desprevenidos diante deles, nunca mais. Quanto a Garrosh... Não acredito que ele soubesse da traição de Magatha. Ele merece ser chamado de muitas coisas, mas não de assassino traícoeiro. Ele desejaria saber que venceu uma luta justa, para que pudesse se regozijar legitimamente dessa honra. Ele...”

A voz sumiu. Thrall estava perturbado com o assassinato do amigo e a chacina que se seguira à morte de Caerne. Ficava contente de saber que os taurens estavam em paz de novo, sob a boa liderança de Baine. Mas fora isso...

— Caerne... — disse ele lentamente. — Eu construí a Horda. Inspirei, lhes dei uma direção, objetivos. E no entanto... Parece que esse dever, essa meta... Não é mais o que me motiva. Como posso liderá-los se o meu foco está em outro lugar?

O instinto de Thrall, antes tão certo, já não estava tão afiado quanto fora antes. Ele enterrou o rosto nas mãos, fazendo a armadura ranger com o gesto. Sentia-se... perdido. Destruído. De novo, viu-se na bruma da peregrinação espiritual, a armadura rangendo e caindo enquanto ele era dominado pelo medo e pelo desamparo. Thrall percebeu com um sobressalto que se continuasse a guiar a Horda desta forma, com o coração e a cabeça em

outro lugar, acabaria levando-os para uma guerra civil. Quaisquer que fossem as divergências com Garrosh sobre o que ocorrera na ausência dele, era preciso lembrar que o próprio Thrall escolhera o jovem Grito Infernal para ser chefe guerreiro em exercício. A responsabilidade era tanto dele quanto de Garrosh. E, no fim, o máximo que se podia provar era que o jovem não fizera nada pior do que aceitar um desafio e encarar as consequências. Ele não faria a Horda assistir a uma briga contra Garrosh a respeito disso.

— Eu nunca falei isso, e gostaria de ter falado antes. Sabia que, para mim, você sempre foi o coração da Horda, Caerne? Você e os taurens. Quando muitos outros da Horda tinham fome de guerra e buscavam outros caminhos sombrios, você ouvia a sabedoria da Mãe Terra e nos aconselhava a arriscar outras soluções, outras ideias. Você nos lembrava do perdão e da compaixão. Você era nosso coração, nosso verdadeiro centro espiritual.

Thrall percebia, enquanto elaborava o discurso desajeitado, que era hora de confiar no próprio coração, que o guiava para longe de Orgrimmar, da Horda, para uma jovem xamã valente e impetuosa chamada Aggra e os altivos costumes órquicos que ela representava.

E o guiava para o próprio coração do mundo.

Ele fechou os olhos de dor. Não *queria* que essa fosse a decisão certa. Era muito difícil, causaria revolta, magoaria muita gente. Havia muitas razões para ficar, todas sólidas e lógicas, todas importantes e vitais. Só havia uma razão para partir, que era por demais mística e misteriosa, longe de parecer clara.

Mas era a escolha certa. A única. Um sopro do vento roçou os cabelos de Thrall gentilmente, tocando sua alma com firmeza. Thrall arrepiou-se, e notou que a escolha já tinha sido feita.

Ele tinha aprendido claramente o que fazer. Se continuasse como chefe guerreiro, fracassaria. Só havia um jeito de salvar a Horda... e seu mundo. Ele sabia o que fazer.

Aos poucos, Thrall se levantou. Num tumulto de cores, o pôr do sol — An'she, para o povo tauren — iluminava a armadura negra. Então, devagar, ele começou a se despir. Primeiro, soltou as fivelas e tirou as ombreiras, que caíram na grama verde e macia retinindo como música. Logo, ele desatou a couraça, que antes exibia as marcas do golpe que tirara a vida de Martelo da Perdição. Fora um golpe de lança covarde, pelas costas. A armadura negra se partiu, e o interior da couraça ficou marcado. Thrall pediu que consertassem para que a armadura fosse usada novamente.

Parte por parte, a armadura de Orgrim Martelo da Perdição, a armadura do chefe guerreiro da Horda, foi retirada e colocada com deferência em uma pilha cada vez maior. Thrall pegou uma mochila e retirou um simples manto marrom, colocando-o pela cabeça.

Então o sobrepôs com um cordão de orações, feito de contas, ao redor do pescoço. Lembrou-se das palavras de Aggra: *Nós não usamos armaduras em nossas iniciações. Uma iniciação é um renascimento, não uma batalha. Assim como uma cobra, nós nos livramos da pele de nosso passado. Precisamos chegar a esse momento sem esses fardos, sem os pensamentos mesquinhos e as noções que tínhamos antes. Precisamos estar simples, limpos e prontos para entender e nos conectar aos elementos, deixando-os inscreverem sua sabedoria em nossas almas.*

Ele tirou as botas e se levantou. Pés descalços na boa e sólida terra, braços abertos, cabeça inclinada para trás e os olhos azuis fechados. Recebeu o crepúsculo não como chefe guerreiro em trajes de cerimônia. Esse não era mais Thrall. Os elementos tinham-no provado isso. Mas talvez Thrall tivesse agido a tempo — escolheu se livrar da armadura e do título de chefe guerreiro em vez de ser destituído. A escolha estava nas mãos dele; e ele a tomara com calma e liberdade. Thrall era um xamã. Não era mais responsável só pela Horda, mas por Azeroth e pelos elementos que clamaram por socorro, para salvá-los da terrível e iminente catástrofe, ou para curá-los se, por acaso, chegasse atrasado. O vento caloroso e suave tomou força, como se o acalentasse em aprovação.

Ele abaixou a cabeça e abriu os olhos. Em frente, via o corpo do amigo pela última vez. Enquanto An'she se punha no oeste, marcando a impressionante silhueta do Penhasco do Trovão, um último raio de sol iluminou o cadáver. Sobre o largo peito de Caerne, havia adornos que ele usara em vida — penas, contas, ossos. E outra coisa. Pequenas lascas de madeira, talhadas e respingadas de sangue.

Thrall notou que aqueles eram os fragmentos da lendária lança rúnica dos Casco Sangrento que Uivo Sangrento partira quando Garrosh desferiu o golpe final. Quando percebeu isso, foi invadido por uma nova e bruta sensação de perda. Thrall compreendeu que a dor experimentada até então era só uma pálida sombra do que estava por vir. Teria que suportar a vida toda a ausência da bondade, do humor e da sabedoria do amigo.

Impulsivamente, Thrall saltou com elegância para cima da pira. Os suportes balançaram um pouco, mas suportaram seu peso. Thrall ergueu a mão até a testa de Caerne e, suavemente, com reverência, tirou um pedaço da lança rúnica partida. Girou-a na mão, e se arrepiou.

Aquele pedaço em particular tinha uma única runa: *cura*. Ele guardaria aquela, para lembrá-lo de Caerne. Para estar sempre próximo do seu coração. Thrall pulou de volta à terra e começou a caminhar em direção ao pôr do sol. Não olhou para trás.

Thrall sentiu o vento um pouco mais frio ao cair da noite. Muito ainda precisava ser

discutido com Baine, havia muito a planejar. Mas, mesmo assim, ele desejava um momento de descanso com Aggra naquela terra serena. Ela nunca estivera ali, mas assim como ele, tinha se identificado com a tranquilidade do lugar. Ela...

A um continente de distância, Drek'Thar acordou de súbito, erguendo-se assustado. Um grito irrompeu de sua garganta:

— *Os oceanos vão ferver!*

O leito do oceano se partiu. A quilômetros de distância, o mar começou a recuar do Porto de Ventobravo como se tivesse sendo engolido. Os navios de repente ficaram presos na terra, e os moradores que passeavam pelo belo porto de pedra naquela agradável tarde pararam, protegendo os olhos da luz do sol poente e sussurraram uns para os outros com uma curiosidade ociosa.

A maré recuou um pouco mais, porém só por um momento. Então o que atraía as águas de repente fez o movimento oposto com uma intensidade letal. Uma gigantesca onda rebentou sobre o porto. As grandes embarcações que tinham navegado por lugares tão exóticos e distantes como Auberdine e Bastilha Valentia foram destruídas ao ponto de parecerem montes de gravetos, navios de brinquedo sob os pés de uma criança raivosa. Destroços e corpos agora colidiam contra as docas, destruindo-as com igual facilidade e rapidez, varrendo os pedestres que agora berravam em pânico à vista da aproximação implacável das ondas. A maré subiu, alagando o maquinário de guerra e os suprimentos médicos com igual crueldade.

Não acabou aí. O nível da água continuou a subir até os imponentes leões de pedra que mantinham a guarda do porto ficarem completamente submersos. Só então a fúria do oceano pareceu dar uma pausa.

Quilômetros ao sul, uma fenda na terra ao largo da costa de Cerro Oeste se tornara um gigantesco sumidouro. O oceano estava com raiva, assustado. Desafogava seu terror na terra, enquanto esta respondia com desespero.

Drek'Thar se apoiava em Palkar, sacudindo-o, gritando:

— *A terra irá chorar, e o mundo se partirá!*

A terra rachou sob Thrall.

Ele se jogou para o lado, aterrissando, rolando e se levantando rapidamente, só para ser derrubado mais uma vez. O solo se erguia com sobressaltos, como se Thrall estivesse montado sobre uma enorme criatura, que o erguia mais e mais. Ele se agarrava à terra, mas

sem conseguir levantar e escapar. Mas mesmo se conseguisse fugir, para onde iria?

Terra, solo e pedra, peço serenidade de vocês. Compartilhem comigo seu medo, nomeiem-no e eu...

A terra tinha sim uma voz e agora berrava, com um estrondo, um choro agonizante.

Thrall sentiu o mundo se dilacerar. Não ali, não no Penhasco do Trovão, nem mesmo em Kalimdor, mas ao leste, no coração do oceano, no centro da Voragem... Isso, então, era o que os elementos temiam. Uma destruição, um cataclismo, uma ruptura na terra tal como ocorrera em Draenor. A conexão com os elementos fez com que Thrall compartilhasse o terror deles, e ele também jogou a cabeça para trás e gritou até que a inconsciência o dominou.

Thrall acordou com um suave toque no rosto e, ao abrir os olhos, viu Aggra encarando-o com uma expressão preocupada, que relaxou ao vê-lo esboçando um sorriso.

— Você é mais forte do que parece, Servo — provocou, com um tom de voz que denunciava alívio. — Achei por um momento que você tinha decidido se juntar aos seus ancestrais.

Thrall olhou ao redor e percebeu que estava numa das tendas acima do Penhasco do Trovão, talvez no Platô dos Espíritos. Baine estava ao lado dele.

— Encontramos você deitado no solo, perto da área funerária, e o trouxemos para cá, meu amigo — disse Baine, com um sorriso ligeiro. — Meu pai o amou em vida, Thrall, filho de Durotan. Mas não creio que gostaria que você se juntasse a ele na morte tão cedo.

Thrall tentou se levantar.

— O aviso que Gordawg nos deu — disse ele. — Não chegamos a tempo.

Os olhos de Aggra emanavam compaixão.

— É verdade. Mas também sei exatamente onde foi feita a chaga.

— Na Voragem — adiantou-se Thrall. — Consegui vislumbrar isso antes de...

Pontuou a frase com uma careta. Ela tocou o ombro dele, sentindo a textura suave do manto.

— Você não está usando a armadura.

— Não, não estou — respondeu Thrall, sorrindo. — Troquei de pele.

Então ele se virou para Baine.

— Se puder... gostaria que você enviasse alguém para buscá-la. Apesar de não querer usar mais a armadura de um chefe guerreiro, quero que a tragam para Orgrimmar. É parte importante da nossa cultura.

— Claro, Thrall. Faremos isso.

Aggra estava mais tranquila, olhando para Thrall e Baine.

— E agora, o que faremos?

Thrall alcançou e agarrou a mão do jovem Casco Sangrento.

— Baine... Você sabe que voltei com a esperança de ajudar tanto a Horda quanto os elementos. Ainda creio poder fazer os dois. Só que... Não tenho como fazer isso como chefe guerreiro.

Baine sorriu com tristeza.

— Não gosto de Garrosh Grito Infernal, mesmo acreditando que ele seja inocente no assassinato de meu pai. Confesso que preferiria ver você novamente liderando a Horda. Mas entendo que, depois do que aconteceu, você precise partir. Estamos recebendo diversos relatos: todas as áreas no litoral dos Mares do Sul estão sofrendo com maremotos e tempestades. Theramore, Ventobravo, Cerro Oeste, Vila Catraca, Porto de Bondebico. Intensos terremotos atingiram a Cidade Baixa. No Vale Gris, os trovões acabaram causando incêndios.

Thrall fechou os olhos.

— A sua compreensão torna isso mais fácil, Baine. Eu amo a Horda. Junto com seu pai, fiz com que ela se tornasse o que é hoje. Mas há uma urgência maior e é a essa que preciso atender. Imediatamente. Vou enviar um mensageiro a Orgrimmar e então me preparar para partir de navio e investigar essa... ferida no mundo. A Horda deve ficar tão bem quanto possível sem mim.

Drek'Thar chorava, e suas lágrimas caíam dos olhos cegos. Palkar sabia que tinha algo errado e não o questionava. Não sentira nada, pelo menos não ali, não fisicamente, mas sentia a angústia do mundo. Assim, quando Drek'Thar puxou o ar num soluço e se virou para o jovem servo, Palkar esperou para ouvir o que o vidente diria. O sangue do jovem orc tornou-se gelo correndo nas veias quando ele ouviu as palavras.

— Alguém está tentando arrombar a porta. Impeça! *Não o deixe entrar!*

Drek'Thar estivera certo antes. Estivera certo sobre tudo. Palkar não tinha dúvidas de que ele estava certo sobre isso também. Só havia uma pergunta: quem era o misterioso intruso?

EPÍLOGO



Thrall sentia a maresia, deixando-a agitar a barba e os cabelos. Acima, o céu da alvorada ainda estava vermelho, e gaivotas grasnavam e zuniam pelo ar. A pequena cidade de Vila Catraca estava silenciosa àquela hora, mas algumas pessoas tinham se levantado para vê-lo partir em sua jornada. Thrall fechou os olhos e tomou fôlego, sorrindo um pouco.

— Gosto de vê-lo sorrindo — ressaltou Aggra, ao lado dele.

Ele abriu os olhos azuis e a fitou, abrindo mais o sorriso.

— Você deveria se acostumar com isso porque, com você, sorrio muito mais.

As palavras eram verdadeiras, mas, mesmo que Thrall tivesse o coração e a mente em paz com a decisão tomada, ainda lidava com muitas incertezas. E, disso ele estava certo, ainda passaria por muitas provações. Ele pegou a mão da orquisa e apertou forte.

Chegaram a Vila Catraca saindo do Penhasco do Trovão, tendo avisado com antecedência a Orgrimmar e à cidade portuária, enquanto ele e Aggra finalizavam os planos. Uma das maiores caravelas da esquadra da Horda foi rapidamente preparada para a jornada à Voragem. Thrall e Aggra guiaram os lobos até as docas e foram recebidos por Gasganete. Ele parecia um pouco sonolento, e Thrall imaginou que ele não via uma cama havia tempos. Mesmo assim, o goblin lhes deu um sorriso largo repleto de dentes afiados.

— Seu mensageiro nos disse para aprontar o navio e assim fizemos! Água doce, alguns barris de cerveja e grogue, muitos suprimentos. Está tudo pronto, Chefe Guerreiro! — Ele olhou para Aggra novamente e então se curvou numa mesura. — O-lá, você deve ser a adorável jovem xamã sobre quem eu tanto ouvi falar.

— Eu sou uma xamã e meu *nome* é Aggra — afirmou ela, apertando os olhos. — E você é...?

— Gasganete. Eu e o seu bonitão aí nos conhecemos há tempos — apresentou-se o

goblin, irradiando alegria. Claramente, não percebera que Aggra estava irritada ou talvez não se importasse com isso. — Gostei da mudança de estilo dele. Um manto marrom simples: minimalista, chique. Ótimo visual pro bonitão aí. Fico sempre feliz de receber a visita do chefe guerreiro e, agora, da senhora dele também.

— Não sou o chefe guerreiro — corrigiu Thrall —, pelo menos não por um bom tempo. Garrosh vai continuar como chefe guerreiro em exercício na minha ausência.

Gasganete soltou um resmungo disfarçado.

— Péssimo negócio aquilo com Caerne.

Thrall ficou sério.

— Verdade. Todos nós perdemos com essa tragédia. Mas Garrosh não agiu com desonra. E isso é tudo o que vou dizer. Você disse que o navio está pronto?

— Pronto e esperando — confirmou Gasganete.

Ao se aproximarem, Aggra viu o nome da caravela. *Fúria de Draka*, leu a orquisa, com um sorriso.

— Ótima escolha para a nossa jornada.

— Achei que serviria — brincou Thrall. — Quis homenagear as fortes orquisas que me abençoaram na vida.

Aggra enrubesceu, e pareceu agitar-se, sem jeito.

— Será uma longa jornada.

— Mas é a jornada certa — ressaltou Thrall.

Ele não tinha reservas. Fora convocado e iria. Não como chefe guerreiro, mas como ele mesmo.

Como Thrall.

Filho de Durotan e Draka.

Xamã.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao meu maravilhoso e entusiasmado editor, Jaime Costas, que sempre faz eu me sentir ótima sobre o meu trabalho. Também quero expressar minha gratidão pelo constante apoio da equipe de desenvolvimento da Blizzard: o incrível Trio Fantástico: Chris Metzen, Evelyn Fredericksen e Micky Neilson, com quem trabalhei antes e com quem espero continuar trabalhando ainda por muitas luas; Justin Parker, Cate Gary, James Waugh e Tommy Newcomer, pela edição e por outras tarefas de emergência; Alex Afrasiabi, por fornecer perspectiva de jogo no desenvolvimento da história; Gina Pippin, que mantém as rodas girando e tem entusiasmo imorredouro por tudo o que eu faço, e seu assistente George Hsieh, que me manda Coisas Legais. Todos vocês são pessoas criativas, divertidas, e são uma delícia de se trabalhar, e eu não teria conseguido sem vocês.

NOTAS

A história que você acabou de ler foi baseada parcialmente em personagens, situações e cenários do jogo de computador *World of Warcraft* da Blizzard Entertainment, uma experiência de RPG online no premiado universo de Warcraft. Em *World of Warcraft*, os jogadores criam os próprios heróis e exploram, se aventuram e realizam missões num vasto mundo compartilhado com milhares de outros jogadores. Esse jogo tão rico e imenso permite que quem joga interaja com vários dos personagens intrigantes e poderosos apresentados neste livro, ou então que combata ao lado deles ou contra eles.

Desde o lançamento, em novembro de 2004, *World of Warcraft* se tornou o RPG online por assinatura mais popular do mundo. A expansão *Wrath of the Lich King* vendeu mais de 2,8 milhões de cópias nas primeiras 24 horas e mais de 4 milhões de cópias no primeiro mês, quebrando todos os recordes e se tornando o jogo de computador de venda mais rápida de todos os tempos. Mais informações sobre *Cataclysm*, que continua a história de Azeroth no ponto em que este livro parou, podem ser acessadas em WorldofWarcraft.com.

LEITURAS COMPLEMENTARES

Se você quiser saber mais sobre os personagens, situações e cenários mostrados neste romance, as fontes listadas a seguir oferecem informações adicionais sobre a história de Azeroth.

- O passado intrigante de Thrall, mostrado em *Warcraft: Lord of the Clans*, por Christie Golden, permitiu que ele criasse laços com humanos como Jaina Proudmore. Você pode saber mais sobre a amizade de Thrall e Jaina em *World of Warcraft: Cycle of Hatred*, por Keith R. A. DeCandido, bem como nos números 15 a 20 do gibi mensal *World of Warcraft* por Walter e Louise Simonson, Jon Buran, Mike Bowden, Phil Moy, Walden Wong e Pop Mhan. Mais informações sobre as vidas dos ancestrais de Thrall são reveladas em *World of Warcraft: Rise of the Horde*, por Christie Golden.
- Neste livro, o príncipe Anduin Wrynn tenta lidar com o lado “Lo’Gosh”, violento e irritadiço, de seu pai, Varian. Mais detalhes sobre a relação de Anduin com Varian, bem como sua vida como príncipe de Ventobravo, podem ser encontrados no gibi mensal *World of Warcraft*, por Walter e Louise Simonson, Ludo Lullabi, Jon Buran, Mike Bowden, Sandra Hope e Tony Washington.
- O teimoso Garrosh Grito Infernal aparece ao lado de Thrall nos números 15 a 20 do gibi mensal *World of Warcraft* por Walter e Louise Simonson, Jon Buran, Mike Bowden, Phil Moy, Walden Wong e Pop Mhan. Além disso, um vislumbre da vida de Garrosh antes de ele se tornar um renomado herói da Horda pode ser obtido em *World of Warcraft: Beyond the Dark Portal* por Aaron Rosenberg e Christie Golden.
- Os eventos traiçoeiros do Portão da Ira, incluindo a morte trágica do herói da

Horda, Saurfang, o Jovem, aparecem no conto “Glory” de Evelyn Fredericksen (em www.WorldofWarcraft.com).

- A arena de Orgrimmar já viu muitas batalhas brutais, uma delas entre Garrosh Grito Infernal e Thrall. Os motivos por trás do duelo e seu resultado aparecem no número 19 do gibi mensal *World of Warcraft* por Walter e Louise Simonson, Mike Bowden, Phil Moy, Richard Friend e Sandra Hope.
- Drek'Thar é um xamã orc velho e mentalmente debilitado neste livro, mas ele já foi o tutor de Thrall em *Warcraft: Lord of the Clans*, de Christie Golden. O passado de Drek'Thar também é descrito em *World of Warcraft: Rise of the Horde*, por Christie Golden.
- Jaina Proudmore tenta mitigar os conflitos entre a Aliança e a Horda no gibi mensal *World of Warcraft* por Walter e Louise Simonson, Ludo Lullabi, Jon Buran, Mike Bowden, Sandra Hope e Tony Washington, bem como no livro *World of Warcraft: Cycle of Hatred*, por Keith R. A. DeCandido. Você pode saber mais sobre os primeiros anos de Jaina, quando ela ainda não era a governante de Theramore, em *World of Warcraft: Arthas: Rise of the Lich King*, de Christie Golden.
- Mesmo antes dos eventos cataclísmicos deste livro, a vida do rei Varian Wrynn foi repleta de dificuldades. *World of Warcraft: Tides of Darkness*, de Aaron rosenberg, *World of Warcraft: Arthas: Rise of the Lich King*, de Christie Golden, bem como o gibi mensal *World of Warcraft*, por Walter e Louise Simonson, Ludo Lullabi, Jon Buran, Mike Bowden, Sandra Hope e Tony Washington, oferecem vislumbres do passado de Varian, incluindo seu misterioso passado como Lo'Gosh e sua relação com seu filho, Anduin.
- O rei Magni Barbabronze tem um papel pequeno nos números 9 a 11 do gibi mensal *World of Warcraft*, por Walter e Louise Simonson, Jon Buran, Jerome Moore e Sandra Hope. Além disso, *Warcraft: Legends*, volume 5, “*Nightmares*”, por Richard A. Knaak e Rob Ten Pas, revela os medos de Magni sobre sua filha, Moira, e os anões Ferro Negro, quando seus sonhos são

invadidos pela magia negra do Pesadelo Esmeralda.

- Antes de se tornar um dos conselheiros mais confiáveis de Thrall, o orc Eitrigg levava uma vida de solidão. A intrigante história de Eitrigg e os eventos que o fizeram se juntar a Thrall aparecem em *Warcraft: Of Blood and Honor*, por Chris Metzen.
- O Sumo Sacerdote Rohan, o sábio aliado enânico de Anduin Wrynn neste livro, aparece como membro do novo Conselho de Tirisfal nos números 23 a 25 do gibi mensal *World of Warcraft*, por Walter e Louise Simonson, Mike Bowden e Tony Washington.
- Mais detalhes sobre a relação instável de Magatha Temível Totem com Caerne Casco sangrento aparecem no número 3 do gibi mensal *World of Warcraft*, por Walter Simonson, Ludo Lullabi e Sandra Hope.
- O arquidruída Hamuul Runa Totem aparece no número 3 e nos números 23 a 25 do gibi mensal *World of Warcraft*, por Walter e Louise Simonson, Ludo Lullabi, Sandra Hope, Mike Bowden e Tony Washington. O venerável arquidruída também tem um pequeno papel combatendo a magia negra do Pesadelo Esmeralda em *World of Warcraft: Stormrage*, por Richard Knaak.
- A história inspiradora de Draka, a mãe de Thrall, e sua luta para superar sua fragilidade, aparece em *Warcraft: Legends*, volume 4, “A Warrior Made: Part 1”, e em *Warcraft: Legends*, volume 5, “A Warrior Made: Part 2”, por Christie Golden e In-Bae Kim.

A CHAMA DA BATALHA CONTINUA A ARDER

Os elementais de Azeroth estão em polvorosa; alianças políticas tênues entre a Aliança e a Horda estão prestes a se esfacelar, e a própria superfície do mundo se rasgou e partiu. O Cataclismo começou...

Agora que você vislumbrou o terrível destino que espera por Azeroth, você pode participar e impedir que o mundo seja destruído jogando *Cataclysm*, a terceira expansão de *World of Warcraft*. As duas expansões anteriores, *The Burning Crusade* e *The Wrath of the Lich King*, levam os jogadores ao mundo alienígena de Terralém e aos ermos gélidos de Nortúndria. Em *Cataclysm*, os jogadores testemunharão o retorno do Aspecto Dragônico corrompido “Asa da Morte”, quando ele acorda de seu sono subterrâneo e irrompe na superfície de Azeroth, deixando ruína e destruição em seu rastro. O futuro é incerto. A Horda e a Aliança se dirigem para o epicentro do Cataclismo... e precisarão da ajuda de todos os aventureiros dispostos a arriscar a vida.

Para descobrir o mundo em constante expansão que vem divertindo milhões por todo o planeta, vá até WorldofWarcraft.com e baixe a versão grátis. Viva a história.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

WORLD OF WARCRAFT – A RUPTURA

Página do World of warcraft na wikipédia

http://pt.wikipedia.org/wiki/World_of_Warcraft

Site do jogo World of warcraft

<http://us.battle.net/wow/pt/>

Site brasileiro do jogo

<http://worldofwarcraftbrasil.com/>

Página da autora na Wikipédia

http://en.wikipedia.org/wiki/Christie_Golden

Site da autora

<http://www.christiegolden.com/>

Matéria sobre a autora

<http://revistaepoca.globo.com/cultura/noticia/2012/10/romancista-christie-golden-faz-sucesso-com-livros-baseados-em-games.html>

Twitter da autora

<https://twitter.com/ChristieGolden>

Entrevista com a autora

<http://www.youtube.com/watch?v=WMwNCDE6oRg>

SUMÁRIO

CAPA

ROSTO

CRÉDITOS

DEDICATÓRIA

MAPA

MAPA

PRÓLOGO

PARTE I | A TERRA IRÁ CHORAR...

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

PARTE II | ...E O MUNDO SE PARTIRÁ

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

NOTAS

LEITURAS COMPLEMENTARES

A CHAMA DA BATALHA CONTINUA A ARDER

COLOFON

SAIBA MAIS